



Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

**SERVIÇOS EDUCATIVOS E TURISMO
CULTURAL
NO
MUSEU DA TAPEÇARIA DE
PORTALEGRE GUY FINO**

MESTRADO EM TURISMO

Área de Especialização: Turismo e Animação
Orientador: Professor Doutor Domingos Bucho

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE
2009**



Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

**SERVIÇOS EDUCATIVOS E TURISMO
CULTURAL
NO
MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE
GUY FINO**

MESTRADO EM TURISMO

Área de Especialização: Turismo e Animação
Orientador: Professor Doutor Domingos Bucho



172 837

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PORTALEGRE
2009

Não há razão para um museu ser só uma colecção de coisas importantes. É necessário que ele atraia, distraia, desperte curiosidade e levante questões sobre a natureza do mundo e do próprio espectador em relação a ele.

JOHN C. DANA (1926)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar o meu agradecimento vai para o orientador deste projecto, o Professor Doutor Domingos Bucho, não só pelas sugestões e espírito crítico que enriqueceram esta investigação, como também pela orientação em termos metodológicos e constante actualização bibliográfica, o que em muito contribuiu para a concretização, com sucesso, do trabalho agora apresentado. Pela paciência que teve comigo e preciosas informações ao longo de todo o processo, o meu muito obrigada!

Em segundo lugar quero agradecer a total disponibilidade dos colegas dos museus da cidade, em especial os colegas do Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino.

À Dra. Vera Fino e Sra. D. Fernanda Fortunato agradeço o interesse manifestado por este trabalho, a forma amistosa como me receberam e todas as informações e sugestões fornecidas sobre as tapeçarias de Portalegre, a Manufatura e o desenvolvimento do projecto.

Uma palavra de agradecimento aos museus do IMC e ao próprio IMC, pela preciosa colaboração.

Um agradecimento muito especial para as minhas colegas de trabalho, em particular para a colega Ana Bravo, por todo o ânimo transmitido ao longo do projecto; e para a minha família, a quem roubei momentos preciosos da vida familiar, pela compreensão e apoio incondicional.

SIGLAS E ABREVIATURAS

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO

ATLAS – ASSOCIATION FOR TOURISM AND LEISURE EDUCATION

CECA – COMITÉ INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E ACÇÃO CULTURAL

PENT – PLANO ESTRATÉGICO NACIONAL DO TURISMO

ICOM – CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS

ICOMOS - CONCELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS

APOM – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEUS

MINOM – MOUVEMENT INTERNATIONAL POUR UNE NOUVELLE MUSEOLOGIE

INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A CIÊNCIA, A EDUCAÇÃO E A CULTURA

ICCROM – INTERNATIONAL CENTRE FOR THE STUDY OF THE PRESERVATION AND RESTORATION OF CULTURAL PROPERTY

IMC – INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO

MTP – MANUFACTURA DE TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE

MGF – MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE GUY FINO

ÍNDICE

| | |
|---|---|
| RESUMO | 2 |
| INTRODUÇÃO | 4 |
| - Objectivos | 5 |
| - Metodologia | 6 |
| - Enquadramento institucional do projecto | 7 |

CAPÍTULO I

O TURISMO E O TURISMO CULTURAL NA ACTUALIDADE

1.1 TURISMO

| | |
|---|----|
| 1.1.1 – Turismo: conceitos, tipologias e motivações | 9 |
| 1.1.2 – As tendências do turismo internacional | 11 |
| 1.1.3 – O turismo em Portugal na actualidade | 13 |

1.2 TURISMO CULTURAL

| | |
|---|----|
| 1.2.1 – Conceito de turismo cultural | 16 |
| 1.2.2 - Antecedentes históricos do turismo cultural | 21 |
| 1.2.3 - O turismo cultural na actualidade | 26 |
| 1.2.3.1 - O turismo cultural na Europa | 26 |
| 1.2.3.2 - O turismo cultural em Portugal | 27 |
| 1.2.4 - Impactes do turismo cultural | 29 |

CAPÍTULO II

MUSEUS, SERVIÇOS EDUCATIVOS E TURISMO CULTURAL

2.1 OS MUSEUS E A NOVA MUSEOLOGIA

| | |
|--|----|
| 2.1.1 – Conceitos de museu, de Museologia e de Museografia | 31 |
| 2.1.2 – Breve evolução histórica dos museus | 32 |
| 2.1.3 – O museu na actualidade | 38 |
| 2.1.4 – O museu como instituição | 43 |
| 2.1.5 - O papel dos museus no mercado do turismo | 47 |

2.2 – SERVIÇOS EDUCATIVOS

| | |
|---|----|
| 2.2.1 – Serviços educativos no museu----- | 55 |
| 2.2.2 – A educação museológica----- | 58 |
| 2.2.3 – O educador de museus ----- | 60 |
| 2.2.4 – Breve evolução histórica dos serviços educativos----- | 61 |
| 2.2.5 – Os serviços educativos em Portugal ----- | 63 |
| 2.2.6 - Serviços educativos e turismo cultural----- | 67 |

CAPÍTULO III

A TAPEÇARIA DE PORTALEGRE

3.1 - A HISTÓRIA DA MANUFATURA DE TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE

| | |
|--|----|
| 3.1.1 – Criação e desenvolvimento da Manufatura ----- | 73 |
| 3.1.2 – Jean Lurçat e o reconhecimento internacional da tapeçaria ----- | 75 |
| 3.1.3 – O “Ponto de Portalegre”; estudo técnico e artístico ----- | 78 |
| 3.1.4 – Distinção entre a tapeçaria francesa e a tapeçaria de Portalegre ----- | 81 |

3.2 - O MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE GUY FINO

| | |
|--|-----|
| 3.2.1 – Organização do museu ----- | 82 |
| 3.2.2 – Evolução do número de visitantes entre 2001 e 2008----- | 88 |
| 3.2.3 – Programa museológico apresentado pela ARQUIESPAÇO ----- | 89 |
| 3.2.3.1 – A concretização do programa museológico: situação actual ----- | 90 |
| 3.2.4 – Análise e apreciação do museu na situação actual ----- | 100 |

3.3 - O MUSEU, A MANUFATURA E O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DAS DUAS ENTIDADES

| | |
|---|-----|
| 3.3.1 - O acervo do museu ----- | 105 |
| 3.3.2 - O património artístico e cultural da manufatura ----- | 105 |

CAPÍTULO IV

SERVIÇOS EDUCATIVOS EM MUSEUS DE BELAS ARTES

| | |
|--|-----|
| 4.1. – A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | 108 |
| 4.1.1 – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir | 109 |
| 4.1.2 – Síntese crítica | 111 |
| 4.2 – O MUSEU DE SERRALVES | 112 |
| 4.2.1 – Os serviços educativos do Museu de Serralves | 113 |
| 4.2.2 – Síntese crítica | 117 |
| 4.3 – O MUSEU THYSSEN BORNEMISZA | 118 |
| 4.3.1 – Área de Investigação e Extensão Educativa – Educathyszen | 119 |
| 4.3.2 – Síntese crítica | 124 |

CAPÍTULO V

PROJECTO DE CRIAÇÃO DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS NO MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE GUY FINO

| | |
|---|-----|
| 5.1 – MISSÃO E OBJECTIVOS | 126 |
| 5.2 – PÚBLICO-ALVO | 126 |
| 5.3 – ESTRATÉGIA DA INTERVENÇÃO | 127 |
| 5.3.1 – Actividades propostas para a área temática “HISTÓRIA” | 129 |
| 5.3.2 – Actividades propostas para a área temática “HISTÓRIA DA ARTE” | 135 |
| 5.3.3 – Actividades propostas para a área temática “LITERATURA” | 148 |
| 5.4 – Parcerias | 154 |
| 5.5 – Materiais didácticos | 154 |
| 5.6 – Monitorização e avaliação das actividades | 155 |
| 5.7 – Fontes de financiamento | 155 |
| 5.8 – Plano de Comunicação e Marketing | 156 |
| CONCLUSÃO | 157 |

| | |
|--------------------------|-----|
| ÍNDICE DE FIGURAS | 160 |
| ÍNDICE DE TABELAS | 162 |
| BIBLIOGRAFIA | 163 |
| APÊNDICES | 171 |
| ANEXOS | 220 |

RESUMO

SERVIÇOS EDUCATIVOS E TURISMO CULTURAL NO MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE GUY FINO

Este projecto faz uma abordagem à nova museologia e ao seu papel no mercado do turismo, com especial enfoque nos serviços educativos dos museus portugueses e na sua relação com o turismo cultural. O estudo do património artístico e cultural do Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino e da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, bem como a análise crítica dos serviços educativos de museus importantes a nível nacional e internacional, serviram de suporte à realização do projecto de criação de serviços educativos no referido Museu. O projecto tem como principal objectivo qualificar a oferta turístico-cultural que as Tapeçarias de Portalegre representam e está estruturado de forma a poderem ser desenvolvidas actividades em rede com os outros dois museus da cidade, o Museu Municipal e a Casa Museu José Régio. Foram escolhidas, como áreas temáticas, a História, a História da Arte e a Literatura. As actividades propostas para as áreas temáticas, são de três tipos: visitas dinamizadas, visitas-oficina e vistas-jogo, podendo algumas delas ser desenvolvidas *on-line*, de forma interactiva. Todas as actividades propostas exploram conteúdos programáticos que integram os planos curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico, podendo algumas delas ser desenvolvidas também por alunos do 2º Ciclo e por famílias de diferentes nacionalidades.

O projecto constitui um primeiro passo para uma progressiva transformação das Tapeçarias de Portalegre numa atracção âncora do turismo cultural regional, sem perder de vista as suas inquestionáveis potencialidades de se tornar numa atracção de âmbito nacional e internacional.

Palavras-chave: turismo cultural, museus, serviços educativos, Tapeçarias de Portalegre

EDUCATIONAL SERVICES AND CULTURAL TOURISM IN GUY FINO TAPESTRY MUSEUM

This project makes an approach to the new museology and its role on tourist market, with special focus on the educational services in portuguese museums and its relationship with cultural tourism.

The investigation about the artistic and cultural patrimony of Guy Fino Museum and the Manufacture, as well as the critic analysis of educational services in important national and international museums, supported the present project of creation of educational services for Guy Fino Museum.

The defined main objectif of the project is qualifying the touristic and cultural offer represented by the Tapestries of Portalegre. It is structured in a way that allows activities to be developed in network with other museums in the city: The Municipal Museum and the Museum House of Jose Regio. In this way, the following areas were chosen: History, History of Arte and Literature. The activities proposed for the themes are three types: dynamic visits, visits - hands on and visits - games, some being developed on-line, in an interactive way. Twelve activities were conceptualized. All the proposed activities explore programmed contents that integrate curricular plans of primary school. Some of the activities can also be developed by students of secondary school and families. The translation of the material used should be in a way that they can be used and developed by foreign visitors.

The project constitutes a first step for a progressive transformation of the Tapestries of Portalegre in an anchor attraction of the regional cultural tourism, being sure of their unquestionable potencialities to become a national and internacional atraction.

Key – Words: cultural tourism, museums, educational services, Tapestries of Portalegre

INTRODUÇÃO

O turismo teve um grande crescimento a nível mundial, sobretudo nas últimas cinco décadas, tornando-se um dos fenómenos socioculturais e económicos mais importantes do século XX. Actualmente, a sociedade encontra-se em permanente mutação, passando-se da sociedade da informação para a sociedade do conhecimento e da aprendizagem; o fenómeno levou ao crescimento exponencial do turismo cultural, em especial na Europa.

O desenvolvimento do turismo cultural fez com que o património fosse encarado de outra maneira, acentuando-se a necessidade da sua interpretação, de forma a ser compreendido por públicos heterogéneos e exigentes.

Assiste-se também à proliferação de espaços museológicos que caminham para uma maior aproximação e conseqüente desenvolvimento de acções especificamente destinadas à comunidade. Podemos mesmo afirmar que, actualmente, a importância dos museus é avaliada pela sua capacidade de relacionamento com o público; e há museus que atraem multidões, constituindo, só por si, importantes atracções turísticas.

Cabe ao turismo lidar com o património de forma mais pedagógica e aos museus perceberem as diferenças existentes no seio do novo turista cultural, desenvolvendo actividades que tenham em conta as suas necessidades específicas e a natureza do turismo. Impõe-se, por isso, o trabalho em rede, que vai permitir estabelecer pontes entre os vários segmentos turísticos e os museus. Mas os museus são instituições pedagógicas por excelência, sendo a educação uma das suas principais funções. Além disso, o seu papel mantém-se no período pós-escolar, através do conceito de educação ao longo da vida. Por outro lado, há cada vez mais a consciência de que os indivíduos são activos na construção do conhecimento e que os museus e os seus serviços educativos contribuem de forma inequívoca para essa mesma construção.

O turista activo, participante e exigente dos nossos dias, é um potencial consumidor dos serviços educativos dos museus, os quais constituem verdadeiros produtos turísticos e contribuem, não só para aumentar o número

de visitantes, mas também para tornar as suas visitas em experiências únicas que apetece repetir e recomendar a familiares e amigos.

Assim, os serviços educativos podem contribuir, não só para o aumento do turismo cultural dos museus em que se instalam, mas também para a valorização turística das regiões a que pertencem, promovendo o desenvolvimento regional em geral.

O Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino é o mais visitado da cidade. Além disso, as Tapeçarias de Portalegre constituem um dos principais, senão o principal, produto turístico da cidade, devido à riqueza patrimonial que encerram, a nível regional, nacional e internacional. Decidimo-nos pela elaboração de um Projecto de Serviços educativos para o Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino, em primeiro lugar porque constatámos que os serviços educativos têm conduzido a um aumento significativo do turismo cultural, em segundo lugar porque, sendo o MGF o mais visitado da cidade, acreditamos que poderá constituir o ponto de partida para a apresentação e divulgação dos outros espaços museológicos.

Fazendo parte integrante deste projecto, foi realizado um vasto trabalho de investigação sobre o acervo do museu e sobre este artesanato artístico, que se impunha há muito como ponto de partida para a sua valorização turístico-cultural futura.

Objectivos

O objectivo geral deste projecto é, através da criação de serviços educativos, qualificar a oferta turístico-cultural que as Tapeçarias de Portalegre representam e, com isso, incrementar a procura turística na cidade.

Sendo a museologia uma área privilegiada de intervenção no património, pois contempla o estudo ou investigação, a interpretação, a preservação e a comunicação com o público, definimos como objectivos específicos:

a) Efectuar o estudo para a utilização didáctica e social dos acervos materiais relativos à arte contemporânea existente no museu;

b) Promover o conhecimento da história da Tapeçaria de Portalegre; ao Programa Operacional Regional do Alentejo 2007/2013

c) Desenvolver e impulsionar experiências educativas adequadas ao público-alvo;

d) Aumentar o número de visitantes.

Pretende-se, através da animação educativa do museu, não só valorizar o rico património cultural (material e imaterial) que constitui o seu espólio, mas também, através da educação, ajudar um público cada vez mais heterogéneo e exigente a desenvolver capacidades intelectuais, de percepção e de auto-aprendizagem.

Metodologia

Os passos metodológicos serão os seguintes: enquadramento teórico; investigação sobre a relação dos serviços educativos museológicos com a atractividade turística; investigação com vista à exumação dos valores culturais materiais e imateriais do património em causa; definição de objectivos; análise crítica do funcionamento de serviços educativos em museus de referência; concepção do projecto e realização do plano de gestão (recursos financeiros, fontes de financiamento, plano de marketing e monitorização das actividades).

Para a realização do enquadramento teórico, será efectuada uma revisão da literatura, necessariamente crítica, sobre as temáticas envolvidas: turismo cultural, Museologia, Tapeçarias de Portalegre, Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino, serviços educativos nos museus de referência, nacionais e estrangeiros, Planos Curriculares do 1º Ciclo de Ensino Básico e técnicas de ensino não-formal.

A recolha de dados estatísticos permitirá provar a relação dos serviços educativos dos museus com a sua atractividade turística, muito embora a existência destes serviços decorra da própria exigência da nova museologia.

Com vista à concepção dos serviços educativos, será feita uma análise crítica sobre este tipo de oferta em museus de referência.

Será efectuada, igualmente, trabalho de campo utilizando como técnicas a entrevista a actores locais ligados ao Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino.

“A entrevista é um meio de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupo, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informação (De Ketele 1993: 22).

A entrevista irá incidir não só sobre factos objectivos relacionados com o Museu mas também sobre representações, ou seja, sobre o que as pessoas pensam sobre o assunto em causa, tendo sempre em conta a perspectiva do serviço educativo. A população da entrevista será determinada cuidadosamente, por uma selecção precisa de pessoas bem determinadas em função dos objectivos a atingir.

Enquadramento institucional do projecto

Um projecto consiste na aplicação de um trabalho de investigação para o desenvolvimento de um conjunto de acções concretas e exequíveis em termos práticos.

O Município de Portalegre, em parceria com a Fundação Robinson, desenvolveu o projecto “Rede de Património de Portalegre – Edificado, Móvel e Imaterial”¹ com o objectivo criar uma rede estrutural para potenciar a área da cultura enquanto factor de desenvolvimento do concelho. Este projecto consiste na elaboração de um plano integrado que se caracteriza pelo cruzamento de espaços, edifícios e entidades materiais e imateriais, envolvendo esforços de instrumentalização, dinamização, gestão e programação de forma a permitir a requalificação, conservação e restauro do património imóvel, bem como a valorização, investigação, inventariação e divulgação do património móvel e imaterial de relevante interesse histórico, arqueológico, artístico, etnográfico e antropológico.

Prevêm-se, no âmbito do referido projecto, os seguintes indicadores de realização: recuperação de edifícios patrimoniais; sensibilização e divulgação do património edificado, móvel e imaterial; edição de livros e de audiovisuais/multimédia; recuperação de património móvel; estudo, inventariação e aquisição de equipamentos. Como indicadores de resultados

¹ Ver parecer sobre o projecto (Anexo I)

do projecto, prevê-se a criação de postos de trabalho, um aumento do número de visitantes nos espaços culturais integrados e a criação de materiais pedagógicos e didácticos. Foi apresentada uma candidatura ao Programa Operacional Alentejo 2007-2013, Eixo 3 – “Conectividade e Articulação Territorial”, Regulamento específico - Património Cultural; Tipologia - Projecto integrado de salvaguarda, valorização e animação do património, aprovada em Novembro de 2008.

Inserido neste projecto, o Município de Portalegre prevê a criação de serviços educativos para os museus da cidade que funcionarão em rede e de forma integrada. Foi tendo em conta estes pressupostos que se desenvolveu o presente projecto, o qual poderá vir a ser realizado pelo município.

CAPÍTULO I

O TURISMO E O TURISMO CULTURAL NA ACTUALIDADE

1.1 TURISMO

1.1.1 – Turismo: conceitos, tipologias e motivações

O turismo é uma actividade que envolve o consumo de experiências e de produtos e que contribui para a aceleração do crescimento económico de uma região (desenvolvendo indústrias paralelas, absorvendo mão-de-obra e incentivando as actividades terciárias), além disso, motivado pela entrada de divisas, provoca um maior nivelamento da balança de pagamentos. É também uma actividade sócio-cultural que implica interacção e comunicação.

A Organização Mundial de Turismo (OMT) apresenta uma definição de turismo caracterizando-o como a *actividade de pessoas que se deslocam a lugares diferentes da sua residência habitual, com uma duração não superior a um ano, tendo qualquer motivação excepto o exercício de uma actividade remunerada no local visitado.*²

Este é um conceito técnico de turismo que nos remete, do lado da procura, para as noções de turista, excursionista e visitante. Enquanto que o turista permanece pelo menos uma noite num alojamento colectivo ou particular no local visitado, por motivos de lazer ou de negócios, o excursionista permanece menos de 24 horas pelos mesmos motivos. O termo visitante inclui turistas e excursionistas. (DGT).³

O turismo tem uma dimensão temporal e uma dimensão espacial. A dimensão temporal estende-se para além do tempo de lazer, pois para além das viagens de lazer inclui também as viagens de negócios e as visitas de estudo. A dimensão espacial materializa-se numa mudança do local de origem para o local de destino.

A actividade turística pode classificar-se *segundo as origens dos visitantes (turismo interno, receptor e emissor) segundo as repercussões da balança de pagamentos (turismo externo activo e turismo externo passivo), a duração da permanência (turismo de passagem ou turismo de permanência), o*

² <http://unwto.org/facts/eng/historical.htm> (5 Fevereiro 2009)

³ <http://turismodeportugal.pt> (5 de Fevereiro de 2009)

grau de liberdade administrativa (turismo dirigido ou livre) e a organização da viagem (turismo individual, colectivo ou organizado). (Cunha, 2001:64)

Tem que ser analisado como um sistema complexo e multidisciplinar em que as interações dos seus elementos estão sujeitas à lei da oferta e da procura.

A procura turística define-se, segundo o mesmo autor (Cunha, 2001:131), como *o conjunto dos bens e serviços que as pessoas que se deslocam adquirem para realizar as suas viagens, expressos em termos de quantidade. Caracteriza-se pela evolução constante, pela heterogeneidade (as motivações que levam as pessoas a viajar são bastante diversificadas) e pela sua concentração no espaço, no tempo e em atractivos.*

No futuro, devido à globalização, às alterações dos estilos de vida e às novas concepções de desenvolvimento económico, perspectivam-se mudanças na procura turística, quer quantitativas, com o aparecimento de novos mercados emissores (China e Países de Leste), quer qualitativas, devido a uma maior exigência dos visitantes, que têm mais conhecimentos e começam a estar melhor informados sobre os destinos. Esta nova realidade levou à segmentação da procura (turismo de arte, turismo gastronómico, turismo étnico, etc.). Começam a surgir novas tendências que dão particular relevância ao património cultural e à natureza. *Para satisfazer o maior nível de exigência do mercado surge um “novo turismo” que tem que dar mais atenção aos valores não materiais: os valores humanos, o fortalecimento da cultura, a preservação do património natural* (Cunha: 170). O turismo cultural é um dos seus principais componentes.

Quanto à oferta, pode ser definida como *o conjunto de todas as facilidades, bens ou serviços adquiridos ou utilizados pelos visitantes bem como todos aqueles que foram criados com o fim de satisfazer as suas necessidades e postos à sua disposição e ainda os elementos naturais e culturais que concorrem para a sua deslocação.* (Cunha, 2001: 175). A oferta é constituída pelas infra-estruturas, acessibilidades e transportes, hospitalidade e acolhimento, bem como pelas atracções turísticas (naturais ou criadas pelo homem). A atracção turística é o elemento que motiva a pessoa a deslocar-se. Entre os vários núcleos de atracções de turistas, encontram-se os receptores monumentais e culturais.

Como refere Fuster (1967) citado por Cunha (2001: 266), *Uma das mais importantes motivações do turismo internacional é o desejo de conhecer outros povos e o seu modo de vida bem como conhecer as civilizações do passado. Como o modo de vida de cada povo é influenciado pelas suas tradições, pela cultura e pela história, os valores artísticos e monumentais fazem parte do turismo como valor de primeira grandeza.... A importância turística dos monumentos e dos aglomerados urbanos históricos, a par de sua importância cultural impõe a sua salvaguarda e protecção, não só porque constituem a memória de um povo mas também porque constituem uma atracção turística, muitas vezes, única.*

Em resumo, podemos afirmar que os interesses dos turistas evoluíram ao longo dos últimos anos, tendo aumentado a curiosidade pelas férias culturais e pelas questões ambientais, ao mesmo tempo que se verifica uma maior exigência de qualidade e sofisticação da oferta.

1.1.2 – As tendências do turismo internacional

O crescimento da actividade turística a nível mundial mostra que o turismo foi um dos fenómenos sócio-culturais e económicos mais importantes do século XX, tendo-se tornado um dos principais agentes do comércio internacional. Segundo dados da OMT (WTO - World Tourism Organization), o número de chegadas de turistas internacionais às fronteiras evoluiu de 25 milhões em 1950, para 924 milhões em 2008. Prevê-se ainda que em 2010 as chegadas internacionais atinjam 1.000 milhões e, em 2020, 1.600 milhões.

**TABELA I - EVOLUÇÃO DO TURISMO INTERNACIONAL
(2000-2008)**

| Ano | Chegadas/Milhões |
|------------|-------------------------|
| 2000 | 682 |
| 2002 | 702,6 |
| 2005 | 805 |
| 2007 | 908 |
| 2008 | 924 |

Fonte: Organização Mundial de Turismo (OMT)

Enquanto que em 1950 os 15 principais destinos turísticos representaram 88% das chegadas internacionais, em 1970 a percentagem baixou para 75% e em 2007 para 57%, o que reflecte o surgimento de novos destinos, alguns em países em vias de desenvolvimento.

As receitas do turismo internacional atingiram os 625 milhões de euros em 2007, o que corresponde a um crescimento de 5,6% em relação a 2006.

A Europa é a principal região de destino do mundo representando 54% de todas as chegadas de turistas internacionais. Em 2007 registou um aumento de 5%, tendo recebido 484 milhões de turistas, o que gerou uma receita de 316 milhões de euros. Foi a Europa Meridional e Mediterrânica que registou os melhores resultados. Portugal consolidou o seu crescimento de 2006 com um aumento de 9% de chegadas em 2007.

O ano de 2008 registou uma taxa de crescimento médio anual de 2%, valor mais baixo do que a média dos anos anteriores, devido à conjuntura económica mundial desfavorável. A Europa foi a única região onde se verificou uma estagnação do crescimento, não se perspectivando melhorias nos resultados no futuro, uma vez que os seus mercados se encontram em recessão.

O desenvolvimento foi particularmente expressivo nas Américas e no Médio Oriente, enquanto que os resultados na Ásia no Pacífico e na África ficaram muito abaixo dos resultados de 2007.

No que diz respeito ao motivo da visita, em 2007, mais de metade das chegadas internacionais têm como motivo o ócio, recreio e férias (51%) num total de 458 milhões. As viagens de negócios contribuíram com 15% e as viagens por motivo de visita a amigos e parentes, motivos religiosos e de saúde, com 27%, sendo 7% para as visitas sem objectivo específico. Os principais destinos turísticos internacionais são a França, a Espanha, os Estados Unidos, a China, a Itália, o Reino Unido, a Alemanha, a Ucrânia, a Turquia e o México. Em termos de mercados de origem, o turismo internacional continua concentrado nos países industrializados da Europa, nas Américas, Ásia e Pacífico. (OMT, 2009).⁴

⁴ <http://unwto.org/facts/eng/historical.htm> (5 Fevereiro 2009)

1.1.3 - O Turismo em Portugal na actualidade

Segundo dados do PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo)⁵, o turismo é um dos principais sectores da economia portuguesa, representando cerca de 10,5% do PIB. O investimento público no sector ascende a mil milhões de euros. Em 2007, o turismo estrangeiro representou 70% dos hóspedes, estando dependente de 4 mercados emissores: Espanha, Reino Unido, França, e Alemanha. As três principais regiões receptoras detêm 77% das dormidas e são: Algarve (37%), Lisboa e Vale do Tejo (25%) e Madeira (15%). Caracteriza-se por uma elevada sazonalidade (com um pico mais marcado nos meses de Verão, mais especificamente em Agosto), pela fragmentação da oferta e pela fraca formação dos recursos humanos na área.

A procura turística do “Sol e Praia” evoluiu, tal como nos outros países da Europa, para uma procura de experiências diversificadas com diferentes motivações e um grau de exigência muito maior. Estas alterações devem-se à melhoria das condições de vida e ao aumento dos níveis de escolaridade das populações.

Em 2007 Portugal registou um dos melhores resultados de sempre em termos turísticos. A procura registou 23,8 milhões de chegadas de visitantes internacionais, mais 1,1 milhões do que em 2006, sendo 52% turistas e 48% excursionistas (INE).⁶

**TABELA II - ENTRADAS DE ESTRANGEIROS EM PORTUGAL EM
2007**

| Tipo de visitante | Milhares |
|-----------------------|-----------------|
| Excursionistas | 11.446.0 |
| Turistas | 12.320.8 |
| Total | 23.766.8 |

FONTE: INE – Instituto Nacional de Estatística

⁵ Ministério da Economia e da Inovação, 2007.

⁶ www.turismodeportugal.pt (5 de Fevereiro de 2009)

Portugal superou mesmo o Mundo e a Europa, tendo registado uma taxa de variação média anual de 7,7%, enquanto que o Mundo apresentou um acréscimo médio de 6,1% e a Europa apenas de 5,1%.

A entrada de visitantes internacionais apresenta um pico de sazonalidade muito significativo nos meses de verão, principalmente em Agosto, em que a entrada de turistas atinge os 16% e de excursionistas 17%.

Os principais mercados emissores foram a Espanha com 2,7 milhões de entradas (22% do total de turistas), o Reino Unido (19%), a França (15%) e a Alemanha (10%).

TABELA III - PRINCIPAIS MERCADOS EMISSORES DE TURISTAS (2007)

| Mercado | % |
|--------------------|------------|
| Espanha | 22% |
| Reino Unido | 19% |
| França | 15% |
| Alemanha | 10% |

FONTE: INE – Instituto Nacional de Estatística⁷

Apesar de ser a Espanha o principal país emissor de turistas, é o Reino Unido que se destaca como principal mercado emissor de receitas (24%), seguindo - se a França e a Espanha (ambos com 15%) e a Alemanha (12%).

TABELA IV - PRINCIPAIS MERCADOS EMISSORES DE RECEITAS (2007)

| Mercado | % |
|--------------------|------------|
| Reino Unido | 24% |
| França | 15% |
| Espanha | 15% |
| Alemanha | 12% |

FONTE: INE – Instituto Nacional de Estatística⁸

⁷ www.turismodeportugal.pt (5 de Fevereiro de 2009)

⁸ www.turismodeportugal.pt (5 de Fevereiro de 2009)

O principal motivo da deslocação é o lazer, logo seguido dos motivos profissionais e de negócios.

As receitas do turismo atingiram, em 2007, os 7,4 milhões de euros, mais 10,8% do que em 2006.

Verificamos assim que a procura turística para o destino Portugal é maioritariamente originária do mercado externo, tendo-se observado nos últimos anos uma estagnação da quota de mercado (67,4% em 2007, *versus* 67,2% em 2005).

Entre 2005 e 2007, a procura externa e nacional cresceram a um ritmo muito semelhante: 5,5% para o mercado nacional e 5,9% para o mercado externo, o que significa que, em termos de procura, o mercado interno tem vindo a aproximar-se do mercado externo.

No âmbito da procura turística mundial, no ano de 2007 Portugal posicionou-se na 20ª posição no que diz respeito às chegadas internacionais, e na 23ª posição, relativamente às receitas internacionais de turismo. Em relação à Europa, Portugal ocupou a 12ª posição no que diz respeito às chegadas internacionais e a 14ª posição no que concerne às receitas internacionais de turismo. Em 2007, o Valor Acrescentado gerado pelo Turismo cresceu cerca de 9,8%, destacando-se o comportamento das actividades da cultura, recreação e lazer (11,9%), do Rent-a-Car (11,8%) e dos transportes de passageiros (11,3%) (INE)⁹.

Em Novembro de 2008 Portugal teve menos 6,8% de receitas do que no mês homólogo de 2007, o que evidencia o impacte da crise económica e financeira mundial no turismo. Enquanto que os principais mercados europeus registaram quedas acentuadas, a Suíça, a Irlanda e a Holanda são os países emissores que mais evoluíram em termos de receitas no mercado português ao longo deste mês.

⁹ INE, citado por www.turismodeportugal.pt (5 de Fevereiro de 2009)

1.2 – TURISMO CULTURAL

1.2.1 – Conceito de turismo cultural

Não é, nem fácil nem consensual, apresentar um único conceito de turismo cultural, tendo em conta que existe um vasto número de definições de turismo e de cultura. Podemos dizer, no entanto, que ele implica, para além do acto de consumo, um acto de descoberta e de aprendizagem sobre o local visitado.

Tal como afirma Cluzeau (1998:3), trata-se de *un déplacement dont la motivation principale est d'élargir ses horizons, de rechercher des connaissances et des émotions au travers de la découverte d'un patrimoine et de son territoire.*

Cunha (2001: 49) reforça a ideia exposta ao referir que *o turismo cultural inclui as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos de outros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião).*

As visitas aos grandes museus e as viagens de estudo constituem algumas das preferências dos turistas que se deslocam pelos motivos atrás citados. *Os valores monumentais são expressão da cultura e da maneira de viver de cada povo e o património artístico de cada país e de cada lugar converte-se em símbolo representativo que entra na formação da decisão da viagem* (Cunha:2001: 266).

O turismo cultural trata a cultura enquanto produto turístico. Os recursos são transformados em produtos através da sua interpretação e da sua apresentação.

Richards (2005: 23) avança com uma definição conceptual e uma definição técnica de turismo cultural no âmbito do Projecto ATLAS. A definição conceptual descreve o turismo cultural como *o movimento de pessoas para atracções culturais fora do seu local normal de residência, com a intenção de compilar novas informações e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais.*

Por sua vez, a definição técnica apresenta a seguinte concepção: *All movements of persons to specific cultural attractions, such as heritage sites,*

artistic and cultural manifestations, arts and drama outside their normal place of residence.

Estas definições remetem-nos para outro conceito, a aprendizagem, que, na opinião deste autor, é aquilo que distingue o turismo cultural dos outros tipos de turismo. Já não basta apreciar o património, é preciso aprender algo com visita.

O património, objecto do turismo cultural, é o conjunto de bens culturais, materiais ou imateriais, herdados dos nossos antepassados e conservados para que sejam transmitidos às gerações futuras. Quando falamos de património material referimo-nos aos museus, aos monumentos, às cidades e vilas, aos sítios arqueológicos e pré-históricos, aos jardins, aos edifícios religiosos e militares. Subjacentes ao património imaterial estão as festas e eventos, as tradições e o saber-fazer das populações autóctones.

O património, como herança cultural colectiva, cria laços profundos entre as comunidades passadas, presentes e futuras, dando-lhes sentido. Nas últimas décadas, o património cultural tem vindo a ganhar terreno no sector do turismo, constituindo a principal motivação de um número crescente de pessoas, principalmente na Europa.

Desde a Década de 60 que o património tem sido um tema central da cooperação cultural internacional, ocupando um lugar privilegiado nos esforços desenvolvidos em parceria, sendo disso testemunha o número de convenções, recomendações e directrizes que se têm debruçado sobre esta temática.

Na Europa, o trabalho pioneiro foi feito pela UNESCO, pelo ICOMOS e pelo ICCROM, os quais congregam um grupo de especialistas cujos primeiros esforços de cooperação deram origem, em 1964, à Carta de Veneza. Esta aborda a questão da preservação, conservação e restauro do património arquitectónico, estabelecendo alguns princípios fundamentais.¹⁰

Em 1976 a Recomendação para a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e a sua Função na Vida Contemporânea, aprovada pela UNESCO

¹⁰ Entre os quais se destacam os seguintes:

- A noção de monumento compreende não só a criação arquitectónica isolada mas também o quadro onde se insere (artigo 1);
- A conservação e restauro do monumento devem salvaguardar tanto a obra de arte como o testemunho da história (artigo 3);
- A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela atribuição a estes de uma função útil à sociedade (artigo 5);

em Nairobi, veio definir novos conceitos, nomeadamente o de conjunto histórico ou tradicional e de salvaguarda.¹¹

A salvaguarda dos conjuntos históricos e monumentos é muito importante, mas carece da respectiva interpretação, de forma a proporcionar aos visitantes uma experiência enriquecedora e com significado.

Ultimamente, tem sido utilizada nos museus e monumentos a técnica da interpretação, que implica a utilização de diferentes meios para tornar significativas aos visitantes, a identidade e as funções dos objectos apresentados. Visa seduzir, provocar, informar e realizar uma apresentação global do património, tendo sempre em conta a conservação dos valores naturais e culturais de uma determinada região.

Freeman Tildem (1957) citado por Miranda (2001:32) define interpretação como: *una actividad educativa que pretende revelar significados e interrelaciones através del uso de objectos originales, por un contacto directo com el recurso o por médios ilustrativos, no limitando-se a dar una mera información de los hechos.*

A interpretação de um espaço implica recolha, investigação, conservação, divulgação e acção educativa. Além disso deve ser interdisciplinar e multifacetada. Esta técnica exige um conhecimento aprofundado e qualitativo dos públicos e do mercado alvo.

Segundo Henriques (2003: 255) a interpretação é definida como *a arte de “dar vida e alma ao passado”, geralmente de forma temática ou na forma de história.*¹² A interpretação pode também servir para passar uma mensagem ou para induzir comportamentos e para atrair ou afastar visitantes dos locais que se pretende preservar.

Atento à importância do rigor na interpretação do património, o ICOMOS emitiu recentemente a *Carta para a Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais e Patrimoniais*, que tem como principal objectivo definir os princípios

¹¹ Considera-se conjunto histórico ou tradicional *todo o grupo de construções e de espaços, incluindo lugares arqueológicos e paleontológicos, que constituem uma fixação humana quer em meio urbano quer em meio rural, e cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitectónico, pré-histórico, estético ou sócio-cultural.*

Entende-se por salvaguarda a identificação, a protecção, a conservação, o restauro, a reabilitação, a manutenção e a reabilitação dos conjuntos históricos ou tradicionais [...] e do seu tecido social, económico ou cultural.

¹² O ICOMOS define interpretação como o *conjunto de actividades potenciais destinadas a aumentar a consciência pública e a reforçar a sua compreensão do sítio cultural patrimonial.*

de base da interpretação e da apresentação enquanto elementos essenciais dos esforços de preservação do património e instrumentos essenciais à apreciação e compreensão por parte do público dos sítios culturais patrimoniais. Esta carta¹³ estabelece que a interpretação e a apresentação do património devem basear-se em sete princípios (acesso e compreensão; fontes de informação; atenção dada ao contexto e ao ambiente; preservação e identidade, organização da durabilidade; atenção dada à participação e importância da pesquisa, da formação e da avaliação), os quais têm subjacentes os seguintes objectivos: facilitar a compreensão e apreciação dos sítios culturais e patrimoniais, comunicar o seu sentido, salvaguardar os valores materiais e imateriais, respeitar a autenticidade, contribuir para a conservação durável, encorajar a participação da comunidade e desenvolver normas técnicas e profissionais que incluam as tecnologias, a pesquisa e a formação.

O turismo cultural evoluiu de uma forma socialmente elitista e concentrado em locais dedicados à cultura, para uma diversificação constante na sua relação com os públicos e os objectos de descoberta, onde se ligam a geografia e a história, o antigo e o moderno, as artes e o saber-fazer (Cluzeau:1998: 4).

Hoje em dia, a relação do património com o público estabelece-se através do *marketing* cultural, o qual permite comunicar o monumento de forma mais apelativa obtendo resultados mais rápidos e eficazes. Por outro lado, o consumo pode ser prejudicial ao monumento, pelo que tem que haver uma gestão capaz de encontrar um ponto de equilíbrio que permita o desenvolvimento sustentável do turismo cultural. A comunidade local surge como um novo actor no desenvolvimento de estratégias de turismo cultural, pois tem subjacente a ideia de identidade do local. O desenvolvimento do turismo cultural sustentável precisa, por isso, do envolvimento da comunidade local.

Henriques (2003: 47) distingue três formas ou tipos de turismo cultural: o turismo de arte, que inclui a visita a museus, galerias de arte, espectáculos de música, teatro, ópera, dança, entre outros; o turismo patrimonial, que inclui a visita a igrejas, casas típicas, castelos, vestígios arqueológicos, locais

¹³ <http://www.icomos.org> (Carta para a Interpretação e Apresentação dos Sítios Culturais e Patrimoniais) (7 de Fevereiro de 2009)

históricos; e o turismo étnico que está mais associado ao sentido do lugar (atmosfera, gastronomia, folclore, exotismo, etc.).

Por seu lado, Cluzeau (1998: 26-28) indica como principais práticas de turismo cultural: os circuitos turísticos também denominados de “touring cultural e paisagístico”, que podem fazer-se a partir de um único local de alojamento e respectiva deslocação às atracções culturais existentes nos arredores, ou mudando frequentemente de local de estadia; os *city-breaks* que incluem, regra geral, apenas uma a três noites de estadia e têm a vantagem de se poder conciliar a visita aos museus e monumentos com a degustação da gastronomia tradicional e a ida a espectáculos nocturnos ou festividades locais, o turismo gastronómico, cujos adeptos têm, em geral, mais de 50 anos; e o turismo de eventos, destinado aos públicos mais jovens.

Enquanto que o turismo determina a procura pelo seu local de residência, o turismo cultural determina a procura pelo nível de educação e de herança cultural familiar dos visitantes.

Richards (1996: 229), distingue dois tipos de turistas culturais segundo a sua motivação: *cultural tourists must be distinguished in terms of motivation. Those whose prime motivation for travel is “cultural” (specific cultural tourists) actually form relatively small proportion of tourism market. In contrast culture is often a important secondary motivation for tourism (general cultural tourists).*

(Cluzeau: 1998:13) por sua vez, distingue três tipos de turistas culturais: os fortemente motivados, os adeptos do balão de cultura e os ocasionais.

Ferreira (2005: 108) avança com uma caracterização baseada nos 4 Es: *Equipement, Encadrement, Evenement, Environemet*. Trata-se de um turista espontâneo, imprevisível, activo, flexível, independente, versátil de gostos, com consciência ambiental e cultural, individualização de comportamentos, com consciência da qualidade, melhor informado, que deseja distinguir-se das multidões, e necessita de controlar a experiência turística e para quem as férias constituem uma extensão da vida diária. Silberberg (1995: 362)¹⁴, citado por Ferreira e Martins (2007: 21), traça o perfil do turista cultural a partir de uma escala de motivações definindo 4 tipos de visitantes: os visitantes com “grande motivação”, os visitantes com “motivação parcial” os visitantes com “motivação

¹⁴ Silberberg, T. (1995) “Cultural Tourism and Business Opportunities for Museums and Heritage sites” *Tourism Management*, volume 16, n.º 5 pp. 361-365.

adicional” e o “turista cultural acidental”. Segundo este autor os visitantes grandemente motivados pela cultura são aqueles que viajam para as cidades para visitar museus, teatros e eventos culturais e constituem 15% dos turistas. Os visitantes com motivação parcial, têm outros objectivos quando viajam mas também se deslocam por motivos culturais e constituem 30% dos turistas. Os turistas de motivação adicional são aqueles para quem a cultura constitui uma motivação secundária e constituem 20% do mercado. Finalmente os turistas culturais acidentais visitam as atracões culturais por acaso e constituem também 20% dos turistas.

1.2.2 - Antecedentes históricos do turismo cultural

A viagem, qualquer que seja a sua motivação (religiosidade, curiosidade, lazer ou necessidade) tem permitido, ao longo dos tempos, o contacto com outros povos e a descoberta de diferentes culturas. Viajar é uma prática corrente há muitos anos. *Os povos da antiguidade pré-clássica, da Mesopotâmia ao Egipto e a Creta viajavam, com alguma frequência, por motivos de negócios, religiosos, militares e administrativos, embora tenham sido as civilizações clássicas (grega e romana) as primeiras a preocuparem-se com os lazeres dos seus cidadãos* (Ferreira e Martins, 2007:11).

Durante a Idade Média, a realização de viagens por motivos de lazer passou por um período de estagnação devido à grande instabilidade que se vivia. No entanto, tiveram bastante importância as viagens de caráter religioso efectuadas pelos peregrinos, cuja principal motivação era o desejo de conhecer locais sagrados. A este propósito diz-nos Hernandez (2002:361)

(...) el papel que los peregrinos juegan desde el punto de vista económico es importantísimo porque convierten a los creyentes en potenciales ‘consumidores’ de un producto cultural que facilitará el comercio y contribuirá a la financiación y construcción de iglesias y monasterios, así como albergues y hospederías para acoger a los peregrinos. Además, se da origen a la creación de los diferentes oficios artesanales que surtirán de objetos religiosos el mercado.

A partir do século XVI, com o Renascimento, as deslocções culturais e de lazer intensificam-se. Graças à invenção da imprensa, surgem os primeiros guias de viagem.

No século XVIII os jovens da nobreza europeia, principalmente os britânicos, passaram a incluir na sua formação o chamado "Grand Tour" que consistia numa viagem aos principais locais de interesse turístico e cultural: Paris, Turim, Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles, algumas zonas da Alemanha, dos países Baixos e do Vale do Reno. (Towner, citado por Ferreira e Martins (2007:11). É nesta época que a relação entre o acto de viajar e património cultural começa a estreitar-se.

No século XIX confirma-se esta tendência, como nos explica Hernandez (2002:363): *A lo largo del siglo XIX la relación entre el viaje y el patrimonio se va haciendo cada vez más estrecha. Se abren nuevos museos, lugares significativos de la historia nacional y sitios naturales para que sean visitados por el público. Con los descubrimientos del motor a vapor y del ferrocarril el turismo de masas toma cuerpo y Thomas Cook emprende los primeros viajes organizados de forma sistemática y presenta su libro Gran viaje circular al continente, aparecen las grandes colecciones de guías de viajes y el concepto de patrimonio abarca nuevos objetos, sobre todo, etnológicos.*

Ferreira e Martins (2002:12), explicam os fluxos turísticos no século XIX definindo quatro tipos de destinos: as grandes cidades espectáculo europeias, como Paris, Londres e Madrid; as estâncias balneares como Bournemouth, as de desportos de Inverno nos Alpes e as termas, como Bath.

Será já no século XX, com a introdução das férias pagas, que esta tendência turística atingirá proporções massivas, principalmente a partir da segunda Guerra Mundial, convertendo-se num fenómeno social, económico e cultural irreversível. Após a democratização do ensino, surge uma classe média com formação universitária que vem esbater a fronteira entre a cultura erudita e a cultura de massas e dar origem à actual sociedade do conhecimento.

É neste conceito, de estímulo ao consumo, que o património cultural vai ganhando raízes, adquirindo uma vertente económica destacável e que o turismo cultural se afirma como potenciador de ofertas tentadoras.

Um dos fenómenos sociais mais significativos dos últimos tempos para o desenvolvimento do turismo cultural foi a mercantilização da cultura, subproduto de uma sociedade de massas aberta e democrática, com fortes recursos económicos. A este respeito diz-nos Hernández (2001: 64):

La cultura de los tiempos modernos, definida por Edgar Morin como

cultura de masas, tiende a una homogeneización del comportamiento de las personas y los grupos en que la se funden consumismo y pragmatismo, caldo de cultivo adecuado para que prospere un genuino consumo cultural. No sólo una enseñanza ampliada y comprensiva, el derroche publicitario, o uno omnipresentes medios de comunicación influyen en las tendencias del consumo; el consumo cultural se ve también favorecido por la facilidad en los transportes y las comunicaciones, el aumento del tiempo libre, la universalización de las vacaciones y el fenómeno creciente del turismo.

Ferreira e Martins (2007: 21) avançam com uma data, afirmando que o desenvolvimento do turismo cultural remonta à Década de 70 do século XX. Como consequência disso, é emitida em 1976, pelo ICOMOS a “Carta do Turismo Cultural”. Esta carta alerta para as consequências, tanto positivas como negativas, que a actividade turística pode provocar, recomenda que deve prevalecer o respeito pelo Património sobre qualquer outra opção, seja ela social, política ou económica, e realça a necessidade de mudar a atitude do público. Reconhece que o turismo cultural pode contribuir para a protecção do património e apela para a necessidade de se criarem equipamentos de apoio ao visitante:

(...) Un tel respect ne saurait être assuré que par une politique d’implantation d’équipement et d’orientation du mouvement des touristes conçue en tenant compte des seuils d’occupation et d’utilisation qui ne sauraient être franchis sans péril.¹⁵ Toda esta informação nos remete imediatamente para a questão da ética do turista. E inquestionável o direito ao acesso e usufruto do património cultural, porém, este pode gerar efeitos negativos. Atenta a este problema, a OMT aprovou, em 1999, um Código de Ética.¹⁶

Cada vez mais, o turista não pode ficar indiferente perante actos de vandalismo, tendo de assumir a sua quota-parte de responsabilidade. No fundo, é uma questão de educação para o turismo que não é só feita para as populações, mas também para o turista. Felizmente, os turistas culturais estão, por norma, mais sensibilizados para questões relacionadas com a

¹⁵ Carta do Turismo Cultural, 1976

¹⁶ Onde se afirma que é necessário salvaguardar o meio ambiente para se obter um crescimento económico saudável, constante e sustentável e aconselha a que as verbas provenientes das visitas aos locais e monumentos de interesse cultural deverão destinar-se, preferencialmente, à manutenção, melhoria e valorização do património.

conservação e têm práticas menos agressivas em relação ao bem ou local em causa.

Outro ponto inquestionável é a restrição e estabelecimento de um limiar de frequência razoável. Uma das hipóteses de restrição do acesso ao património é através do preço, aumentando-se este até se conseguir uma selecção. Todavia, uma selecção deste género é socialmente injusta. De forma a compatibilizar estas duas questões, tenta-se restringir o acesso através de acessibilidades indirectas, ou seja, o percurso a fazer para chegar ao local pode implicar um esforço por parte do turista, que só o faz se estiver de facto interessado em visitá-lo. Outra hipótese é estipular que o acto de visita implique marcação prévia.

O património gera visitas turísticas que frequentam esses locais e estimulam outros sectores da economia, o que acrescenta positivamente no impacte económico do turismo.

Por outras palavras, o usufruto do património cultural pode, e deve, tender para a sustentabilidade. Na verdade, o património tem uma dimensão cultural incontornável que temos de preservar, contudo, tem também uma dimensão social e económica que comprova que é possível pôr em prática uma política de conservação integrada que dê resposta às exigências sociais de fruição.

O Conselho da Europa tem-se mostrado sensibilizado, especialmente desde as três últimas décadas, para a análise e desenvolvimento de acções que estreitem a relação evidente entre economia e cultura, uma vez que é inegável que o património cultural necessita, para a sua conservação, de apoio económico, mas este pode advir de uma correcta gestão patrimonial que gere benefícios.

Desta forma, no ano de 1986, o Colóquio de York já abordava aspectos significativos para esta temática,

El cambio de mentalidad que se ha dado en la sociedad respecto a la importancia de conservar el patrimonio, debido al aumento de la educación superior, al crecimiento de la movilidad y del tiempo libre y a la influencia de los medios de comunicación; (...) la inquietud del público por la conservación; (...) las consecuencias económicas que se producen al poner en práctica la conservación del patrimonio (...); la importancia de promocionar la industria

turística con el objeto de que esta contribuya a subsanar los costes de la conservación; (...) (Hernandez, 2002: 218-219).

Dez anos mais tarde, na Declaração de Helsínquia, mantém-se a preocupação na definição de qual o lugar que o património cultural ocupa no processo de desenvolvimento e alguns dos seus princípios demonstram-no claramente,

El patrimonio cultural es presentado como un recurso económico que supone «promover estrategias dinámicas de conservación que movilicen el potencial económico que el patrimonio representa para la regeneración urbana y el desarrollo rural»; (...) La conservación del patrimonio cultural ha de contribuir a definir adecuadamente los «sistemas sostenibles de producción y consumo», mediante una gestión adecuada del espacio y de los recursos.» (Hernandez, 2002: 221-222)

Uma vez que se assiste a um crescente interesse pelo património cultural, que se traduz num aumento do consumo de bens e serviços ligados ao lazer, o acto cultural deixa de ser só de lazer para passar a ser igualmente de aprendizagem. Tenta-se aliar a parte lúdica ao enriquecimento cultural, como forma de afirmação social.

Esta globalização do património como base para as práticas de lazer está associada a um conjunto de transformações que têm ocorrido nas sociedades. Percebe-se que emergiu uma fileira de turismo cultural dentro de um contexto de diversificação a todos os níveis (espaços, motivações e formas de alojamento).

Em locais cuja principal atracção turística é o património cultural, é imprescindível desenvolver políticas e acções concretas que permitam o desenvolvimento da comunidade, uma vez que a preservação da sua memória histórica e social e da sua identidade pode beneficiar o turismo.

Um outro aspecto tem a ver com o aumento dos níveis de instrução. As pessoas com mais instrução têm uma curiosidade mais acentuada e desenvolvem uma maior procura de bens e serviços culturais.

Para que possamos perceber o aumento do consumo de cultura, como bem superior e bem social, podemos encará-lo através de duas interpretações. O consumo de bens culturais e de lazer tem sempre dois vectores: o económico e o cultural.



No futuro prevê-se um aumento da concorrência entre destinos. A oferta terá que ser inovadora, amiga do ambiente, sustentável, e terá que adaptar-se às novas exigências da procura através da utilização de técnicas inovadoras de interpretação e apresentação do património, da organização de eventos ligados aos produtos endógenos e da utilização do marketing cultural.

1.2.3 - O turismo cultural na actualidade

1.2.3.1- O turismo cultural na Europa

Segundo Richards (2005:10), o turismo cultural teve um grande desenvolvimento em toda a Europa, o que provocou impactes positivos a nível social e económico. Ferreira e Martins (2007: 26) referem que as entradas em museus e sítios arqueológicos duplicaram entre 1977 e 1997, tendo aumentado 25% entre 1982 e 1995.

No entanto, tal como aconteceu com a indústria, também o turismo cultural europeu começou a ser ultrapassado por mercados mais competitivos, como é o caso, por exemplo, da Ásia. Foi necessário, por isso, criar um conjunto de novas estratégias para a promoção do património cultural, o que conduziu a um aumento significativo do número de atracções culturais e estimulou o crescimento de visitas culturais. A criação do evento “Capital Europeia da Cultura” veio alterar a definição do papel do turismo cultural na Europa permitindo a sua globalização. Sworbrooke (1995) citado por Ferreira e Martins (2007: 26) constata uma alteração significativa na natureza do produto património, assistindo-se ao desenvolvimento de museus de ar livre com base na arquitectura tradicional (Reino Unido), eco-museus (França), projectos na aérea do património científico e industrial e recreações históricas, entre outros.

Existem, hoje em dia, no continente europeu, 200 000 monumentos protegidos e 25 milhões de edifícios de interesse público. A abertura do património ao turismo levou à necessidade de uma leitura conceptual dos espaços, de forma a ser compreendida por públicos heterogéneos, e à criação de elementos de conforto destinados um a público exigente, com elevados níveis de educação e altos rendimentos. Estes novos visitantes apresentam expectativas mais elevadas quanto à experiência que se propõem fazer, são mais participativos, interessados e conhecedores. Fazem parte integrante do chamado “Novo Turismo”.

Richards, no âmbito do Projecto ATLAS, efectuou um estudo junto dos visitantes às atracções culturais de 9 países da União Europeia (Alemanha, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido). Os resultados deste estudo mostram que os principais mercados emissores de turismo cultural são os Estados Unidos, o Reino Unido, a Alemanha, a França e a Espanha e que houve um acréscimo de visitantes às atracções culturais nas Décadas de Setenta e Oitenta do século XX.

Ao definir o perfil do turista cultural, Richards encontra dois tipos distintos: o turista cultural específico, que representa apenas 9% do mercado global e o turista cultural geral para quem a cultura desempenha uma motivação secundária mas, em geral, importante.

Cerca de ¼ dos turistas culturais específicos têm pós-graduação, visitam com frequência as atracções culturais na sua zona de residência, 30% são jovens e 12% desempenham funções ligadas à cultura e preferem as Artes ao Património.

Os inquéritos efectuados para a ATLAS revelaram que os visitantes eram na sua maioria casais jovens sem filhos, quadros superiores, com rendimento médio a rondar os 30.000 €, sendo as suas principais motivações: “experimentar coisas novas”, “aprender coisas novas” e “relaxar”. 77% dos entrevistados tinham gozado férias no último ano, perto de metade tinha visitado um museu e mesmo aqueles que não consideravam as férias como culturais planeavam incluir uma visita a uma atracção cultural.

1.2.3.2 – O turismo cultural em Portugal

Os museus e o património construído constituem as principais atracções de turismo cultural em Portugal, embora este não se esgote nestes dois elementos; a gastronomia, o folclore, os eventos e toda a espécie de manifestações e costumes do povo, constituem também elementos importantes deste tipo de turismo.

Ao longo dos anos, tem-se verificado um aumento do investimento na cultura e no património, não só a nível nacional mas também a nível local e regional. Apesar disso, o turismo cultural não tem sido visto como um factor

estratégico para a qualificação da oferta turística (Ferreira e Martins, 2007: 28).¹⁷

A Década de Noventa representa uma viragem no desenvolvimento do turismo em Portugal, o qual se baseava desde 1970, maioritariamente no modelo “sol e mar”. Em 1991, o Plano Nacional de Turismo apresentava como objectivo, a valorização do património cultural (protecção da arquitectura tradicional e das cidades típicas, a promoção dos monumentos e áreas envolventes e apoio ao artesanato e folclore). A partir de 1993 surgem os mega eventos: Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994), Expo 98, Porto Capital Europeia da Cultura (2001) que contribuíram para a afirmação do turismo cultural em Portugal e para a promoção do país enquanto destino turístico. Alguns anos mais tarde, surge a primeira proposta de programa organizado que visa incentivar o desenvolvimento do turismo cultural. *Em 1997 é criado o Programa de Incremento ao Turismo Cultural cujo objectivo é preparar, gerir e lançar circuitos de turismo cultural a nível nacional* (Ferreira e Martins, 2007:27). Através deste Programa foram criados vários itinerários turístico - culturais que incluíam núcleos históricos, monumentos e museus, e tinham associado um pacote turístico completo com alojamento, transportes, gastronomia e artesanato. O objectivo era utilizar os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento económico e social a nível regional, de forma a dispersar o turismo para o interior e assim, conseguir uma distribuição mais equitativa dos benefícios do turismo.

Num estudo efectuado para o Programa ATLAS (Association for Tourism and Leisure Education), Curado (2005:185), conclui que mais de metade dos turistas que visitam o nosso país consideram as atracções culturais um factor “importante” ou “muito importante” para visitar uma região; aproximadamente 2/3 dos visitantes residiam fora da região, sendo 44% estrangeiros; cerca de 3/4 dos visitantes eram provenientes de países europeus, 6,8% do Brasil e 5,7 dos Estados Unidos; cerca de 56% dos turistas domésticos eram provenientes de Lisboa; e existia uma levada proporção de jovens na amostra (53%). A estada média era inferior a uma semana.

¹⁷ Estas autoras referem que a promoção do turismo cultural em Portugal começa a desenvolver-se por volta de 1911, época em que é criado o Secretariado de Propaganda Nacional e a Repartição do Turismo, os quais reconhecem a necessidade de preservar e divulgar o património cultural.

Segundo um estudo do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), o “Touring cultural e paisagístico” representou, no Verão de 2006, a segunda motivação dos turistas que visitaram Portugal (34%). Os principais mercados emissores foram a Espanha (22%), o Reino Unido (17%) e a Alemanha (13%).¹⁸ O facto de Portugal ter doze monumentos e sítios considerados Património Mundial, constitui um factor potenciador do interesse em difundir a cultura portuguesa e em projectá-la nas rotas do turismo cultural a nível internacional. O turismo cultural é visto como um mercado em crescimento em Portugal, devendo a principal prioridade passar pela valorização e diversificação da oferta.

1.2.4 – Impactes do turismo cultural

O desenvolvimento do turismo cultural fez com que o património fosse encarado de outra maneira. A existência de oferta cultural gera um afluxo de turistas e, necessariamente, lucros e é praticado por um determinado tipo de turistas que, ao nível das práticas que desenvolve, tem propensão elevada para o consumo. O património gera visitas turísticas e necessariamente, lucros, que estimulam outros sectores da economia, o que acrescenta positivamente no impacte económico do turismo.

A globalização do património como base para as práticas de lazer está associada a um conjunto de transformações que têm ocorrido nas sociedades. Percebe-se que emergiu uma fileira de turismo cultural dentro de um contexto de diversificação a todos os níveis (espaços, motivações e formas de alojamento). Podemos mesmo afirmar que o turismo cultural foi responsável pela “abertura de janelas de esperança para muitos locais” que até há pouco tempos não tinham valia turística.¹⁹

A relação que se opera entre o turismo e o património tem, não só, efeitos positivos, como por exemplo a sua importância na protecção e

¹⁸ As rotas e circuitos constituem, segundo este estudo, a base das experiências que podem ser vividas pelo viajante de *touring*. Apesar disso, constata-se que, apesar da sua riqueza natural e patrimonial, Portugal representa apenas 1,7% das preferências dos consumidores europeus do produto “Touring cultural e paisagístico”, propondo-se, para inverter essa tendência, a adopção de standards de qualidade para a cadeia de valor do produto e a cooperação e de articulação em rede, considerando-se ainda necessário estruturar a oferta, criar rotas temáticas e melhorar, não só as acessibilidades mas também os horários dos principais museus (PENT, 2007:63).

¹⁹ Não só pela qualidade de fluxos turísticos que proporciona, mas também devido ao que isso implica para as economias locais a nível de alojamento, restauração, transportes, museus, actividades comerciais como o artesanato, empresas de animação turístico-cultural, etc.

manutenção do património histórico, o desenvolvimento económico que propicia às regiões em causa, a cooperação e solidariedade que gera entre os povos e o seu contributo na educação das gerações mais jovens, só para referir alguns; como também, infelizmente, nefastos, que se fazem sentir quando é inexistente uma planificação ambiental ajustada, quando há um desenvolvimento estrutural desgovernado das comunidades turísticas de acolhimento, ou quando a massificação provoca problemas de deterioração, tanto nos próprios monumentos como no meio ambiente.

Os impactes negativos do turismo têm levado a algumas posições extremistas, que têm dificultado turismo e cultura de perceberem a sua complementaridade. O turismo cultural, quando devidamente planificado e estruturado, pode atrair segmentos de mercado com capacidade económica a zonas menos desenvolvidas, diminuir a sazonalidade, fortalecer as manifestações culturais locais e contribuir para a conservação do património. Tal com refere Leo Van Nispen, Director do ICOMOS, in Richards (1999: 17): *culture and tourism are destined once and for all to be together.*

Concluimos, assim, que as actividades ligadas ao património e ao turismo cultural devem desenvolver-se sempre de forma sustentável, ou seja, respeitar as culturas de todo o mundo, tanto no que se refere ao património material, como ao património cultural imaterial. O respeito pela cultura permite preservar a identidade das populações e deve ser o lema dos vários agentes envolvidos (viajantes, populações, empresas de turismo, poderes públicos e agentes culturais).

CAPÍTULO II

MUSEUS, SERVIÇOS EDUCATIVOS E TURISMO CULTURAL

2.1 - OS MUSEUS E A NOVA MUSEOLOGIA

2.1.1 – Conceitos de museu, Museologia e Museografia

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.²⁰

O museu é um dos meios utilizados pelas sociedades complexas para preservar a sua identidade e memória colectiva. A par das bibliotecas e arquivos, os museus são depositários e guardiões de muitos dos testemunhos mais relevantes da criação humana através dos séculos, nomeadamente do património móvel. Mas a sua função ultrapassa o mero contacto dos indivíduos com os objectos que testemunham um momento, um acontecimento, recriando constantemente a memória colectiva (Moreira, 1989: 19).

Segundo (Rivière, 1989: 334): *un musée n'est pas une organisation répondant à un modèle défini, réalisable à un nombre indéfini d'exemplaires. C'est une institution à formes variables, en fonction:*

1. *de l'importance que revêtent, respectivement, les trois grandes vocations du musée – étude et documentation, conservation et exposition, éducation et culture;*
2. *de la nature de la ou des disciplines du musée – art, sciences de l'homme, de la terre et de l'univers, techniques avancées sous leurs formes uni disciplinaires, pluridisciplinaires e interdisciplinaires;*
3. *des conditions de l'architecture du musée, selon qu'il s'agisse:*
 - *d'un bâtiment neuf, soit d'un bâtiment à adapter, de valeur historique ou non, avec ou sans environnement qui lui soit propre;*
 - *d'un musée systématique à l'air, complété ou non de bâtiments;*
 - *d'un parc naturel.*

²⁰ Definição extraída dos Estatutos do ICOM, adoptados na 16ª Assembleia-geral do ICOM (Haia, Holanda, 5 de Setembro de 1989) e alterados pela 18ª Assembleia-geral do ICOM (Stavanger, Noruega, 7 de Julho de 1995) e pela 20ª Assembleia-geral do ICOM (Barcelona, Espanha, 6 de Julho de 2001. Artigo 2º).

O conceito de museu como fenómeno cultural reporta-se à antiguidade. O seu valor tem vindo a alterar-se ao longo dos tempos, acompanhando, a par e passo, as mudanças e desenvolvimento dos valores políticos, culturais e sociais.

Nas últimas décadas, os museus têm proliferado em todo o mundo de uma forma fantástica. Todos os anos, são cada vez mais as pessoas que os visitam, facto que só por si prova que a sua popularidade está assegurada.

Esta propagação de espaços museológicos está intrinsecamente relacionada com a importância crescente da questão da identidade, quer seja nacional, regional ou local, o que contribui para que se desencadeie de forma objectiva uma reflexão, mudança e, ao mesmo tempo, continuidade dos valores culturais tradicionais. Comporta uma exacerbação do sentimento de pertença a um dado local ou comunidade.

A Museologia é a ciência aplicada aos museus, preocupa-se com o estudo da história dos museus, do seu papel na sociedade, dos sistemas específicos de pesquisa, conservação, educação e organização. Já a Museografia é a técnica museológica, e tem como objectivo os aspectos técnicos de instalação das colecções, da climatologia, da arquitectura do edifício, dos aspectos administrativos, etc. (Hernández, 2001: 71).

2.1.2 – Breve evolução histórica dos Museus

Ao recuarmos no tempo para tentar encontrar a origem da palavra museu, descobrimos que procede do grego “*mouseion*”, que significa o Templo das Musas, as nove filhas de Zeus e de Mnemósine, os quais representam, respectivamente, o poder e a memória, e que se aplicou em Alexandria à instituição fundada por Ptolomeu II no ano 285 a.C. Como nos explica Alexander (1996: 6), *the Latin word museum (Greek: mouseion) has had a variety of meanings through the centuries. In classical times it signified a temple dedicated to the Muses, those nine sprightly and pleasant amoral young goddesses who watched over the welfare of the epic, music, love, poetry, oratory, tragedy, comedy, the dance and astronomy.*

O museu era o local em que as referências patrimoniais estavam relacionadas com, e necessariamente reflectiam, o poder vigente, era o lugar da criação artística e também onde se praticavam exercícios de memória,

símbolo de reconhecimento do que é património.

Ao longo da história, como refere Montaner (1995: 6), a evolução dos museus define a sua própria essência, a diversidade, apesar de inicialmente o conceito de museu corresponder ao de (...) *una caja opaca y compartimentada, como tesoro, como receptáculo, como secreto.*

Na evolução da história dos museus, destacam-se três fases distintas: a criação do Mouseion (Alexandria); a fase do coleccionismo (Renascimento) e a criação do Museu do Louvre como instituição pública e modelo para os novos museus nacionais na Europa (Revolução Francesa).

O museu foi evoluindo ao longo dos anos, tendo as suas alterações acompanhado as várias épocas da história.

a) Na Antiguidade Clássica

A primeira referência ao *mouseion* data do século V a.C., na Grécia. Os templos, as galerias e os pórticos acolhiam inúmeras obras de arte, geralmente doadas por pessoas ilustres ou soberanos que, preocupados com a sua glória, atraíam até às suas cortes grupos de filósofos que utilizavam pela primeira vez o nome de *mouseion*. Estes espaços eram destinados a exposições de diversas expressões artísticas, como poesia, música, teatro, jogos, etc. Foi a civilização grega que, sobretudo a partir do Helenismo, quase converteu em obsessão sagrada o desejo de reunir e conservar, nos templos, obras criadas pelo Homem, especialmente objectos artísticos.

Segundo Fernández (1993:48), a criação artística era vista como (...) *elemento esencial integrante del conocimiento y la práctica en las diversas disciplinas. Y, en todo caso, fue Grecia la que puso las bases incuestionables para la invención, consolidación y exportación europea del museo casi veintitrés siglos después.*

b) Na Idade Média

Na Idade Média, as colecções localizavam-se, preferencialmente, nas igrejas e nos tesouros da nobreza. A Igreja passa a ser o centro da vida intelectual, com santuários repletos de relíquias, obras de arte e imagens.

Como nos diz Hernández (1998: 16), (...) *con la caída del Imperio Romano surgen nuevas culturas en Europa. Se inizia la formación de 'tesoros' que incluyen objetos variados: relicarios, piezas de orfebrería litúrgica, manuscritos, vestiduras litúrgicas, piedras preciosas, etc.*

Para a Igreja, poderosa e rica, era importante buscar na sociedade elementos que contribuíssem para o seu fortalecimento. É então que se começa a veicular a ideia de que guardar objectos era pecado, só se podendo “servir” a um único Senhor, abandonando tudo quanto pudesse ser considerado profano. Como tentativa de salvação das suas almas, as pessoas começam a doar os seus objectos pessoais e de colecção. A Igreja torna-se, assim, a receptora destes bens, organizando grandes colecções, destruindo objectos e corrigindo outros.

Nos finais da Idade Média assiste-se a uma mudança significativa com o aparecimento da burguesia. Uma vez que esta nova classe emergente é detentora de vastos recursos económicos, ela própria também tem o desejo de ser possuidora de objectos, dado que essa situação está indiscutivelmente associada à detenção de prestígio.

c) No Renascimento

O Renascimento, preconizando a revalorização do mundo clássico, e a perda da influência eclesiástica, é testemunha do ressurgimento dos temas profanos, que se fizeram sentir de forma original e criativa na pintura a óleo, através da representação da figura humana.

A Itália teve um papel preponderante no acto do coleccionismo, tanto de obras de arte como de objectos do mundo natural (minerais, espécimes botânicas e zoológicas). É de salientar o papel das famílias italianas abastadas, principalmente a família Médici, que se tornam as grandes impulsionadoras da nova estética da arte. Assiste-se, em toda a Europa, à formação de grandes colecções particulares e de espaços para a guarda das mesmas. Esta vontade de coleccionar é largamente fomentada pelos navegadores que, ao regressarem à Europa, trazem objectos que comprovam o acesso a algo desconhecido até então. Esses mesmos objectos, considerados exóticos, eram oferecidos aos poderosos que financiavam as expedições.

Surgem três orientações distintas no coleccionismo, no seguimento do movimento Renascentista, as quais dão origem a espaços diferentes: as “colecções artificiais” - salas de objectos de arte; as “colecções naturais” - salas de elementos da Natureza e as “colecções de objectos exóticos, raros e preciosos” - Gabinetes de Curiosidade ou Câmara de

Maravilhas.

A função primordial deste coleccionismo era a de congregar o máximo de objectos possível em espaços muito bem organizados, suscitando espanto e deslumbramento. À semelhança do que já tinha acontecido anteriormente, voltamos às relações de reconhecimento pela posse e, em última análise, de poder. Pretendia-se mostrar, por um lado, que as pessoas detentoras desses espaços se destacavam economicamente, e, por outro, que eram conhecedoras no que dizia respeito às áreas das suas colecções.

Durante todo o século XVII assiste-se à consolidação das colecções monárquicas que transitaram do século passado, devido a um intenso movimento de obras de arte e à crescente actividade comercial do coleccionismo na Europa.

O Ashmolean Museum, em Oxford, foi considerado, em 1683, o primeiro museu organizado como instituição pública. Apesar de as suas colecções, bastante ecléticas, estarem abertas ao público, de ter sido editado um catálogo e um regulamento que abordava temas como os da inventariação, gestão, horário de funcionamento e preço, a verdade é que esta instituição não teve grande repercussão cultural. Por estes motivos somos levados a concordar com Hernandez, (1998:22) quando escreve que (...) *la creación del Museo del Louvre, pues sirvió de punto de referencia obligada para la creación de todos los Museos Nacionales Europeos.*

d) No século XVIII

Com a subida ao trono de Luís XVI, e com os primeiros movimentos revolucionários, nos quais se confiscaram todos os bens tanto às ordens religiosas como à nobreza, sentiu-se a necessidade de criar museus. No auge do Século das Luzes, as conquistas da Revolução Francesa reflectem-se incontornavelmente a nível político e cultural. Pela primeira vez, percebe-se a razão política da organização de colecções e, num primeiro momento, é a França que se destaca com a aprovação de um projecto museológico que envolve a criação de quatro museus nacionais. As colecções passaram do foro privado ao público, ou seja, o que antes era de acesso limitado ganhou agora outra amplitude. E como acrescenta Bazin (1969:65), *quizás el paso más decisivo sea la conversión de las colecciones privadas en un patrimonio colectivo, es decir, en un acto jurídico institucional. Dicho acto es considerado*

como el momento de la creación del museo con su apertura al público, el 10 de Agosto de 1793, bajo la denominación de 'Museo de la República'. Se ha añadido, por tanto, un nuevo elemento: el público. A partir de este momento, el concepto de museo se asignará a 'las instituciones oficiales de interés público.

Por toda a Europa generaliza-se o processo de musealização. Nascem, assim, museus controlados pelo Estado e museus provinciais, fruto do desejo de reunião de colecções históricas e arqueológicas como testemunho do património local.

Podemos dividir, por ordem decrescente, os museus emergentes em três grupos distintos: *Em primeiro lugar surgem os museus de arte e arqueologia, instalados em palácios que acolhiam pinturas, esculturas e, em menor escala, objectos de arte. São estes, com toda a certeza, os que melhor caracterizam o mouseion da antiga Grécia, mantendo sempre presente o espírito de colecção e de prestígio; em segundo lugar, encontram-se os museus de ciências naturais, com uma vertente tanto de investigação como de formação, dado o crescente interesse generalizado pela botânica; em terceiro lugar, os museus de história, em número restrito, cingiam-se a galerias de retratos de antepassados, de personagens ilustres ou a pinturas biográficas, existentes em palácios (Rivière, 1993:70-71).*

Só a partir do século XVIII é que começam a surgir verdadeiros museus de ciências exactas e de técnica, e ainda não se pode falar de museus de etnologia.

Na Europa e na América do Norte²¹ a Revolução Industrial fez-se sentir. Assistiu-se ao despoletar dos seus movimentos nacionalistas e a burguesia ascende ao topo das classes sociais.

Os museus expandem-se nestes dois continentes devido a uma intensa actividade intelectual e, mesmo preservando as suas funções de coleccionismo, acrescentam-lhes a missão, cívica, educativa e de protecção

²¹ Apesar do coleccionismo americano ser muito posterior ao europeu, este introduziu à questão museológica novas coordenadas, sendo disso exemplo os grandes empresários americanos que se transformam em mecenas, por razões fiscais e de prestígio. Podemos dizer que os museus americanos se diferenciam dos europeus pela sua estrutura jurídica, forma de organização, sistemas de financiamento, grau de inserção social e pelo próprio conceito ontológico de museu. (Hernandez, 1998:31).

patrimonial.

e) No século XIX

O século XIX vai acompanhar a expansão europeia deste tipo de instituições, uma vez que a tendência é para a conversão das colecções reais em Museus Públicos. As suas colecções reúnem retratos de acontecimentos históricos e da alta nobreza. Podemos mesmo afirmar que é o século de ouro da museologia. A ideia de colecção é fomentada em todos os países e a lógica de património legítimo, enquanto política, e de carácter nacional, começam a tomar forma. Todos os Estados têm o desejo de criar museus públicos e quanto mais importante for o espaço onde os objectos são apresentados, mais destaque estes terão.

Durante este período iluminista, a museologia encontra reunidas uma série de condições propícias ao seu pleno desenvolvimento: estamos perante um novo quadro económico de enriquecimento acelerado e os espaços museológicos revelam-se ideais para abrigar colecções necessárias às Ciências Naturais (pelas suas tarefas classificatórias), para espelhar a mudança da sociedade, como palco de exibição das conquistas dos burgueses e para guardar objectos numa era de pré-revolução industrial.

Basicamente, destacam-se três tipos de museus: os de arte, símbolo da identidade e do nacional; os arqueológicos, testemunho de uma nação com raízes históricas; e os antropológicos, exaltando os valores tradicionais das nações.

Com a industrialização, começa a valorizar-se mais os objectos produzidos em série, em detrimento dos artesanais, e a sociedade mais culta começa a questionar o lugar do museu: será um espaço de guarda e preservação de objectos raros e únicos ou de elementos produzidos em série?

Neste período de desenvolvimento industrial sem precedentes, as exposições universais tiveram um papel preponderante na mostra e uso das novas tecnologias, assim como na criação de ambientes fictícios, capazes de transportar o visitante para lugares exóticos e experimentar novas aventuras. Tal como nos diz Hernández (1998: 270), *herederas de las escenificaciones efímeras del siglo XVII, las exposiciones universales han sido consideradas como verdaderos fenómenos del sentir popular, es decir, como ferias y fiestas en las que podían contemplarse auténticas ciudades de lo efímero, aunque*

también hayan dejado su huella permanente en el desarrollo posterior de las ciudades.

Não podemos deixar de referir o papel preponderante que estas exposições, encaradas como novos centros de comunicação de massas, desempenharam no desenvolvimento artístico, urbano e turístico das cidades onde decorreram.

No final do século XIX, os museus adquirem novas funções. Até ao momento já podemos deduzir que o museu era encarado como símbolo de identidade nacional, no qual se expunham as riquezas de uma nação em mudança. Por outro lado, surge uma preocupação premente com os aspectos de conservação e da investigação ligada à materialidade do objecto. Assim, os objectos passam a ser a centralidade dos museus e estes quase que fecham as suas portas porque começa a ser defendida a teoria de que as próprias pessoas os prejudicam e estragam. Então, há que controlar, ou mesmo evitar, o acesso do público às colecções. A forma de estar do museu altera-se radicalmente num sentido egocêntrico. Este sentimento de primazia, levado ao extremo, quanto à conservação e estudo do objecto faz com que se adoptem uma série de medidas que passavam por um reequacionamento do horário de abertura ao público (bastante mais restrito), pela introdução de vitrines, pela retirada da exposição de uma série de objectos frágeis, os quais só estariam acessíveis aos investigadores nas reservas museológicas.

2.1.3 – O museu na actualidade

Após a Segunda Guerra Mundial, deu-se uma viragem museológica e começaram a ser privilegiados os ideais americanos que preconizavam a transformação dos espaços museais no sentido de um novo chamamento e acolhimento do público.

Assim, a instituição museológica passou a ter, além das funções de conservação, preservação e investigação, a missão de comunicar e educar. No final do século XX, apercebemo-nos que, em todo o tipo de museus, a função educativa vai ser reconhecida e passa a ocupar um lugar de destaque, multiplicando-se as exposições temporárias e itinerantes e as actividades de animação, comprovadamente eficazes.

Os novos focos de interesse da actual museologia são a comunidade, a

formação dos profissionais, a pesquisa científica e as museografias como elementos estruturantes. Os primeiros museus americanos surgem ligados à indústria cultural voltada para as massas, numa perspectiva de centros culturais e museus dinâmicos, vendo ampliadas as suas fronteiras de actuação (zonas periféricas e rurais), sempre numa perspectiva de rentabilização e angariação de públicos.

Como refere Balerdi (1994: 21) na América, *los responsables de estas instituciones, aprovechando la afluencia masiva, han desarrollado programas, que van desde una primera autofinanciación a la búsqueda posterior de beneficios; para ello construyen tiendas, restaurantes, cines, etc., que permanecen abiertos fuera incluso del horario de visitas, con superficies paradójicamente mayores que las de la propia exposición.*

Criam-se estratégias de logística para levar a cultura até às pessoas que estão afastadas dos grandes centros, numa lógica de instituição paternalista. Nesta altura surge também o conceito de maleta pedagógica para chegar às escolas. Esta função educativa é especialmente relevante no novo cenário museal, sendo a sua acção de complementaridade em relação à escola, uma educação formal que deve trabalhar com os conteúdos escolares.

Entre as duas guerras, a Sociedade das Nações cria o departamento internacional de museus e, em 1946, nasce a Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura (UNESCO). No seio desta, é criada a primeira organização profissional não governamental respeitante aos museus: o actual Conselho Internacional de Museus (ICOM). Este, nos seus estatutos de 1947, *reconoce la cualidad de museo a toda Institución permanente que conserva y presenta colecciones de objetos de carácter cultural o científico con fines de estudio, educación y deleite.* (Hernández: 2001: 69).

No âmbito do enfoque para a função educativa, decorre, em 1958, no Rio de Janeiro, um Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus.

Com o alargamento da escolaridade obrigatória, os museus começam a relacionar os serviços educativos com as escolas. *Na década de 70 surgem os museus itinerantes especialmente concebidos para trabalhar com as escolas, em zonas do interior ou da periferia das cidades* (Hooper – Greenhill, 1991: 52).

A Década de 80 impulsionou a criação de novos museus mais apelativos, interior e exteriormente, tanto na arte, como na ciência e técnica, ou na etnologia e antropologia, por vezes cedendo à tentação da irresistível espectacularidade cultural. Até esta época, o grande discurso da Museologia assentava apenas na abertura dos espaços museológicos, tendo-se mantido esta tendência avessa à mudança até aos Anos 90, período em que começam a ser abordadas e debatidas, entre outras, questões como a da função social, cultural e educativa do museu.

Os museus passam a ser encarados como instituições de serviço público abertas a todos os cidadãos. Surge o conceito de “museu integral”, entendido como *um pólo gerador de formação, não só do público escolar, mas de toda a comunidade* (Bernardo, 1998: 72). Os serviços educativos passam a privilegiar a auto-aprendizagem.

O trabalho do educador do museu expandiu-se correlativamente, e agora pode incluir o apoio a equipas de montagem, a realização de estudos públicos, ou a organização de sessões educativas (Hooper-Greenhill, 1992: 674). Assim sendo, os “museus da era contemporânea” revelam ter uma maior liberdade, descentralidade e pluralidade, no sentido da diversidade no tempo e no espaço, dando à comunidade o papel de protagonista nos “destinos” do museu e assumindo-se, principalmente, como um local privilegiado de produção e comunicação de conhecimentos.

Estas mudanças provocaram uma crise de identidade nos museus cujas consequências derivam essencialmente naquilo que podemos designar por “Nova Museologia”.

En la historia del trabajo del museo podemos reconocer dos «revoluciones». La primera tuvo lugar en el período 1880/1920, la segunda en el período 1960/1980. El término revolución es usado para cargar el énfasis en los cambios radicales que tuvieron lugar en muy cortos períodos de tiempo. (...) Aunque los cambios han resultado de la sinergia de las discusiones sobre los niveles práctico, teórico y crítico el énfasis ha sido sobre el trabajo práctico del museo. En el período 1960/1980 vemos una sinergia similar, pero ahora el principal vigor es el deseo de desarrollo de los museos como instituciones sociales con agendas políticas. La ruptura a través del nuevo pensamiento en ambos períodos fue acompañada por una nueva «retórica». La nueva retórica

de la segunda revolución del museo ha sido denominada «nueva museología». (Fernandez, 1999 : 73).

Toda a centralidade vai agora para a comunidade, ampliando-se o conceito de objecto museológico que deixa de ser visto apenas como objecto tridimensional. Assiste-se a uma tendência para a preservação *“in situ”*, uma vez que o meio no qual o objecto está inserido é importante para o seu reconhecimento social enquanto património, começando a integrar-se os objectos em contexto próprio. Este tipo de musealização apresenta uma série de vantagens, facilita não só o acesso do público como também a emergência de novas soluções museográficas, permite uma maior variedade de leituras e abordagens e preserva para a investigação científica do futuro. Passa a privilegiar-se a definição de conceitos, no sentido em que o bem cultural, o património e a memória passam a ser encarados como elementos importantes para a compreensão das suas características extrínsecas. Assiste-se à ascensão do conceito de museu descentralizado e à musealização de instituições culturais e comerciais, numa perspectiva de função social e vertente comercial, começando a haver uma racionalização da gestão dos museus, projectando-a para além do momento actual.

Assiste-se ao aparecimento de um grandioso movimento de musealização de espaços naturais: o ecomuseu. A ideia de criar um tipo de museu tão específico surgiu com Hugues de Varine-Bohan e Georges Henri-Rivière. Numa das suas primeiras definições de ecomuseu, Rivière (1993: 375) define-o da seguinte maneira: *un museo del tiempo, cuando la explicación remonta hasta la época en que apareció el hombre, escalonándose a través del tiempo en el que ha vivido y que desemboca en la época actual. Con una apertura hacia el mañana y los problemas que plantea.*

Un museo del espacio. De un espacio puntual, en torno a temas que merezcan que uno se pare en ellos. De un espacio lineal, observado en unos paseos...

A função do ecomuseu é a conservação e a valorização do património, num sentido lato do termo, de um determinado território, implicando sempre a população. Neste sentido, a população passa a ter, talvez pela primeira vez na história dos museus, um papel activo na instituição e junto dos seus responsáveis.

Para a nova museologia o objectivo é trabalhar a identidade e a memória colectiva que as comunidades estabelecem com o património. Nesta nova interpretação da relação entre os indivíduos e o património no seu meio ambiente, é fundamental consciencializar a comunidade para a função de preservação, para que se criem estratégias e implementem políticas nesse sentido. Por este motivo, a acção comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários é fundamental para o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social.

Por último, é essencial a forma como interpretamos e nos consciencializamos da relação e influência que existe na construção da identidade pessoal e colectiva por parte da herança cultural e natural. O papel comunitário transforma-se a nível museológico e patrimonial porque deixamos de ser meros espectadores para assumir uma participação activa nesse processo.

Nos anos que se seguiram à criação do ICOM, foram produzidos documentos, a partir não só de argumentações teóricas como também da análise de experiências inovadoras concretas, os quais se revelaram essenciais para a construção e estruturação do pensamento museológico contemporâneo e vieram alterar as práticas museológicas.²²

Mantendo as funções de investigação e interpretação, o museu, criando outras vias para trabalhar no âmbito museológico, reforça-se através da memória, do património e da herança cultural. Neste sentido, pretende-se que a comunidade museológica internacional e os poderes públicos reconheçam, adoptem e apliquem este tipo de museologia activa, criando um comité internacional 'Eco museus/Museus comunitários' no quadro do ICOM e uma federação internacional da nova museologia associada ao ICOM e ao ICOMOS, com sede no Canadá.

²²Na Declaração produzida durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, organizada pelo ICOM, esta primeira expressão pública e internacional da nova museologia deixa perceber nas suas entrelinhas a constatação dos graves desequilíbrios sociais vividos pelos países latino-americanos. Desta saíram conceitos fundamentais, como o de Museu Integral, que defende que a instituição museal deve "desempenhar um papel decisivo" e activo nas questões sociais, económicas e culturais, através de acções educativas junto da comunidade que lhe está próxima, utilizando o património como pretexto. Defende-se também a interdisciplinaridade na esfera museológica, no sentido de que os museus não devem trabalhar numa área fechada e ter atitudes "impermeáveis" em relação ao exterior, mas sim interagir com outras disciplinas. Por outro lado, reforça-se a ideia de descentralização do museu a nível geográfico, na acção institucional (entendimento da relação entre o património e as pessoas e sua problematização), e altera-se a noção de utilizador (o público não é mero visitante, passa a ser beneficiário do espaço).

Ao longo do século XX assistimos à democratização da instituição museológica. Podemos afirmar que os museus e a museologia caminham para uma maior aproximação e conseqüente desenvolvimento de acções especificamente direccionadas à comunidade e um rigor maior no que toca a questões teóricas e práticas, constantemente adaptadas às mutações infundáveis da nossa realidade social.

2.1.4 - O museu como instituição

a) A missão

Para poder definir a sua estratégia, toda e qualquer organização tem que saber qual a missão e quais os valores pelos quais se rege. O museu não é excepção. Segundo Garcia (2003: 134) *a declaração de missão do museu deve funcionar como a sua “lei fundamental” e como grande orientadora da gestão, impondo limites e apontando direcções, constituindo-se como um importante instrumento para facilitar tomadas de decisão conscientes.*

A missão deve ter em conta não só as linhas orientadoras de acção estratégica dos museus mas também os seus princípios éticos. Para além disso deve ter utilidade prática, servindo de base para definição dos objectivos da instituição.

b) Os recursos humanos

Os recursos dos museus estão representados pelas suas colecções e pelo edifício, mas não podemos esquecer ou ignorar que também inclui o quadro de pessoal, o qual, na sua totalidade, é vital para o seu funcionamento.

A interpretação que os conservadores fazem sobre a importância das colecções do museu, no que toca à sua agregação, conservação e documentação, aquisição, exibição e selecção, a sua atitude no âmbito do edifício do museu, a sua relação com os mecanismos de organização do museu e a sua atitude face ao público, são factores chave para a essência do museu e para a percepção que o público tem do mesmo.

Todos os colaboradores, sejam eles profissionais qualificados ou não, são essenciais para criar uma boa relação entre o museu e o público e, ao mesmo tempo, podem colaborar no processo de decisão.

O pessoal dos museus, principalmente nos de maior dimensão, tem vindo a converter-se, ao longo do século XX, num grupo de profissionais qualificados, abrangendo conservadores, que se vão especializando nas várias temáticas das colecções, educadores e até especialistas em marketing.

É necessária a formação a nível da “atenção ao cliente”. As pessoas responsáveis pelos serviços de apoio (cafetaria, lojas, restaurantes, etc.) têm também um papel a cumprir, dado que é necessário satisfazer as exigências do público. Todos os membros do pessoal têm um papel bem definido e ciente da missão do museu, do seu plano estratégico, têm de saber porque é que o público é importante para o museu e como ajudá-lo a obter a experiência que pretendiam.

Porém, sem margem para qualquer dúvida, é a personalidade e atitude do director, no fundo a imagem do museu, que prevalece no que respeita à representatividade institucional. O director representa a força que gera ideias e melhoramentos ou que permite aos seus colaboradores tomarem iniciativas.

c) O público

A relação museus/público alterou-se significativamente nos últimos anos, desde o tempo em que o público quase não tinha voz nem voto nos assuntos do museu, até ao outro extremo em que o público é o factor primordial.

Os museus eram tidos como chatos e cansativos de visitar, com exposições pouco atraentes, comparados a um depósito de velharias, onde não se podia falar alto ou correr. Nestes últimos anos mudaram, ampliaram as opções culturais e de entretenimento para atrair um público sedento de informação e lazer. Desta forma, abriram salas de cinema e teatro, restaurantes, livrarias, lojas de design e incluíram nas suas exposições novas tecnologias que atraem o público jovem, como cd-rom, multimédia e elementos interactivos que atraem a participação do público.

São vários os aspectos que intervêm para que o público entre no museu: o fácil acesso físico, a discriminação positiva e o marketing de objectivos. Nos museus, a preocupação com o mercado é semelhante à tida com o público.

Para que um museu funcione correctamente, deve ter uma noção clara do seu público e daquilo que oferece. Qual o objectivo da comunicação nos

museus? Até que ponto se pode incorporar a comunicação na experiência ao longo da visita? Para quem é que o museu direcciona a sua comunicação?

É de grande importância a relação que o museu estabelece com o público durante uma visita, uma vez que é possível estabelecer um contacto próximo com o visitante e persuadi-lo, dentro do próprio edifício, de que valerá a pena voltar ao museu.

d) A organização

Os funcionários, o edifício do museu e a colecção estão sujeitos a pressões que podem influenciar, directa ou indirectamente, a vida e cultura da instituição. Todos estes elementos constituem os mecanismos de organização. Este termo engloba a estrutura interna do museu e também os órgãos internos que o afectam. O controle da estrutura de organização do museu está baseado em mecanismos de financiamento, ainda que possa ter uma influência política ou social.

Gerar lucros em grandes museus alcançou um nível de sofisticação que está muito longe da realidade dos pequenos museus. Os financiamentos vão desde os donativos filantrópicos, aos provenientes de empresas, passando pelos patrocinadores. A relação entre o museu e o organismo que o financia é crucial para determinar a política.

Devido ao facto de os museus não serem auto-suficientes, a maioria deles está consciente de que para atrair um número bastante razoável de visitantes tem de oferecer algo que seja particularmente apelativo, diferente de outros museus, no fundo, atracções para o lazer e ócio.

e) O marketing

O marketing e novas formas de gestão aplicados a museus são implementados pela primeira vez em instituições culturais no Continente Americano, já em meados do século XX. Por esta altura, surgem os primeiros museus americanos voltados para as massas, numa perspectiva de centros culturais e museus dinâmicos, vendo ampliadas as suas fronteiras de actuação, sempre numa perspectiva de rentabilização e angariação de públicos. Começam, então, a ser desenvolvidos programas e actividades que asseguram um auto-financiamento extremamente benéfico, os quais passam

por um alargamento dos serviços museais, como lojas, cafetarias, restaurantes, etc, em horários que vão de encontro aos desejos e necessidades do público.

Actualmente, os museus já não se organizam em torno dos seus acervos, mas sim em função das necessidades, em permanente mudança, das pessoas. Assim, o valor dos acervos é incorporado ao relacionamento imediato que estabelece com o público.

Na realidade, no contexto dos museus não se persuade realmente o público para que faça uma visita, só se deve e pode actuar na qualidade de incentivo, como uma atracção. A estratégia de marketing tem que convencer o público em geral para que visite o museu, utilizando o contexto como meio de atracção. Portanto, as técnicas de persuasão do marketing, a promoção do museu, também têm de contar com a melhoria da experiência total no mesmo.

Para que os museus tenham uma maior orientação face ao público, o responsável pelas actividades de marketing tem de ter um conhecimento profundo da instituição, da realidade museológica em geral, da sua missão e dos seus objectivos (McLean, 1998: 367).

f) A avaliação

A avaliação do papel do museu e das actividades que desenvolve é fundamental para o seu sucesso e melhoria contínua. Alt y Morris (1979) citados por Miranda (2001: 239) sugerem três técnicas para avaliar as actividades dos museus: a) inquérito de opinião aos visitantes (que deve incluir questões sobre acessos, sinalização, recursos humanos, informação/interpretação, exposições, participação do público, acessibilidades para deficientes e segurança); b) questionário de assimilação de conteúdos das actividades dos serviços educativos; c) estudos de comportamento do público (observação do tempo de atenção, preferências, etc.).

Como refere Pérez Santos, (2000: 53) *a avaliação num contexto museológico deve estar fundamentada sobre um processo de amostragem que assegure a inclusão de todos os subgrupos sociais que constituem o público objectivo de cada estudo.*

2.1.5 – O papel dos museus no mercado do turismo

Os museus desempenham um papel preponderante nos sectores económico, cultural e de lazer de cada país. Constituindo verdadeiras atracções turísticas, estas estruturas são uma peça fundamental no mercado do turismo cultural. O número de visitas aos museus tem crescido de forma exponencial, tendo-se assistido, como consequência disso, a uma proliferação de espaços museológicos por todo o mundo.

Nos últimos anos, o turismo internacional e, conseqüentemente, os lucros económicos que gera, têm constituído um dos principais motivos de investimento nos museus. Actualmente há museus que atraem multidões, constituindo, só por si, importantes atracções turísticas. Considerada um dos maiores desafios arquitectónicos da actualidade, a concepção de um museu pode constituir oportunidade para a constituição de espaços alternativos e surpreendentes merecedores de maior atenção do público do que o próprio conteúdo acolhido. É o caso, por exemplo, do Museu Guggenheim de Bilbao, um projecto vanguardista do arquitecto americano Frank Gehry.

O desenvolvimento do turismo cultural é, por isso uma consequência do aumento da oferta, verificando-se um incremento considerável do número de atracções em toda a Europa. No Reino Unido, por exemplo, o número de museus aumentou de 876 em 1963 para 2500 em 1984; na Itália, entre 1984 e 1993 cresceu 32%; e na Alemanha, o número de museus subiu em 21% entre 1982 e 1986; e mais de 33% entre 1986 e 1990 (Richards, 2005: 15-17).

Em Portugal, segundo Neves e Santos (2006: 7), o número de auto-denominados museus abertos ao público cresceu de 728 em 2000 para 1018 em 2005, tendo os museus polinucleados registado um aumento de 42%. Além disso, tal como referem os autores, *de 2000 para 2005 não só passaram a existir mais museus a funcionar, como cresceram também os projectos e as intenções de criar museus*. Há notoriamente, uma tendência para a requalificação (com recurso a fundos comunitários) de parte significativa dos museus, a qual surge na sequência da criação da Rede Portuguesa de Museus e da distinção que a nova Lei-quadro dos Museus Portugueses ²³ estabelece entre museus e colecção visitável.

²³ Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto

Mas o desenvolvimento do turismo cultural é também consequência da procura: (na Holanda, entre 1980 e 1991, as visitas a museus aumentaram quase 50%; na Inglaterra, aumentaram 23% entre 1980 1991; e na França, as visitas ao Louvre cresceram de 2,7 milhões em 1998 para mais de 6 milhões em 1994,).²⁴

Os museus passaram a ser integrados nos pacotes turísticos dos agentes de viagens, constituindo assim parte importante da oferta turística a nível internacional. Tal com refere Garcia (2003: 38) ... *o desenvolvimento do turismo nacional e, sobretudo, internacional, inscreve estas instituições nos “guias turísticos”, passando a fazer parte da total “destination”.*

Efectivamente, a maior parte dos operadores turísticos começou a incluir a visita a museus nos circuitos das capitais europeias. A Agência Abreu²⁵, por exemplo, inclui três museus em Madrid (Museu do Prado, Museu Centro de Arte Rainha Sofia e Museu Thissen Bornemisza) e três museus em Londres (Torre de Londres, British Museum e Museu de Cera Madame Tussouds). Com dois museus são contempladas as cidades de Amesterdão (Rijksmuseum e Museu Van Gogh), S. Petersburgo (Museu Russo e Museu Hermitage), Moscovo (Museu Histórico Estatal e Galeria TretyaKov) e Oslo (Museu Munch e Museu dos Barcos Vikings).

A Lusanova²⁶ inclui entre outros, o Museu Picasso em Barcelona, o Museu do Louvre em Paris, a Casa de Anne Frank em Amesterdão, o Museu Check Point Charlie em Berlin e o Museu de Belas Artes em Viena. Já a Halcon Viagens²⁷ e a Travelider²⁸ incluem o Museu Rainha Sofia em Madrid, o Museu do Louvre em Paris e o British Museum em Londres.

Quanto à Nortravel,²⁹ inclui o Museu Vasa em Estocolmo, o Museu de Barcos Vikings em Oslo, a Torre de Londres em Londres, o Museu do Castelo em York, o Museu do Louvre em Paris, o Museu Romano – Germânico em Colónia, o Rijksmuseum em Amesterdão, os Museus de História de Arte e de Ciências Naturais em Viena, o Museu do Vaticano e da Capela Sistina em

²⁴ FERREIRA, Ana Maria, MARTINS, Ana Isabel (2007) *O Evento FCNC 2005 e o Turismo*, Universidade do Algarve, Faro pp.103 - 106

²⁵ Catálogo Circuitos Europeus 2009/2010

²⁶ Catálogo Europa cidades e circuitos/Verão 2009

²⁷ Catálogo Férias Halcon Europa/Verão 2009

²⁸ Catálogo Circuitos pela Europa/Verão 2009

²⁹ Circuitos Nortravel Especial Primavera 2009

Roma, o Museu da Aldeia em Bucareste e três museus em Zagreb (o Museu de Artes e Ofícios, o Museu Mimara e o Museu de Arte Naif).

Garcia afirma que o público juvenil tem vindo também a ganhar expressão, devido à tomada de consciência da importância da educação não formal, pelos sistemas educativos mundiais. ... *Também o apelo dos sistemas educativos no sentido a formação complementar “fora da sala de aula” e a consequente transformação de muitos museus em centros educativos, renovou as fileiras da sua audiência com grande número de crianças, jovens e educadores* (Garcia, 2003: 38).

A Tabela V é ilustrativa do número de visitantes aos principais museus do mundo, sendo o British Museum de Londres o museu mais visitado, com mais de 5 milhões de visitantes por ano.

TABELA V – N.º DE VISITANTES AOS PRINCIPAIS MUSEUS MUNDIAIS

| Instituição | Localização | N.º de visitas | Ano |
|----------------------------|----------------------|----------------|-------------|
| The British Museum | Londres, Reino Unido | 5. 460 537 | 1999 |
| Louvre | Paris, França | 5. 261 000 | 1999 |
| Tate Modern | Londres, Reino Unido | 5. 250 000 | 2000 /2001 |
| Metropolitan Museum of Art | Nova York, EUA | 5. 200 000 | 2000 |
| Musée d' Orsay | Paris, França | 2. 260 000 | 1999 |
| The Natural History Museum | Londres, Reino Unido | 1. 747 000 | 1999 - 2000 |
| Galleria degli Uffizi | Florença, Itália | 1. 414 484 | 1998 |
| Guggenheim Bilbao | Bíbao, Espanha | 1. 300 000 | 1999 |
| Rijksmuseum | Amsterdão, Holanda | 1. 308 301 | 1999 |
| Pergamonmuseum | Berlim, Alemanha | 600 000 | 2000 |
| Museu dos Coches | Lisboa, Portugal | 333 492 | 1998 |
| Museu de Serralves | Porto, Portugal | 219 000 | 1999 - 2000 |

Fonte: Garcia (2003)

Este número tem evoluído ao longo dos anos. O Museu do Louvre, por exemplo, passou de 5 261 000 visitantes em 1999 para 7 859 000 em 2007³⁰.

³⁰ www.louvre.fr/lv/comun/home.jsp (19 de Maio de 2009)

Em Portugal, o Museu dos Coches lidera as estatísticas, com 333 493 visitantes em 1998, embora se tenha verificado em decréscimo de visitantes que, em 2008, passou para 228.570.³¹

O número de visitantes aos museus que pertencem ao Instituto dos Museus e da Conservação evoluiu de 927 389, em 2005 para 1 218 718, em 2008 (mais 31,4%). (Tabela VI)

³¹ www.imc-ip.pt

TABELA VI - EVOLUÇÃO DO N.º. DE VISTANTES AOS MUSEUS DO IMC (2005 – 2008)³²

| Instituição | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
|---|----------------|------------------|------------------|------------------|
| C.-M. Dr. Anastácio Gonçalves - Lisboa | 7.601 | 6.309 | 9.789 | 12.235 |
| M. do Abade de Baçal - Bragança | 6.850 | 721 | 9.325 | 8.578 |
| M. de Alberto Sampaio - Guimarães | 34.003 | 34.495 | 46.107 | 49.057 |
| M. de Aveiro | 24.328 | 29.601 | 51.452 | 43.294 |
| M. dos Biscainhos - Braga | 17.347 | 23.544 | 24.201 | 31.058 |
| M. de Cerâmica – Caldas da Rainha | 20.242 | 24.129 | 17.319 | 15.765 |
| M. do Chiado - Lisboa | 30.452 | 48.587 | 48.119 | 29.965 |
| M. Et. e Arq. Dr. Joaquim Manso - Nazaré | 25.162 | 36.945 | 16.391 | 10.887 |
| M. de Évora | 6.968 | 9.405 | 10.209 | 7.442 |
| M. de Francisco Tavares Pr. Jr. – Castelo Branco | 10.580 | 18.164 | 14.665 | 19.504 |
| M. Grão Vasco - Viseu | 33.610 | 45.591 | 57.473 | 50.855 |
| M. da Guarda | 4.509 | 8.792 | 9.297 | 11.116 |
| M. de José Malhoa – Caldas da Rainha | 26.164 | 9.588 | 6.728 | 6.597 |
| M. de Lamego | 18.702 | 17.649 | 19.418 | 22.223 |
| M. Monográfico de Conímbriga – Condeixa – a - Velha | 97.168 | 93.288 | 119.592 | 96.905 |
| M. da Música - Lisboa | 7.648 | 12.364 | 11.585 | 8.991 |
| M. Nac. de Arqueologia - Lisboa | 61.756 | 102.028 | 130.104 | 125.594 |
| M. Nac. de Arte Antiga - Lisboa | 104.610 | 192.452 | 103.109 | 92.635 |
| M. Nac. do Azulejo - Lisboa | 70.477 | 75.031 | 79.347 | 77.580 |
| M. Nac. dos Coches - Lisboa | 204.067 | 221.428 | 222.349 | 228.570 |
| Núcleo de Vila Viçosa | 13.722 | 13.472 | 16.535 | 19.706 |
| M. Nac. de Etnologia - Lisboa | 10.461 | 11.895 | 13.232 | 10.242 |
| M. Nac. de Soares dos Reis - Porto | 18.741 | 26.302 | 59.430 | 52.520 |
| Nac. do Teatro - Lisboa | 24.943 | 51.279 | 68.257 | 64.277 |
| M. Nac. do Traje - Lisboa | 37.773 | 45.683 | 43.764 | 50.971 |
| M.D.D. de Sousa - Braga | ----- | 10.213 | 20.687 | 53.845 |
| M. de Terras de Miranda – Miranda do Douro | 9.505 | 10.739 | 14.567 | 18.306 |
| Total | 927.389 | 1.179.694 | 1.243.051 | 1.218.718 |

Fonte: Instituto dos Museus e da Conservação

³²O Instituto dos Museus e da Conservação tutela 28 museus e 5 palácios nacionais; www.imc-ip.pt (dia 14 de Maio de 2009)

Conforme comprovado na Tabela VII, se considerarmos, a título exemplificativo, o número de visitantes à Fundação de Serralves, verificamos que houve uma evolução de 334 068, em 2004 para 412 550 em 2008.

TABELA VII - EVOLUÇÃO DO Nº. DE VISTANTES À FUNDAÇÃO DE SERRALVES ENTRE 2004 E 2008³³

| Data | Nº. Visitantes |
|-------------|-----------------------|
| 2004 | 337 068 |
| 2005 | 349 028 |
| 2006 | 316 602 |
| 2007 | 363 765 |
| 2008 | 412 550 |

Fonte: Fundação de Serralves

A Fundação de Serralves, que aumentou exponencialmente o número de visitantes entre 1999 e 2008, recebe actualmente cerca do dobro de visitantes do Museu dos Coches, o museu mais visitado da Rede Portuguesa de Museus. Trata-se de exemplo de boas práticas no que diz respeito às actividades de serviço educativo e à comunicação com os vários públicos.

As motivações do público sofreram também, ao longo dos anos, alterações significativas. Hoje em dia, pretende-se que os museus proporcionem ao mesmo tempo educação e divertimento.

Faria (1995: 182) baseia-se nas teorias de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) ao afirmar que *parece haver uma tendência para investir o lazer de experiências emocionalmente tão intensas como as que se vivem noutros momentos do dia a dia*. Esta tensão é, no entanto, uma tensão simulada e constitui a base de um conjunto de experiências de lazer a que os autores chamaram “experiências miméticas”.

Esta nova realidade surge com o Pós-modernismo e encara o museu

³³ <http://www.serralves.com/gcal/2id=241>(dia 19 de Maio de 2009)

como um espaço não só educacional mas também recreativo onde são proporcionadas experiências únicas aos visitantes, tendo estes uma participação activa e um grau de exigência que aumenta a cada nova experiência. Como consequência desta alteração de paradigma, a função museológica passou a ser, fundamentalmente, um processo de comunicação que permite interagir com a comunidade, colocando-se novos desafios no que diz respeito à captação e fidelização do público.

Com efeito, desde a natureza às funções dos espaços museológicos, dos públicos, efectivos ou potenciais, aos recursos financeiros, materiais e humanos – das acessibilidades (sob os diversos pontos de vista e não apenas físico) às formas de administração e gestão, tudo tem vindo a ser repensado (Mendes, 2003: 2).

Surgem novos métodos de gestão e começam a ser implementadas técnicas de marketing adaptadas aos espaços museais. O marketing visa auxiliar na concretização da missão do museu uma vez que, através dos seus métodos (a pesquisa de opinião, por exemplo), permite traçar o perfil do usuário (daqueles que frequentam o museu e daqueles que não o frequentam) com o objectivo de, na medida do possível, responder às expectativas dos visitantes, captar novos públicos e melhorar a política de gestão com vista ao seu auto-financiamento.

O museu vai mergulhando, cada vez mais profundamente, numa lógica de mercado, pela necessidade de conquistar novas audiências... De facto, as ofertas comerciais, como lojas, cafés, restaurantes e espaços de aluguer, vão ganhando terreno às próprias galerias de exposição, e os serviços de apoio ao visitante, incluindo parques de estacionamento, salas de repouso, jardins, salas para bebés, pontos de Internet vão-se generalizando, como resposta às exigências de um público à “qualidade” dos serviços. (Garcia, 2003: 113).

Embora o relacionamento entre museus e turismo não seja pacífico, os museus são vistos cada vez mais como parceiros e colaboradores dos agentes turísticos, quer na promoção das suas colecções quer no desenvolvimento de actividades de descoberta e interpretação do património. No seu Boletim Trimestral, a APOM (Associação Portuguesa de Museus) chama a atenção para este aspecto, afirmando que: *os museus devem adaptar os seus conteúdos informativos e preparar os serviços educativos*

para enquadrar de modo adequado grupos de visitantes de contextos muito distintos e que, frequentemente, desconhecem em profundidade as características das regiões que visitam, contribuindo para uma melhor compreensão e tolerância da diversidade das realidades históricas, culturais e ambientais”.³⁴ O facto de ter sido o turismo o tema proposto para as VII Jornadas do ICOM, demonstra que não se podem adiar mais as relações entre os museus e o turismo. Para o turismo, os museus valem como recurso económico e estes beneficiam com a sua utilização para fins turísticos.

Efectivamente, museus e turismo devem ser parceiros e não antagonistas³⁵. Embora tenham objectivos que não são comuns, devem trabalhar em conjunto porque existem benefícios claros resultantes de uma aproximação entre os dois.

Os *clusters* baseados nos museus constituem-se como estratégias de sucesso e a concentração física dos museus e de outros equipamentos e atracções trazem vantagens: partilha de infra-estruturas; transportes públicos; acessibilidades; e maior capacidade de resposta multi-funcional a diferentes audiências e necessidades (Aalst and Boogaarts, 2002) citado por Gonçalves: 2009).

Cabe ao turismo respeitar o património e aos museus perceberem as diferenças deste tipo de público e desenvolverem actividades que tenham em conta as suas necessidades específicas: diferentes motivações, menos tempo, necessidade de contextualização das colecções, maior necessidade de participação, horários diferenciados, sinalética adequada e material informativo devidamente traduzido. Para além disso, o museu deve tentar saber qual o local de proveniência dos turistas, monitorizar o seu grau de satisfação e efectuar a comunicação do espaço junto dos agentes turísticos: agências de viagens, operadores, hotéis, restaurantes e taxistas.

Também é importante ensinar o turista a respeitar o museu “*visitors can*

³⁴ Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Museus (on line em 19 de Maio de 2009)

³⁵ 'Museus e Turismo', foi este ano o tema proposto pelo ICOM para o Dia Internacional dos Museus (18 de Maio), tendo sido igualmente o tema das VII Jornadas do ICOM-Portugal, realizadas em 28 e 29 de Abril na Fundação Calouste Gulbenkian, sob o título: Museus, parceiros ou antagonistas? Temas debatidos: Serão os objectivos destas duas áreas incompatíveis? Haverá formas de conciliar a obrigação de educar para a preservação do património e a vontade de criar produtos atractivos, comercialmente viáveis e lucrativos? Será que existem objectivos comuns, que possam levar à criação de parcerias para o desenvolvimento de um turismo cultural sustentável?

learn to enjoy and not destroy".³⁶

Impõe-se, por isso, o trabalho em rede. O trabalho em rede permite estabelecer pontes entre os vários segmentos turísticos e os museus.³⁷ Ao estabelecerem parcerias, os museus podem criar pacotes que incluam almoço, entrada no museu e uma actividade familiar ou individual ou podem emitir cartões que incluam a visita a outros museus ou a realização de outras actividades complementares.

Em 2000, o ICOM, em colaboração com os Comitês Nacionais do Peru e da Bolívia, promoveu uma conferência sobre os museus, o património e o turismo cultural.³⁸ Os participantes na conferência redigiram uma proposta para uma Carta de Princípios sobre os museus e o turismo cultural. Esta proposta oferece uma orientação e uma base conceptual para uma prática profissional deontológica. O seu objectivo é garantir modos de utilização, de interpretação e de gestão do património cultural que favoreçam a sua preservação e respeito, visando o interesse das gerações futuras.

2.2 – SERVIÇOS EDUCATIVOS

2.2.1- Serviços educativos no museu

A sociedade actual encontra-se em permanente mutação, e, nas últimas décadas, passou-se da Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem.

Tal como referem Barriga e Gomes da Silva (2007: 9), *esta mudança de paradigma promove cada vez mais a consciência de que os indivíduos são activos na sua construção de conhecimento e de que os equipamentos culturais e educativos têm um papel fundamental a cumprir neste campo.*

Efectivamente, uma das funções inerentes ao conceito de museu é a função educativa, a qual se tem destacado nestes últimos anos em termos de

³⁶ Conclusões das Jornadas do ICOM sobre Museus e Turismo (27 e 28 de Abril de 2009)

³⁷ Resultantes de uma parceria entre o Ministério da Cultura, o IMC e o Turismo de Portugal, foram recentemente editados um Guia Técnico dos Museus e Monumentos Nacionais e um desdobrável, intitulado Museus de Portugal. O folheto sobre os museus da Rede Portuguesa de Museus, intitulado "Museus de Portugal", contempla os 121 museus integrados na RPM, com breve identificação e referências de cada um, ilustrado com fotografias e organizado por regiões, editado em português, inglês e espanhol. O Guia Técnico dos Museus e Monumentos Nacionais destina-se aos agentes económicos do sector do Turismo e tem por objectivo o melhor aproveitamento dos equipamentos culturais para a realização de eventos.

³⁸ www.icom.fr(dia 1 de Maio de 2009)

estudo e investigação e tem vindo a ganhar relevo no âmbito das actividades inerentes ao museu.

Camacho (2007: 28) define serviço educativo da seguinte maneira:

Uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objectivos educativos. Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica de educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e de investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição.

A terminologia foi evoluindo e recentemente utiliza-se a denominação “serviço de acção comunitária”, que vai de encontro aos objectivos de actuação do museu no campo sócio-cultural.

Devido aos novos hábitos sociais, os museus deixaram de estar focalizados só nos objectos e passaram a focalizar-se também no público. Há dois tipos de público a ter em conta no museu, um público real que visita o museu e um público potencial que não tem oportunidade de efectuar a visita e/ou desconhece a sua existência. Dentro do público real podemos distinguir entre público global (que visita o museu por iniciativa própria) e público especializado (que pode variar segundo a idade, o sexo, o nível intelectual ou a condição sócio – profissional) (Hernandez, 2001: 268). A comunicação desempenha um papel importante na motivação do público potencial e pode ser posta em prática através da rádio, imprensa escrita e televisão. Para além disso, a comunicação tem sido utilizada nos museus para tornar significativas aos visitantes, a identidade e as funções dos objectos apresentados e constituiu-se como plataforma para a educação não formal. Actualmente a informação sobre museus é veiculada cada vez mais através da Internet, o que permite dar a conhecer o museu, a sua colecção e os seus serviços a nível mundial.

Com o alargamento da missão educativa do museu, houve um aumento e diversificação do seu público-alvo. A par das actividades para o público escolar, surgem programas educativos para famílias, para grupos culturalmente minoritários, para a terceira idade, para indivíduos com necessidades educativas especiais. Com o crescente uso das novas tecnologias, alguns

museus disponibilizam ao público em geral uma visita virtual, ou seja, o visitante virtual é aquele que acede ao museu através da internet e aí pode explorar as colecções e as próprias galerias através de casa. (Barbosa e Carvalho, 2007: 313).

Podemos concluir que os serviços educativos dos museus surgem da necessidade de pôr o museu em contacto com o público, sendo, por isso, um dos seus principais objectivos, o estudo, conhecimento e investigação desse mesmo público. São ainda objectivos destes serviços, potenciar a missão educativa, dinamizar o museu e promover o envolvimento da sociedade nas suas actividades. Cabe-lhes a responsabilidade de desenvolver actividades educativas e deverão fazê-lo, tal como refere Hernandez (1998: 274) *tendo em conta as características do museu, a sua contextualização territorial, o tamanho e a natureza das colecções e os meios humanos e materiais disponíveis.*

Existe um leque alargado de tarefas que os museus podem desenvolver: exposições, actividades criativas, recreativas e lúdicas, visitas guiadas e ateliers – laboratório. Todas elas devem ter em conta o sistema educativo e os respectivos planos curriculares.

Concordamos com Faria (2000: 20-21) quando refere que *os museus devem esforçar-se por adaptar os seus recursos às necessidades curriculares escolares, e as escolas partilhar com os museus os novos contextos educacionais ligados a novas conjunturas sociais e culturais.*

Além disso, os serviços educativos têm também uma função social, devendo chamar a atenção para os problemas do mundo. *Os museus em particular têm entre as suas colecções elementos fundamentais para ilustrar as grandes questões que ameaçam o mundo no seu todo: os problemas do ambiente, os desequilíbrios económicos e sociais, a defesa da liberdade e da democracia, entre outras. (Faria, 2000: 20-21).*

Para a realização das tarefas, os profissionais de museografia utilizam vários recursos didácticos, entre os quais se destacam as fichas/guias, as maletas pedagógicas, as exposições itinerantes, as publicações e os jogos. Tal como refere Pinto, (2003: 92) *olhar, apenas, não é suficiente para que as crianças se apropriem de um lugar e dos objectos aí apresentados. Elas têm necessidade de sentir e de tocar. Do simples puzzle ou réplica, ao objecto*

interactivo sofisticado, pode inventar-se todo o género de manipulações que apelem à observação, à imaginação, à dedução e aos sentidos.

Os serviços educativos devem colaborar na formação dos estudantes e dos educadores, levando à construção de um conhecimento do património como instrumento de reflexão. Reflexão para a preservação da memória e para a formação da cidadania cultural.

A existência de serviços educativos indicia qualidade e dinamismo e implica uma articulação que é essencial entre os museus e os agentes de ensino escolar. Além disso, os objectos dos museus podem constituir instrumentos pedagógicos únicos quando contextualizados através de recursos e discursos expositivos bem conseguidos. A aposta deve consistir em educar de forma lúdica e atractiva de forma a incentivar a criatividade e a capacidade cognitiva, estética e intelectual.

2.2.2 – A educação museológica

Por educação pode entender-se a aquisição de conhecimentos ou competências que permitem a integração do indivíduo numa comunidade, e que lhe confere ferramentas para desempenhar determinadas tarefas ou solucionar situações adversas.³⁹

Sendo o museu uma instituição pedagógica por excelência, cabe à educação museológica formar cidadãos através de actividades que devem ser desenvolvidas com a colaboração das escolas. Estas, por sua vez, devem ser implicadas na elaboração educativa do museu.

Segundo Campos (2004: 14), *a educação museológica desenvolve-se em três momentos específicos de aprendizagem que são “o antes” “o durante” e “o depois” da visita ao museu e em dois espaços distintos: a escola e o museu.*

Antes da visita ao museu os educadores devem desenvolver actividades de preparação que visam, na opinião de Allard e Buchet (1999: 19) citados por Campos (2004: 15), *que os alunos e os professores tenham todos os elementos requeridos tanto ao nível dos conhecimentos como das informações, para aproveitar plenamente a sua visita ao museu.* Tal como estes autores

³⁹ SILVA, Sandra, *Uma abordagem à experimentação e à criatividade pelo serviço educativo do Museu Nacional de Etnologia*, Comunicação apresentada na Conferência Nacional para a Educação Artística. (on line no dia 10 de Maio de 2009)

referem, durante a visita ao museu, a actividades a desenvolver pelos alunos devem favorecer a recolha de informações, incitar o aluno a uma participação activa, conferir um aspecto lúdico às actividades, prever momentos de relaxamento e reservar uma atenção especial à recepção.

Segundo Pinto (2003: 94), *o tipo de visita a realizar depende de diversos factores: o nível de experiência dos alunos, o local a visitar, a duração da visita, os objectivos de carácter geral e específico que se pretendem atingir. Na preparação e organização da visita, é aconselhável que os professores definam o tipo pretendido, dado que a opção tem implicações no material a produzir:*

- Pode-se optar por uma visita guiada ou dirigida (por professores ou por guias) em que se valoriza, sobretudo, a transmissão de conhecimentos. Este tipo de visita é, geralmente, utilizado para ilustrar um tema já leccionado. O carácter expositivo remete os alunos para um papel passivo, por isso, a atenção do grupo pode ser estimulada através de perguntas ou esclarecimentos, devendo o período de exposição ser curto e não conter excesso de informação.

- Por outro lado, na visita de descoberta, os alunos têm um papel mais activo, podendo ser orientados por um guião ou fichas informativas. As fichas-guia devem adequar-se ao grupo etário a que se destinam e prever actividades diversificadas, o que tornará a visita mais motivadora... podem apresentar a seguinte estrutura e conteúdos: espaço; horário/duração aproximada da actividade; os objectivos (e, até, os conteúdos programáticos) da visita; informação escrita (e.g. excertos de pequenos textos literários e jornalísticos sobre o local a visitar, ou informações especializadas): normas para interpretar o que se vê; material necessário; actividades a realizar; aspectos que merecem ser observados durante o percurso, podendo ser assinaladas pelos alunos num mapa; poder-se-ão reservar espaços para os alunos registarem as suas observações e impressões pessoais.

Após efectuada a visita, os alunos devem proceder à análise e síntese dos dados obtidos, formular as conclusões e apresentar a comunicação dos resultados. Desta forma, está a ser utilizado um modelo didáctico da utilização dos museus para fins educativos, o qual tem quatro etapas de pesquisa:

questionamento, recolha de dados, análise e síntese. Estas actividades pedagógicas podem ser desenvolvidas através de parcerias entre os museus e as escolas. Efectivamente, o museu deve ser um parceiro imprescindível das escolas à luz das várias teorias de aprendizagem entre as quais se incluem as teorias construtivistas, que, conforme referem Barriga e Gomes da Silva (2007: 59) *definem os sujeitos como sendo activos na construção da interpretação das suas experiências educacionais, a partir dos seus conhecimentos prévios, das suas competências, do seu percurso de vida, da sua bagagem cultural e da sua motivação pessoal*; a teoria da comunicação (que privilegia a relação entre comunicador, mensagem e receptor) e a teoria de Piaget (em que se dá particular realce à fase das operações concretas e que tem sido ultimamente complementada com outras que dão primazia ao manuseamento dos objectos, dando origem à trilogia da aprendizagem: “aprender fazendo” (hands – on), “fazer pensando” (minds-on) e “pensar envolvendo-se” (hearts-on).⁴⁰ Além disso, os elementos “novidade” e “descoberta” estão presentes na experiência proporcionada por qualquer actividade e deverão ser tidos em conta como fazendo parte desta (Barriga e Gomes da Silva, 2007: 60). No processo de aprendizagem, é imprescindível o conhecimento prévio do visitante, devendo existir uma componente lúdica que proporcione experiências multisensoriais.

Ultimamente tem sido seguido o modelo de experiência interactiva proposta por Falk e Dierking, que relaciona o contexto físico, pessoal e sociocultural do indivíduo, através da chamada “aprendizagem de livre escolha”.

2.2.3 – O educador de museus

Há opiniões divergentes relativamente à forma de organização do museu no que diz respeito aos profissionais e às tarefas a realizar pelos serviços educativos. Enquanto uns defendem que todo o pessoal do museu deve assumir a função educativa, outros defendem que deve haver um departamento de serviços educativos com pessoal especializado e meios adequados. Ultimamente, muitos museus têm vindo a adoptar esta última solução e a colocar o profissional de serviços educativos no mesmo patamar

⁴⁰ SILVA, Susana, Gomes, *Serviços educativos na cultura*, Colecção Públicos nº. 2, Setepés, 2007

do conservador de museus. Segundo o ICOM⁴¹, o responsável pela mediação e serviço educativo tem a seu cargo o conjunto dos programas, actividades, estudos e pesquisas destinados à relação dos acervos e temas propostos pelo museu com os seus públicos e públicos potenciais.⁴²

2.2.4 – Breve evolução histórica dos serviços educativos

Apesar da importância da função educativa dos museus, esta foi relegada para segundo plano durante muitos anos, a favor de funções como a aquisição de colecções, a investigação ou a conservação.

Nos finais do século XIX assiste-se a um grande número de alterações políticas e económicas em toda a Europa e América que vão influenciar significativamente o papel educativo dos museus. *Os actuais Gabinetes de Acção Educativa dos museus têm o seu precedente nos museus escolares surgidos em finais do século XIX na Europa e América, impulsionados pelos primeiros nacionalismos* (Castro Morales, 1998: 137). Surgem os chamados museus “escolares” “pedagógicos” ou de “educação”, cujo principal papel é a educação e o ensino e fazem-no através de bibliotecas, material escolar, colecções diversas complementadas com conferências, cursos e intercâmbios.

No Reino Unido, durante a I Guerra Mundial, vários museus nacionais tiveram um papel fundamental na preparação de programas de educação cívica sobre regras de saúde, de alimentação, de higiene básica, no sentido de solucionar problemas relacionados com a situação bélica (Hooper – Greenhill, 1991: 31).

Ao longo do século XX, a gestão do acervo sobrepôs-se ao papel pedagógico dos museus. Os conservadores assumiram o papel principal em todo o processo expositivo, centrando-se sobretudo na conservação e na investigação. A partir de 1946, com a criação do ICOM, dá-se uma revitalização de toda a estrutura dos museus. *As conclusões surgidas das várias reuniões*

⁴¹ www.icom-ip.p (16 de Maio de 2009)

⁴² Desempenha as seguintes funções:

- Participa, sob a responsabilidade do director, na definição da política de públicos e define o programa das actividades em função do conjunto dos públicos-alvo. Para isso estabelece uma rede de organismos exteriores que funcionem como pontos de ligação junto dos públicos-alvo;
- Associa os diferentes responsáveis científicos do museu às colecções, à concepção e à produção de materiais de apoio à visita; é responsável pela formação de mediadores;
- Participa na formação do pessoal de acolhimento e vigilância;
- Participa na realização de exposições;
- Prepara e disponibiliza os instrumentos de avaliação dos programas e das acções.

de trabalho serviram de referência e orientação para todos os museus do mundo. A preocupação pelos temas educativos está presente em algumas destas reuniões, como a celebrada em 1958 no Rio de Janeiro sobre “O papel pedagógico dos museus” (Hernandez, 2001: 265).

Surge o Comité Internacional de Educação e Acção Cultural (CECA) e os museus começam a articular-se com a comunidade, a rentabilizar as suas actividades e a desenvolver serviços educativos.

A partir da Década de 60, o serviço educativo passa a ser desenvolvido “com” e “para” as escolas, como complemento do sistema educativo. Além disso, tal como refere Gonçalves (2002: 120) *a educação nos museus converte-se numa matéria de reflexão e de estudo. Passa-se de uma política museística, centrada no objecto, na sua aquisição e conservação, para uma política centrada nos sujeitos que dele podem usufruir.*

Na Década de 70 surgem no Reino Unido os museus itinerantes, especialmente concebidos para trabalhar com as escolas, em zonas do país de interior ou em zonas periféricas das cidades. (Faria, 2000: 5)

Nos Anos 80, na sequência da consagração do chamado “museu integral”, entendido como pólo gerador de formação, não só do público escolar mas de toda a comunidade, o museu passa a ser encarado como uma instituição de serviço público aberta a todos os cidadãos. O papel educativo deixa de estar circunscrito ao público escolar e passa a abranger também famílias, grupos sénior, turistas. Nesta altura *a educação passa a ser a pedra de toque na condução do todo o museu (Hooper – Greenhill, 1992: 624).*

A nova museologia privilegia a relação entre a educação não formal e os meios de comunicação presentes na exposição. Passando o visitante a ser o protagonista, promove-se a auto-aprendizagem através da programação de actividades lúdico-pedagógicas.

A partir da Década de 90 deixam de ser efectuados estudos sobre a eficácia educacional dos museus. Os visitantes actuais *divertem-se e deambulam um pouco por todo o lado, guiados por pequenas coisas que os atraem, muitas vezes extrínsecas à exposição, assim como pelos próprios interesses e por conhecimentos e memórias adquiridas ao longo das suas vidas (Craf, 1994: 79, citado por Faria (2000: 7).*

Os serviços educativos têm que criar actividades para esta nova sociedade consumista dominada pelas tecnologias e muito influenciada pelos “*mass média*”. São públicos heterogéneos que requerem tipos de comunicação diversificados, inovadores e com uma forte componente lúdica.

2.2.5 – Os serviços educativos em Portugal

O desenvolvimento de serviços educativos é um dos requisitos exigidos para a integração dos museus na Rede Portuguesa de Museus.

Um estudo efectuado pelo INE em 2002⁴³ sobre os Serviços educativos dos museus pertencentes à Rede Portuguesa de Museus, revela que à época, 48% dos museus tinha serviços educativos. Destes, 2/3 eram museus dependentes da Administração Central, predominando os museus mais antigos, anteriores a 1970.

Conforme refere Camacho (2007: 29), em 2007 já havia 91% de museus da Rede com serviços educativos, desenvolvendo os outros 9% “actividades pontuais de acção educativa”. Há, pois, uma grande evolução na percentagem de museus com serviços educativos que passa de 48% em 2002 para 91% em 2007.

Com a publicação da Lei Quadro dos Museus Portugueses, em 2004, e a concomitante definição do conceito de museu, é estabelecida a função de “educação” como uma das basilares funções museológicas, plasmando o art. 42.º daquela lei a obrigatoriedade de o museu desenvolver “de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.

Os museus pertencentes à Rede Portuguesa de Museus desenvolvem actividades destinadas, não só ao público escolar, mas também aos adultos em geral. As actividades escolares são organizadas de acordo com os diferentes ciclos de ensino, predominando a oferta para os alunos do 1.º e 2.º. Ciclo. As oficinas, os ateliers e os workshops são os mais apreciados pelo público em geral. São disso exemplo as seguintes actividades: *No Museu Abade de Baçal, “Jogar o passado no presente”, inspirada nos jogos tradicionais de Trás-os-Montes, no Museu de Cerâmica “Moldar a Brincar”, em parceria com um*

⁴³ CAMACHO, Clara Frayão, Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e Perspectivas, Coleção Públicos nº.2, Serviços Educativos na Cultura, SETEPÉS, 2007 (on line)

agente cultural local, os ateliers pedagógicos do Museu do Chiado, também em parceria com uma escola de arte, no Museu de Serralves as oficinas de educação ambiental “Aulas no Parque” e “Quinta das crianças”, no Museu da Música o “Atelier de Construção de Instrumento Musical”, no Museu Nacional do Traje os “Ateliers Temáticos sobre Acessórios do Traje” e no Museu Municipal de Coruche “As artes na História”. No Museu de Ciência, os jogos incidem sobre experiências em Física, Matemática e Química, na Casa-Museu Leal da Câmara experimentam-se jogos tradicionais no espaço exterior da Casa, enquanto no Museu Nacional de Arte Antiga promovem-se jogos, através de pistas e percursos, em que os pequenos visitantes são convidados a descobrir “animais vadios à solta nas salas” ou a encontrar os “livros roubados da biblioteca e escondidos nas pinturas”. No âmbito das dramatizações, o Museu Nacional do Traje dá corpo ao conto tradicional “O Rei vai nu”, o Museu Nacional de Arqueologia promove visitas guiadas com dramatizações e atelier de escrita hieroglífica “Os Signos Sagrados”, ao passo que o Museu Municipal de Faro promove a dramatização de lendas com fantoches. (Camacho, 2007: 29 -34). Os materiais pedagógicos mais utilizados são as maletas pedagógicas, dando a subdirectora do Instituto Português de Museus, como exemplos, no Museu de São Roque “Vamos conhecer a capela de São João Baptista”, no Museu de Olaria “Instrumentos de brincadeiras com barro” e no Museu Nacional de Machado de Castro a mala “Biombo Nambam”. Destacam-se ainda a publicação de roteiros infanto – juvenis, as visitas temáticas e alguns materiais destinados a grupos sociais específicos, como é o caso dos emigrantes e das pessoas portadoras de deficiência, através da utilização de textos bilingues ou de materiais em Braille.

Mas, quando e como surgiram os serviços educativos em Portugal? Para responder a estas questões temos que recuar até à década de 50 do século passado. Em 1953, o Museu Nacional de Arte Antiga institui os primeiros serviços educativos sob a responsabilidade do museólogo João Couto.

Em 1966 a Associação Portuguesa de Museus (APOM) organiza o primeiro seminário sobre acção educativa dos museus. Em 1977,⁴⁴ José Luís Porfírio propõe a abertura do Museu Nacional de Arte Antiga à sociedade,

⁴⁴ Texto sobre o Museu Nacional de Arte Antiga (policopiado)

tendo como objectivo levar a cabo *“uma pedagogia do olhar e da expressão ao serviço de toda a gente”*.

A abertura dos museus à sociedade foi muito favorecida pelas correntes da Nova Museologia, que se desenvolveram devido à democratização cultural do pós 25 de Abril. Para além da abertura dos museus à sociedade, há um alargamento dos mesmos em termos geográficos, passando a existir museus polinucleados (Vila Franca de Xira), museus de sítio e eco museus (Mértola e Seixal), bem como ramificações dos grandes museus. São *museus sem edifício mas incluindo a própria paisagem e tudo o que nele se liga à vida passada e presente de uma região* (Faria, 2000: 12).

É neste contexto que proliferam, nas últimas décadas, os serviços educativos nos museus portugueses. *O surgimento e a evolução dos serviços educativos dos museus portugueses inscrevem-se necessariamente no quadro evolutivo dos próprios museus e na mudança de paradigma desta instituição, verificada ao longo dos últimos trinta anos. Nesta mudança de paradigma, duas palavras-chave se destacam, abertura e alargamento, consubstanciadas na abertura dos museus à sociedade, no alargamento dos seus conteúdos patrimoniais, na extensão geográfica e territorial e na complexificação organizacional.* (Camacho 2008: 27)

Em 1982 cria-se a carreira de Monitores de Educação de Museus, o que vem mostrar que há uma tentativa de especialização dos recursos humanos nesta matéria.

Recentemente, começaram a surgir em Portugal museus concebidos com objectivos essencialmente pedagógicos como é o caso do Pavilhão do Conhecimento, no âmbito do Projecto Ciência Viva, do Ministério para a Ciência e Tecnologia. Além disso, os museus e serviços educativos do futuro passam, inquestionavelmente, pela web e pelo multimédia. *Acreditamos que as tecnologias da informação são uma realidade inquestionável e oferecem importantes e variados benefícios a quem as utiliza. Quando bem usadas poderão melhorar o nível de comunicação entre o museu e os seus públicos mas também a nível pedagógico e lúdico fomentar a aprendizagem informal dos mais jovens* (Barbosa e Carvalho, 2007: 313).

No entanto, como refere Honrado (2007: 19), *o fenómeno de dotar as instituições culturais de projectos de Serviço Educativo é recentíssimo. Basta*

analisarmos o historial deste processo em instituições como o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian ou a Culturgest em Lisboa para o comprovarmos cabalmente. Lembremo-nos que o Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, no modelo “pioneiro” que hoje tão bem conhecemos, tem apenas 10 anos...

A função educativa é, actualmente, um dos principais eixos de actuação dos Institutos Museológicos do Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), sendo desenvolvida por todos os sectores de actividade não só dos museus mas também dos palácios. Há uma forte aposta na formação dos técnicos com vista ao desenvolvimento de estratégias pedagógicas, as quais são prosseguidas através de actividades diversificadas: ateliers, oficinas, sessões de conto, espectáculos de música, teatro ou dança workshops, seminários, visitas guiadas a colecções ou sectores específicos do museu, bem como de edições e instrumentos didácticos, destinados aos vários tipos de públicos e capazes de responder adequadamente às exigências dos nossos dias.

Em 2005 foram emitidos dois Despachos com o objectivo de facilitar o desenvolvimento de serviços educativos nos museus portugueses: o Despacho n.º 834/2005 e o Despacho n.º 1053/2005. O Despacho conjunto n.º 384/2005 aprova e regulamenta o Programa de Promoção de Projectos Educativos na área da cultura, incentivando a realização de protocolos entre as escolas e os museus com vista à criação de actividades de serviço educativo. O Despacho Conjunto n.º 1053/2005 vem permitir a afectação ao Ministério da Cultura de pessoal docente dos quadros da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário que se encontrem sem actividade lectiva. Pretende-se assim colmatar uma lacuna existente nos serviços educativos a nível nacional, a escassez de recursos humanos especializados.

Além disso, têm sido desenvolvidas, com sucesso, algumas actividades de âmbito nacional, como é o caso do Concurso “A minha escola adopta um museu” que decorreu pela primeira vez no ano de 2005/2006, tendo aderido 79 escolas e 49 museus da RPM e que permitiu o aprofundamento da relação entre a escola e o museu. “Museu espelho meu” foi outro projecto relevante que teve lugar em 2008, tendo resultado de uma parceria entre o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural) e o IMC (Instituto dos Museus e da Conservação).

2.2.6 - Serviços educativos e turismo cultural

Os Serviços Educativos de um Museu são uma porta aberta para a sensibilização, a prevenção e valorização do património cultural. Assumem uma grande importância na interação entre espaços de cultura e a comunidade.

Existem hoje novas formas de vivenciar as atracções turísticas e culturais, as quais são proporcionadas pelos serviços educativos ou serviços de acção comunitária, a todos os tipos de público: infantil, juvenil, seniores, famílias, grupos e público escolar.

O museu deve ser eficaz como plataforma para uma “educação não – formal” e é dentro desta lógica que a comunicação museológica se deve basear. Acreditamos que é possível construir uma “linguagem” adaptada aos diversos visitantes do museu, com diferentes níveis de formação, conciliando a aprendizagem com um pouco de entretenimento e prazer visual (Garcia, 2003: 109).

O turista activo e participante dos nossos dias é um potencial consumidor dos serviços educativos dos museus, os quais constituem verdadeiros produtos turísticos e contribuem não só para aumentar o número de visitantes, mas também para tornar as suas visitas em experiências únicas que apetece repetir e recomendar a familiares e amigos.

Ultimamente, têm sido integradas na abordagem educativa experiências como a fantasia e a fruição.

A escolha de uma visita ou actividade educativa passa a ser analisada dentro de uma lógica de mercado e os visitantes tratados como consumidores que constituem vários nichos de mercado: as crianças em fase pré-escolar (entre os 3 e os 5 anos) requerem actividades adequadas à sua idade como o desenho, as exposições interactivas ou as representações efectuadas por artistas cómicos, por exemplo. O público escolar é o público por excelência dos museus. Segundo Lewis (1998: 340), *qualquer museu cujo número de visitas escolares seja inferior a 20% do total de visitantes, não está a cumprir a sua missão fundamental.* Mas o papel educativo dos museus mantém-se no período pós escolar através do conceito de educação ao longo da vida. Ultimamente os museus têm prestado mais atenção a este tipo de público bem

como ao público sénior que é cada vez mais numeroso e tem tempo livre para viajar. Multiplicam-se também as actividades para famílias, que podem ser usufruídas pelas comunidades locais e pelos turistas.

São cada vez mais os adultos e famílias que visitam os museus para participarem no leque de actividades de serviços educativos e os turistas culturais, são, sem dúvida, potenciais utilizadores destas actividades.

A Fundação de Serralves e a Fundação Gulbenkian são as instituições de maior dinamismo no panorama dos serviços educativos em Portugal, apresentando um calendário de actividades diversificado e abrangente. São também aquelas que melhor se relacionam com o público no que diz respeito à divulgação das actividades. O facto de não dependerem economicamente do sector público é um factor de peso a ter em conta em termos económicos que as coloca numa posição privilegiada relativamente aos museus estatais.

Tomemos como exemplo a Fundação de Serralves. Neste museu, o número de participantes nas actividades de serviço educativo tem vindo a aumentar, atingindo, em 2008, os 105 038 participantes.



Figura n.º 2.2.6 – Visita guiada à Exposição de João Muñoz
(Fundação de Serralves)

A tabela que se segue ilustra o aumento do número de participantes nas actividades de serviço educativo da Fundação de Serralves de 2004 para 2008.

TABELA VIII - EVOLUÇÃO DO N.º DE PARTICIPANTES NAS ACTIVIDADES DE SERVIÇO EDUCATIVO DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES (2004 - 2008)⁴⁵

| Data | N.º de visitantes | N.º de participantes (serviços educativos) | % |
|------|-------------------|--|-------|
| 2004 | 337 068 | 97 853 | 29% |
| 2005 | 349 028 | 97 968 | 28% |
| 2006 | 316 602 | 96 474 | 30,5% |
| 2007 | 363 765 | 92 492 | 25,4% |
| 2008 | 412 550 | 105 038 | 25,5% |

Fonte: Fundação de Serralves

Conforme indicado no seu relatório de contas anual, esta instituição levou a cabo, no ano de 2007, 6 166 acções no âmbito do serviço educativo, envolvendo 1 041 escolas de todo o país.

O crescimento do número de participantes nos serviços educativos do museu de Serralves deve-se, tal como afirma o seu director, João Fernandes,⁴⁶ *às estratégias de convite, à aposta nas escolas, à gratuidade aos domingos e às escolhas de programação.*

No que diz respeito, aos museus sob a tutela do Instituto dos Museus e da Conservação, podemos ver, na tabela seguinte, o peso das várias actividades (visitas guiadas, visitas a exposições e actividades de serviço educativo) no número total de visitantes em 2008⁴⁷.

⁴⁵ O programa do Serviço Educativo da Fundação de Serralves tem por objectivo sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da arquitectura, do ambiente e da cidadania, integrando momentos de formação, de partilha de conhecimentos, emoções e valores, que estimulam uma aproximação crítica e criativa à cultura contemporânea. In <http://www.serralves.com/gca/?id=105> (dia 26 de Maio de 2008)

⁴⁶ Em entrevista ao Notícias Magazine de 24 de Maio de 2009

⁴⁷ Ver estatística de visitantes dos museus do IMC em Anexo II

TABELA IX - EVOLUÇÃO DO N.º PARTICIPANTES NAS ACTIVIDADES DOS MUSEUS DO IMC EM 2008

| Instituição | N.º participantes nas actividades ⁴⁸ | | N.º. total de visitantes |
|--|---|---------------|--------------------------|
| | Portugueses | Estrangeiros | |
| C.-M. Dr. Anastácio Gonçalves - Lisboa | 4.400 | 52 | 12.235 |
| M. do Abade de Baçal - Bragança | 1.331 | 69 | 8.578 |
| M. de Alberto Sampaio - Guimarães | 17.741 | 60 | 49.057 |
| M. de Aveiro | 22.031 | 127 | 43.294 |
| M. dos Biscainhos - Braga | 5.355 | 2.509 | 31.058 |
| M. de Cerâmica – Caldas da Rainha | 4.428 | 250 | 15.765 |
| M. do Chiado - Lisboa | 2.532 | 891 | 29.965 |
| M. Et. e Arq. Dr. Joaquim Manso - Nazaré | 2.398 | 505 | 10.887 |
| M. de Évora | 881 | 119 | 7.442 |
| M. de Francisco Tavares Pr. Jr.- Castelo Branco | 9.777 | 37 | 19.504 |
| M. Grão Vasco - Viseu | 12.035 | 601 | 50.855 |
| M. da Guarda | 7.473 | 118 | 11.116 |
| M. de José Malhoa – Caldas da Rainha | 2.061 | 0 | 6.597 |
| M. de Lamego | 7.766 | 311 | 22.223 |
| M. Monográfico de Conímbriga – Condeixa - a -Velha | 6.725 | 1.795 | 96.905 |
| M. da Música - Lisboa | 2.712 | 16 | 8.991 |
| M. Nac. de Arqueologia - Lisboa | 15.606 | 4.631 | 125.594 |
| M. Nac. de Arte Antiga - Lisboa | 19.488 | 2.219 | 92.635 |
| M. Nac. do Azulejo - Lisboa | 2.861 | 1424 | 77.580 |
| M. Nac. dos Coches - Lisboa | ----- | ----- | 228.570 |
| Núcleo de Vila Viçosa | 304 | 0 | 19.706 |
| M. Nac. de Etnologia - Lisboa | 2.621 | 107 | 10.242 |
| M. Nac. de Soares dos Reis - Porto | 25.535 | 988 | 52.520 |
| Nac. do Teatro - Lisboa | 23.567 | 102 | 64.277 |
| M. Nac. do Traje - Lisboa | 16.683 | 53 | 50.971 |
| M.D.D. de Sousa - Braga | 37.162 | 905 | 53.845 |
| M. de Terras de Miranda – Miranda do Douro | 4.299 | 2.902 | 18.306 |
| Total | 257. 772 | 25.939 | 1.218.718 |

Fonte: Instituto dos Museus e da Conservação

⁴⁸ O número indicado inclui participantes, não apenas do serviço educativo mas também das exposições temporárias, visitas guiadas e outras.
<http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/recursos/estatisticas/ContentDetail.aspx> (dia 20 de Maio de 2009)

Esta informação não nos permite, no entanto, conhecer o número de participantes nas actividades de serviço educativo, nem o seu peso no número total de visitantes. Para a obtenção deste dado foi efectuado contacto directo, através de correio electrónico, com os 28 museus do IMC.⁴⁹ Obtivemos resposta de 17 museus, podendo, por isso, a amostra, ser considerada significativa.

A Tabela X contém os resultados da pesquisa efectuada. Os museus mais visitados são o Museu Nacional dos Coches e o Museu Nacional de Arqueologia. Verifica-se que, em média, 17,2% dos visitantes dos museus respondentes participou em actividades de serviço educativo.

Os museus com maior número de participantes nas actividades de serviço educativo são: o Museu Alberto Sampaio de Guimarães, com 67% de participantes, o Museu da Música de Lisboa, com 43%, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior de Castelo Branco, com 38,7% e o Museu dos Biscainhos de Braga, com 38% de participantes. Entre os museus com menos participantes nos serviços educativos contam-se o Museu dos Coches (embora seja aquele que tem o maior número de visitantes)⁵⁰, o seu Núcleo de Vila Viçosa, o qual conta com apenas 0,9% de participantes, e o Museu Nacional de Arte Antiga, com 4,2%. Segundo informação dos responsáveis, estes museus debatem-se, à semelhança dos outros museus estatais, com um problema grave de escassez de recursos humanos e financeiros. Sendo aqui o número de visitantes muito superior, torna-se difícil conciliar as visitas com as actividades de serviço educativo. Este é um problema que, em nossa opinião, deve ser resolvido com urgência, pois os serviços educativos permitem a interacção entre os vários públicos, a sua participação activa e, desde que devidamente organizados, promovem conhecimentos duradouros e significativos. Além disso, podem contribuir, não só para o aumento do turismo cultural, mas também para a valorização turística do país, promovendo o desenvolvimento regional.

⁴⁹ Ver Anexo III

⁵⁰ O Museu dos Coches recebe essencialmente turistas inseridos em circuitos de operadores turísticos que não têm tempo de participar nas actividades de serviço educativo.

TABELA X – N.º DE PARTICIPANTES NAS ACTIVIDADES DE SERVIÇO EDUCATIVO DE ALGUNS MUSEUS DO IMC EM 2008

| Museu | Data de abertura | N.º de par. ser. edu. | N.º total de visitantes | % ⁵¹ |
|--|-------------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|
| C.-M. Dr. Anastácio Gonçalves - Lisboa | 1969 | 2 819 | 12.235 | 23% |
| M. do Abade de Baçal - Bragança | 1915 | * | | |
| M. de Alberto Sampaio – Guimarães | 1931 | 32 857 | 49.057 | 67% |
| M. de Aveiro | 1911 | * | | |
| M. dos Biscainhos – Braga | 1978 | 11 775 | 31.058 | 38% |
| M. de Cerâmica –C. da Rainha | 1983 | 3 020 | 15.765 | 19,1% |
| M. do Chiado – Lisboa | 1994 | * | | |
| M. Et. e Arq. Dr. Joaquim Manso - Nazaré | 1976 | 1 630 | 10.887 | 14,9% |
| M. de Évora | 1914 | 1 172 | 7.442 | 15,7% |
| M. de Francisco Tavares Pr. Jr. – Castelo Branco | 1910 | 7 545 | 19.504 | 38,7% |
| M. Grão Vasco - Viseu | 2004 | 9 085 | 50.855 | 17,9% |
| M. da Guarda | 1940 | 2 672 | 11.116 | 24% |
| M. de José Malhoa – Caldas da Rainha | 1934 | * | | |
| M. de Lamego | 1917 | 6 356 | 22.223 | 28,6% |
| M. Monográfico de Conímbriga | 1962 | * | | |
| M. da Música - Lisboa | 1994 | 4 314 | 8.991 | 48% |
| M. Nac. de Arqueologia - Lisboa | 1906 | * | | |
| M. Nac. De Arte Antiga – Lisboa | 1911 | 3 920 | 92.635 | 4,2% |
| M. Nac. Do Azulejo – Lisboa | 1965 | 6 925 ⁵² | 77.580 | 8,9% |
| M. Nac. Dos Coches – Lisboa | 1905 | 13 125 | 228.570 | 5,7% |
| Núcleo de Vila Viçosa | 1959 | 180 ⁵³ | 19.706 | 0,9% |
| M. Nac. De Etnologia – Lisboa | 1985 | * | | |
| M. Soares dos Reis – Porto | 2001 | 11 895 | 52.520 | 22,6% |
| M. Nac. do Teatro - Lisboa | 1985 | * | | |
| M. Nac. Do Traje – Lisboa | 1997 | * | | |
| M.D.D. de Sousa - Braga | 1918 | 12 165 | 53.845 | 22,6% |
| M. de Terras de Miranda – M. do Douro | 1982 | * | | |
| M. Machado de Castro - Lisboa | Encerrado em 2008 | | | |
| Total | | 131 455 | 763 989 | |

Fonte: Dados obtidos através de contacto directo com os respectivos museus (Anexo III)

⁵¹ Percentagem de participantes nas actividades de serviço educativo no número total de visitantes

⁵² O serviço educativo recebeu 6925 pessoas distribuídas por 389 grupos dos quais 234 grupos realizaram visitas comentadas, 139 grupos efectuaram oficinas de cerâmica e 3 grupos assistiram a concertos de piano.

⁵³ Actividade "Sábados no Paço" (visitas guiadas temáticas guiadas por especialistas). O museu não tem uma área de serviço educativo autónomo.

* Não respondeu

CAPÍTULO III

A TAPEÇARIA DE PORTALEGRE

3.1 - A história da MTP

3.1.1 – Criação e desenvolvimento da MTP

Segundo Ventura (1996: 35), a cidade de Portalegre dedica-se, desde a Idade Média, ao fabrico de panos de lã. À época, as tarefas relacionadas com o ciclo de preparação da lã ocupavam um grande número de pessoas: tosadores, cardadores, fiandeiros, tecelões, tintureiros, pisoeiros, etc. *Nos séculos XVI e XVII, a região de Portalegre afirmou-se, juntamente com as da Covilhã e Estremoz, como produtora de panos pardos, panos pretos e estofos de várias cores* (Ventura, 1996: 33).

Com o passar dos anos, esta actividade entra em decadência, e só volta a recuperar com a ajuda do Marquês de Pombal, que funda, em 1772, a Real Fábrica de Lanifícios, no antigo Colégio de S. Sebastião dos Jesuítas.

Em 1882, a Real Fábrica é vendida à família Larcher que chega a ter três fábricas de lanifícios na cidade. *Nos anos sessenta, para além da antiga Fábrica Real, (“Larcher & Cunhados”), e da Fábrica pequena (“Larcher & Sobrinhos”) existia ainda em Portalegre a Fábrica da Horta das Bolas (“Andrade e Larcher”), todas ligadas à família Larcher.* (Ventura, 1996: 37).

No século XIX, a Indústria de Lanifícios de Portalegre entra em declínio, e, com a chegada da família Robinson à cidade, o ciclo da lã acaba por ser substituído pelo ciclo da cortiça.

A arte da tapeçaria, por seu turno, surge documentada em Portalegre desde o século XVIII. Ventura (1996: 34) refere que a Real Fábrica de Sedas, fundada pelo Marquês de Pombal, possuía uma secção de tapeçarias.⁵⁴ A tapeçaria moderna, portuguesa, viria a surgir muitos anos depois em Portalegre, no ano de 1946.

Recuando um pouco, Manuel do Carmo Peixeiro cria, em 1926, com Eduardo dos Santos, uma Sociedade por Cotas denominada “Tapetes de Portalegre Lda”, que produz tapetes de ponto de nó. Manuel do Carmo Peixeiro

⁵⁴ Existiu ainda uma Manufactura de Tapeçarias em Tavira, que funcionou até 1783.

estudou em Roubaix e concebeu um ponto original para tapeçaria, que só chegou a ser experimentado anos mais tarde na Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.

Em 26 de Setembro de 1946, o seu filho, Manuel Celestino Peixeiro, em sociedade com Guy Fino, filho de um industrial ligado ao fabrico de lanifícios, voltou a fazer renascer a Firma “Tapetes de Portalegre, Lda.

Começou então a trabalhar a partir de amostras do novo ponto de tapeçaria inventado por Manuel do Carmo Peixeiro⁵⁵.

Manuel do Carmo, grande apaixonado dos “tecidos de arte,” utilizou para as suas experiências, um rudimentar tear vertical com o objectivo claro de tentar conceber um ponto que enfatizasse todo o efeito decorativo das obras de tapeçaria, sobretudo que possibilitasse uma iluminação perfeita de qualquer ângulo.

Durante anos, este projecto não passou de um entretenimento.



Figura 3.1.1 - Manufatura de Tapeçarias de Portalegre

⁵⁵ Industrial, nascido na Covilhã a 14 de Dezembro de 1893, estudou engenharia têxtil na Escola Têxtil de Roubaix. Regressou a Portugal em 1914 e trabalhou na Fábrica de Lanifícios de Portalegre. Acabou por se fixar no Porto em 1918, onde fundou, em 1921 a Manufatura Portuguesa de Tapeçarias, Lda., onde fará tapeçarias utilizando o ponto francês (Gobelins e Aubusson). Em 1923, obteve bastante sucesso. Em 1928 fundou, no mesmo local, a Fábrica de Sedas de Portalegre. Manuel Celestino Peixeiro, filho de Manuel do Carmo Peixeiro que, desde 1926, se fixara em Portalegre, estudou tinturaria na Suíça e veio estagiar para a fábrica de Lanifícios de Portalegre, cerca de 1944.

As suas experiências entusiasmaram especialmente Guy Fino⁵⁶, que acredita neste potencial de Manuel do Carmo e dá início aos primeiros trabalhos de acompanhamento e à formação de tecedeiras para o novo método.

Nestes primeiros tempos da Manufatura houve três pintores que tiveram um papel fundamental: Guilherme Camarinha e dois professores de desenho, João Tavares (professor no Liceu Nacional de Portalegre) e Renato Torres (professor na Escola Industrial).

João Tavares, pintor conceituado e amigo do poeta José Régio, concebe o primeiro cartão para tapeçaria de Portalegre, em 1947, intitulado “Diana”.

Com a participação da Manufatura em diversas exposições de artes plásticas a nível nacional, as tapeçarias de Portalegre começam a ganhar prestígio e notoriedade.

Em 1952, Guy Fino ousou expor duas tapeçarias de Camarinha no Palácio Foz, ao mesmo tempo que decorria uma exposição sobre tapeçaria francesa no Museu Nacional de Arte Antiga. Os especialistas franceses, confrontados com a tapeçaria de Portalegre, ficaram por considerá-la demasiado perfeita.

Surgem, nesta época, encomendas de instituições públicas. *Nessa época os clientes institucionais eram os únicos existentes, uma vez que, entre os particulares, ainda não estava cultivado o gosto pela tapeçaria.* (Ventura, 1996: 48)

3.1.2 – Jean Lurçat e o reconhecimento internacional da tapeçaria

Em Maio de 1952, Guy Fino visitou Jean Lurçat (um dos maiores representantes da tapeçaria moderna francesa), numa tentativa de convencer o mestre a fazer um cartão para tapeçaria de Portalegre; Lurçat recusou. Anos mais tarde, Guy voltou a insistir. Lurçat voltou a recusar mas ofereceu à mulher de Guy Fino uma tapeçaria de Aubusson, de sua autoria, intitulada “Le Coq

⁵⁶ Guy Fino tinha um profundo conhecimento da indústria de lanifícios que, aliado a uma enorme capacidade de captação de artistas para a experiência da tapeçaria moderna, foi um dado precioso no desenvolvimento do projecto das Tapeçarias de Portalegre.

Guerrier”. Guy Fino solicitou autorização para efectuar uma réplica da tapeçaria francesa.

Depois de um primeiro contacto em 1952, Guy Fino conseguiu convencer Lurçat a visitar a Manufatura, em 1958. Aí confrontou-o com duas tapeçarias: uma tecida em França e que o próprio Jean Lurçat oferecera à esposa de Guy Fino, e a sua réplica, tecida em Portalegre. Convidado a identificar a tapeçaria francesa, Lurçat escolheu a tecida em Portalegre. Rendeu-se às Tapeçarias de Portalegre e, anos mais tarde apelidou as tecedeiras de Portalegre como as melhores tecedeiras do mundo, fazendo tecer em Portalegre, de 1958 até à sua morte, mais de 80 cartões para tapeçaria.



Figura 3.1.2. – “Le Coq Guerrier” (Aubusson e Portalegre)

Em 1962, a Manufatura de Tapeçarias e Portalegre participou em várias exposições a nível internacional (Copenhaga, Zurique, Stuttgart e Lausanne). A partir desta data vários artistas de renome produziram cartões para tapeçaria para satisfazer o grande número de encomendas que surgiram de hotéis, bancos, companhias de seguros e também de particulares.

(...) A função mural da Tapeçaria integrada no espaço arquitectónico e o seu poder decorativo foram entendidos, a nível oficial, entre nós, relativamente cedo, dando assim lugar à produção, logo a partir dos começos dos anos 50, de um elevadíssimo número de obras. Essas obras vieram preencher espaços dispersos, tais como tribunais, bibliotecas, universidades, câmaras municipais,

ministérios, etc. Entretanto foram sendo também, por encomenda de natureza não oficial, tapeçarias destinadas a outro tipo de espaços públicos e mesmo à decoração de espaços arquitectónicos mais privados. São bons exemplos disso as tapeçarias integradas em alguns bancos, vários hotéis, empresas diversas, instituições e interiores de colecionadores particulares (Azevedo e Silva, 1999: 192).

Após o 25 de Abril de 1974, as encomendas oficiais foram suspensas e a Manufatura entrou numa profunda crise. Os principais mercados internacionais (EUA, Austrália e Suíça, entre outros) cancelam também as encomendas devido à situação instável do país.

Guy Fino solicita então a Mário Soares, à data Primeiro-ministro do I Governo Constitucional, que se compromettesse a adquirir anualmente 50m2 de tapeçaria para o Estado. Este compromisso não foi cumprido, no entanto, houve a preocupação de divulgar as Tapeçarias a nível nacional e internacional. Em 1965 começaram a ser tecidas sérias limitadas e numeradas. A situação da Manufatura melhorou. Segue-se a realização de várias exposições no estrangeiro que vieram confirmar a qualidade das Tapeçarias de Portalegre, consagrando-as a nível mundial.



Figura 3.1.3 – Interior da MTP

A MTP possui uma galeria em Lisboa, “Galeria de Tapeçarias de Portalegre”, onde existem, em permanência, tapeçarias expostas, e onde se encontra a maioria das peças disponíveis para entrega. A manufatura possui ainda um departamento de limpeza e restauro de tapeçarias.

Com o intuito de preservar a Tapeçaria de Portalegre, foi criada, a 12 de Dezembro de 2005, a APACTP – Associação Pedagógica, Artística e Cultural

da Tapeçaria de Portalegre, instituição privada sem fins lucrativos. Esta associação tem os seguintes objectivos: *estudo, defesa e divulgação do património histórico, cultural e artístico constituído pela Tapeçaria de Portalegre, estimular e promover os canais de comunicação, nacionais, regionais e internacionais de modo a divulgar a Tapeçaria de Portalegre; valorizar as características intrínsecas da Tapeçaria de Portalegre, utilizar a tapeçaria de Portalegre enquanto agente de turismo cultural de modo a promover a criação e difusão de uma imagem identificadora de Portalegre; contribuir para a criação de uma “rota cultural” do Norte Alentejano; organizar cursos relacionados com as actividades artísticas e culturais que prossegue, bem como acções no domínio da formação profissional; desenvolver os esforços necessários perante os organismos oficiais, entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiros, para melhorar a produção e comercialização da Tapeçaria de Portalegre.*⁵⁷

3.1.3 – O “Ponto de Portalegre”; estudo técnico e artístico

Conforme explica Vera Fino, Directora da Manufatura, *a tapeçaria resulta da transposição para outro suporte, num outro meio e noutra escala, de um original criado para esse fim por um artista plástico. Mais do que uma reprodução, a tapeçaria resulta numa obra de arte original pelas suas qualidades próprias e pela exploração, ao limite, de todos os seus meios técnicos na tradução do original.*⁵⁸

Existem 3 fases de execução de uma tapeçaria: na primeira fase faz-se a ampliação do cartão, ou seja, o desenho para tecelagem; na segunda fase escolhem-se as cores; na terceira fase inicia-se o processo de tecelagem.

1ª Fase - Ampliação e desenho

É no *atelier* artístico que se faz a interpretação do cartão e o desenho de tecelagem. Este desempenha, por isso, um papel fundamental.

Coloca-se o papel milimétrico numa parede de madeira e projecta-se o desenho. Amplia-se através de uma transparência colorida utilizando as

⁵⁷ in: <http://www.mtportalegre.pt/ptg/apactp.htm> (dia 1 de Outubro de 2009)

⁵⁸ In Catálogo da Exposição “Arte Tecida” que decorreu de 17 de Junho a 6 de Setembro de 2009, em Ermesinde

técnicas do desenho, sobre o papel de tecelagem. O cartão do pintor acompanha todo o processo. O original é ampliado para a dimensão da obra final, definida pelo artista.

Num papel quadriculado, de quadrícula de 2mm (correspondente à espessura do ponto), são traçados os contornos das formas e fronteiras das cores, ou pormenores que terão de ser traduzidas em tecelagem.

Além de cartão, pode ser utilizada uma litografia, uma serigrafia ou um acrílico.

2ª Fase - Escolha de cor

Depois do desenho ser corrigido por comparação com o original, escolhe-se a cor, dá-se a aguada com cores aproximadas à cor original e marcam-se essas áreas com um número correspondente à escolha da lã efectuada.

Para a aguada no papel milimétrico basta uma cor de tingir fatos porque não se pode tapar o quadrado do papel milimétrico.

A lã é tingida na Covilhã, conforme as necessidades. As cores são numeradas e têm a data da tinturaria. Há muito mais de 7 mil cores, não contando com os mesclados. Para fazer as mesclas utilizam-se sempre 8 fios e escrevem-se as cores utilizadas e o respectivo número de fios. Por exemplo: (3 fios cor n.º 75) mais (2 fios cor n.º 1.005) mais (2 fios cor n.º 650). Cada tapeçaria tem uma paleta própria que pode ser pura ou com mesclas.

3ª Fase – Tecelagem

A tapeçaria é tecida através do chamado ponto de Portalegre, o qual veio qualificar a produção tradicional de tapeçaria, em teares verticais.

A tecelagem em Portalegre é de alto liço. Os linhóis dispostos lado a lado e os fios da teia, em tensão, constituem uma cortina estável e muito densa, de dez fios por centímetro. Os linhóis são compostos por 3 quadrados com 24 pontos e 48 fios.

Todos os fios passam, um a um, através dos liços que os mantêm em posição. Os fios pares e liços respectivos correspondem a uma prechada que pode ser isolada dos fios ímpares originando assim duas cortinadas de teia.

As tapeçarias começam a ser tecidas pela base, do lado do avesso. A trama decorativa envolve completamente os fios da teia (dois em cada ponto, correspondendo a uma densidade de 2.500 pontos/dm²). A tapeçaria cresce horizontalmente sendo a tecelagem feita de cima para baixo e da esquerda para a direita. Depois de cada passagem da trama decorativa há a introdução de uma fina trama de ligação (cruzamento simples com a teia), a qual fica invisível, escondida pela espessura da trama decorativa. Isto confere à tapeçaria de Portalegre uma grande resistência. Cada quadrícula é um ponto com 2mm de espessura. Na tecelagem nunca se trabalha com mais de 8 fios. Para se fazer meio ponto usa-se só um fio da trama. Por cada cm² são feitos 25 pontos. A técnica de tecelagem de Portalegre permite realizar detalhes muito pequenos donde resultam formas muito precisas.

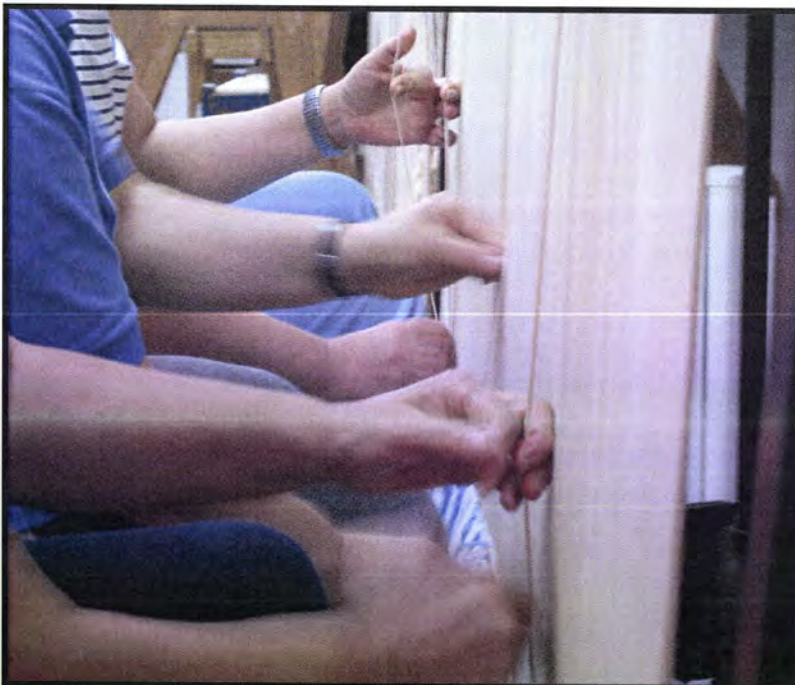


Figura 3.1.4 - Tecelagem

Após saída do tear, e para ultimar a tapeçaria, há que garantir que fica em perfeita esquadria, dar-lhe um tratamento anti - traça e fazer as bainhas. As tapeçarias de Portalegre são executadas em séries limitadas de 1, 4 ou 8 exemplares, numerados e autenticados pelo pintor através da sua assinatura no “bolduc”: pequeno rectângulo de pano onde, para além da assinatura do pintor a tapeçaria é identificada pelo título, número e onde são ainda indicadas as suas dimensões.



Figura 3.1.5 – Bolduc

3.1.4 - Distinção entre a tapeçaria francesa e a tapeçaria de Portalegre

A tecelagem é elemento fundamental de distinção entre as diversas técnicas de tapeçaria. Na tapeçaria francesa faz-se o cruzamento simples da teia com a lã (trama) e cada cor é tecida individualmente. A tapeçaria é feita na horizontal e ao longo do tempo vai abrindo, com a gravidade, e dá de si.

Na tapeçaria de Portalegre faz-se o envolvimento da teia pela lã. De dois em dois milímetros há uma trama de algodão (linha de algodão de boa qualidade) que liga os dois pontos. A tapeçaria de Portalegre é feita na vertical com ponto de nó.

As tapeçarias de Portalegre são feitas com 100% de lã, são suaves sem terem o brilho de um óleo, têm grande poder decorativo e melhoram as condições acústicas e térmicas das salas.

3.2 O Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino

3. 2.1 Organização do museu

Localizado no antigo Palácio dos Caldeira Castelo-Brancos, o Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino (adiante designado MGF), é um espaço dedicado à mostra, divulgação, conservação e estudo das Tapeçarias de Portalegre. Recebeu o nome de Guy Fino em homenagem ao grande impulsionador da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre (adiante designada MTP) e um dos seus fundadores.



Figura 3.2.1.1 - Fachada principal do museu

a) O edifício

O edifício data da primeira metade do século XVIII⁵⁹. Apresenta um belo portal onde está esculpido o escudo das armas dos Castelo - Brancos. Trata-se de um brasão de estilo rocaille, em mármore, com um leão rompante.⁶⁰

O edifício foi adquirido pela Câmara Municipal de Portalegre, tendo sido recuperado e adaptado a museu com projecto do Atelier ARQUIESPAÇO, sob a direcção do arquitecto Fernando Sequeira Mendes. A recuperação do edifício

⁵⁹ CASA NOBRE – Está situada na Rua da Figueira n.º 1. Desta casa, construída na primeira metade do século XVIII, só é interessante o portal, cujas ombreiras são constituídas por pilastras caneladas com capitéis que suportam um frontão de espaldar alto concheado, onde está esculpido num florão, o escudo das armas dos Castelo-branco. (KEIL Luís, Inventário Artístico do Distrito de Portalegre, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1943)

⁶⁰ Entre os seus proprietários conta-se João Rodrigues de Castelo-branco, conhecido poeta do Cancioneiro Geral. Nos anos seguintes foi habitado por várias gerações desta família nobre, até à altura em que José Caldeira de Castelo-branco herdou de seus avós um palacete superior a este em Alter do Chão, tendo transferido a sua residência para esta vila. Ainda aí viveu o seu tio, o Comendador Francisco Cordovil Caldeira Castelo-branco, tendo posteriormente sido arrendado a vários inquilinos. Aqui funcionaram o Clube "O Inferno" e o "Club Republicano" (MARQUÊS DE SÃO PAYO in A Cidade, Edições Colibri, n.º 10 (Nova Série), 1995, pp. 9- 11).

permitiu, também, a recuperação dos dois sistemas de fortificações existentes no local (muralhas medieval e seiscentista) e a valorização da envolvente do museu⁶¹.

b) Classificação

Trata-se de um Museu de Arte Contemporânea na vertente de tapeçaria com uma abordagem à história da Tapeçaria de Portalegre.

c) Ano de abertura: 2001 (14 de Julho)

d) Área total: 1 539.6 m²

e) Área de exposição: 578 m²

f) Logótipo



Museu da Tapeçaria de Portalegre - Guy Fino
Câmara Municipal de Portalegre

g) Proprietário

O MGF é propriedade da Câmara Municipal de Portalegre. Está enquadrado no Sector de Museografia do Município e depende da Divisão de Cultura, Turismo e Tempos Livres, a qual, por sua vez, se insere no Departamento dos Assuntos Sociais, Cultura, Educação, Desporto e Turismo.

h) Colecção

O Museu possui um total de 26 peças que incluem 23 tapeçarias, sendo 22 de Portalegre (10 tapeçarias individuais, 1 tríptico, 1 políptico x 4 e uma série de 5) e 1 tapeçaria de Aubusson; para além das tapeçarias, o Museu é detentor de 1 cartão para tapeçaria e 1 desenho para tecelagem. O Município de Portalegre possui ainda, para além da colecção do museu, 3 tapeçarias, 2

⁶¹ A opção de assumir as muralhas como elementos plásticos dominantes, relacionando-as com as torres medievais, o baluarte, os meios baluartes e as cortinas, resulta tanto da ambiguidade formal do próprio alçado poente do Palácio – “feito à maneira de” que não “fachada de palácio” por si mesma – como na aposta da revalorização de todo o troço de muralhas e espaços adjacentes.” MENDES, Sequeira, Projecto Base do Museu (1994: 14).

das quais se encontram expostas no edifício dos Paços do Concelho, e uma na Casa Museu José Régio⁶².

Para além da colecção do museu, as exposições beneficiam do empréstimo de tapeçarias provenientes da Manufactura de Tapeçarias, de instituições variadas e de particulares.

i) Recursos humanos

O Museu tem actualmente ao seu serviço 5 funcionários (um técnico superior, 3 assistentes operacionais e um administrativo). Uma técnica superior do IGESPPAR desempenhou, durante vários anos, as funções de directora do museu, tendo acompanhado desde o início o programa museológico. Cessou funções em 2008.

j) Missão:

“Fazer com que a cultura faça parte da vida das pessoas”

l) Serviços disponibilizados ao público

1 - Visitas guiadas

O museu oferece a possibilidade de serem realizadas visitas guiadas a todos os visitantes em quatro idiomas: português, espanhol, francês e inglês.

2 – Exposições

Para além da exposição de tapeçarias, existe um calendário anual de exposições das mais variadas temáticas a decorrer na Galeria de Exposições Temporárias (Tabela XI).

3 - Actividades de extensão cultural

Ao longo dos anos, têm sido realizadas actividades diversificadas, como é o caso dos ciclos de cinema e de um conjunto de actividades lúdicas relacionadas com as exposições temporárias e com as tapeçarias.

⁶² Ver inventário no Apêndice I (pág. 173)

4 – Loja

Apesar das pequenas dimensões, disponibiliza ao público uma colecção de postais e algumas publicações sobre as tapeçarias.

5 - Galeria de Exposições Temporárias

Fica situada no espaço entre os dois panos das muralhas medieval e setecentista. Tem acesso directo ao museu, ao Auditório e à Rua 1º de Maio.

Entre 2003 e 2007, 41 artistas expuseram na Galeria de Exposições Temporárias apresentando as mais variadas temáticas: tapeçaria, têxtil, fotografia, joalheria, pintura, escultura e ilustração infantil.

6- Auditório

Trata-se de um espaço de uso múltiplo com audiovisuais de suporte e condições para projecção de filmes até 35 mm, diaporamas e sistema de projecção vídeo. O museu tem disponível, para projecção, um filme sobre a história da tapeçaria moderna em Portugal que transmite um panorama geral da sociedade da época e vida cultural de Portalegre aquando da criação da MTP. O auditório tem capacidade para 113 lugares sentados.

O auditório é cedido mediante o pagamento do respectivo aluguer. Durante a semana, por um dia de aluguer o museu cobra 100,00 €, por meio-dia, 50,00 € e durante o período nocturno, 150,00 €. Nos sábados, domingos e feriados, por um dia cobra 150, 00 €, por meio-dia: 100,00 €, e no período nocturno, 200,00 €.



Figura 3.2.1.2– Auditório do MGF

7 - Foyer e Jardim

São espaços de fruição pública que podem ser adaptados a diversas actividades lúdicas e culturais. Junto ao *foyer* existe uma cafetaria que não se encontra em funcionamento.



Figura 3.2.1.3 – Foyer do MGF



Figura 3.2.1.4– Jardim do MGF

m) Horário

O museu está aberto em regime de permanência, de terça a domingo, entre as 9h 30m e as 18h00, encerrando para almoço entre as 13h00 e as 14h30m.

n) Ingresso

O acesso ao museu faz-se mediante o pagamento de 2,00 €. Existe uma redução de 50% para jovens entre os 15 e 25 anos, estudantes, cartão-jovem e público sénior residente no concelho.

Grupos de mais de 10 pessoas pagam 1, 00 € por pessoa. Aos domingos e feriados até às 13 horas, a entrada é gratuita.

Isenções: crianças até aos 14 anos de idade (inclusive); sócios da APOM, ICOM e ICOMOS, mediante comprovação documental; membros da Academia Nacional de Belas Artes, mediante comprovação documental; professores e alunos de qualquer grau de ensino, quando integrados em visita de estudo; funcionários da Câmara Municipal de Portalegre, mediante comprovação documental; investigadores e outros profissionais (críticos de arte, jornalistas, guias-intérpretes e demais profissionais de informação turística) no desempenho das suas funções, mediante comprovação documental.

TABELA XI – EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS (2003-2007)

| ANO | ARTISTA | NOME DA EXPOSIÇÃO | TIPO |
|------------|---------------------------------|-----------------------------------|----------------------------|
| 2003 | Maria Leal da Costa | Voar | Escultura |
| 2003 | Guilherme Camarinha | Cartões | Pintura |
| 2003 | Rodrigo Cabral e Isabel Cabral | Escultura | Escultura |
| 2003 | Gonçalo Ribeiro Telles | Utopia e os Pés na Terra | Pintura |
| 2004 | Fundação Cupertino de Miranda | Surrealismo | Pintura |
| 2004 | José de Guimarães | Tapeçarias | Tapeçarias |
| 2004 | Adalrich Malzbender | Ciganos no Alentejo | Fotografia |
| 2004 | Bárbara Valraven | VLO | Pintura/Têxteis |
| | Sílvia Félix | Jóias com | Joalheria |
| 2005 | Harold Hestrom | From Anneberg to Ana Loura | Têxteis |
| 2005 | Teresa Saporitti | Flores | Fotografia |
| 2005 | Joaquim Carita | Não estou | Pintura/Têxteis/Fotografia |
| 2005 | João Cutileiro | Vieira da Silva e outros retratos | Fotografia |
| 2005 | António Charrua | Tapeçarias | Tapeçaria |
| 2005 | João Chichorro | Snapshots | Pintura |
| 2005 | Margarida Lagarto | Cores Tecidas | Escultura/Têxteis |
| 2006 | Alunos da ESTGP | Impressões Urbanas | Ilustração/Design |
| 2006 | Anu Kruybosch | Pintura | Pintura |
| 2006 | Barbara Valraven | Only time will tell | Pintura/Escultura |
| 2006 | Luís Pinto Coelho | Tapeçarias | Tapeçaria |
| 2006 | Katrin Simiger | Partes de um todo | Joalheria |
| 2006 | Helena Loermans | Partes de um todo | Têxteis |
| 2006 | Sílvia Félix | De(s)equilíbrios | Pintura |
| 2007 | Susana Pires | Contactos II | Pintura/Têxteis |
| 2007 | Augusto Rainho | Cão vadio nas terras do ainda | Pintura |
| 2007 | M. de Tapeçarias de Portalegre | Tapeçarias recentes | Tapeçaria |
| 2007 | Nie Ieri | Trabalhos sobre papel | Trabalhos sobre papel |
| 2007 | Aristides Menezes | Reflexos de quem vê | Pintura |
| 2007 | Adriano Dias Ferreira | Pintura | Pintura |
| 2007 | Joana Banhudo | Joana Voa, Voa | Ilustração Infantil |
| 2007 | Cláudio e Sílvia Félix Trindade | Ilustração/Joalheria | Ilustração/Joalheria |
| 2007 | Dulce Ferraz | Landmar | Joalheria |

Fonte: Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino

3.2.2 - Evolução do número de visitantes entre 2001 e 2008

Entre 2001 (ano da abertura ao público) e 2008 visitaram o Museu 56 923 pessoas. Conforme se verifica na Tabela XII, os dois primeiros anos registaram a maior afluência de visitantes, tendo-se assistido a uma quebra entre 2003 e 2006. A partir de 2007 o número de visitantes revela novamente uma evolução positiva, registando-se um aumento significativo do número de visitantes estrangeiros. Os meses de maior afluência são Abril, Agosto e Outubro. No período em questão, a média anual foi de 7 115 visitantes.

**TABELA XII – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VISITANTES
(2001 – 2008)**

| Ano | N.º total de visitantes | Estrangeiros |
|--------------|--------------------------------|---------------------|
| 2001 | 9 297 | |
| 2002 | 9 766 | 1 338 |
| 2003 | 5 142 | 776 ⁶³ |
| 2004 | 6 588 | 872 |
| 2005 | 5 655 | 689 |
| 2006 | 5 457 | 772 |
| 2007 | 7 533 | 1 050 |
| 2008 | 7 485 | 1 400 |
| Total | 56 923 | 6 897 |

Fonte: Museu da Tapeçaria

O MGF é o mais visitado da cidade, quer em número de visitantes nacionais, quer estrangeiros. A Tabela XIII mostra a evolução do número de visitantes nos três museus: Casa Museu José Régio, Museu Municipal e Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino. Verifica-se que o MGF apresenta cerca do dobro do número de visitantes relativamente aos seus congéneres, praticamente em todos os anos. Na figura 3.2.2.1, verificamos que, principalmente no que diz respeito aos visitantes estrangeiros, o MGF leva um grande avanço relativamente aos outros dois museus. Em 2008, por exemplo, enquanto a Casa Museu José Régio recebeu cerca de 200 visitantes estrangeiros, o MGF recebeu 1400.

⁶³ Não contempla Março e Abril por encerramento para obras.

TABELA XIII – EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE VISITANTES NOS MUSEUS DA CIDADE (2002 - 2008)

| Museu | Ano/ N.º de visitantes | | | | | | |
|-----------------------------|------------------------|--------------------|--------------------|------|--------------------|------|------|
| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 |
| Casa Museu José Régio | 5558 | 4789 | 3150 ⁶⁴ | 0 | 1704 ⁶⁵ | 3359 | 3526 |
| Museu Municipal | 5734 | 3893 | 3937 | 3698 | 1754 (7) | 0 | 0 |
| Museu de Tapeçaria Guy Fino | 9812 | 5142 ⁶⁶ | 6630 | 5655 | 5434 | 3359 | 7485 |

Fonte: Posto de Turismo de Portalegre

Visitantes estrangeiros nos museus de Portalegre

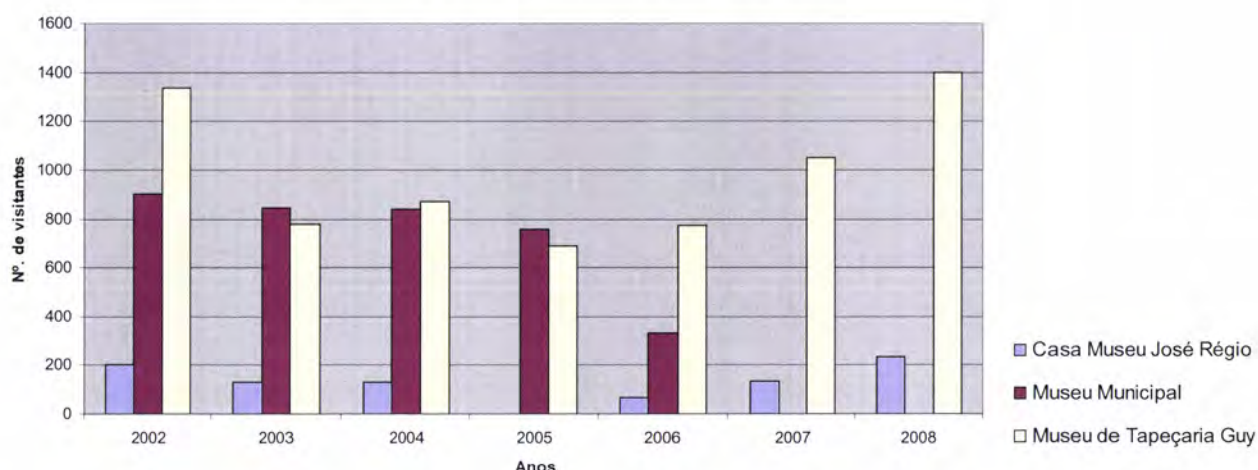


Figura 3.2.2.1 – Visitantes estrangeiros aos museus da cidade
(Fonte: Posto de Turismo de Portalegre)

3.2.3 – Programa museológico apresentado pela ARQUIESPAÇO⁶⁷

A proposta de programa museológico foi apresentada em 1992 pelo Atelier ARQUIESPAÇO, sob a coordenação do Arquitecto Sequeira Mendes, também responsável, como já referido, pelo projecto de arquitectura. Foi estruturada em colaboração estreita com a Dr.^a Elsa Fino (à época Directora da Manufatura) e com a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.

⁶⁴ Em 2003, os dados referentes ao Museu de Tapeçaria não contemplam os meses de Março e Abril em virtude do museu ter estado encerrado para obras.

⁶⁵ Em 2004, os dados referentes à Casa Museu José Régio não contemplam os meses de Agosto a Dezembro em virtude do museu ter estado encerrado para obras.

⁶⁶ Em 2006, a Casa Museu José Régio e o Museu Municipal estiveram encerrados temporariamente para obras. Assim, os dados referentes à Casa Museu José Régio não contemplam os meses de Janeiro a Junho, e os do Museu Municipal os de Agosto a Dezembro.

⁶⁷ ARQUIESPAÇO, Arquitectura e Planeamento, Lda. (Base de Programa museológico do Museu da Tapeçaria de Portalegre, Novembro de 1992)

Foram concebidos cinco tipos de áreas funcionais: áreas de exposição; equipamentos de apoio; áreas de serviços administrativos; áreas técnico-museológicas; áreas técnicas gerais.

A área expositiva foi organizada em três núcleos, seguindo uma linha cronológico-estilística:

a) Para o primeiro núcleo propunha-se a introdução da temática do museu que incluía propostas relativas ao conceito de tapeçaria mural; à história da tapeçaria: Oriente e Ocidente; e aos centros de produção tradicionais: Flandres e França, as quais não se concretizaram. Apenas se concretizou a proposta relativa à História da MTP.

b) O segundo núcleo proposto tinha por tema “O Processo de Manufatura” e apresentava os procedimentos técnicos de execução da tapeçaria de Portalegre: ampliação do cartão; matérias-primas utilizadas (algodão e lã); escolha de cores e tecelagem. Foi concretizado e ocupa 3 salas do piso térreo.

c) O terceiro núcleo pretendia-se inteiramente dedicado às “Tapeçarias e Cartões”, seguindo, tanto quanto possível, uma linha cronológica que acompanhasse o desenvolvimento desta arte, desde o seu nascimento, em finais dos Anos 40 do século XX, até à actualidade:

1. Jean Lurçat e a renovação da tapeçaria
2. Os históricos (Camarinha, João Tavares e Renato Torres)
3. Os cartões de 1940 a 1960 (tapeçaria de autor)
4. A ruptura dos Anos Setenta
5. Os não nacionais
6. A contemporaneidade

Foi concretizado e ocupa as dez salas do 1º. Andar, com uma área de 362,3 m².

Existe rotatividade de peças na colecção de tapeçarias expostas, que se concretiza com o apoio da MTP, de instituições e de particulares.

3.2.3.1 – A concretização do programa museológico: situação actual

O programa museológico ao ser concretizado, sofreu algumas alterações.

Assim, o núcleo dedicado ao conceito de tapeçaria foi substituído pela história da Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre através um conjunto de documentos provenientes da Biblioteca Nacional.

Também a exposição de tapeçarias e cartões, que começou por obedecer a um critério cronológico, é agora efectuada de forma mais livre, estando a exposição dependente das obras disponíveis na MTP.

Núcleo I

a) Espólio da Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre

Numa das salas do museu encontram-se expostas 3 plantas (2 plantas da fábrica e 1 planta do terreno adjacente à fábrica), através das quais, como refere Ana Cristina Pais, *se atesta a opção de reaproveitar um espaço devoluto (na posse do Estado desde 1795) para a instalação da nova fábrica, dando-se início, em 1772, à organização da planta do edifício e ao estudo de abastecimento de água ao edifício, aspecto fundamental para o sector da tinturaria que estava associado à produção dos panos de lã.*⁶⁸

Foi ainda escolhido um conjunto de amostras dos panos fabricados na Real Fábrica, cujas cópias se encontram expostas no museu, com referências às suas qualidades (“entrefina”, “ordinária” e “mais que ordinária”), títulos e medidas, que acompanhavam as remessas de panos enviados por carretos, de Portalegre para Lisboa para comercialização. Por aqui é possível comprovar a qualidade e variedade dos tecidos produzidos entre os anos de 1775 e 1780.

A exposição do espólio proveniente da Biblioteca Nacional sobre a Real Fábrica de Lanifícios prende-se com o facto de a MTP ocupar historicamente o espaço primitivo da Real Fábrica. De referir que, em Portalegre, a tradição do fabrico de panos de lã radica no facto de, antigamente, se trazer o gado ovino em transumância para o Alentejo, desde a região da Serra da Estrela.

A instalação da Real Fábrica de Lanifícios em Portalegre permitiu agregar todas as pequenas fabriquetas que já existiam dispersas pela cidade. Esta primeira indústria de lanifícios finos e droguetes surgiu após a expulsão dos Jesuítas de Portalegre (1759), tendo sido instalada no antigo Colégio de

⁶⁸ Documento policopiado da autoria de Ana Cristina Pais e fornecido pelo MGF.

Jesuítas de S. Sebastião, fundado em 1605, como o atestam vários documentos existentes na secção de reservas da Biblioteca Nacional.

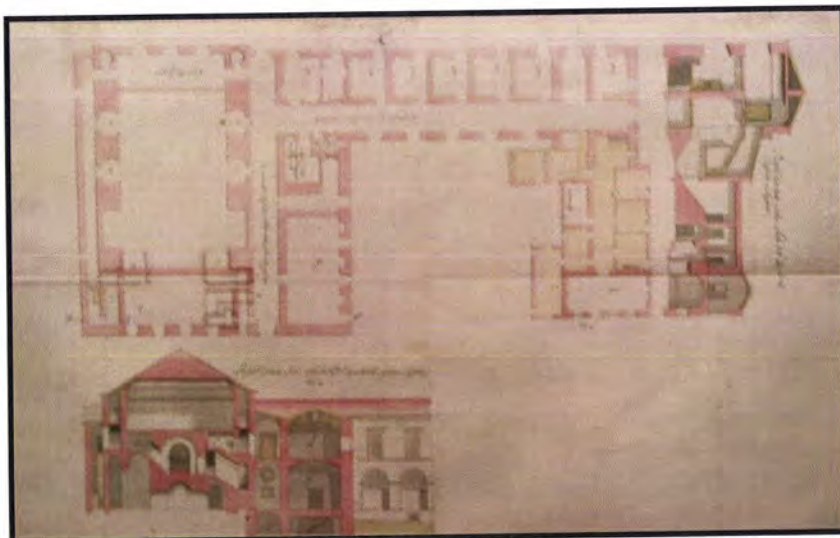


Figura 3.2.2.2 – Planta Superior do Colégio de Jesuítas de Portalegre

b) História da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre

Numa das salas do museu é apresentada a história da MTP seguindo uma linha cronológica⁶⁹. É ainda *relatado o percurso de mais de meio século da MTP, o qual permite acompanhar uma fotobiografia da M.T.P, reconhecer alguns dos primeiros cartões executados para tapeçarias, a primeira obra de Tapeçaria de Portalegre executada na manufactura, mas também as peripécias que envolveram a relação de Guy Fino com o grande mestre da tapeçaria francesa Jean Lurçat e deste com a M.T.P.*⁷⁰

Peças expostas: cartão e desenho de Jean Lurçat relativos à tapeçaria “Le roi Soleil, a qual acompanha o conjunto, bem como as tapeçarias de Aubusson e de Portalegre com o título “Le Coq Guerrier”, de Jean Lurçat.

⁶⁹ Ver Anexo IV

⁷⁰ Documento policopiado da autoria de Ana Cristina Pais fornecido pelo museu



Figura 3.2.2.3 – Guy Fino, o fundador da Manufatura

Núcleo II

O processo de manufatura: ampliação, desenho, escolha de cores e tecelagem

Existem três salas dedicadas ao processo de manufatura das tapeçarias: inicia-se a explicação pelo ciclo da lã, (peças expostas: roca de fiar, dobadoira e meadeira, caldeirão de tinturaria e carolos de lã numa paleta de 1 150 cores); segue-se a informação sobre a ampliação do cartão e realização do desenho (peças expostas: ampliador, papel quadriculado com 2 mm e desenho de ampliação para tapeçaria de Cargaleiro e respectivo cartão); finalmente explica-se a tecelagem (peças expostas: réplica em miniatura de tear vertical, imagem de tecedeiras tecendo uma tapeçaria e produto final representado aqui pelo tríptico “Estudo para tapeçaria – Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos” de Almada Negreiros).



Figura 3.2.2.4 – Meadeira e dobadoira de lã

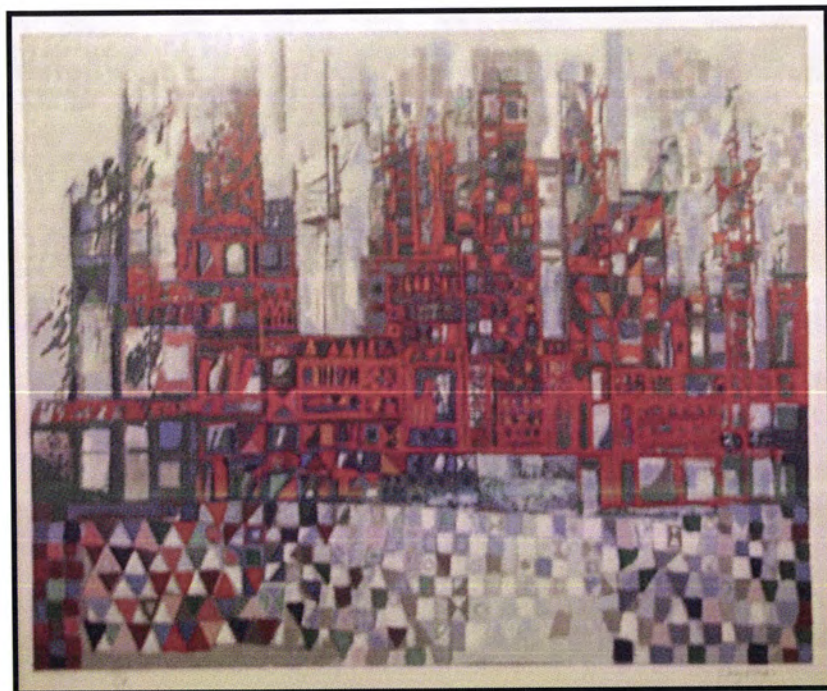


Figura 3.2.2.5 - Desenho de ampliação para tapeçaria de Manuel Cargaleiro
(200x250)1991

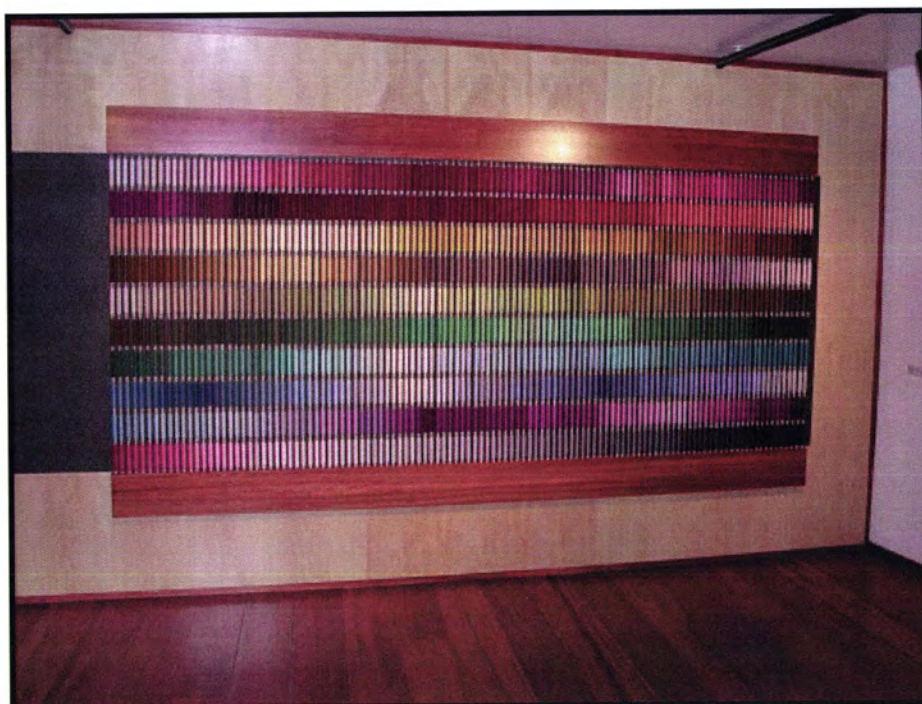


Figura 3.2.2.6 – Paleta de cores dos carolos de lã

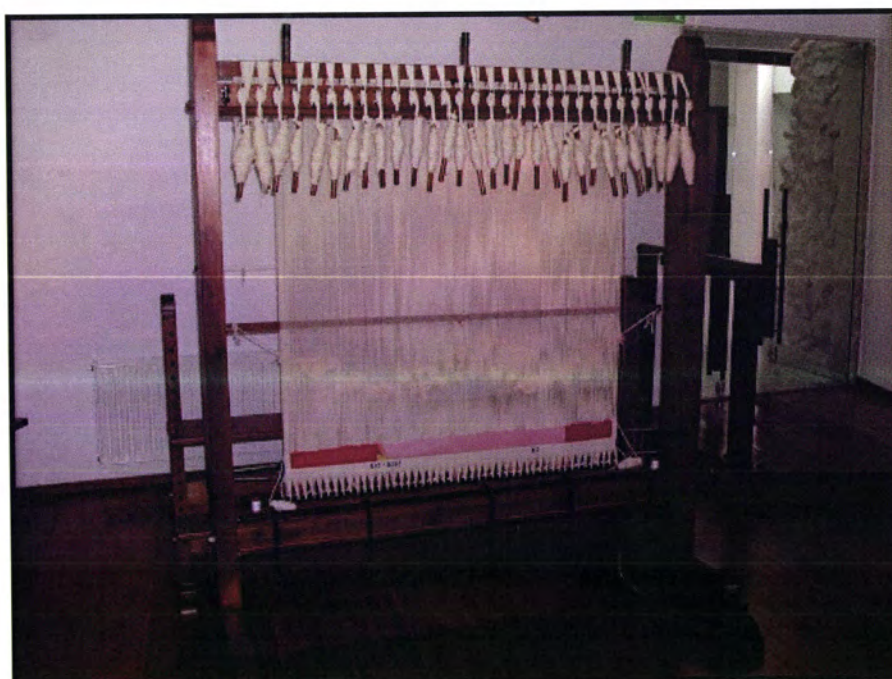


Figura 3.2.2.7 – Réplica em miniatura de tear vertical

Núcleo III

A Exposição de Tapeçarias e Cartões:

Secção: Décadas de 40 e 50 (históricos)

No início, os temas eram essencialmente decorativos e tradicionalistas mas, *quentes e coloridos na sua função mural de integração na arquitectura pública*⁷¹.

A tapeçaria foi escolhida como arte decorativa preferencial no que respeita à decoração de interiores dos vários equipamentos mandados construir pelo regime de Oliveira Salazar: Palácios da Justiça, Tribunais, Cidades universitárias, Bibliotecas e Embaixadas⁷².

Destacam-se, nesta fase, artistas como Guilherme Camarinha, Renato Torres, João Tavares, Correia Rebocho, Jorge Barradas ou Marcelo de Moraes. Júlio Pomar, Maria Keil e Lima de Freitas, contam-se também entre os primeiros que colaboraram com a MTP.

Peças expostas: “Diana” (deusa da caça) de João Tavares a primeira tapeçaria a ser executada na MTP), “Tourada”, de João Tavares, “Actividades”, de Guilherme Camarinha, tapeçarias “Le Coq Guerrier” (Portalegre e Aubusson) e 5 cartões para tapeçaria (“Diana”, de João Tavares, “O Pescador”, de Maria Keil, “Alentejo”, de Lima de Freitas, “Bela Aurora” de Júlio Pomar e “Alegoria à Escrita”, de Guilherme Camarinha.



Figura 3.2.2.9 – *Diana* (João Tavares - 1947) (143,3 x 174,2)

⁷¹ PAIS, Ana Cristina (2005: 33)

⁷² COSTA (2002: 01)

Secção: Década de 60 (obras de autor)

Após consagrada a tapeçaria de Portalegre, surge, na Década de 60, aquilo a que se poderia denominar de obra de autor. Nesta época, Guy Fino promove mostras de tapeçarias em galerias nacionais e internacionais.

Intensifica-se a colaboração de Cruzeiro Seixas, Cargaleiro, Dordio Gomes, João Abel Manta, Maria, Keil, Lima de Freitas, Eduardo Nery, Júlio Resende, Júlio Pomar, Rogério Ribeiro, Manuel Casimiro, Lurdes de Castro, Menez, Vieira da Silva, entre muitos outros.

Peças expostas: “Estudo para um auto – retrato”, de Cruzeiro Seixas, “D. Leonor”, de Costa Pinheiro, “Integração”, de Almada Negreiros, “Haut Tropiques”, de Jean Lurçat, “Aula de pintura”, de Rogério Ribeiro e “Figuras”, de Rolando Sá Nogueira.

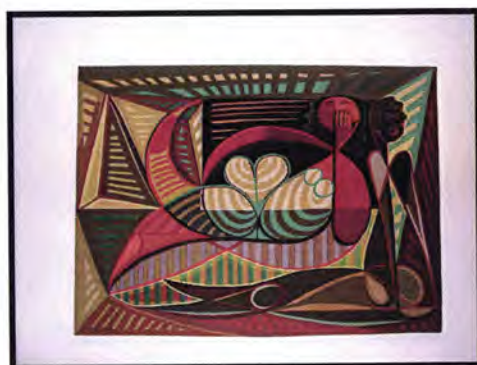


Figura 3.2.2.9.1 – *Integração* (Almada Negreiros – tecelagem: 1977) (158,6 x 216,9)

Secção: A ruptura dos Anos Setenta

Na década de setenta surgem as composições abstractas, de feição geométrica, vários pintores radicados no movimento surrealista fazem cartões para tapeçaria.

Destacam-se António Charrua, Almada Negreiros, Eduardo Nery, Manuel Casimiro, Malangatana, Eugénio Granel, entre muitos outros.

Peças expostas: “O velho poeta”, de Saúl Dias, “Paisagem possível”, de Charrua, “Janela”, de Charrua, “Sol”, de Charrua, “El Jardim de las Estátuas”, de Eugénio Granel, “Reflexos”, de Manuel Casimiro e “Pulsação de Cor”, de Eduardo Nery.



Figura 3.2.2.9.2 – *El Jardim de las estátuas* (Eugénio Garnel) (220x360)

Secção: Os não nacionais

Desde que o artista francês Jean Lurçat, se rendeu à técnica das tapeçarias de Portalegre, em 1957, muitos foram os artistas estrangeiros a executar cartões para tapeçaria. Destacamos, entre outros, o arquitecto Le Corbusier, o húngaro Mathieu Matégot, os americanos Marta Mood e David Adicks e ainda Danielle Moser, Paul Mathieu, Fred Kradolfer, Roger Katty, Otto Neson, Pillement, Eugénio Garnel, Arpad Szenes e, mais recentemente, Rigo 23.

Peças expostas: “Sereias”, de Otto Nielsen, “Autum Garden”, de David Adicks, “Etude”, de Matégot, “World Music I e II”, de Tom Philips, e “Samurais”, de Paul Mathieu e um cartão para a tapeçaria Albatroz Vermelho, de Matégot.

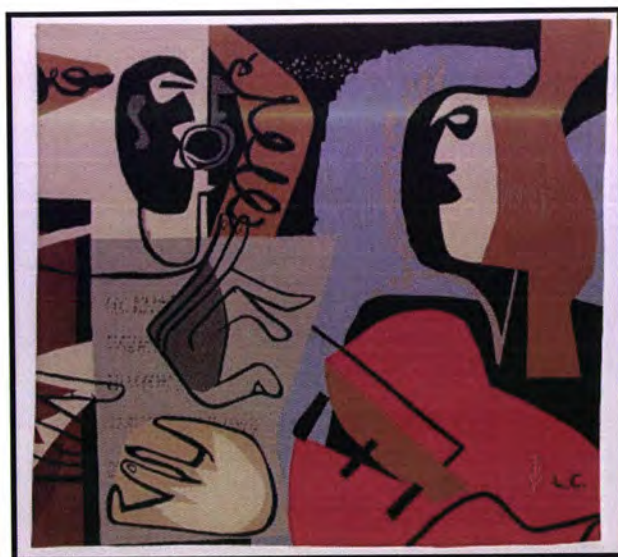


Figura 3.2.2.9.3. – *Les deux musiciens* (Le corbusier - 1964) (122 x 123)

Secção: Os Anos Oitenta

Nos Anos Oitenta destaca-se a pintora Vieira da Silva que executou 14 trabalhos para a MTP. Arpad Scennes, Jorge Martins, Costa Pinheiro e Carlos Botelho foram outros artistas importantes nesta década.

Peças expostas: “Newton”, de Jorge Martins e “Biblioteca”, de Vieira da Silva.

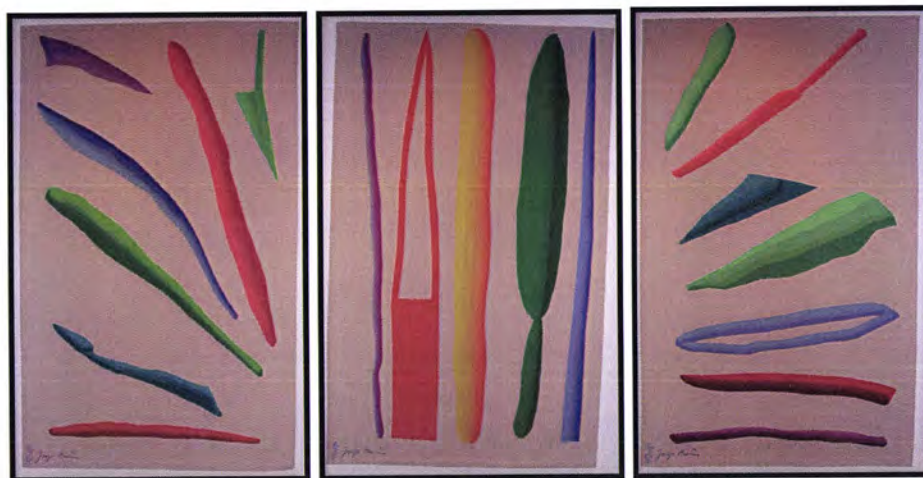


Figura 3.2.2.9.4 – *Meteoritos I II e III* – Tríptico (Jorge Martins – 1987) (3 x 200 x 12)

Secção: Os Anos Noventa

Durante a Década de Noventa, vários artistas colaboram com a MTP realizando composições figurativas, como é o caso de Lurdes Castro, Menez, José de Guimarães, António Dacosta, Manuel Cargaleiro, Nadir Afonso, Cruzeiro Seixas, Júlio Pomar, entre muitos outros.

Peças expostas: “Bristol” de Nadir Afonso, “As quatro Estações”, de Lurdes de Castro e “Tríptico” de Júlio Pomar.



Figura 3.2.2.9.5 – Série Camoniana - Camões II (José de Guimarães – 1992) (200 x 190)

Secção: A contemporaneidade

Entre 2000 e 2009, foram muitos os pintores contemporâneos que fizeram trabalhos para tapeçaria. Destaca-se a artista Graça Morais, com um grande número de trabalhos executados. Luís Pinto Coelho, David Adickes, Resende, Eduardo Nery, Rogério Ribeiro, Armando Alves, Rui Moreira e Rigo são apenas alguns dos mais recentes colaboradores da Manufatura.

Peças expostas: “Árvore”, de Sousa Lara e “Alentejo”, de Armando Alves.



Figura 3.2.2.9.6 - Alentejo I – 2003 (Armando Alves) 200x139

3.1.4 – Análise e apreciação do museu na situação actual

a) Colecção

O Museu é proprietário de uma colecção muito reduzida, com apenas 26 tapeçarias que, só por si, não consegue transmitir a evolução desta arte ao longo dos anos. As principais lacunas situam-se ao nível das obras de autores estrangeiros (o único representado é Lurçat que ilustra apenas os primeiros anos da MTP) e de autores contemporâneos. Também o número de cartões e desenhos na posse do museu é francamente insuficiente. Regista-se aqui a necessidade de aumentar a colecção, mas não de forma aleatória: deve haver um plano de encomenda/aquisição de peças que permita que a colecção venha a ter a necessária representatividade de autores, de épocas e de estilos

artísticos, no que diz respeito não só a tapeçarias mas também a desenhos e cartões.

Além disso, todas as peças expostas relacionadas com o ciclo da lã (roca de fiar, dobadoira, fiadeira, foto dos carolos de lã e caldeira de tinturaria) e ligadas ao processo de tecelagem (amplificador, tear vertical e desenho para tecelagem da autoria de Manuel Cargaleiro “Grande Festa na Cidade Imaginária”) são propriedade da MTP e deveriam ser adquiridas. Estas aquisições podem ser efectuadas com recurso a mecenato.

As lacunas relacionadas com a colecção constituem um constrangimento para a evolução do Museu como espaço museológico.

b) Missão

Todos os museus têm uma missão. Esta deve ser clara e precisa e deve transmitir inequivocamente o seu principal objectivo. Uma missão clara é uma ajuda preciosa na definição de estratégias para o serviço educativo do museu.

A missão do MGF é muito vaga, não se percebendo qual é a focalização do museu. “Fazer com que a cultura faça parte da vida das pessoas”, mas, qual cultura e quais pessoas? Não se percebe se o museu pretende focalizar os objectivos museológicos na colecção, na divulgação do património formado pelas tapeçarias, na captação de públicos, na sua vertente pedagógica, ou noutra área qualquer, deixando todas as hipóteses em aberto.

c) Quadro de pessoal

O quadro de pessoal desempenha um papel importantíssimo em qualquer instituição. Sem director e sem um único funcionário com formação na área da Museologia, o quadro de pessoal do MGF revela debilidades que se reflectem principalmente ao nível da investigação, da gestão, da inventariação do acervo e da divulgação do espaço museológico e das tapeçarias.

d) Instalações e equipamentos

Apesar de instalado num edifício recuperado, moderno e bem equipado, caso a colecção venha a ser enriquecida, como se propõe, o espaço apresenta dimensões reduzidas que não comportam esta valorização.



As áreas expositivas relativas à história das tapeçarias e ao processo de manufactura apresentam apenas algumas peças, com pouca informação escrita. A interpretação poderia ser facultada de forma interactiva, podendo os visitantes ter um papel mais activo ao longo a visita, de forma a descobrir ludicamente muitos dos conteúdos.

Considera-se, também, que o número crescente de visitantes em geral e de turistas estrangeiros em particular, justifica a aquisição de áudio-guias em várias línguas para acompanhamento da visita. Além disso, a existência deste tipo de equipamento iria permitir libertar os funcionários para a implementação de actividades de acção comunitária para diferentes tipos de público.

Há alguns equipamentos que estão subaproveitados, como é o caso do bar, que está encerrado e que poderia ser futuramente concessionado (antevendo-se acréscimo de visitantes) e aí promover os produtos tradicionais locais (doces conventuais, boleimas, dos bolos fintos, etc.).

Também a loja apresenta um número muito reduzido de materiais à venda, não existindo qualquer tipo de *merchandising* sobre o museu ou as tapeçarias.

f) Exposições temporárias

A galeria de exposições temporárias apresenta problemas de infiltração de águas pluviais de alguma gravidade. Devido, talvez, a este constrangimento, as exposições passaram a ocupar também o espaço da exposição permanente, facto que, em nosso entender desvirtua o programa museológico.

Verificámos também que, à excepção da exposição inicial sobre Camarinha, o calendário anual de exposições temporárias não tem seguido uma política de promoção da arte da tapeçaria em si, o que se considera ser uma lacuna na estratégia global de divulgação do museu e do património que este representa. É importante que temáticas como “Cartões para tapeçaria”, “Artistas com cartões para tapeçaria”, “Desenhos para tecelagem” entre outras, constem do programa de exposições temporárias.

g) Divulgação

As tapeçarias de Portalegre constituem um património importantíssimo da cidade e do país e constituem um dos principais, senão o principal, cartão turístico do Concelho, pelo que merecem uma maior divulgação.

Não existe um plano de divulgação do museu que inclua:

- Inserção de publicidade em jornais nacionais e revistas da especialidade;

- Uma *newsletter* sobre as actividades do museu e a constituição de uma base de dados de correio electrónico dos vários públicos (real e potencial)

- A colocação de *outdoors* e *mupis* nas entradas da cidade e na fachada do museu que dá acesso à rua 1º de Maio;

- A concepção e impressão de um guia didáctico sobre o museu;

- A concepção de um sub-site do Museu, para inserir no Portal do Município, com todas as informações relativas a este e outros espaços museológicos da cidade.

Deve existir também um plano de *marketing* que contemple estudos de mercado e concepção de *merchandising* para venda na loja, nos outros espaços museológicos da cidade e no posto de turismo.

h) Auditório

O serviço de aluguer do auditório está temporariamente suspenso, uma vez que está aqui instalado o ICTVR (International Center for Technology in Virtual Reality), associação que pretende instalar um tecnopólo na cidade, em parceria com Câmara Municipal de Portalegre, e cuja instalação definitiva se prevê no Espaço Robinson. Não nos parece ser o MGF o espaço mais adequado para albergar, mesmo que temporariamente, esta estrutura.

i) Serviços educativos

Os serviços educativos do Museu começaram a funcionar em 18 de Maio de 2006, tendo sido definidos os seguintes objectivos: “dar a conhecer, promover e divulgar a Tapeçaria de Portalegre; consciencializar a população relativamente ao património cultural; descentralizar as actividades culturais; incentivar e desenvolver a capacidade de observação e expressão de públicos

mais jovens; criar hábitos com a sociedade; trabalhar novos públicos para o museu, mantendo-o um espaço vivo e dinâmico”.

Verificámos, no entanto, que durante os anos de 2006 e 2007 foram desenvolvidas apenas 3 actividades: uma visita-atelier sobre a Tapeçaria de Lourdes Castro – “Quatro estações”, destinada a alunos do ensino pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico, que decorreu em 2006; e duas actividades relacionadas com exposições temporárias do museu (um atelier de pintura e desenho e uma peça de teatro interactiva, que decorreram em 2007).

Analisando a única actividade desenvolvida sobre a temática do museu, verificamos que a mesma se intitulam (de forma correcta) de “actividade lúdica” uma vez que não foram definidos objectivos de aprendizagem, e não foi adaptada aos planos curriculares dos respectivos níveis de ensino. Verificámos também que contou apenas com 144 participantes num total de 8 estabelecimentos de ensino, não tendo participado na actividade nenhuma escola da cidade.

Ao longo de 2007 realizaram-se, também, sessões de cinema para vários tipos de público. Esta actividade, embora não tenha nenhuma relação com as tapeçarias nem possa ser considerada de serviço educativo, é pertinente e interessante uma vez que permite não só rentabilizar o auditório como também captar visitantes e criar hábitos cinéfilos no público.

Verificamos, assim, que os serviços educativos têm funcionado apenas de forma pontual, esporádica, sem adaptação aos planos curriculares dos alunos nem definição de objectivos de aprendizagem. As actividades desenvolvidas cingem-se à realização de ateliers para o público infanto-juvenil e incidem quase exclusivamente sobre as exposições temporárias.

O Museu dispõe de alguns equipamentos destinados aos serviços educativos (mesas, cadeiras, materiais de desenho, materiais pedagógicos, entre outros) feitos pelos funcionários ou obtidos através de parcerias com empresas privadas. Verifica-se também que a equipa tem bastantes potencialidades nesta área, podendo, com o devido acompanhamento, vir a desenvolver um trabalho interessante, principalmente ao nível da construção de materiais pedagógico-didácticos.

Não existe um guia didáctico sobre o museu nem uma maleta pedagógica, destinadas ao público escolar (alunos e professores).

j) Estatística de visitas

Apesar de ser o museu mais visitado da cidade, o MGF apresenta, até à actualidade, um número muito reduzido de visitantes. A média anual de visitantes é de 7112, com apenas 13,8% de visitantes estrangeiros, o que é muito limitado para um museu com o potencial da sua colecção.

l) Constrangimentos urbanos para a visita

A actual entrada do museu, pela rua da Figueira, tem pouca visibilidade e não tem estacionamento, o que é um constrangimento para os potenciais visitantes. Existe, no entanto, outra entrada pela rua 1º de Maio que, em nosso entender, deveria estar aberta ao público, pois tem maior visibilidade e possui um parque de estacionamento para automóveis ligeiros e para autocarros.

3.3 - O museu, a manufactura e o património artístico e cultural das duas entidades

3.3.1 - O acervo do museu

O acervo do museu é constituído, como já se referiu, por 26 peças que incluem 22 tapeçarias de Portalegre (10 individuais, 1 tríptico, 1 políptico x 4 e uma série de 5) 1 tapeçaria de Aubusson, 1 cartão para tapeçaria e 1 desenho para tecelagem.

O Município de Portalegre possui ainda, para além da colecção do museu, 4 tapeçarias, três das quais se encontram expostas no Edifício dos Paços do Concelho e uma na Casa Museu José Régio.⁷³

3.3.2 - O património artístico e cultural da manufactura

Vinte anos após a sua fundação, a MTP atingiu, em 1967 o seu auge, com 10 desenhadoras e 189 tecedeiras, 169 tapeçarias tecidas (116 de série única) e a colaboração de 33 artistas, 1/3 dos quais estrangeiros. A maior parte das tapeçarias (mais de 2/3) são encomendas do estrangeiro e destinam-se a ser incluídas em colecções a nível mundial.

⁷³ Apêndice I (pág. 173)

A primeira encomenda do estrangeiro data de 1957, do artista François Lauvin de Fontainebleau. No ano seguinte foi a vez de Jean Lurçat (o mais famoso desenhador de tapeçarias do mundo, que trabalhou com os Ateliers de Aubusson e Gobelins) se render às tapeçarias de Portalegre. Este autor fez mais de 40 desenhos para a Tapeçaria de Portalegre.

Entre 1965 e 1975, a MTP produziu mais de 1400 tapeçarias, sendo a maior parte vendida para os Estados Unidos. Este país tornou-se o principal importador de tapeçarias até 1974.

Após o 25 de Abril de 1974, a MTP entrou em decadência, recuando 20 anos no número médio de tapeçaria tecido. Para fazer face à crise, a MTP intensificou a produção de séries limitadas e numeradas, na sequência do que já tinha sido feito aquando do grande “boom” para os Estados Unidos.

Neste mesmo período, começaram a surgir encomendas de entidades privadas, bem como de casas particulares, empresas e entidades públicas⁷⁴, Entre os particulares destaca-se a Fundação Calouste Gulbenkian que tem a maior colecção de tapeçarias do país. No estrangeiro podemos encontrar tapeçarias de Portalegre na Fundação Peter Stuyvesant, no Governo de Baden-Wurtemberg, no Tribunal Europeu do Luxemburgo, no Supremo Tribunal de New South Wales (Austrália), na Trinity University no Texas e no M.I.T. em Massachusetts (EUA), na Union des Banques Suisses em Zurique. Mas é nos Estados Unidos da América que existe o maior número de proprietários particulares de tapeçarias de Portalegre, no mundo.

A produção de tapeçarias requer a participação de desenhadoras e tecelões experientes e representa um investimento considerável. A título de exemplo, podemos dizer que só a tapeçaria “A Cidade dos Mastros”, de Manuel Cargaleiro, exigiu mais de 1500 horas de trabalho de uma desenhadora muito experiente.

Hoje em dia, a MTP conta com uma equipa de 11 tecedeiras, 3 desenhadoras e uma coordenadora-chefe.⁷⁵

⁷⁴ Tais como museus e fundações, bancos e companhias de seguros, hotéis e pousadas, universidades, hospitais e igrejas, tribunais, câmaras municipais, governos civis, Assembleia da República, Presidência da República e Presidência do Conselho de Ministros, entre outros.

⁷⁵ HALLETT, Jessica *in* Catálogo da Exposição “Nós na Arte” Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea, 2009 (pág. 34-41) – texto extraído do projecto “Vidas Entrelaçadas” apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, 2008 – 2009.

Ao longo destes 63 anos, a MTP produziu já um total de 3.300 tapeçarias, sendo cerca de 2.200 séries únicas, num total 12.420 m²⁷⁶. Mais de 200 pintores, nacionais e estrangeiros⁷⁷, colaboraram na elaboração de cartões e de outros suportes para tapeçaria. Além disso, a MTP dispõe de uma carteira de cartões, ainda por executar, da autoria de jovens pintores de Portalegre.

⁷⁶ FINO, Vera *in* Catálogo da Exposição "Nós na Arte" Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea, 2009 (pág. 20-23).

⁷⁷ Ver catálogo de autores em Apêndice II (pág. 212)

CAPÍTULO IV

SERVIÇOS EDUCATIVOS EM MUSEUS DE BELAS ARTES

O objectivo deste capítulo é descrever e analisar criticamente os serviços educativos de alguns museus de referência, de Belas Artes, para melhor fundamentarmos o nosso projecto.

4.1 – A Fundação Calouste Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian foi criada em 1956 por vontade expressa, em testamento, do milionário de origem arménia, Calouste Sarkis Gulbenkian (1869 -1955). Dedicou-se ao desenvolvimento da arte, beneficência, ciência e educação, através de diferentes programas de investigação, incentivo e apoio, que vão desde a compra de material hospitalar à atribuição de bolsas de estudo, passando por uma vasta programação de exposições, música e dança, sendo estas duas últimas levadas a cabo pelos seus três agrupamentos permanentes: o Coro Gulbenkian, a Orquestra Gulbenkian e o Ballet Gulbenkian. Além disso, inclui ainda o Museu Calouste Gulbenkian e o Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

O Museu Calouste Gulbenkian foi inaugurado a 2 de Outubro de 1969, em Lisboa, para albergar a colecção de mais de 6000 peças que Calouste Sarkis Gulbenkian reuniu ao longo da sua vida e que vão do mobiliário francês à cerâmica persa, da pintura europeia à numismática grega e romana, da escultura egípcia à ourivesaria francesa, passando pela tapeçaria oriental.

O museu tem uma Biblioteca de Arte especializada em História da Arte e Artes Visuais e destinada essencialmente a estudantes e investigadores.

Anexo ao museu existe um jardim magnífico, com lagos, esculturas, cursos de água, plantas exóticas e animais.

O Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAMJAP) abriu ao público em 1983 e alberga uma colecção de arte moderna e contemporânea portuguesa com alguns núcleos de arte estrangeira, nomeadamente britânica e arménia. Para além da colecção permanente, o CAMJAP desenvolve uma programação de exposições temporárias e iniciativas para públicos variados

4.1.1 - Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir

O “Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir” constitui uma proposta multidisciplinar de iniciativas conjuntas e transversais dirigidas aos públicos de todas as idades e resulta de um trabalho de parceria entre as equipas do Museu Gulbenkian, do Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna, dos Serviços de Música e dos Serviços Centrais da Fundação. Os projectos educativos destes Serviços integraram-se num único programa que tem por objectivos estimular a formação de cidadãos sensíveis à criação e à fruição crítica das Artes e incentivar o seu sentido de criatividade e de invenção. Trata-se de um programa recentemente criado que é inovador na medida em que permite o trabalho educativo em rede e a interdisciplinaridade.

Para além das visitas comentadas e das visitas-jogo ao museu e ao Centro de Artes, dos concertos comentados e das visitas aos jardins, as escolas podem organizar séries encadeadas de eventos pedagógicos, nos vários espaços e projectos, numa única visita.

O programa para 2008/2009 inclui actividades destinadas a Escolas e grupos organizados bem como programas para crianças, famílias e adultos.

a) Actividades para Escolas e grupos organizados

Para escolas e grupos organizados, o programa põe à disposição:

- 44 Visitas de 4 tipos diferentes: visitas-jogo, visitas musicais, visitas orientadas e visitas à medida;
- 14 Oficinas que vão do Pré-escolar ao Ensino Secundário;
- 3 Actividades destinadas a alunos com necessidades educativas especiais (uma visita-oficina, uma visita à medida das necessidades dos alunos e uma actividade com instrumentos musicais Baschet⁷⁸),
- 6 Concertos comentados e ainda 20 cursos de formação nas áreas da música, educação artística e História da Arte.

Relativamente às visitas, foi elaborado um calendário anual que contempla:

⁷⁸ Estruturas sonoras inventadas pelos irmãos Baschet em 1955, construídas a partir de materiais menos usuais nos restantes instrumentos de música, como o alumínio, o vidro, o plástico, mas funcionando sobre princípios acústicos. (Descobrir, Programa Gulbenkian Educação para a Cultura 2008/2009, pág. 58).

- 13 Visitas-jogo, onde predomina o diálogo orientado, a utilização de materiais apelativos, o contacto directo com a obra de arte e a aprendizagem por descoberta. Destinam – se ao Pré-escolar, 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico;

- 9 Visitas musicais (sendo a visita “viagens temáticas” composta por séries de quatro) que exploram as origens do som, dos instrumentos musicais, da música ao longo dos tempos e o funcionamento dos instrumentos musicais e incluem sempre um momento musical. Destinam-se a alunos desde o Pré-escolar ao Ensino Secundário;

- 18 Visitas orientadas (Museu⁷⁹ e Centro de Arte Moderna⁸⁰) nas quais os orientadores, através do diálogo e da interacção ajudam os alunos a criar ferramentas para a leitura e interpretação das obras de arte e que se destinam aos alunos dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário;

- 4 “Visitas à medida” que se destinam a projectos específicos e a público sénior.

b) Actividades para crianças, famílias e adultos

Para crianças, famílias e adultos, o programa pôs à disposição, ao longo do ano da 2008, um vasto conjunto de actividades que inclui 107 visitas de 3 tipos diferentes (4 visitas musicais, 51 visitas - oficina e 52 visitas orientadas), 16 oficinas para crianças e jovens, 25 oficinas para famílias, 2 oficinas para necessidades educativas especiais e 4 oficinas para adultos. Além disso, desenvolve ainda, 45 actividades durante os períodos de férias e dias especiais, 9 concertos musicais, um ciclo de cinema organizado em colaboração com a Cinemateca Nacional e um ciclo paralelo de curtas-metragens. Proporciona 20 cursos de formação.

c) Publicações

A Fundação Gulbenkian tem vários materiais didácticos editados, entre os quais destacamos o Guia Anual de Programação com as actividades do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir, uma colecção

⁷⁹ É disso exemplo a visita “O retrato” que explora o retrato em diferentes perspectivas e em diferentes épocas. (Descobrir, Programa Gulbenkian Educação para a Cultura 2008/2009, pág. 26).

⁸⁰ É disso exemplo a visita “Olhar, Ver, Interpretar” (Descobrir, Programa Gulbenkian Educação para a Cultura 2008/2009, pág. 32).

trimestral de Cadernos Didácticos intitulada “Viva o Museu”, que inclui jogos e ateliers, e o Caderno do Professor sobre Educação Estética “Primeiro Olhar”.

4.1.2 - Síntese crítica

O Programa Gulbenkian Educação para a Cultura “Descobrir”, lançado em 2008⁸¹, permite articular num único programa todos os projectos educativos que existem em cada sector da Fundação. É inédito e inovador na medida em que leva à concentração de todas as actividades, otimiza recursos e potencia o trabalho dos educadores, permitindo o trabalho em equipa, numa lógica de transversalidade e de interdisciplinaridade. Além disso, torna mais abrangentes e diversificadas as possibilidades de visita, dando oportunidade aos visitantes de organizar séries encadeadas de eventos pedagógicos, e conduz ao aumento do número de visitantes e à diversificação das suas proveniências. As actividades são variadas, adaptadas aos respectivos planos curriculares de todos os níveis de ensino, incentivando o sentido de criatividade e de invenção e promovendo a auto-aprendizagem.

Consideramos, por isso, este programa exemplar, no domínio dos serviços educativos em Portugal. A estatística de visitantes⁸² vem confirmar o sucesso da iniciativa: em 2008, foram realizadas pelo serviço educativo do museu 977 visitas orientadas, abrangendo um total de 15 569 visitantes.

Foram realizados 33 módulos da oficina “Pelos caminhos do museu”, frequentados por 495 crianças. A actividade “Museus em família” foi desenvolvida por 104 adultos e crianças. As actividades “Páscoa no Museu” e “Natal no Museu” foram frequentadas por 288 crianças. Nas Férias Grandes 1160 crianças participaram na actividade “Grande Aventura – Viagem à Grécia”. O dia da criança teve a participação de 153 crianças.

Em 2008, Projecto Educativo “Descobrir a música na Gulbenkian” englobou 49 programas diferentes, entre visitas, oficinas, concertos e cursos,

⁸¹ No dia do lançamento, o serviço educativo realizou sete visitas orientadas e duas visitas oficina, que reuniram 150 visitantes e recebeu individualmente 665 visitantes, a quem deu a conhecer a dinâmica do novo programa. http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/RelatorioAnual2008/Relatorio2008_04_Educacao.pdf (dia 17 de Setembro de 2009)

⁸² http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/RelatorioAnual2008/Relatorio2008_04_Educacao.pdf (dia 17 de Setembro de 2009)

num total de 406 sessões que envolveram 8 977 formandos e 12 960 espectadores.

No CAMJAP foram realizados 1457 novos projectos, num total de 28 875 participantes. As visitas orientadas contam com um total de 25748 participantes (sendo 24700 pertencentes a grupos escolares). Foram realizadas 210 oficinas, tendo participado 2 938 visitantes.

4.2 – O Museu de Serralves

O Estado Português adquiriu, em 1986, a Quinta de Serralves, no Porto, para aí instalar um Museu Nacional de Arte Contemporânea. No ano seguinte, a Casa e o Parque abriram ao público, tendo sido, para tal, constituída uma Comissão Instaladora, até à data da criação da Fundação de Serralves, pelo Decreto-lei nº 240 – A/89 de 27 de Julho. A Fundação resulta de uma parceria entre o Estado Português e a sociedade civil, a qual é constituída por 172 fundadores. Reconhecida como uma das principais instituições culturais portuguesas e a mais importante do Norte de Portugal, a Fundação de Serralves é constituída pela Casa, o Parque, o Museu de Arte Contemporânea, o Auditório e a Biblioteca. A Casa de Serralves, para além de ser a sede da Fundação, constitui uma extensão do Museu de Arte Contemporânea estando reservada para apresentação de exposições temporárias. A Casa, exemplar único de Arte Déco, e o Parque, foram mandados construir pelo segundo Conde de Vizela, Carlos Alberto Cabral, entre 1925 e 1944. O Parque de Serralves foi objecto de um projecto de recuperação e valorização iniciado em 2001 e concluído em 2006. Constitui um património singular na paisagem portuguesa, tendo recebido dois prémios: o Prémio da Inovação, no domínio da Educação Ambiental da APOM (Associação Portuguesa de Museologia), em 1996, e o Henry Ford Prize for the Preservation of the Environment, em 1997.

O museu⁸³ tem como principais objectivos *a constituição de uma colecção representativa de arte contemporânea portuguesa e internacional, a apresentação de uma programação de exposições temporárias, colectivas e*

⁸³ Cuja missão é *“sensibilizar o público para a arte contemporânea e o ambiente, através do museu de arte contemporânea como centro pluridisciplinar, do Parque como património natural vocacionado para a educação e animação ambientais, e do Auditório como centro de reflexão e debate sobre a sociedade contemporânea* (<http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=45>, dia 2 de Setembro de 2009)

*individuais, que representem um diálogo entre os contextos artísticos nacional e internacional, assim como a organização de programas pedagógicos que ampliem os públicos interessados na arte contemporânea e suscitem uma relação com a comunidade local, e ainda desenvolver projectos com jovens artistas que permitam a afirmação das suas obras e o desenvolvimento das suas pesquisas.*⁸⁴

A colecção do museu é constituída por aquisições directas, obras em depósito do Estado e de coleccionadores privados, e ainda por doações.

4.2.1 - Os serviços educativos do Museu de Serralves

O Museu de Serralves estipulou como objectivos para o seu programa de serviço educativo *sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da arte, da arquitectura, do ambiente e da cidadania, integrando momentos de formação, de partilha de conhecimentos, emoções e valores, que estimulam uma aproximação crítica e criativa à cultura contemporânea*⁸⁵.

Através de acções pedagogicamente orientadas e de longo prazo, o museu pretende incentivar a criação de hábitos culturais na população.

A criação de parcerias é um eixo central na intervenção do serviço educativo de Serralves, destacando-se as parcerias com instituições vocacionadas para o apoio e acompanhamento de crianças e jovens em risco de exclusão social, e com instituições que, a nível nacional e internacional, partilhem interesses comuns aos do museu.

As actividades têm um carácter interdisciplinar e cruzam artes visuais e artes performativas, cinema e arquitectura, entre outros aspectos da cultura contemporânea. Entre as várias actividades desenvolvidas destacam-se as visitas orientadas às exposições e aos espaços arquitectónicos e paisagísticos, as oficinas para crianças e jovens, os seminários e as conversas com artistas.

a) Visitas orientadas

O serviço educativo do museu organiza visitas orientadas adaptadas aos vários níveis de ensino (do Pré – Escolar ao Ensino Superior) às exposições

⁸⁴ (<http://www.serralves.pt/gca/index.php?id=61>, dia 2 de Setembro de 2009).

⁸⁵ (<http://www.serralves.pt/gca/?id=105>, dia 2 de Setembro de 2009).

temporárias e permanentes, aos espaços arquitectónicos (Casa e obra de Siza Vieira) e ao Parque de Serralves.

b) Oficinas temáticas

As oficinas versam dois campos temáticos (arte e ambiente) e destinam-se aos vários níveis de ensino (Pré-Escolar, Ensino Básico, Ensino Secundário e grupos com necessidades especiais). Têm por *objectivo alargar horizontes de referência, mobilizar saberes transversais, valorizar a experimentação, desenvolver a autonomia, produzir conhecimento e estimular a criatividade*⁸⁶.

O serviço educativo desenvolve, ao longo do ano, sete oficinas destinadas ao ensino Pré – Escolar⁸⁷. Para o Ensino Básico os serviços educativos dispõem de doze oficinas para a área temática das “artes”⁸⁸ e quatro oficinas para a área temática “ambiente”⁸⁹. Todas elas exploram conteúdos programáticos que integram os planos curriculares deste nível de ensino. Para os alunos do Ensino Secundário, os serviços educativos dispõem de quatro oficinas para a área temática das “artes”⁹⁰ e de uma oficina para a

⁸⁶ <http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

⁸⁷ Os clubes de natureza, que são oficinas semanais que consistem no cultivo de uma horta em modo biológico, no acompanhamento dos ciclos da natureza e na observação dos hábitos e dos comportamentos dos animais; a oficina “Parque à vista” que tem por objectivo desenvolver capacidades de expressão e comunicação através do contacto e relacionamento com a natureza; a oficina “Pinturas e Espessuras” que propõe, através da pintura e da colagem, a exploração lúdica de formas, pinceladas e texturas coloridas a partir de figuras geométricas; a oficina “Verde sobre Verde” que visa criar texturas e tonalidades através da pintura, da impressão e da colagem e explorar a incidência da cor verde na natureza; a oficina “Com pés e cabeça” que visa explorar o movimento através de jogos de improvisação que estimulem os sentidos (audição, tacto, olfacto, visão); a oficina “Impressões” que introduz técnicas de impressão como a monotipia; e a oficina “O lugar do movimento” que pretende explorar, a relação do corpo com o espaço envolvente, através de exercícios que remetem para formas e gestos do quotidiano. (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

⁸⁸ “Visita-oficina – 1º e 2º ciclos (exercícios de exploração das obras expostas no museu de Serralves); “Impressões”- 1º e 2º ciclos (introdução às técnicas de impressão com monotipia e linogravura); “Verde sobre verde”- 1º e 2º ciclos (criação de tonalidades e texturas explorando a incidência da cor verde na natureza); “História ilustrada”- 1º e 2º ciclos (construção de uma história reunida sob a forma de livro colectivo); “Ao sabor dos sons”-1º e 2º ciclos (apresentação de diferentes tonalidades que são interpretadas ao sabor de quem as ouve, através de jogos de expressão corporal e de representações gráficas); “Pinturas e espessuras”- 1º e 2º ciclos (descoberta de materiais e técnicas artísticas, cruzando desenho, pintura e colagem); “Aulas no museu” 2º ciclo (3 sessões onde se exploram desenho, pintura e colagem; fotografia e vídeo; arquitectura, escultura e paisagem); “Jogos de música”- 1º 2º e 3º ciclo (jogos que envolvem a expressão corporal e a música); “Livros de artista”-1º, 2º e 3º ciclos (elaboração de um pequeno livro que conjuga de forma criativa palavras desenhos e colagens); “Esculturas no Parque”- 1º, 2º e 3º ciclos (elaboração de uma intervenção no exterior através do desenho e da composição tridimensional); “Arquitectar”-2º e 3º ciclos (revelação do processo de trabalho do arquitecto Siza Vieira através de exercícios de exploração do espaço); “No rasto da fotografia” (exploração de técnicas de transferência e fixação de imagens em novos suportes através de registo fotográfico com telemóvel). (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009)

⁸⁹ “Aulas no Parque”- 2º ciclo (explorando a biodiversidade do Parque de Serralves, pretende-se promover a consciência cívica e ambiental e consolidar conhecimentos em torno da área das ciências da natureza); “Cientistas no Parque”-1º, 2º e 3º ciclos (em articulação com os conteúdos pedagógicos do ensino básico, dinamizam-se aulas de experimentação na área das ciências); Saúde e ambiente”- 1º, 2º e 3º ciclos (3 sessões onde se abordam as áreas de ecologia urbana, saúde ambiental e saúde alimentar); “Viver com energia”- 3º ciclo (3 sessões onde se reforçam conhecimentos adquiridas na sala de aula em matéria de combustíveis fósseis). (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

área temática “ambiente”⁹¹. Para os alunos com necessidades educativas especiais foram concebidas nove oficinas⁹².

c) Projectos com escolas

Os serviços educativos do museu desenvolvem um projecto anual com escolas para alunos desde o Pré-Escolar ao Ensino Básico. Em 2006/2007 foi desenvolvido o projecto “Jardins Portáteis”. No ano lectivo de 2008/2009 foi desenvolvido o projecto “Livros à solta” que propunha uma reflexão sobre o conceito de livro de artista, e a experimentação, a partir deste suporte, de uma aproximação à linguagem da arte contemporânea.

Para o ano lectivo de 2009/2010 foi concebido o projecto “Máquinas” que propõe uma reflexão sobre questões que se prendem com a Ecologia, a Arte e o Design.

d) Formação de professores

O serviço educativo organiza, ao longo do ano, acções de formação para professores no âmbito do projecto anual com escolas, bem como “acções à medida” de forma a ir ao encontro das características e expectativas dos diferentes grupos escolares.

Além disso, o museu proporciona visitas gratuitas para professores, com o intuito de fornecer informações e sugestões para a preparação de actividades e incentivar o desenvolvimento de projectos e parcerias com as escolas.

⁹⁰ “Livros de artista” – 10º, 11º e 12º anos (apresentação de exemplares de livros de artista e construção de um livro-objecto com características singulares); “Arte e paisagem”- 10º, 11º e 12º anos (abordagem do conceito de escultura e realização de pequenas maquetes concretizando uma ideia prévia ou improvisada); “Conversas no museu”- 10º, 11º e 12º anos (reflexão sobre a leitura e interpretação das obras de arte); “Construções improvisadas”- 10º, 11º e 12º anos (construção de um habitáculo – abrigo, que será o mote para a experiência do lugar) (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

⁹¹ “Viver com energia”- 10º, 11º e 12º anos (abordagem à temática da energia, recorrendo a trabalho laboratorial e experimental em articulação com os conteúdos programáticos da disciplina de Ciências Físico-Químicas) (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

⁹² “Percurso no Parque”, “Ciência para todos”, “Pinturas e espessuras”. “Verde sobre verde”, “Com pés e cabeça”, “O lugar do movimento”, “Mãos à horta” (introdução às técnicas de cultivo de produtos hortícolas em modo biológico); “Viagens” (desenhar sombras, inventar paisagens, construir cidades, recorrendo à expressão corporal, à música e à pintura); “Do movimento à emoção” (exercícios, jogos e brincadeiras que despertem o sentido de descoberta). (<http://www.serralves.pt/actividades/detalhes.php?id=1686>, dia 2 de Setembro de 2009).

Desde 2000, a Fundação disponibiliza o Cartão Professor – Amigo de Serralves, que oferece 50% de desconto na entrada nas exposições e acesso ao Parque, convites para as inaugurações e inclusão no mailing do serviço educativo.

Decorre anualmente a 1 de Outubro, um Encontro de Educadores e Professores para apresentação do programa anual de actividades do museu.

e) Publicações

O museu dispõe de várias publicações na área do serviço educativo: uma colecção de Cadernos de Arte Contemporânea destinada a professores do Ensino Básico e Secundário, que tem como ponto de partida a apresentação de um conjunto de obras da colecção do Museu de Serralves e apresenta propostas de actividades; uma colecção que dá a conhecer as oficinas implementadas em Serralves, que inclui uma vertente informativa e uma vertente de experimentação, com propostas de carácter prático; uma publicação sobre os projectos realizados em parceria com as escolas; e o guia de percursos interpretativos a realizar no Parque de Serralves.

f) Actividades para adultos

Durante os fins-de-semana, o museu disponibiliza três actividades para adultos: “Conversas no museu” que visa interpretar a colecção da Fundação de Serralves; “Percursos no Parque” cuja temática é a biodiversidade do Parque de Serralves; e “A arquitectura de Álvaro Siza” que permite uma melhor compreensão e interpretação do espaço projectado por Siza Vieira (Museu de Arte Contemporânea).

g) Actividades para famílias

As actividades para famílias decorrem aos Domingos. Entre Julho e Setembro de 2009, o museu proporcionou às famílias duas visitas orientadas: “À Descoberta de Serralves” e “A Colecção”, bem como dez oficinas com temáticas variadas⁹³.

⁹³ “Alquimia das plantas” (criação de sabonetes e perfumes a partir de plantas variadas); “Castelos no ar” (construção de formas tridimensionais a partir de uma folha de papel); “Experimental, brincar, inventar” (realização de experiências

4.2.2 – Síntese crítica

O Museu da Fundação de Serralves é o mais visitado do país, tendo recebido 412 550 visitantes em 2008, como já referimos atrás. É também aquele que, de forma isolada, apresenta o maior e mais diversificado número de actividades⁹⁴. O número de participantes nas actividades de serviço educativo passou de 97 853 em 2004, para 105 038 em 2008, tendo, neste ano, sido desenvolvidas cerca de 7000 acções, envolvendo cerca de 1000 escolas de todo o país.⁹⁵ Estes números demonstram bem a dinâmica deste tipo de serviços em Serralves.

Verificámos também que este museu está particularmente vocacionado para o Ensino Secundário e 3º Ciclo do Ensino Básico. Foram estes níveis de ensino que registaram o maior número de participantes, tendo o Ensino Secundário tido 32% de participações e o 3º Ciclo do Ensino Básico 21%. As actividades para estes graus de ensino versam sobretudo temas como ciência, ecologia e arte.

As actividades mais procuradas foram aquelas que incluíam a visita ao museu e ao parque (52% de participações), notando-se nos seus objectivos uma particular incidência na educação cívica e ambiental.

Serralves promove as suas actividades tendo como ponto de partida áreas temáticas que se interligam, promovendo a interdisciplinaridade.

A sua programação anual é muito diversificada e abrange todos os tipos de público. Além disso, promove anualmente a actividade “Serralves em Festa”⁹⁶ que, em 2008, contou com 82 720 visitantes. Ao longo de 40 horas *non*

científicas com espumas, pastas e emulsões); “Livros concertina” (conjugação de formas e texturas para criar livros – livros); “À descoberta das borboletas” (observação e captura de borboletas utilizando materiais próprios); “Papagaios em viagem” (criação de papagaios de papel que resultem da imaginação dos seus autores); “Folhas animadas” (construção de objectos ópticos que ajudam a compreender a ilusão das imagens em movimento); “Ciência criativa” (exploração dos princípios científicos decorrentes da mistura e dissolução de reagentes domésticos); “Livros à solta” (descoberta de novas formas, conteúdos, materiais e técnicas utilizadas na elaboração de livros); “A mão em acção” (propostas para desenvolver a imaginação e a capacidade de concretizar ideias utilizando as mãos); “Clorofilices” (criação de tonalidades e texturas verdes a partir da pintura, da impressão e da colagem). (http://www.serralves.pt/calendario/index.php?acao=pesquisa&tipo_evento=7&tipo=futuras, 2 de Setembro de 2009)

⁹⁴ Exceptuando a Fundação Gulbenkian, que, ao congregar as actividades de todos os seus sectores num único, apresenta um programa mais abrangente.

⁹⁵ http://www.serralves.pt/fotos/editor2/stats/estatisticas_site.pdf

⁹⁶ http://www.serralves.pt/Relat%F3rio%20e%20contas/ReC2008_final_BR.pdf (18 de Setembro de 2008)

stop, os visitantes foram convidados a assistir a iniciativas nas mais diversas áreas de actividades (artes plásticas, conferências, encontros, cinema, vídeo, dança, música, teatro, circo, exposições, marionetas, performance, debates, workshops, oficinas e visitas guiadas). Este tipo de eventos contribui, de forma considerável, para aumentar o número anual de visitantes do museu.

4.3 – O Museu Thyssen Bornemisza

O Museu Thyssen Bornemisza encontra-se aberto ao público desde Outubro de 1992. Instalado no antigo Palácio Villahermosa (século XIX), em frente ao Museo del Prado, em Madrid, alberga as colecções Thyssen-Bornemisza, colecção Thyssen-Bornemisza, adquirida pelo Estado Espanhol ao Barão Hans Henrich Thyssen – Bornemisza em 1993, e exposta no museu de forma permanente desde a sua abertura em 1992, e a colecção Cármen Thyssen-Bornemisza, propriedade da Baronesa viúva, em depósito no museu desde 2004, num total de cerca de mil obras de arte (a colecção privada mais importante do mundo).

A sua presença em Espanha não só enriqueceu o panorama museístico espanhol, como também a já notável oferta de pintura de Madrid, completando de forma brilhante o chamado triângulo do “Passo del Arte”, juntamente com o Museu do Prado e o Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia.

O museu tem representados vários movimentos e estilos, tais como os primitivos italianos e holandeses, o renascimento alemão, a pintura holandesa do século XVII, o impressionismo, o expressionismo alemão, o construtivismo russo, a abstracção geométrica e a arte pop e ainda uma representação da pintura norte americana do século XIX que era praticamente desconhecida na Europa. Duccio, Van Eyck, Carpaccio, Lucas Cranach, Durero, Caravaggio, Rubens, Van Gogh, Gauguin, Rauchenberg, são alguns dos grandes mestres da história da arte cujas obras se podem contemplar neste museu.

É gerido por uma Fundação, a Fundação Thyssen-Bornemisza (com oito elementos do Estado Espanhol e quatro elementos da Família Thyssen-Bornemisza), que tem como principais objectivos, preservar permanentemente

a identidade, unidade, internacionalidade e prestígio da colecção. A vice-presidência vitalícia é ocupada pela Baronesa Tyssen-Bornemisza.

4.3.1 – Área de Investigação e Extensão Educativa – Educathysen

O museu dispõe de uma Área de Investigação e Extensão Educativa que tem como objectivos investigar sobre a educação e divulgação das colecções do museu, dos públicos que visitam o museu, sobre as metodologias e o uso de ferramentas educativas inovadoras e sobre a forma de relacionamento do sistema educativo espanhol com os museus.

Educathysen é um dos projectos desenvolvidos em articulação com a Área de Informática do museu. Materializa-se num portal (*on line*)⁹⁷. Em funcionamento desde 2002, constitui-se como uma ferramenta de recursos educativos que o museu oferece à sociedade, entendida como instrumento formativo. Trata-se de um meio original de experimentar novas formas de transmitir conhecimentos e que permite trabalhar com pessoas que não têm acesso directo ao museu. É um lugar de intercâmbio de conhecimentos, um reflexo das actividades do museu, onde as pessoas com necessidades educativas, seja de que índole for, podem desfrutar da arte de uma forma compreensiva.

Disponibiliza mais de três mil micro conteúdos educativos reutilizáveis sobre as obras de arte mais representativas da colecção do museu, que podem adaptar-se aos níveis de educação primária, secundária e superior.

Dos serviços educativos do museu, destacam-se, ainda as visitas-oficina, as visitas dinamizadas e as visitas comentadas. As visitas dinamizadas e as visitas comentadas contam com um educador intérprete para alunos com deficiências auditivas e dispõem de um programa para alunos com deficiências visuais.

a) Visitas-oficina

As visitas-oficina para estudantes não universitários foram concebidas com o objectivo de aproximar os alunos ao mundo da arte numa perspectiva lúdica e criativa. Envolvem, como elementos dinamizadores, a escola e os seus educadores.

⁹⁷ <http://www.educathysen.org>

Foram criados três programas (um para cada nível de ensino) que têm em conta o desenvolvimento cognitivo dos alunos e o seu currículo escolar. Estes programas pretendem que os alunos:

- Aprendam a contemplar a obra de arte e a descobrir a informação nela contida;
- Desenvolvam a sensibilidade face à arte e à cultura; desenvolvam o pensamento crítico e dedutivo colocando questões que o aluno tem que resolver em frente à obra;
- Fomentem o diálogo entre os participantes e o respeito pela opinião do outro;
- Usem a arte como ferramenta para entender outras culturas e as suas formas de interpretar o mundo;
- Pretendem ainda mostrar a diferença entre o que o artista quer representar e a forma escolhida para fazê-lo e estabelecem vias de colaboração e diálogo entre o museu e a escola.

Existe também um programa de visitas - oficina para famílias, concebido como actividade de fim-de-semana e que tem como objectivo aproximar as crianças entre os 6 e os 12 anos do mundo da arte, acompanhados por familiares. Cada visita tem a duração aproximada de 2 horas e 30 minutos: depois de uma visita geral ao museu, passa-se ao atelier onde crianças e adultos fazem a sua própria obra de arte que levam para casa como recordação da visita. Destacam-se os seguintes itinerários temáticos: “Era uma vez um quadro!”, “A música”, “A imaginação do artista”, “Passear dentro de um quadro”, “E se falássemos do tempo”, entre outros. Além disso, o museu disponibiliza visitas-oficina para públicos com necessidades especiais que constam de uma visita ao museu e de uma actividade plástica sobre um tema previamente escolhido pelos educadores. A visita é preparada em conjunto entre os educadores do museu e os responsáveis pelos grupos, com o objectivo de conhecer o melhor possível as especificidades de cada um deles

b) Visitas comentadas

O programa de visitas comentadas dirige-se a alunos e professores do ensino médio e tem por objectivo aproximar o público juvenil do museu e da História da Arte e oferecer-lhe ferramentas básicas para analisarem as obras. A

metodologia utilizada, dirigida por um educador do museu, baseia-se no diálogo em frente à obra e na participação activa dos assistentes

c) Visitas dinamizadas

O programa de visitas dinamizadas dirige-se a professores e alunos de Educação Infantil e Primária e pretende aproximar o público escolar do museu e da arte da pintura. A metodologia utilizada é a mesma das visitas comentadas, dirigida por um educador do museu: baseia-se no diálogo frente à obra de arte e na participação activa dos assistentes. Para os alunos de 1º e 2º Ciclo foi concebida a visita “Dentro e Fora”. Para os alunos do Primeiro Ciclo e Educação Primária foi concebida a visita “Mundos estranhos, histórias misteriosas”.

d) Jogos

O mistério dos olhares do Thyssen é um jogo que tem como objectivo incentivar os mais jovens a aproximarem-se do mundo da arte. Este jogo propõe, de forma divertida, analisar os olhares das pessoas que aparecem nos quadros, e, através desses olhares, descobrir a sua personalidade. Inclui uma série de materiais impressos entre os quais se destacam: um guia do aluno, um guia didáctico do professor, uma colecção de lâminas com reproduções das obras que fazem parte da visita e um CD em que se recolhe todo o material e que pode ser completado juntando-se outros materiais úteis na sala de aula. Existem materiais disponíveis para o Ensino Básico e para o Ensino Secundário. O jogo pode ser desenvolvido no museu ou *on line*. Esta actividade também pode ser desenvolvida em família, bastando solicitar no museu um guia para alunos e um guia para adultos e material para os pais com propostas de actividades para realizar em casa.

O facto de contar com materiais impressos e recursos *on-line* permite chegar a um público mais alargado e distante em termos geográficas. Desenvolvido com o patrocínio da Pelikan, o jogo “O mistério dos olhares do Thyssen” obteve o 2º prémio “Innova” para o melhor serviço educativo, na Feira Expodidáctica 2008, em Barcelona.

e) Actividade “E tu que vês?”

Esta actividade destina-se aos jovens entre os 12 e os 14 anos e visa aproximá-los da arte. Trata-se de um programa composto por quatro sessões nas quais os jovens vão fazendo diferentes leituras dos quadros, elaborando materiais em suportes diversos e criando uma obra de arte orgânica que se vai modificando em função dos diferentes olhares. A actividade adapta-se aos diferentes interesses do grupo, desta forma os resultados são sempre os que os participantes desejam, sendo eles a construir a sua própria experiência. Cada espectador apropria-se da obra criando um discurso que é único e irrepetível. Os jovens exploram esta linguagem aplicando técnicas literárias, jornalísticas e relacionadas com o mundo da rádio. Os áudios criados são colocados *on line* em formato *podcasting*.

f) “Estúdio jovem”

A actividade “Estudio jovem” destina-se a jovens entre os 15 e os 17 anos. É fórum de reflexão, um olhar crítico e construtivo sobre o mundo da criação artística. Pretende dar oportunidade aos jovens de construírem o seu próprio espaço no museu, constituindo –se como continuação da actividade “E tu, que vês?”

Além de todas estas actividades, o museu desenvolve ateliers nas férias de Natal e de Verão, que tem têm a duração de cinco dias, com conteúdos artísticos e científicos que visam essencialmente desenvolver a criatividade dos jovens.

g) Formação de professores

São ministrados vários cursos de formação de professores que visam servir de espaço de convergência ao professorado interessado na exploração de novas fórmulas educativas para o ensino da arte, integrar a visita ao museu nos programas de estudo e estabelecer vias de colaboração e diálogo entre o museu e a escola.

Destacam-se os cursos de técnicas artísticas e o curso de representação do espaço na pintura do museu.

h) Projecto “Arte e Música” – o museu como recurso didáctico para a educação artística

Trata-se de um projecto de colaboração com o Centro Regional de Inovação e Formação das Acácias e a Orquestra do Coro Nacional de Espanha destinado à formação de professores do Ensino Primário. De carácter interdisciplinar, tem por objectivo analisar as relações entre duas disciplinas artísticas: a música e a pintura.

i) Formação de adultos

O museu dispõe de dois programas didácticos para o público adulto: “Visitas comentadas para adultos” e “Ateliers de iniciação à gravura”.

As visitas comentadas para adultos têm como objectivos facilitar as ferramentas básicas para uma maior aproximação à obra de arte e para o desenvolvimento do seu conhecimento; desenvolver o pensamento crítico e dedutivo colocando questões que o adulto tem que responder frente à obra; fomentar o diálogo entre os participantes e o respeito pela opinião do outro; entender que a arte é também um meio privilegiado de conhecer outras culturas.

Podem ser efectuadas duas visitas temáticas: “A colecção Thyssen Bornemisza como espelho de D. Quixote” e “Autores de reperto: aves no museu Thyssen Bornemisza”. Podem igualmente fazer-se quatro visitas por períodos cronológicos: “Do gótico ao renascimento”; “A arte do barroco”; “Antes e depois do impressionismo” e “Vanguardas do século XX”.

Os ateliers de iniciação à técnica da gravura são dirigidos por um artista plástico (Alexandro Arango) e incluem um percurso pelas várias técnicas de estampagem, desde o uso da ponta seca à água-forte. Pondo em prática estas técnicas reflecte-se sobre os elementos fundamentais da linguagem visual que serão observados nos quadros do museu: linha, gesto, mancha.

Além de todas estas actividades, o museu desenvolve ateliers nas férias de Natal e de Verão, que tem têm a duração de cinco dias, com conteúdos artísticos e científicos que visam essencialmente desenvolver a criatividade dos jovens.

Todas as actividades estão calendarizadas ao longo do ano, regem-se por um regulamento e implicam a inscrição prévia que deverá ser efectuada em

formulário próprio. Os centros educativos recebem uma carta/convocatória dando conhecimento das várias actividades do museu.

j) Recursos educativos

Educatyssen dispõe de uma grande variedade de recursos educativos para todos os níveis de educação formal e para várias matérias, como é o caso da Educação Artística, Matemática, História, Arte ou Botânica. Edita guias que se destinam a professores que pretendam visitar o museu com os seus alunos, bem como cadernos do aluno com glossário e bibliografia.

As exposições temporárias dispõem de guias didácticos como material de apoio encontrando-se à venda na loja do museu.

l) Parcerias com universidades

O museu tem uma série de acordos com universidades para realização de cursos para estudantes, cursos de verão, simpósios e ateliers, cursos para universidades seniores, alunos de artes e artistas plásticos.

4.3.2 – Síntese crítica

O Museu Thyssen Bornemisza organiza actividades de acordo com os diferentes ciclos escolares. Predominam as visitas dinamizadas, as visitas comentadas, as visitas-oficina e os jogos. Este museu utiliza materiais pedagógicos diversificados, tendo disponível uma maleta pedagógica para cada oficina. Todas as actividades visam desenvolver a sensibilidade e a criatividade face à obra de arte.

Verificamos que o museu é inovador no que diz respeito à utilização das novas tecnologias da informação. O portal “www.educathyssen.org” é um programa educativo do museu implementado de forma interactiva, que se constitui também como um lugar de intercâmbio de conhecimentos e como uma ferramenta pedagógica e didáctica fundamental para o professorado. Além disso, o portal contempla também formação de adultos e publicações *on line* sobre serviços educativos.

O recurso à Internet é uma mais valia para o museu pois não conhece barreiras geográficas, permite visitas virtuais, manipulação de objectos e

consulta de documentos, constituindo-se também como uma forma privilegiada de incrementar o número de visitantes reais.

Educatyssen colocou, de forma inovadora, as tecnologias da informação ao serviço do museu, devendo ser um exemplo a seguir por instituições congéneres.

CAPÍTULO V

PROJECTO DE CRIAÇÃO DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS NO MUSEU DA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE GUY FINO

5.1 – Missão e objectivos

A missão deste projecto é, não só valorizar o rico património cultural (material e imaterial) que constitui o espólio do MGF, mas também, através da educação, ajudar o público-alvo a desenvolver capacidades intelectuais, de percepção e de auto-aprendizagem. Pretende também desenvolver a procura turística do museu, como resposta à qualificação da oferta turístico-cultural.

Definimos como objectivos específicos do projecto, promover o estudo e utilização didáctica e social dos acervos materiais relativos à arte contemporânea existente no Museu (integrando-os na História da Arte Contemporânea), promover o conhecimento da história da Tapeçaria de Portalegre e do museu e desenvolver e impulsionar experiências educativas e aprendizagens significativas adequadas ao público-alvo.

Este projecto pretende contribuir para o reconhecimento e salvaguarda do património constituído pelas tapeçarias de Portalegre e sensibilizar o cidadão mais jovem para o sentido de pertença social, de responsabilidade cívica e o interesse pelo conhecimento do lugar onde habita e das suas raízes.

5.2 – Público-alvo

Antes de planificar as acções, os serviços educativos dos respectivos museus devem definir o público-alvo (quem atingir) para poderem adaptar as actividades (o que fazer) às necessidades educativas e de cidadania desse mesmo público; Posteriormente, definem-se as técnicas a usar.⁹⁸

O público-alvo do presente projecto é constituído pelos alunos do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico. A proposta de intervenção terá como base os Planos Curriculares destes níveis de ensino. *O currículo – ceme do sistema educativo – é um plano estruturado e sequencial de ensino – aprendizagem que inclui*

⁹⁸ Gráficos, ecrãs, painéis, cenas (com modelos em tamanho natural), dioramas (modelos tendo por trás um cenário pintado), audiovisuais, interactivos, diaporamas, gravações áudio, jogos interactivos de computador, modelos animados, jogos de pergunta resposta, visitas guiadas, demonstrações, dramatizações, encenações ou história ao vivo, etc.

*objectivos, conteúdos, estratégias, actividades e avaliação da aprendizagem, abrange diferentes âmbitos (macro e micro) relaciona-se com contextos (formais ou informais) e experiências educativas (explícitas ou implícitas) na escola*⁹⁹.

A adequação das actividades aos respectivos planos curriculares permite a ligação entre o ensino formal e não formal e permite também ligar a escola à comunidade. Os grupos etários correspondentes às instituições de Ensino Básico revelam-se, geralmente, muito interessados e abertos a novas experiências e com uma insaciável curiosidade sobre a realidade que os cerca.

As actividades desenvolvidas permitem aos alunos trabalharem conteúdos das seguintes áreas curriculares: Expressão/Educação Plástica, Expressão /Educação Dramática, Estudo do Meio, Língua portuguesa e Educação Cívica.

5.3 – Estratégia de intervenção

O presente projecto de serviços educativos, embora se destine essencialmente ao MGF, está estruturado de forma a poderem ser desenvolvidas actividades em rede com os outros dois museus da cidade: o Museu Municipal e a Casa Museu José Régio. Neste sentido, foram escolhidas as seguintes áreas temáticas: História; História da Arte e Literatura.

As actividades propostas para as áreas temáticas são de três tipos: visitas dinamizadas, visitas-oficina e vistas-jogo. Foram concebidas doze actividades.

Inseridas na temática “História” estão as actividades que visam dar a conhecer aos alunos a história das tapeçarias de Portalegre, a história da cidade de Portalegre e a história de Portugal. Para esta área temática foi criada uma visita dinamizada intitulada “Álbum dos reis e das rainhas”, uma visita – oficina: “Palácios à solta” e uma visita -jogo: “Conhecer o museu”.

A temática “História da Arte” tem por objectivo educar o olhar, a observação analítica através das obras de arte constituídas pelas tapeçarias de Portalegre, bem como desenvolver a sensibilidade estética dos alunos. Para

⁹⁹ Ribeiro (1990: 175) Este autor refere que existem três horizontes de legitimidade que justificam o plano curricular: relevância sócio-cultural, adequação ao sujeito e processo de aprendizagem, valor formativo e acessibilidade de áreas culturais ou disciplinares.

esta área temática foi criada a visita dinamizada, “A imaginação do pintor”, as visitas-oficina “Aprendizes de retratistas” “Semelhanças e diferenças” e “Vamos coleccionar” e as visitas-jogo “Pintar, tecer, tudo é criar” e “Á descoberta da tapeçaria perdida.

Na temática “Literatura”, encontram-se as actividades que visam relacionar as tapeçarias e os seus autores com o poeta José Régio e ainda com a poesia popular. Para a área temática “Literatura” foi criada a visita dinamizada “Fio a fio se conta uma história”, a visita-oficina “Poetas, pintores e outros sonhadores...” e a visita-jogo, “Poetas, actores e outros sonhadores...”

Em todas as áreas temáticas poderão, no futuro, ser desenvolvidas novas actividades em ligação com os restantes museus da cidade.

Todas as actividades propostas exploram conteúdos programáticos que integram os planos curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico. Algumas das actividades podem ser desenvolvidas também por alunos do 2º ciclo do ensino básico e famílias. Poderá ser efectuada a tradução dos materiais de forma a poderem ser utilizados por visitantes estrangeiros.

Este trabalho pretende ser um ponto de partida para o posterior desenvolvimento, com base na investigação efectuada, de actividades para outros ciclos de ensino, para alunos com necessidades especiais e para adultos.

Porque consideramos que é fundamental que as crianças e jovens do distrito de Portalegre conheçam e saibam apresentar e divulgar o rico património constituído pelas Tapeçarias de Portalegre, a estratégia de intervenção implica o levantamento da Rede Escolar do Distrito de Portalegre e de todos os seus professores, a qual será muito útil para o envio do calendário de actividades e das cartas/convocatória para as escolas a nível do distrito.

5.3.1 – Actividades propostas para a área temática “HISTÓRIA”

A) Visita dinamizada

“ÁLBUM DOS REIS E DAS RAINHAS”

A.1) Público -alvo: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

A.2) Objectivos de aprendizagem:

- Conhecer o museu
- Identificar algumas tapeçarias de Portalegre e conhecer os autores dos cartões
- Identificar alguns reis de Portugal
- Aprender o conceito de biografia
- Aprender fazendo

A.3) Conteúdos:

- As tapeçarias de Portalegre e o museu
- História de Portugal
- A biografia

A.4) Áreas curriculares:

- Estudo do meio: o passado do meio local, o passado nacional

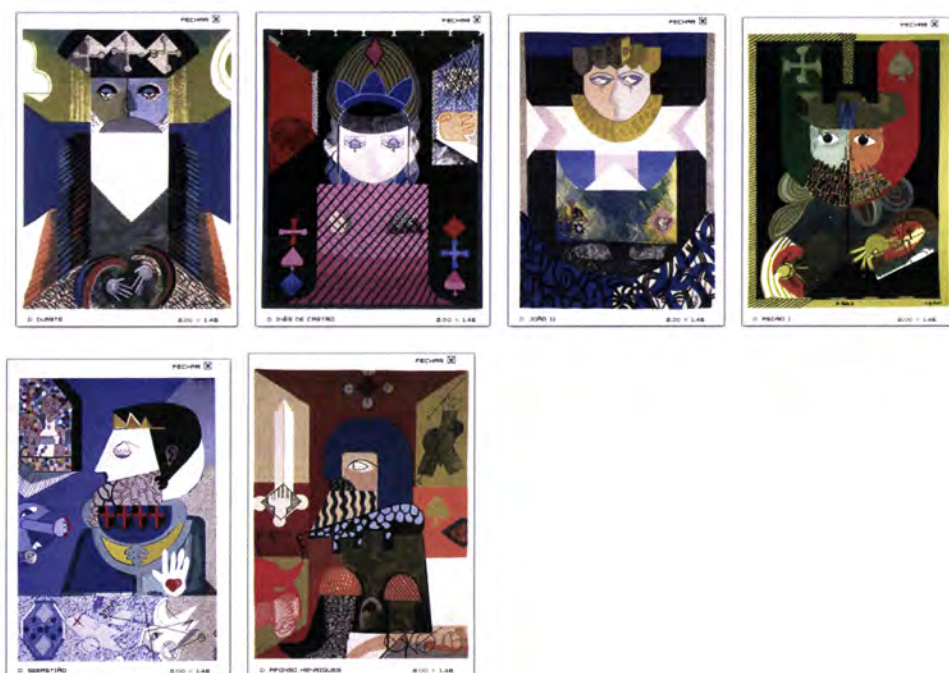
A.5) Materiais/recursos necessários:

- Álbuns com a biografia dos reis e espaço para por o nome do rei e a imagem da tapeçaria que lhe corresponde
- Imagens das tapeçarias da série “Reis” de Costa Pinheiro
- Canetas
- Cola

A.6) Duração da actividade:

-1h

A.7) Descrição da actividade: Jogo de correspondência



Após a visita ao museu, os alunos recebem um álbum com a biografia dos reis que figuram nas tapeçarias da série “Reis” de Costa Pinheiro e réplicas das respectivas tapeçarias. A partir da biografia dada, as crianças têm que descobrir o nome e colocar a imagem da tapeçaria que lhe corresponde. O educador apresenta o autor do cartão das tapeçarias utilizadas, e explica a forma de representação dos retratados.¹⁰⁰ Os alunos fazem a sua própria biografia e levam o álbum como recordação.

¹⁰⁰ António Costa Pinheiro, com a sua série sobre os “Reis de Portugal”, utiliza uma linearidade tensa, bem marcada, como acontece na arte medieval românica, com a sua esquematização figurativa que as cartas de jogar mantiveram e popularizaram até aos nossos dias. As figuras dos “retratados” ostentam a rigidez da estatuária, mas em seu redor voltizam elementos decorativos. (In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp. 82)

B) Visita-oficina

“PALÁCIOS À SOLTA”

B.1) Público – alvo: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

B.2) Objectivos de aprendizagem:

- Conhecer as tapeçarias de Portalegre e o museu
- Conhecer o património da cidade de Portalegre
- Aprendizagem por descoberta
- Desenvolver o espírito de equipa e o sentido de orientação

B.3) Conteúdos:

- As tapeçarias de Portalegre e o museu
- História da cidade de Portalegre
- Palácios e casas nobres de Portalegre

B.4) Áreas curriculares:

- Estudo do meio: o passado do meio local; o passado nacional
- Desenvolvimento pessoal e social

B.5) Materiais/recursos necessários:

- Informações sobre as casas nobres de Portalegre
- Informações sobre o Museu Municipal e o pintor João Tavares
- Uma planta da cidade de Portalegre de grande formato
- Cartões com as imagens das casas nobres da cidade

B.6) Duração da actividade: 1h 30m

B.7) Descrição da actividade: Jogo de pista



Esta actividade decorre no jardim do museu e, por isso, deve ser programada para o verão. Em primeiro lugar os alunos visitam o centro histórico da cidade e o museu. O educador faz referência à casa nobre onde este se situa e às outras casas nobres da cidade. Em seguida, os alunos, em equipa, vão ter que encontrar as várias casas nobres da cidade que estão escondidas no jardim (seguindo pistas) e colocá-las de forma correcta numa planta da cidade de grande formato que se encontra exposta também no exterior. Cada aluno faz a caracterização da sua casa nobre aos colegas. Ganha a equipa que conseguir encontrar mais casas em menos tempo.

Entre as casas nobres escolhidas, encontra-se também a casa onde está instalado o Museu Municipal. O educador dá algumas informações sobre este museu e faz a ponte entre as tapeçarias e a colecção do Museu Municipal, explicando que o pintor João Tavares¹⁰¹, por exemplo, fez cartões para tapeçarias que estão no MGF e fez também pinturas sobre Portalegre que se encontram no Museu Municipal e outras relacionadas com a Casa – museu José Régio. Esta actividade pode ser desenvolvida também pelos outros dois museus.

¹⁰¹ João Augusto da Silveira Tavares nasceu em Portalegre. Professor, e, posteriormente, Vice-Reitor do Liceu dessa cidade, a sua actividade artística distinguiu-se no campo da aguarela, e, essencialmente, na execução de cartões para tapeçaria. Logo no início, começou a trabalhar com a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, tendo um cartão seu intitulado "Diana" estado na origem da primeira tapeçaria tecida naquela fábrica. O artista acompanhou o desenvolvimento da Manufatura com grande devoção e particular entusiasmo, realizando um número apreciável de tapeçarias e vindo mesmo a criar, nas suas oficinas, uma escola destinada ao aperfeiçoamento das desenhadoras. (In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp. 130)

C) Visita – jogo

“CONHECER O MUSEU”

C.1) Público – alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

C.2) Objectivos de aprendizagem:

- Conhecer o museu e as tapeçarias de Portalegre
- Desenvolver o espírito de equipa
- Desenvolver a capacidade de memorização
- Adquirir conteúdos de forma lúdica

C.3) Conteúdos:

- O Museu da Tapeçaria Guy Fino
- A Manufactura de Tapeçarias de Portalegre
- As tapeçarias de Portalegre
- Autores de cartões para tapeçaria
- Cronologia de evolução das Tapeçarias de Portalegre

C.4) Áreas curriculares:

- Estudo do meio: o passado do meio local: o turismo do meio local; localização em mapas
- Língua portuguesa: comunicação oral: desenvolver a capacidade de retenção da informação oral
- Expressão/Educação Plástica: jogos de exploração do espaço

C.5) Materiais/recursos necessários:

- Tabuleiro de grande formato com o jogo da glória
- Dados
- Questionário com 36 questões sobre as tapeçarias e o museu

C.6) Duração da actividade: 2h

C.7) Descrição da actividade: Jogo da glória

Após uma visita guiada ao museu, formam-se três equipas que vão jogar o Jogo da Glória. O jogo é constituído por um tabuleiro com 36 casas numeradas com imagens das tapeçarias. Algumas casas têm desenhado um fio de lã preso que vai ter a outra casa que tem um carolo num nível acima ou num nível abaixo. Algumas casas têm um tear e um ampliador.

Lança-se o dado para saber quem começa a jogar. Deve ser elaborado previamente um questionário com 36 perguntas¹⁰² sobre o museu e as tapeçarias com duas hipóteses de resposta, uma verdadeira e outra falsa.

Um elemento da equipa lança o dado e a equipa responde à pergunta. Se a resposta estiver errada, volta à casa de onde saiu, se estiver certa, avança o número de casas que saiu no dado.

Se estiver no fio de lã e responder correctamente, vai até ao carolo. Se der uma resposta errada, desce.

Se cair numa das casas marcadas (tear ou ampliador) e der a resposta certa, tem direito a jogar outra vez, caso contrário, volta à casa 1.

A primeira equipa a chegar à última casa e a responder correctamente, ganha o jogo.

Conforme vão chegando às várias casas, o educador vai fazendo referência às tapeçarias: temática, autor, cores e data. Este jogo pode ser colocado on-line e desta forma, os alunos podem conhecer o museu e as tapeçarias, de forma lúdica, a partir de casa ou da escola, pode ser utilizado também pelos professores para prepararem uma visita ao museu, e pode ainda ser colocado na maleta pedagógica ou ser vendido na loja do museu como *merchandising*, devendo ser efectuada a respectiva tradução para inglês e espanhol para que a actividade possa ser desenvolvida por visitantes estrangeiros.

¹⁰² Exemplo de pergunta tipo: O primeiro pintor a fazer um cartão para tapeçaria foi:

1 – João Tavares

2 – Renato Torres

5.3.2 – Actividades propostas para a área temática “HISTÓRIA DA ARTE”

A) Visita dinamizada

“A IMAGINAÇÃO DO PINTOR”

A.1) Público – alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

A.2) Objectivos:

- Distinguir diferentes estilos de pintura
- Identificar as ideias e significados simbólicos que transmite
- Desenvolver o espírito de equipa
- Desenvolver a aprendizagem por descoberta

A.3) Conteúdos:

- Tapeçarias de Portalegre
- Autores de cartões para tapeçarias
- A tapeçaria como obra de arte
- Significação simbólica da arte

A.4) Áreas curriculares:

- Expressão/Educação Plástica: descoberta e organização progressiva de superfícies
- Educação cívica

A.5) Materiais/recursos necessários:

- Folhas de papel
- Cavaletes
- Canetas, lápis de cera, guaches, esponjas, aguarelas e tinta de água
- Pincéis e trinchas

A.6) Duração da actividade: 1h 30m

A.7) Descrição da actividade: Descobrir diferenças



Depois de uma visita ao museu em que o educador chama a atenção para as diferentes formas representadas nas tapeçarias e os diferentes estilos dos autores, as crianças dividem-se em três equipas. Cada equipa recebe uma tapeçaria de um estilo diferente (figurativa, abstracta e geométrica). Em cima da mesa estão várias réplicas de tapeçarias. Cada equipa tem que encontrar mais cinco tapeçarias do mesmo estilo da sua. Ganha a equipa que conseguir encontrar o conjunto mais depressa.

Através do diálogo, o educador leva os alunos a identificarem estilos e a reconhecerem as diferentes características das pinturas representadas.

B) Visita -oficina

“SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS”

B.1) Público - alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

B.2) Objectivos:

- Comparar tapeçarias de estilos artísticos diferentes
- Identificar o conteúdo narrativo e plástico das duas obras
- Desenvolver o espírito crítico
- Aprender “fazendo”

B.3) Conteúdos:

- Os artistas e o contexto histórico-cultural
- Noções de forma, perspectiva, composição, sombra
- Desenho figurativo e desenho abstracto
- Cores quentes e frias

B.4) Áreas curriculares:

- Expressão/Educação Plástica: pintura de expressão livre; as cores e as formas
- Educação cívica

B.5) Materiais/recursos necessários:

- Cartão com cópia da tapeçaria “Estudo para tapeçaria mural Gare Marítima Rocha Conde de Óbidos” de Almada Negreiros
- Cartão com cópia da tapeçaria “Camões I” de José de Guimarães
- Biografia dos autores
- Folhas A4
- Tintas e pincéis, lã, tinta-da-china, cortiça, guache, etc.
- Reproduções das tapeçarias às quais se retirou metade da imagem

B.6) Duração da actividade: 1h 30m

B.7) Descrição da actividade: Atelier de pintura criativa



Dois a dois, os alunos recebem duas folhas com reproduções das tapeçarias de Almada Negreiros¹⁰³ e de José de Guimarães¹⁰⁴ às quais foi apagada metade da pintura; pede-se que completem o desenho de forma imaginosa, utilizando materiais variados. No final, com a ajuda do educador, vão comparar os desenhos efectuados com o original e encontrar semelhanças e diferenças entre as duas tapeçarias em termos de cor, formas, autor e época estilística.

¹⁰³ José de Almada Negreiros nasceu em S. Tomé. Um dos expoentes da cultura portuguesa deste século, desenvolveu intensa actividade, tendo tido um papel preponderante como impulsionador, entre nós, dos movimentos modernista e futurista. Expôs pela primeira vez em Lisboa, no I Salão dos Humoristas Portugueses, em 1912, e participou posteriormente em numerosas exposições importantes no país e no estrangeiro. A sua obra, multifacetada no domínio das artes plásticas, abrangeu sectores como os do desenho, da pintura, da gravura, do vitral e do fresco, sendo de sua autoria, entre muitos outros trabalhos, os vitrais da Igreja de Fátima e os Frescos das Gares Marítimas, em Lisboa... Com destino a departamentos oficiais, realizou também, em Portugal, um conjunto notável de tapeçarias. Foi um pintor de figuras e não de fundos.

O seu desenho de linha tensa conjuga cubismo sintético e neo-classicismo, ambos de origem picassiana. É uma linha inteiramente comandada pelo intelecto, linha que o tapeceiro pode transcrever com rigor. As pinturas de Almada conseguem também uma síntese perfeita entre a forma geométrica e a representação teatral. Quanto mais visualmente nítida é uma forma deste pintor, mais expressivo é o gesto da personagem representada.

(In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp. 82 e 86)

¹⁰⁴ Nasceu em Guimarães. Tendo realizado estudos e pintura e de gravura em Portugal e no estrangeiro, permaneceu entre 1967 e 1974 em Angola, onde se interessou pela etnografia africana. Fez numerosas viagens pelo interior, estabelecendo contactos com as populações autóctones e assistindo a cerimónias rituais, o que lhe permitiu aprofundar o seu entendimento e gosto pela arte negra. Como consequência, surgiu-lhe um projecto apaixonante: a possível síntese e osmose entre as culturas africana e europeia ao nível das artes plásticas. Um dos resultados dessa tentativa foi a criação de um "alfabeto" que, dotado embora, de uma autonomia própria nos seus significados, constitui uma apreensão moderna e original de formas e simbologias africanas. É esta problemática que preenche a sua obra, que desde os anos sessenta tem vindo a ser exposta com grande frequência, sobretudo no estrangeiro. As tapeçarias que realizou reflectem com eloquência a mesma problemática.

(In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp.136)

C) Visita -oficina

“VAMOS COLECIONAR!”

C.1) Público - alvo: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

C.2) Objectivos:

- Aprender a noção de inventário
- Aprender como se faz e para que serve um inventário
- Aprender a noção de colecção
- Aprender como se faz uma exposição

C.3) Conteúdos:

- Ficha de inventário
- O inventário
- Porquê e como fazer uma colecção

C.4) Áreas curriculares:

- Língua portuguesa: comunicação escrita: desenvolver as competências de escrita e de leitura
- Educação cívica

C.5) Materiais/recursos necessários:

- Cartões com cópias das tapeçarias da colecção do museu
- Fichas de inventário
- Papel de cenário

C.6) Duração da actividade: 1h 30m

C.7) Descrição da actividade: Jogo de pista

O educador começa por explicar a noção de colecção e de inventário. Em seguida os alunos recebem uma ficha de inventário de uma tapeçaria e vão ter que preencher os vários campos indo à procura da informação nas salas do museu: nome do autor, data de execução, medidas, descrição da tapeçaria. Fotografam a tapeçaria para colocar a foto no inventário.

Preenchida a ficha, os alunos recebem reproduções das tapeçarias que fazem parte da colecção do museu e, utilizando papel de cenário, organizam uma exposição da colecção, utilizando determinados critérios: por autor, por data ou por medidas.

Para os alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico, podem ser utilizadas maquetas do museu em 3D e reproduções à escala.

D) Visita -oficina

“APRENDIZES DE RETRATISTAS”

D.1) Público - alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

D.2) Objectivos:

- Conhecer as Tapeçarias de Portalegre
- Conhecer a técnica do retrato
- Desenvolver a criatividade
- Desenvolver o espírito crítico
- Aprender “fazendo”

D.3) Conteúdos:

- As tapeçarias de Portalegre
- A técnica do retrato

D.4) Áreas curriculares:

- Expressão/Educação Plástica: descoberta e organização progressiva de superfícies: exploração de técnicas diversas de expressão: recorte, colagem, dobragem
- Educação cívica

D.5) Materiais/recursos necessários:

- Cartão com cópia da tapeçaria “O poeta Fernando Pessoa e uma Janela” de Costa Pinheiro
- Biografia de Costa Pinheiro
- Informações sobre a técnica do retrato
- Revistas antigas
- Cola
- Tesouras
- Folhas A4

D.6) Duração da actividade: 1h 30m

D.7) Descrição da actividade: Atelier de colagem



A partir de uma cópia da tapeçaria “O poeta Fernando Pessoa e uma Janela” da autoria de Costa Pinheiro¹⁰⁵, os alunos vão criar um retrato com recortes de imagens coloridas de revistas. Para tal, escolhem vários rostos de figuras existentes nas revistas, com uma régua traçam riscos formando triângulos nos rostos escolhidos e recortam. Finalmente vão criar um retrato a partir dos recortes obtidos.

São convidados a reflectir sobre o que podemos incluir no retrato para que se possa dar informação sobre o retratado, para além do corpo, da roupa e do cenário envolvente, que são as emoções que cada rosto transmite.

No final faz-se uma exposição dos retratos, devidamente assinados como se fossem cartões para tapeçaria.

¹⁰⁵ António Costa Pinheiro nasceu em Moura. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio, e em 1957/58, um curso de gravura na Academia de Arte de Munique, cidade onde passou a residir. Em 1960 foi para Paris como bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Um dos fundadores do Grupo KWY, participou nas exposições organizadas pelo Grupo e colaborou na revista que o mesmo editava em Paris. Expôs pela primeira vez individualmente em Lisboa, na Galeria Pórtico (1956). Além de ter realizado diversas exposições individuais, de que se destacam aquelas que foram apresentadas na Fundação Calouste Gulbenkian em 1981 e 1989, participou em numerosas exposições colectivas em Portugal, França, Bélgica, Itália, Inglaterra, Alemanha, Polónia, Brasil e Japão. Tem dedicado grande parte da sua obra à interpretação de alguns mitos nacionais, de que se destacam as séries sobre o “Poeta Fernando Pessoa” e a dos “Reis”, esta última objecto de um conjunto de tapeçarias executado pela Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, notável a todos os títulos.

(In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp. 102)

E)Visita – jogo

“PINTAR, TECER, TUDO É CRIAR!”

E.1) Público-alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

E.2) Objectivos:

- Conhecer e saber identificar as tapeçarias de Portalegre
- Interpretar a temática de uma tapeçaria
- Reconhecer pintores, épocas, e estilos artísticos
- Aprendizagem pela descoberta

E.3) Conteúdos:

- O museu e as tapeçarias de Portalegre, as cores
- Épocas e estilos na História da Pintura, Estações do Ano

E. 4) Áreas curriculares:

- Estudo do meio: o passado do meio local: aspectos físicos do meio local: as estações do ano

E.5) Materiais/recursos necessários:

- Réplica em cartão das tapeçarias “As quatro estações” de Sara Afonso; “As quatro estações” de Lourdes de Castro; “Primavera II” de Camarinha.
- Os puzzles das respectivas tapeçarias

E.6) Duração da actividade: 1h 30m

E.7) Descrição da actividade: Construção de puzzle



Depois de uma visita ao museu em que é pedido aos alunos que tentem encontrar tudo o que tenha a ver com as estações do ano, estes desenvolvem uma actividade prática. Apresentação de réplicas em cartão de duas tapeçarias com a mesma temática em forma de puzzle: “As quatro estações” de Sara Afonso¹⁰⁶; “As quatro estações” de Lourdes de Castro¹⁰⁷.

Os alunos, em grupos, têm que construir os puzzles, e depois de construídos, vão comparar as tapeçarias, tentando encontrar semelhanças e diferenças entre elas, em termos de figuração, cores, datação e autores.

Através do diálogo, o educador vai orientado a análise feita pelos alunos, levantando questões e fornecendo informações sobre as tapeçarias, os pintores e as datas¹⁰⁸

¹⁰⁶ Nascida no seio de uma família burguesa, filha de um oficial do Exército, passou a juventude no Minho, que a terá inspirado para uma temática popular de grande beleza e ingenuidade. Em 1924, solteira, parte sozinha para Paris, depois de concluir os estudos na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde foi aluna de Columbano Bordalo Pinheiro. Será em Paris que expõe, com sucesso, no *Salon d'Automne*. Entre 1928 e 1929, trabalhou no ateliê de uma modista fazendo croquis de moda, gosto que lhe ficou, tendo colaborado mais tarde com desenhos de moda para revistas portuguesas. Contra todas as convenções, torna-se a primeira mulher a frequentar o café *A Brasileira*, do Chiado, então exclusivamente reservado ao sexo masculino. Contemporânea de Bernardo Marques, Carlos Botelho, entre outros, expôs no primeiro Salão de Artistas Independentes em 1930. Casou-se aos 35 anos com José de Almada Negreiros, tendo conciliado a vida de mãe de família e de pintora. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarah_Afonso (1 de Outubro de 2009))

¹⁰⁷ Nasceu no Funchal. Frequentou a escola Superior de Belas – Artes de Lisboa. Em 1957, viveu em Munique e, no ano seguinte, com uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian, partiu para Paris, onde fixou residência. Foi, com René Bértholo, Voss, Christo, João Vieira, Costa Pinheiro, Gonçalo Duarte e Escada, um dos membros fundadores do Grupo KWY, tendo participado nas exposições organizadas pelo Grupo e na revista que este editava em Paris. No início dos anos 60, a sua produção é principalmente caracterizada por “assemblages”, colagens de objectos pintados a alumínio e silhuetas de objectos e pessoas projectadas a partir da sua própria sombra. É com essas silhuetas que irá criar um grande número de serigrafias, pinturas e recortes coloridos em material plástico, realizando, finalmente, os seus célebres lençóis com sombras bordadas. Lourdes Castro realizou ainda, com Manuel Zimbro, inúmeros espectáculos de um imaginoso e inovador teatro de sombras. Foi também através desta linguagem da silhueta ou da sombra que abordou a tapeçaria, tendo a Manufatura de Portalegre tecido, nos últimos anos, algumas das suas belas imagens.

(In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp.151)

¹⁰⁸ Este jogo pode ser colocado on-line e desta forma, os alunos podem conhecer o museu e as tapeçarias, de forma lúdica, a partir de casa ou da escola, pode ser utilizado também pelos professores para prepararem uma visita ao museu, e pode ainda ser colocado na maleta pedagógica ou ser vendido na loja do museu como *merchandising*

F)Visita – jogo

“ EM BUSCA DA TAPEÇARIA PERDIDA ”

F.1) Público – alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

F.2) Objectivos:

- Identificar autores de cartões para tapeçaria
- Identificar estilos do pintor
- Identificar a biografia de pintores
- Aprendizagem pela descoberta

F.3) Conteúdos:

- Estilos de pintura
- Pintura figurativa versus pintura abstracta
- Biografia dos autores

F. 4) Áreas curriculares:

- Expressão/Educação Plástica: jogos de exploração do espaço

F.5) Materiais/recursos necessários:

- Cópias de pinturas de pintores que são autores de tapeçarias do museus (da mesma época estilística)
- Biografia dos autores

F.6) Duração da actividade: 1h 30m

F.7) Descrição da actividade: Caça ao tesouro

Jogo temático realizado no espaço de exposição do museu. Os participantes são divididos em grupos. Cada grupo recebe um conjunto de pinturas de um determinado autor sem identificação, e têm que partir à descoberta da obra que falta, a qual se encontra exposta no museu e pertence ao mesmo autor. Os participantes têm que associar estilos de pintura e outras características dos autores, encontrar semelhanças entre as obras.

Ganha a equipa que conseguir completar, mais depressa, o seu conjunto de pinturas.

O jogo termina com uma explicação sobre as obras e a biografia dos autores.

5.3.3 – Actividades propostas para a área temática “LITERATURA”

A) Visita dinamizada:

“FIO A FIO SE CONTA UMA HISTÓRIA”

A.1) Público – alvo: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

A.2) Objectivos de aprendizagem:

- Conhecer o museu da tapeçaria
- Conhecer o poeta José Régio nas suas várias vertentes
- Desenvolver actividades em rede com os outros museus
- Interligar conteúdos dos vários museus
- Promover a interdisciplinaridade entre a arte e a literatura
- Desenvolver a criatividade
- Promover a aprendizagem por descoberta

A.3) Conteúdos:

- O museu e as tapeçarias de Portalegre
- O poeta José Régio e a Casa - Museu

A.4) Áreas curriculares:

- Expressão/Educação Plástica: descoberta e organização progressiva de superfícies: desenho de expressão livre
- Língua Portuguesa: comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza, desenvolver a capacidade de retenção da informação; criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

A.5) Materiais/Recursos necessários:

Réplica, em cartão, da tapeçaria que se encontra na Casa - Museu José Régio

Folhas de papel A4 com pormenor da tapeçaria de Régio para completar

Biografia de Régio e informações sobre o museu

Folhas brancas

Lápis de cor

Lápis de cera

A.6) Duração da actividade: 1h 30m

A.7) Descrição da actividade: Atelier de pintura e escrita criativas



As crianças recebem uma folha de papel com um pormenor de uma tapeçaria de José Régio¹⁰⁹. São convidadas a completar a composição e, partindo da imagem que criaram, a inventar uma história para relatar aos colegas. Finalmente, comparam com a tapeçaria original, recebem algumas informações sobre o poeta e sobre a Casa

Museu José Régio e ouvem uma “história de Régio”: o poema “Os Cristos” de obra “O fado”. Esta actividade pode ser desenvolvida também pela Casa Museu José Régio.

¹⁰⁹ José Maria dos Reis Pereira Régio nasceu em Vila do Conde, em 1901.

Licenciou-se em Filologia Romântica. Com Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões fundou, em 1927, a revista *Presença*, que se publicou durante 13 anos e que iniciou o segundo Modernismo português de que José Régio foi o principal impulsionador e ideólogo. Para além da sua colaboração assídua nesta revista, deixou também textos dispersos por publicações como a *Seara Nova*, *Ler*, o *Comércio do Porto* e o *Diário de Notícias*. Como escritor, José Régio dedicou-se ao romance, ao teatro, à poesia e ao ensaio.

Como ensaísta, dedicou-se ao estudo de autores como Camões, Raul Brandão e Florbela Espanca.

b) Visita – oficina

“POETAS, PINTORES E OUTROS SONHADORES...”

Público - alvo: 1º Ciclo do Ensino Básico

B.1) Objectivos:

- Conhecer o processo de manufactura: ampliação, desenho, escolha de cores e tecelagem
- Aprender a noção de tapeçaria, de teia e de trama
- Aprender a fazer uma mescla de cores
- Desenvolver a criatividade
- Aprender fazendo

B.1) Conteúdos:

- Como fazer uma tapeçaria
- Conceitos ligados à tapeçaria
- A técnica da tapeçaria
- A arte da tapeçaria

B.2) Áreas curriculares:

Expressão/Educação plástica: descoberta e organização progressiva de superfícies – tecelagem e costura

Estudo do meio: o passado do meio local

B.3) Materiais/Recursos necessários:

- Cartões grossos quadrados
- Lãs de várias cores e lãs mescladas enroladas em carolos e cedidas pela Manufactura
- Linhas grossas, tecidos, arame, ráfia, fios diversos, cabedal e outros materiais

B.4) Duração da actividade: 1h 30m

B.5) Descrição da actividade: Oficina de tapeçaria

Após uma visita ao museu, os alunos vão transformar-se em artistas e criar uma pequena “tapeçaria” utilizando materiais diversificados. O educador explica o conceito de tapeçaria, de teia e de trama e dá a conhecer aos alunos, através da leitura, um poema da autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen “Esteira e cesto” que versa sobre o “entrelaçar”. Os alunos não executam o ponto da tapeçaria nem fazem o trabalho no tear. É fornecido a cada aluno um cartão grosso quadrado com as partes laterais mais compridas para não se desmanchar o trabalho. E os alunos passam a lã na horizontal e depois na vertical até formar a trama, utilizando uma agulha. Depois retiram o cartão e atam as pontas de forma a criar um tecido colorido. Finalmente o educador expõe os trabalhos executados e explica a diferença de execução das tapeçarias de Portalegre, que são realizadas num tear vertical através de um ponto próprio e a partir de uma obra de arte; e as “tapeçarias” artesanais executadas na oficina.

Para fazer a tapeçaria, além da lã, podem ser utilizados outros materiais: linhas grossas, tecidos, arame, ráfia, fios diversos, cabedal, etc.

F) - Visita – jogo

“POETAS, ACTORES E OUTROS SONHADORES”

C.1) Público – alvo: 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico

C.2) Objectivos:

- Conhecer o ciclo da lã
- Desenvolver a expressão corporal
- Aprender pela descoberta
- Desenvolver a criatividade

C.3) Conteúdos:

- Conhecer os materiais utilizados para executar uma tapeçaria
- Conhecer o ciclo da lã
- Identificar a poesia popular e os poetas populares

C.4) Áreas curriculares:

- Língua portuguesa: comunicação oral: comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza
- Expressão/Educação Dramática: Jogos dramáticos: educação não verbal

C.5) Materiais/Recursos necessários:

- Informações sobre o ciclo da lã
- Cartões com frases sobre as várias etapas do ciclo da lã
- Cartão com réplica da tapeçaria “História da lã” de Manuel Lapa

C.6) Duração da actividade: 2h

C.7) Descrição da actividade: jogo de mímica e dramatização



Após uma visita ao museu em que se explica o ciclo de transformação da lã, fazendo a comparação com o ciclo da água e os outros ciclos da natureza (informação que deve ser recolhida previamente, como recurso didáctico), os alunos vão fazer um jogo de mímica. Formam-se várias equipas. Um elemento de cada equipa recebe um cartão com a descrição de uma fase do ciclo da lã e tenta explicar, através de mímica, o que está escrito no cartão. Os outros elementos da equipa têm que adivinhar. Ganha a equipa que conseguir adivinhar em menos tempo. A seguir os alunos ordenam os cartões de forma a construir o ciclo da lã.

Finalmente, o educador mostra um cartão com uma réplica de uma tapeçaria intitulada “A história da lã” de Manuel Lapa¹¹⁰. Os alunos são convidados a criar, em grupo, uma poesia ou uma dramatização sobre o ciclo da lã com base na tapeçaria de Manuel Lapa.

5.4 – Parcerias

Propõe-se a realização de várias parcerias: com a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre que em nosso entender deve ser envolvida no desenvolvimento das actividades dos museus; com as escolas do país (Ensino Básico e Secundário) que deve incluir a organização de um seminário anual de professores para apresentação das actividades propostas; com o Instituto Politécnico de Portalegre, para realização de eventuais conferências e colóquios no auditório do museu; e com a Escola de Artes do Norte Alentejano proporcionando visitas e actividades de serviço educativo gratuitas dando estes como contrapartida, alguns espectáculos gratuitos no auditório, no jardim ou no final de algumas das actividades atrás descritas.

¹¹⁰ Nasceu em Lisboa. Diplomou-se em pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde foi professor. Grande parte da sua obra foi dedicada a trabalhos de decoração, que foram iniciados na Exposição do Mundo Português de 1940. Dirigiu seguidamente a decoração de pavilhões de Portugal em exposições internacionais. Ilustrador de muito mérito, executou também diversos cartões para tapeçaria, sendo um dos principais autores a colaborar com a Manufatura de Portalegre.

(In 50 Anos de tapeçaria em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1996, pp.158)

Além disso e no que diz respeito à cooperação entre instituições museológicas, propõe-se a realização de protocolos de colaboração, entre outras, com as seguintes entidades:

- Fundação Gulbenkian (o museu poderá receber tapeçarias pertencentes à colecção Gulbenkian e vice-versa).

- Fundação Cupertino de Miranda (no museu de arte contemporânea desta Fundação estão representados muitos artistas com cartões para tapeçaria).

- Museu da Lanifícios da Covilhã (podem ser desenvolvidas actividades em rede sobre a lã)

- Museu Vieira da Silva (autora de cartões para tapeçaria)

- Fundação Manuel Cargaleiro (autor de cartões para tapeçaria)

5.5 – Materiais didácticos

Propõe-se:

A edição de um Roteirinho do Museu para os mais jovens que deverá ser concebido com a ajuda de um escritor e de um designer.

Edição de um caderno do professor com informações sobre a colecção do museu, as tapeçarias de Portalegre e as actividades didácticas propostas.

Concepção e edição do Jogo “Conhecer o Museu” (descrito na área temática história) e de colecção de puzzles de tapeçarias de Portalegre de vários autores e de épocas distintas, representativos da evolução da tapeçaria.

Preparação de uma maleta pedagógica com os materiais editados.

5.6 – Monitorização e avaliação das actividades

De forma a garantir uma gestão eficiente e eficaz do projecto, será efectuada a monitorização das actividades, em parceria com as escolas, no sentido de aferir se, efectivamente, foram atingidos os objectivos de aprendizagem propostos.

Será colocado um questionário de avaliação junto dos alunos, bem como um questionário que avalie o grau de satisfação das escolas participantes, os quais só poderão ser equacionados após serem postas em prática as actividades, que, após testadas, irão ter ainda, certamente algumas adaptações e acertos.

5.7 – Fontes de Financiamento

Conforme já foi referido anteriormente, o Município de Portalegre, em parceria com a Fundação Robinson, desenvolveu o Projecto “Rede de Património de Portalegre – Edificado, Móvel e Imaterial”, tendo sido apresentada uma candidatura ao Programa Operacional Alentejo 2007-2013: Eixo 3 – “Conectividade e Articulação Territorial”, Regulamento específico - Património Cultural; Tipologia - Projecto integrado de salvaguarda, valorização e animação do Património.

Inserida neste Projecto, está a criação de Serviços Educativos para os museus da cidade que funcionem em rede e de forma integrada.

A estimativa orçamental para a implementação do projecto que aqui se apresenta é de, aproximadamente, 50.000 euros, e inclui a concepção e impressão dos materiais pedagógico-didáticos, a criação de um site, a colocação de alguns dos jogos *on-line* e a concretização do plano de marketing.

Este trabalho pretende ser um ponto de partida para o posterior desenvolvimento, com base na investigação efectuada, de actividades para outros ciclos de ensino, para alunos com necessidades especiais e para adultos.

5.8 – Plano de Comunicação e Marketing

Prevê-se a realização de um Plano de Comunicação e *Marketing* que inclui a análise do mercado escolar (número de escolas, interesses dos alunos, projectos que se propõem desenvolver), a definição de objectivos estratégicos e a respectiva implementação e monitorização.

Em primeiro lugar deve ser criada uma “Marca” que represente os valores do projecto com vista a uma comunicação eficiente com os diversos públicos (públicos escolares, jornalistas, mecenas, patrocinadores). Tal implica a criação de um logótipo inovador e criativo que exprima e comunique eficazmente o projecto. A estratégia de *marketing* cultural a implementar inclui a interacção directa/interactiva com o público-alvo a nível nacional e internacional e o relacionamento duradouro com a comunidade, que se

concretiza na realização de um *website* do museu com *banner* sobre os serviços educativos (actividades, calendarização, forma e condições de participação), na edição de publicações e materiais impressos sobre as actividades (folhetos, *newsletters*, convites) e respectiva publicidade nos *media* a nível local, regional e nacional.

Para a promoção do projecto a nível internacional deverá ser estabelecida uma parceria com o Turismo de Portugal e com a Agência de Promoção Turística do Alentejo.

Deve ser estabelecida uma rede de contactos e parcerias com bancos e outras entidades privadas proprietárias de tapeçarias, para a criação de uma bolsa de mecenas e patrocinadores.

Com vista à internacionalização do Museu e da Manufactura, propõe-se a realização de parcerias com as seguintes entidades estrangeiras suas congéneres:

- Real Fábrica de Tapetes de Madrid, em Espanha
- West Dean Tapestry Studio, em Inglaterra
- Vitorian Tapestry Workshop, na Austrália
- Musée Manufacture des Gobelins de Paris, em França
- Musée de la Tapisserie d`Aubusson em França

CONCLUSÃO

Para a realização do enquadramento teórico do Projecto, foram abordados três temas principais: turismo cultural, museus e serviços educativos. Preocupámo-nos, para justificar o projecto, na análise do contributo dos serviços educativos dos museus para o desenvolvimento do turismo cultural.

Apresentou-se um quadro conceptual de referência e efectuou-se o levantamento, numa perspectiva histórica e evolutiva, de cada um dos temas atrás referidos. Foi efectuada uma abordagem à evolução da actividade turística a nível nacional e internacional, tendo sido abordado de forma mais específica o conceito de turismo cultural e as suas principais motivações. Concluiu-se que este tipo de turismo, quando devidamente planificado e estruturado, pode atrair segmentos de mercado com capacidade económica a zonas menos desenvolvidas e contribuir para a preservação e valorização do património.

Reflectiu-se sobre os conceitos de museu e de Museologia, bem como a sua evolução ao longo do tempo, tendo-se constatado que esta entidade é atravessada pelo clima geral de competitividade, quer cultural quer económica, que percorre os nossos tempos. Os públicos são vistos, cada vez mais, como parceiros e colaboradores dos agentes turísticos, quer na promoção das suas colecções quer no desenvolvimento de actividades de descoberta e interpretação do património. Nesta medida, os serviços educativos podem contribuir para o crescimento do turismo cultural, constituindo verdadeiros produtos turísticos âncora e tornando as visitas experiências únicas e enriquecedoras.

Existe hoje em dia um novo tipo de turistas, mais exigentes, que promovem a auto-aprendizagem e o espírito crítico durante as visitas. Este tipo de turistas é um potencial utilizador dos serviços educativos dos museus.

Verificámos que, em média, os serviços educativos dos museus do IMC contribuem em cerca de 17% par o número total de visitantes, e que dois dos museus mais visitados do país (Museu e CAMJAP da Fundação Gulbenkian e Museu de Serralves) são também aqueles que têm um maior número de actividades de serviço educativo para todos os tipos de público.

Concluimos também que a interpretação das obras de arte nos museus deve ser levada a cabo através dos modelos construtivistas, os quais colocam o sujeito no centro do processo de aprendizagem. As actividades devem permitir que o sujeito seja activo na construção do conhecimento e devem desenvolver o espírito crítico e a autonomia.

A análise efectuada ao MGF levou-nos a concluir que este museu carece de um projecto de serviços educativos que permita, sobretudo aos jovens, conhecer o rico património constituído pelas tapeçarias de Portalegre e desenvolverem a sensibilidade para este tipo de arte contemporânea.

Foi efectuada uma pesquisa sobre o desenvolvimento dos serviços educativos em três importantes museus, o que nos levou a concluir que o projecto deveria ser desenvolvido por áreas temáticas, tendo em conta os planos curriculares dos alunos, promovendo a interdisciplinaridade e o trabalho em rede. Constatámos também a importância da utilização das novas tecnologias da informação neste tipo de actividades, uma vez que permitem visitas virtuais, manipulação de objectos e consulta de documentos, constituindo-se como uma forma privilegiada de incrementar o número de visitantes reais.

Foi tendo em conta os pressupostos atrás referidos que desenvolvemos o projecto de criação de serviços educativos no MGF. Outro factor importante a ter em conta foi o facto de ter sido apresentada, pelo Município de Portalegre, uma candidatura ao Programa Operacional Regional do Alentejo 2007/2013 (já aprovada) intitulada “Rede de Património de Portalegre” – Edificado, Móvel Material e Imaterial que prevê a criação de serviços educativos em rede nos museus da cidade.

O presente projecto está estruturado de forma a poderem ser desenvolvidas actividades em rede com os outros dois museus da cidade: o Museu Municipal e a Casa Museu José Régio. Neste sentido, foram escolhidas as seguintes áreas temáticas: História, História da Arte e Literatura.

As actividades propostas para as áreas temáticas, são de três tipos: visitas dinamizadas, visitas-oficina e vistas-jogo, podendo algumas delas ser desenvolvidas *on-line*, de forma interactiva.

Todas as actividades propostas exploram conteúdos programáticos que integram os planos curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico. Algumas das

actividades podem ser desenvolvidas também por alunos do 2º Ciclo e por famílias. Poderá ser efectuada a tradução dos materiais de forma a poderem ser desenvolvidas por alunos e por famílias de outros países.

Está prevista a realização de um Plano de Comunicação e Marketing Cultural que inclui a constituição de uma rede de contactos com vista à projecção nacional e internacional das Tapeçarias de Portalegre.

Foi realizado um vasto trabalho de investigação sobre o acervo do museu e sobre as tapeçarias de Portalegre, o qual faz parte integrante deste projecto.

Finalmente, é importante frisar que o presente projecto se constitui como referencial de informação sobre o espólio do museu e da manufactura que deverão, no futuro, ser utilizados para o desenvolvimento de novas actividades, constituindo a proposta actual um ponto de partida para a criação, em parceria com os outros museus da cidade, de um calendário diversificado de actividades que funcionem em rede, para todos os tipos de público.

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura n.º 2.2.6 – Visita guiada à Exposição de João Muñoz (Fundação de Serralves) ----- | 70 |
| Figura n.º 3.1.1 – Manufatura de Tapeçarias de Portalegre ----- | 76 |
| Figura n.º 3.1.2 – L Coq Guerrier (Aubusson e Portalegre) ----- | 78 |
| Figura n.º 2.1.3 – Interior da MTP ----- | 79 |
| Figura n.º 3.1.4 - Tecelagem ----- | 82 |
| Figura n.º 3.1.5 - Bolduc ----- | 82 |
| Figura n.º 3.2.1.1 – Fachada principal do museu ----- | 84 |
| Figura n.º 3.2.1.2 - Auditório do MGF ----- | 87 |
| Figura n.º 3.2.1.3 – Foyer do MGF ----- | 87 |
| Figura n.º 3.2.1.4 – Jardim do MGF ----- | 90 |
| Figura n.º 3.2.2.1 – Visitantes estrangeiros aos museus da cidade ----- | 91 |
| Figura n.º 3.2.2.2 – Planta superior do Colégio de Jesuítas de Portalegre ----- | 94 |
| Figura n.º 3.2.2.3 – Guy Fino, o fundador da Manufatura ----- | 95 |
| Figura n.º 3.2.2.4 – Meadeira e Dobadura de Lã ----- | 96 |
| Figura n.º 3.2.2.5 – Desenho de ampliação para tapeçaria de Manuel Cargaleiro (200X50) 1991 ----- | 96 |
| Figura n.º 3.2.2.6 – Paleta de cores dos carolos de lã ----- | 97 |
| Figura n.º 3.2.2.7 – Réplica em miniatura de tear vertical ----- | 97 |
| Figura n.º 3.2.2.9 – Diana (João Tavares – 1947) (143,3X174,2) ----- | 98 |

| | |
|---|-----|
| Figura n.º 3.2.2.9.1 – Integração (Almada Negreiros – Tecelagem:1997) (158,6X216,9)----- | 99 |
| Figura n.º 3.2.2.9.2 – El Jardin de las Estatuas (Eugénio Granel – 220X360) | 100 |
| Figura n.º 3.2.2.9.3 – Lex deux musiciens (Le Corbusier – 1964) (122X123) | 100 |
| Figura n.º 3.2.2.9.4 – Meteoritos I II e III – Tríptico (Jorge Martins – 1987) (3X200X12)----- | 101 |
| Figura n.º 3.2.2.9.5 – Série Camoniana – Camões II (José de Guimarães – 1992) (200X190) ----- | 101 |
| Figura n.º 3.2.2.9.6 – Alentejo 7 – 2003 (Armando Alves) (200X139)----- | 102 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA I – Evolução do turismo internacional (2000 - 2008) ----- | 13 |
| TABELA II – Entradas de estrangeiros em Portugal em 2007 ----- | 15 |
| TABELA III – Principais mercados emissores de turistas (2007) ----- | 16 |
| TABELA IV – Principais mercados emissores de receitas (2007) ----- | 16 |
| TABELA V - N.º de visitantes aos principais museus mundiais ----- | 51 |
| TABELA VI – Evolução do n.º de visitantes aos museus do IMC (2005 – 2008) | 53 |
| TABELA VII – Evolução do n.º de visitantes à Fundação de Serralves entre 2004 e 2008 ----- | 54 |
| TABELA VIII - Evolução do n.º de participantes nas actividades de serviço educativo da Fundação de Serralves (2004 - 2008)----- | 71 |
| TABELA IX – Evolução do n.º de participantes nas actividades dos museus do IMC em 2008----- | 72 |
| TABELA X – Número de participantes nas actividades de serviço educativo dos museus do IMC ----- | 74 |
| TABELA XI – Exposições temporárias no MGF (2003-2007) ----- | 89 |
| TABELA XII – Evolução do número de visitantes no MGF (2001 – 2008)----- | 90 |
| TABELA XIII – Evolução do número de visitantes nos museus da cidade (2002 – 2008)----- | 91 |

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, E. P. (1996). *Museums in Motion, An Introduction to the History and Functions of Museums*. USA, AltaMira Press.

AZEVEDO, Fernando e SILVA, Maria do Carmo, (1996). *50 Anos de Tapeçaria em Portugal*, Fundação Gulbenkian

BALERDI, I. D. (1994). *Miscelánea Museológica*. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.

BARRIGA, Sara e SILVA Susana Gomes da, (2007). *Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus*, Colecção Públicos n.º 2, Serviços Educativos na Cultura, Setepés, (on line).

[Http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colecção%20Públicos%20-%20Serviços%20Educativos.pdf](http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colecção%20Públicos%20-%20Serviços%20Educativos.pdf)

BAZIN, G.(1969). *El tiempo del Museo*. Barcelona, Ed. Daimon.

BELL, Judith (1993). *Como realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gravida Publicações Lda.

BERNARDO, Ana C. Castel-Branco (1998). *Formação estética e cidadania: O Palácio da Pena como Património Artístico e Museu Histórico de Artes Aplicadas*. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica. Dissertação de Mestrado. (Texto policopiado).

CAMACHO, Clara Frayão (2008). *Serviços Educativos na Rede Portuguesa de Museus: panorâmica e Perspectivas*, Colecção Públicos n.º 2, Serviços Educativos na Cultura, Setepés, (on line).

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colecção%20Públicos%20-%20Serviços%20Educativos.pdf>

CÂMARA, Inês Bettencourt da e FERNANBUCO, Ana (2008). *Inquérito sobre Serviços Educativos e Comunicação em Museus, Estudo exploratório*, 2008 (on line) http://www.mapadasideias.pt/outros_documentos/museus/estudo_exploratorio_museus.pdf

CAMPOS, José António de Freitas (2004). *Escolas e Museus "Parceiros na educação"*, Cadernos do Museu da Electricidade, n.º 3. Lisboa, EDP.

CASTRO MORALES, Federico; **BELIDO GANT**, M. Luisa (Eds.) (1998). *Patrimonio, Museos y Turismo Cultural: claves para la gestión de un nuevo concepto de ocio*. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba.

CLUZEAU, Claude Origet du, (1998). *Tourisme culturel*, Paris, Presses Universitaires de France.

CUNHA, Licínio (2001). *Introdução ao Turismo*, Editorial Verbo, Lisboa - S. Paulo.

CURADO (1996). in **RICHARDS**, Greg, *Cultural Tourism in Europe*, Atlas.

DE KETELE, Jean Marie, Roegiers, Xavier (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*, Lisboa, Instituto Piaget.

FARIA, Margarida Lima de (1995). *Museus: educação ou divertimento? Uma análise da experiência museológica segundo o modelo figuracional de Norbert Elias e Eric Dunning*. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (on line).

- (2000). *Educação – Museus – Educação*, Centro de Etnologia Educativa (on line)

FERNÁNDEZ, L. A. (1993). *Museología: Introducción a la Teoría y Práctica del Museo*. Madrid, Ediciones Istmo, S. A.

- (1999). *Introducción a la nueva museología*. Madrid: Alianza Editorial, S. A.

FERREIRA, Ana Maria, MARTINS, Ana Isabel (2007). *O Evento FCNC 2005 e o Turismo*, Faro, Universidade do Algarve.

FUSTER, Luís Fernandez (1967). *Teoría y Técnica del Turismo*, Mundo Científico, Série Turismo.

GARCIA, Nuno Guina (2003). *O Museu entre a Cultura e o Mercado: um Equilíbrio Instável*, Instituto Politécnico de Coimbra.

GONÇALVES, Rui Mário e outros (2002). *Primeiro Olhar*, Lisboa, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

HENRIQUES, Cláudia (2003). *Turismo, Cidade e Cultura, Planeamento e gestão sustentável*, Lisboa, Ed. Sílabo.

HERNÁNDEZ, F. H. (1998). *El Museo como espacio de comunicación*. 1ª Edición, Gijón, Ediciones Trea.

- (1998). *Manual de Museología*. Madrid, Editorial Síntesis, S.A

- (2002). *El Patrimonio Cultural: la memoria recuperada*. Gijón, Ediciones Trea, S.L

HERNÁNDEZ, J. B. & TRESSERAS, J. J. (2001). *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona, Editorial Ariel, S. A.

HOOPER-GREENHILL, Eillean (1991). *Museum and Gallery Education*, Leicester University Press.

- (1992.) – *Museum education*. In *Manual of Curatorship*. 2nd ed. Oxford, Butterworth-Heineman

HONRADO, Miguel (2007.) *Públicos da Cultura e serviços educativos: novos desafios? – Viagem ao continente da “multiplicação dos sentidos”* in Coleção Públicos n.º 2, Serviços Educativos na Cultura, Setepés (on line).

ITURRA, Raul, (1986). “Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia”, in *Augusto Santos Silva e José Madueira Pinto (orgs.) Metodologia das Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Afrontamento.

KEIL, Luís (1943). *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Portalegre*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.

LE GOFF, Jacques (1983). *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa, Edições Estampa.

LEWIS, P. (1998). “Museus e Marketing”, in Moore, K (Dir.) *La gestion del museo*, Gijón, Ediciones Trea, S. L.

MCLEAN, F. C. (1998).” El marketing en el museo: análisis contextual”, in Moore, K. (Dir.) *La gestión del museo*, Gijón, Ediciones Trea.

MIRANDA, Jorge Morales (2001). *Guia Práctica para la Interpretacion del Patrimonio*, Junta de Andalucia, Sevilha, Consejería de Cultura.

MONTANER, J. M. (1995). *Museos para el nuevo siglo*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A.

MOREIRA, Isabel M. Martins (1989). *Museus e Monumentos em Portugal, 1772-1974*. Lisboa, Universidade Aberta.

PÉREZ SANTOS, Eloísa (2000). *Estudios de visitantes en museos, metodología y aplicaciones*. Gijón, Ediciones Trea.

PINTO, Maria Helena (2003). *Guimarães, Centro histórico, Património e Educação*, *Dissertação de Mestrado*, Universidade do Minho (texto policopiado).

RIBEIRO António Carrilho (1990). *Desenvolvimento Curricular*, Lisboa, Texto Editora Lda.

RICHARDS, Greg (1996). *Cultural Tourism in Europe*, Atlas, 2005 (on-line).

RIVIÈRE, G. H. (1993). *La Museología. Curso de Museología/Textos y testimonios*. Torrejón de Ardoz, Ediciones Akal, S.A.

RIVIÈRE, G. Henri (1989). *La Museologie selon Georges Henri Rivière*. Paris, Dunod.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (Coord.) (1993). *Iniciação à Museologia*. Lisboa, Universidade Aberta.

ROJAS, R., Crésplan, J. L., Trallero, M. (1979). Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. Os Museus no Mundo. Biblioteca Salvat de Grandes Temas, n.º 26.

SILVA, Augusto Santos e José Madueira Pinto (orgs) (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*, Lisboa, Ed. Afrontamento.

Fontes:

A Cidade - Revista Cultural de Portalegre n.º 10 (Nova Série), Lisboa, Edições Colibri, Artes Gráficas Lda. 1995

Cartas e Convenções Internacionais. Património Arquitectónico e Arqueológico. IPPAR, Lisboa, 1999

Catálogo da Exposição "*Matéria e Cor*" *Tapeçarias de Portalegre*, Galeria e Sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Abril de 2005

Catálogo da Exposição “Nós na Arte”, Palácio de Belém, Lisboa, Abril de 2009

Catálogo da Exposição “Arte Tecida”, Fórum Cultural de Ermesinde, 17 de Junho a 6 de Setembro de 2009

Código Mundial de Ética do Turismo, Direcção Geral do Turismo, Lisboa, 1999

Educação e Museus: novas correntes. Conferência proferida por José Amado Mendes no Museu Monográfico de Conímbriga em 10 de Junho de 2003

IPPAR, *Informar para Proteger. Cartas e Convenções Internacionais*. Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1996

IPM / OAC, *Inquérito aos Museus em Portugal*. Lisboa, Instituto Português de Museus, Observatório de Actividades Culturais, 2000

Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo

Uma abordagem à experimentação e à criatividade pelo serviço educativo do Museu Nacional de Etnologia. Comunicação apresentada em Lisboa na Conferência Nacional para a Educação Artística (*on line* no dia 10 de Maio de 2009)

Plano Estratégico Nacional do Turismo, Turismo de Portugal, IP, Ministério da Economia e Inovação, 2007

Legislação:

Lei - quadro dos museus portugueses – Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto

Lei de bases do Património – Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro

Despacho conjunto n.º 834/2005 (Aprova o Programa de Promoção de Projectos Educativos na Área da Cultura)

Despacho conjunto n.º 1 053/2005 (Afectação ao Ministério da Cultura de pessoal docente)

Endereços electrónicos consultados:

<http://www.icom-portugal.org/conteudo.aspx?args=55,conceitos,2,museu>

(01/04/09)

http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades_edu/HighlightList.aspx

(02/04/09)

<http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/recursos/estatisticas/ContentDetail.aspx>

(02/04/09)

www.louvre.fr//lv/comun/home.jsp

(19/05/2009)

<http://www.icom.fr>

(01/04/09)

<http://turismodeportugal.pt>

(05/02/2009)

www.english-heritage.org.uk

(13/02/2009)

<http://www.icomos.org>

(7/02/2009)

<http://ine.pt>

(05/02/2009)

<http://ipmuseus.pt>

(7/02/2009)

<http://www.iie.min-edu.pt/proj/arte/museus/apresentação>

(7/02/2009)

<http://turismodeportugal.pt>

(8/02/2009)

<http://unwto.org/facts/eng/historical.htm>

(05/02/2009)

www.ippar.pt

(05/02/2009)

www.imc-ip.pt

(14/05/2009)

<http://www.serralves.com/gcal/2id=241>

(19/05/2009)

<http://www.educathyssen.org>

(02/09/2009)

<http://www.gulbenkian.pt>

(02/09/ 2009)

<http://www.serralves.pt>

(02/09/2009)

www.dgidc.minedu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares.asp

X

(15/09/2009)

APÊNDICES

ÍNDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE I – Inventário da colecção do museu e do Município ----- 173

APÊNDICE II – Catálogo de autores de cartões e outros suportes para tapeçaria ----- 212

APÊNDICE I – Inventário da colecção do museu e do Município

INVENTÁRIO

O presente inventário inclui a colecção das tapeçarias, cartões para tapeçaria e desenhos para tecelagem que são propriedade do Município de Portalegre, as quais se encontram distribuídas pelo Museu da Tapeçaria Guy Fino, Edifício dos Paços do Concelho e Casa Museu José Régio.

O referido espólio foi inventariado segundo os seguintes critérios:

- 1 – Colecção das tapeçarias do Museu da Tapeçaria Guy Fino;
- 2 – Outras tapeçarias do Município.

Foram efectuadas fichas de inventário da colecção do museu que incluem os seguintes campos:

- a) Número de inventário;
- b) Título;
- c) Autor;
- d) Descrição;
- e) Dimensões (altura e largura);
- f) Data do cartão;
- g) Data da tecelagem;
- i) Localização;
- j) Data e forma de aquisição;
- l) Número de registo/série

Os dados relativos ao número de inventário e à descrição da peça foram fornecidos pelo Museu da Tapeçaria Guy Fino.

Todas as fichas incluem uma imagem da Tapeçaria.

Do espólio do Município fazem parte 26 tapeçarias de Portalegre, uma tapeçaria de Aubusson, um cartão para tapeçaria e um desenho para tecelagem. O Museu da Tapeçaria possui um total de 26 peças que incluem 23 tapeçarias, sendo 22 de Portalegre (10 tapeçarias individuais, 1 tríptico, 1 políptico x 4 e uma série de 5) e 1 tapeçaria de Aubusson, e ainda 1 cartão para tapeçaria e 1 desenho para tecelagem.

1 - Coleção do Município (tapeçarias, cartões e desenhos)

Peças do Museu da Tapeçaria Guy Fino:

a) Tapeçarias

1 – Diana

João Tavares (1908–1984)

Cartão 1947

Tecelagem 1947

172,2x143



2 – Le Coq Guerrier (Portalegre)

Jean Lurçat (1892–1966)

Cópia da tapeçaria de Aubusson

Tecelagem 1956

139x86,3



3 – Le Coq Guerrier(Aubusson)

Jean Lurçat (1892–1966)

Cartão 1955

Tecelagem 1955

85,2x141,3



4 – Le Roi Soleil

Jean Lurçat (1892–1966)

Cartão

Tecelagem 2001

60x100



5 – Haut Tropiques

Jean Lurçat (1892–1966)

Cartão 1961

Tecelagem 1998

295,2x350



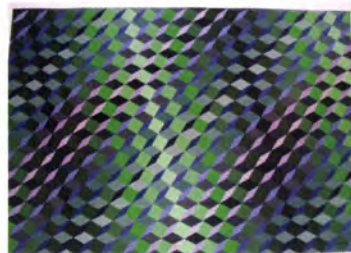
6 – Estrutura Ambígua

Eduardo Nery (1938)

Cartão 1967

Tecelagem 2001

184,7x268,4 cm



7 – O Beijo

Malangatana (1936)

Cartão 1971

Tecelagem 1975

133x195,6



8 – Integração

Almada Negreiros (1893–1970)

Cartão s/data

Tecelagem 1997

158,6x216,9



9 – Biblioteca

Vieira da Silva (1908 – 1992)

Cartão

Tecelagem 1981

214,4x164,3



10 – Estudos para tapeçaria mural – Gare Marítima da Rocha Conde de Óbidos

Almada Negreiros (1893 – 1970)

Cartão s/data

Tecelagem 1985-1987

213,2x108



11 – Estudos para tapeçaria mural – Gare Marítima da Rocha Conde de Óbidos

Almada Negreiros (1893 – 1970)

Cartão s/data

Tecelagem 1985-1987

216,9x110



12 – Estudos para tapeçaria mural – Gare Marítima da Rocha Conde de Óbidos

Almada Negreiros (1893 – 1970)

Cartão s/data

Tecelagem 1985-1987

213x107,9



13– As Quatro Estações (Primavera)

Lourdes Castro (1930)

Cartão 1992

Tecelagem 1992

227x98,7



14– As Quatro Estações (Verão)

Lourdes Castro (1930)

*Cartão*1992

*Tecelagem*1992

226,8x98,7



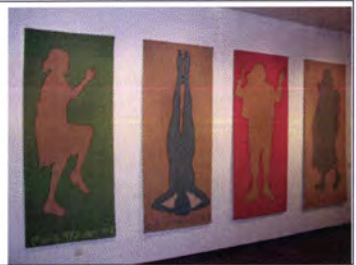
15– As Quatro Estações (Outono)

Lourdes Castro (1930)

*Cartão*1992

*Tecelagem*1992

226,8x98,7



16– As Quatro Estações (Inverno)

Lourdes Castro (1930)

*Cartão*1992

*Tecelagem*1992

226,8x98,7



17 – Arrufo

Júlio Pomar (1926)

*Cartão*1993

*Tecelagem*2002

192,5x239,5



18 – Newton

Jorge Martins (1940)

Cartão

*Tecelagem*1996

205,6x212,3



19 - Série Camoniana (Camões I)

José de Guimarães (1939)

Cartão

Tecelagem 1992

200x190



20 - Série Camoniana (Camões II)

José de Guimarães (1939)

Cartão

Tecelagem 1992

200x190



21 - Série Camoniana (Camões III)

José de Guimarães (1939)

Cartão

Tecelagem 1992

200x190



22 - Série Camoniana (Camões IV)

José de Guimarães (1939)

Cartão

Tecelagem 1992

200x190



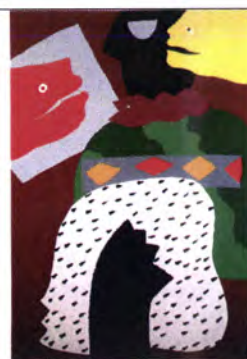
23 - Série Camoniana (Camões V)

José de Guimarães (1939)

Cartão

Tecelagem 1992

200x190



Cartões para tapeçaria

1 – Le Roi Soleil – Cartão para tapeçaria de Jean

Lurçat

Data

60x100



Desenhos para tecelagem

1 – Le Roi Soleil – Desenho de ampliação para
tapeçaria de Jean Lurçat

Data

60x100



2 - Outras tapeçarias do Município:

1 – Proclamação da Independência

Autor: João Tavares (1908–1984)

Cartão

Tecelagem 1959

288x560

Edifício dos Paços do Concelho

(Imagem: pormenor)



2 – Pão Azeite e Vinho

Autor: João Tavares (1908–1984)

Cartão

Tecelagem

189,8x349,3

Edifício dos Paços do Concelho



3 – S/ Título

Autor: João Tavares (1908–1984)

Cartão

Tecelagem

264x229

Edifício dos Paços do Concelho



4 – Estudo para uma tapeçaria – Régio 61

Autor: José Régio (1901 – 1969)

Cartão 1961

Tecelagem 1976

136x192,5

Casa Museu José Régio



FICHAS DE INVENTÁRIO



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0001/0001.Tx | |
| Título | Diana | |
| Autor | João Tavares (1908–1984) | |
| Descrição | Tapeçaria multicolorida onde predominam os tons de castanho; representa a deusa da caça Diana (mitologia clássica), juntamente com vários animais (corças e aves), bem como um sobreiro | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 172,2 cm | 143 cm |
| Data do cartão | 1947 | |
| Tecelagem | 1947 | |
| Nº de registo | Não tem | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Doada por D. Gertrudes Fino em 2001 | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| Nº. de Inventário | MTP.0003/0003.Tx | |
| Título | Le Coq Guerrier (Portalegre) | |
| Autor | Jean Lurçat | |
| Descrição | Tapeçaria multicolorida onde imperam as tonalidades escuras; nela vemos representado um galo “arrojado” e o sol no canto superior esquerdo. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 139 cm | 86,3 cm |
| Data do cartão | 1956 | |
| Tecelagem | 1956 | |
| Número de registo | Não tem | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino) | |
| Data e forma de aquisição | Doadada por D. Mercedes Fino em 2004 | |



| | | |
|---------------------------|---|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0002/0002.Tx | |
| Título | Le Coq Guerrier (Aubusson) | |
| Autor | Jean Lurçat | |
| Descrição | Tapeçaria multicolorida onde imperam as tonalidades escuras; nela vemos representado um galo “arrojado” e o sol no canto superior esquerdo. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 85,2 cm | 141,3 cm |
| Data do cartão | 1955 | |
| Tecelagem | 1955 – Aubusson | |
| Número de registo | Não tem | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino) | |
| Data e forma de aquisição | Doadada por D. Mercedes Fino em 2004 | |



| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0004/0004.Tx | |
| Título | Le Roi Soleil | |
| Autor | Jean Lurçat | |
| Descrição | Tapeçaria com tonalidades predominantemente amarelas, em que se pode ver a lua e o sol com traços antropomórficos; o sol contém uma coroa. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 60 cm | 100 cm |
| Data do cartão | Não tem | |
| Tecelagem | 2001 | |
| Número de registo | 2374 – M. G. F. | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino) | |
| Data e forma de aquisição | Doador por M.me Lurçat/ Manufactura de Tapeçarias de Portalegre em 2003 | |



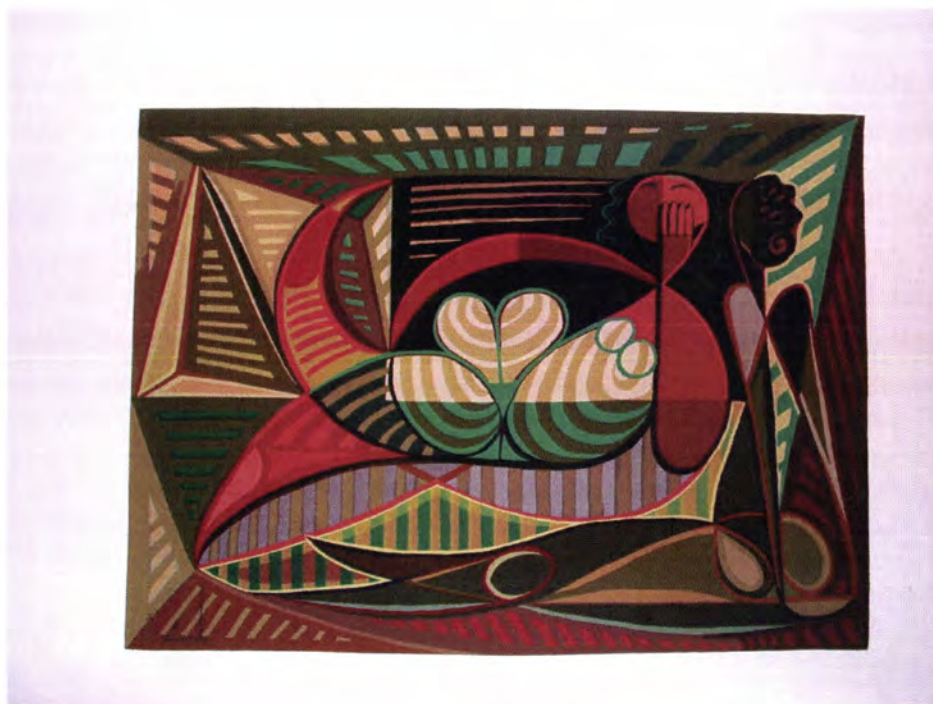
| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0010/0010.Tx | |
| Título | Hautes Tropiques | |
| Autor | Jean Lurçat | |
| Descrição | Tapeçaria multicolorida onde predominam os tons amarelos mesclados e os verdes; representa uma parte da floresta tropical, em que se avistam borboletas, peixes, bem como outros animais e plantas exóticas. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 295,2 cm | 350 cm |
| Data do cartão | 1961 | |
| Tecelagem | 1998 | |
| Número de registo | 2338 – EXP A. | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino) | |
| Data e forma de aquisição | Doada pelo Dr. Travassos e esposa em 2002 | |



| | | |
|---------------------------|--|----------|
| N.º de Inventário | MTP. 0013/0013. Tx | |
| Título | Estrutura ambígua | |
| Autor | Eduardo Nery | |
| Descrição | Além dos reflexos, que são as secções mais claras da tapeçaria, vê essencialmente as cores azuis e verde, distribuídas num leque de cubos todos ligados. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 184,7 cm | 268,4 cm |
| Data do cartão | 1967 | |
| Tecelagem | 1969 (1ª edição) - 2001(edição actual) | |
| Número de registo | 1377 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino) | |
| Data e forma de aquisição | Doadada pela Dormatêxtil em 2003 | |



| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0012/0012.Tx | |
| Título | O Beijo | |
| Autor | Malangatana | |
| Descrição | Nesta peça, em que predominam as tonalidades quentes, podemos ver um homem e uma mulher dando um beijo. De traços robustos, Malangatana apresenta-nos um segundo beijo levado a cabo por duas criaturas do seu imaginário. Ao centro, uma flor em tons de rosa e branco. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 133 cm | 95,6 cm |
| Data do cartão | 1971 | |
| Tecelagem | 1975 | |
| Número de série | 1888 - 3 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Doadada pelo Dr. Francisco Fino em 2003 | |



| | | |
|---------------------------|---|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0011/0011.Tx | |
| Título | Integração | |
| Autor | Almada Negreiros | |
| Descrição | Esta integração reflecte um jogo de duas silhuetas femininas em poses descontraídas. A mulher maior, predominantemente vermelha, está a tapar a boca, numa atitude algo pudica, enquanto que a outra está apenas sentada ao seu lado. Esta tapeçaria contempla o abstraccionismo. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 158,6 cm | 216,9 cm |
| Data do cartão | S/ data | |
| Tecelagem | 1997 | |
| Número de registo | 2036 – EXP. A | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 2002 | |



| | | |
|---------------------------|---|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0014/0014.Tx | |
| Título | Biblioteca | |
| Autor | Vieira da Silva | |
| Descrição | <p>Para muitos parece uma cidade, vista de cima ou de longe, mas esta biblioteca não é mais do que uma série de prateleiras e livros acumulados.</p> <p>Em tons de castanho, camel, e demais cores escuras, é um estudo de formas que atropelam na profundidade de um espaço pouco vasto.</p> | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 214,4 cm | 164,3 cm |
| Data do cartão | S/ data | |
| Tecelagem | 1981 | |
| Número de registo/ série | 2067 – 6/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 2002 | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0007/0007.Tx | |
| Título | Estudo para tapeçarias - murais Gare Marítima Rocha de Conde Óbidos nº 4 | |
| Autor | Almada Negreiros | |
| Descrição | Esta peça com tonalidades quentes e frias, multicolorida, "mostra-nos" o interior de uma casa, com pessoas no terraço e ao lado um barco (parte superior); em baixo, várias pessoas (pescadores e mulheres) num barco a remos, em que duas mulheres tentam alcançar um objecto flutuante. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 213,2 cm | 108 cm |
| Data do cartão | S/ data | |
| Tecelagem | 1985-1987 | |
| Número de registo/série | 2170 – 1/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município num leilão na década de noventa | |



| | | |
|--------------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0006/0006.Tx | |
| Título | Estudo para tapeçarias - murais Gare Marítima Rocha de Conde Óbidos nº 3 | |
| Autor | Almada Negreiros | |
| Descrição | Esta peça concebida em tons de castanho e camel, mostra-nos uma estrutura (andaimas), montada perto da popa de um navio (laranja) onde se encontra uma figura humana azul. Refiram-se também aos azuis que completam esta composição. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 213 cm | 107,9cm |
| Data do cartão | S/ data | |
| Tecelagem | 1985-1987 | |
| Número de série ¹¹¹ | | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹¹ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.

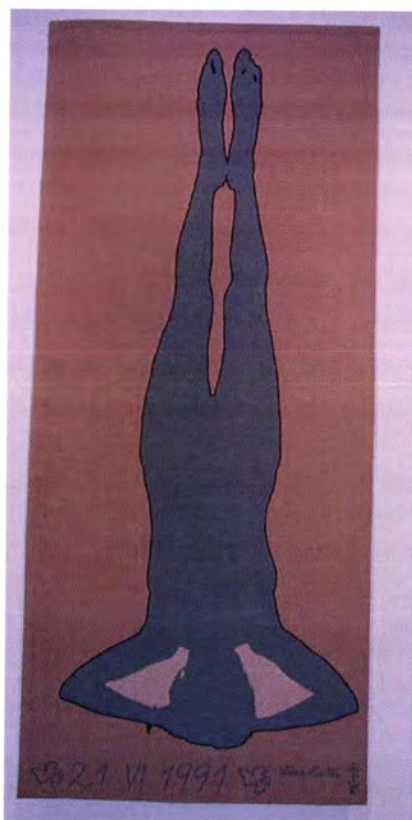


| | | |
|--------------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0005/0005.Tx | |
| Título | Estudo para tapeçarias - murais Gare Marítima Rocha de Conde Óbidos nº 3 | |
| Autor | Almada Negreiros | |
| Descrição | Nesta peça, em que predominam tonalidades laranjas e negros, vemos parte de um navio, com um guindaste e uma escadaria, para além de uma pequena multidão de pessoas. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 213 cm | 107,9cm |
| Data do cartão | S/ data | |
| Tecelagem | 1985-1987 | |
| Número de série ¹¹² | | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹² Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0015/0015.Tx | |
| Título | As quatro Estações (Político) - PRIMAVERA | |
| Autor | Lourdes Castro | |
| Descrição | Tapeçaria vertical onde imperam os tons verdes e camel. Uma menina a saltar | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 227cm | 98,7 cm |
| Data do cartão | 1992 | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de registo/série | 2272 – 1/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 2001 | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP. 0016/OO16. Tx | |
| Título | As quatro Estações (Políptico) - VERÃO | |
| Autor | Lourdes Castro | |
| Descrição | Descrição Tapeçaria vertical cujas cores predominantes são o azul e o camel. Mulher deitada na praia. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 226,8cm | 98,5 cm |
| Data do cartão | 1992 | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de registo/série | 2273 – 1/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0017/0017.Tx | |
| Título | As quatro Estações (Políptico) - OUTONO | |
| Autor | Lourdes Castro | |
| Descrição | Tapeçaria vertical, mais contemplativa, com figura humana em cor amarelo-torrado e fundo cor-de-rosa. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 226,8cm | 98,7 cm |
| Data do cartão | 1992 | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de registo/série | 2274 – 1/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0018/0018.Tx | |
| Título | As quatro Estações (Político) - INVERNO | |
| Autor | Lourdes Castro | |
| Descrição | Tapeçaria vertical, com fundo castanho e figura de mulher com casaco de cor cinzenta. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 226,8cm | 98,7 cm |
| Data do cartão | 1992 | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de registo/série | 2275 – 1/6 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |



| | | |
|--------------------------------|--|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0008/0008.Tx | |
| Título | Arrufo | |
| Autor | Júlio Pomar | |
| Descrição | Tapeçaria em que predominam as cores amarelas, azuis, vermelhos e “negros”; nela estão representados dois cavalos que se cruzam. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 192,5 cm | 239,5 cm |
| Data do cartão | 1993 | |
| Tecelagem | 2002 | |
| Número de série ¹¹³ | | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Doadada pelo Millenium BCP em 2004 | |

¹¹³ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|---------------------------|---|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0009/0009.Tx | |
| Título | Newton | |
| Autor | Jorge Martins | |
| Descrição | Tapeçaria com tonalidades frias e escuras (à exceção do azul, essencialmente), onde se vêem vários círculos concêntricos. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 192,5 cm | 239,5 cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1996 | |
| Número de registo/série | 2314 – 2/3 | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Oferecida ao Museu pelo Sr. Primeiro-ministro, Eng. José Sócrates em 2006 | |



| | | |
|--------------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP. 0030/0028.Tx | |
| Título | Camões I (Série Camoniana) | |
| Autor | José de Guimarães | |
| Descrição | De tonalidades sóbrias, esta obra apresenta várias formas pouco usuais; talvez a mais “ familiar “ seja a que se assemelha à cabeça de uma serpente, cor de lilás. Para além do destaque das “manchas vermelhas” salienta-se também uma estrela amarela na imagem. Integra a série Camoniana. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 200cm | 190cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de série ¹¹⁴ | | |
| Localização | Tribunal de Contas (permuta com uma tapeçaria de Guilherme Camarinha) | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 2006 | |

¹¹⁴ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|--------------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP. 0031/0029.Tx | |
| Título | Camões II (Série Camoniana) | |
| Autor | José de Guimarães | |
| Descrição | De tonalidades escuras, à exceção do amarelo e vermelho, esta tapeçaria “mostra” um jogo de formas que revelam uma dinâmica quase “aquática” integra a Série Camoniana. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 200cm | 190cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de série ¹¹⁵ | | |
| Localização | Tribunal de Contas (permuta com uma tapeçaria de Guilherme Camarinha) | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹⁵ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|--------------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0032/0030.Tx | |
| Título | Camões III (Série Camoniana) | |
| Autor | José de Guimarães | |
| Descrição | Com uma figura antropomórfica em tons de azul e cinza, esta peça que integra a série camoniana distingue-se das restantes pelas tonalidades mais frias. Vemos aqui um Camões que segura uma folha de papel (um texto, talvez) e uma espada, tendo uma coroa de louros na cabeça. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 200cm | 190cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de série ¹¹⁶ | | |
| Localização | Tribunal de Contas (permuta com uma tapeçaria de Guilherme Camarinha) | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹⁶ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|--------------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0033/0031.Tx | |
| Título | Camões IV (Série Camoniana) | |
| Autor | José de Guimarães | |
| Descrição | Com cores quentes e frias, esta peça oferece-nos um jogo de formas ligadas a um ambiente onírico. Destacam-se as cores verdes, vermelho, amarelo e castanho. Esta obra integra a série Camoniana. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 200 cm | 190cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número de série ¹¹⁷ | | |
| Localização | Tribunal de Contas (permuta com uma tapeçaria de Guilherme Camarinha) | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹⁷ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.



| | | |
|------------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0034/0032.Tx | |
| Título | Camões V (Série Camoniana) | |
| Autor | José de Guimarães | |
| Descrição | Com um jogo de formas e enquadramento de cores que contrastam entre si, esta obra mostra-nos o que parece ser uma silhueta antropomórfica ao fundo, tendo em primeiro plano duas cabeças (uma vermelha outra amarela) de seres pouco definidos. As cores predominantes são o vermelho, o verde, o branco e o negro | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 200 cm | 190cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1992 | |
| Número/ série ¹¹⁸ | | |
| Localização | Tribunal de Contas (permuta com uma tapeçaria de Guilherme Camarinha) | |
| Data e forma de aquisição | Idem | |

¹¹⁸ Não conseguimos obter esta informação porque a tapeçaria se encontrava em exposição fora do museu.

b) Cartões para tapeçaria

1



| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP. 0022/0001.D | |
| Título | Le roi soleil | |
| Autor | Jean lurçat | |
| Descrição | Desenho a lápis, tinta-da-china e aguarela, representando "Le Roi Soleil", com as cores assinaladas a letras, e escritas em francês. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 60cm | 100cm |
| Data do cartão | | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Doado pela Madame Lurçat em 2001 | |

c) Desenho para tecelagem



| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP. 0023/0002. D | |
| Título | Le roi soleil | |
| Autor | Jean Iurçat | |
| Descrição | Desenho em papel quadriculado, pintado a caneta, representando "Le Roi Soil", com as cores assinaladas através de números. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 60cm | 100cm |
| Data | | |
| Localização | Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino | |
| Data e forma de aquisição | Doado pela Manufactura de Tapeçarias de Portalegre em 2001 | |

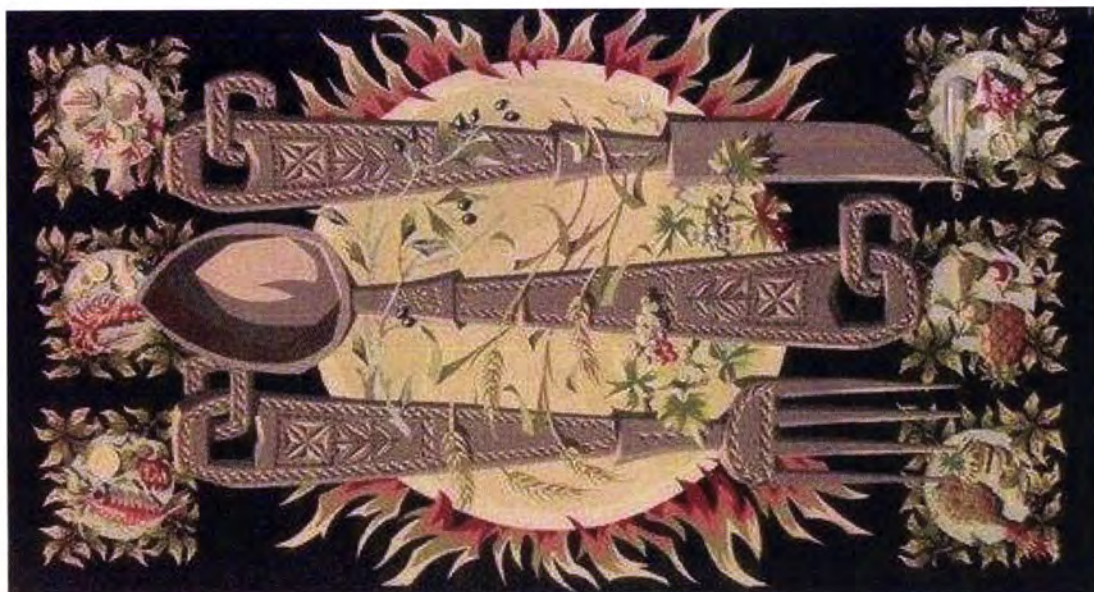
b) Outras tapeçarias do Município:

1



Imagem: pormenor

| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | MTP.0020/0020.Tx | |
| Título | Proclamação da Independência | |
| Autor | João Tavares | |
| Descrição | <p>Tapeçaria horizontal, com fundo negro. Em cima, ao centro circulo e casario de Portalegre destacando-se a Catedral, o Paço Episcopal, o Seminário e o Palácio Amarelo. Por baixo, a figura do Rei D. João IV com as armas da cidade de Portalegre a seus pés. No lado direito o povo festejando, e em baixo o Juiz, Vereadores e nobres assinam a sua adesão. No lado esquerdo: de uma varanda Nobres proclamando a Independência, em baixo o povo aclamando. Da parte superior esquerda atravessando, por detrás do Rei, toda a tapeçaria, uma faixa com a inscrição: "Real, Real, por D. João IV, Rei de Portugal".</p> <p>Este foi o grito da proclamação soltado do Paço Municipal de Portalegre, mal na cidade houve notícia da revolta de 1640. E toda a gente acorria ao largo da Praça, onde ignorando ainda tudo mais, logo o juiz, Vereadores e mais Nobres assinaram a sua adesão.</p> | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 288cm | 560cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1967 | |
| N.º de registo | Não tem | |
| Localização | Edifício dos Paços do Concelho | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 1967 | |



| | | |
|---------------------------|---|----------|
| N.º de Inventário | MTP.0019/0019.Tx | |
| Título | Pão, Azeite e Vinho | |
| Autor | João Tavares | |
| Descrição | Tapeçaria horizontal com fundo negro, prato grande ao centro com raminhos de azeitonas, espigas, parras e uvas, sobre o prato, também horizontalmente, talher, com garfo em cima, colher ao centro e faca em baixo. Do lado direito, verticalmente três pratos com: perna com batatas no prato de cima; frutos no prato ao centro e frutos vermelhos e bebidas no prato de baixo. Do lado esquerdo: prato com peixe e limão em cima; prato com lagosta e copo ao centro e, prato com Bule em baixo. Todos os pratos estão ladeados por folhas. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 189,8cm | 349,3 cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1967 | |
| Número de registo | 1223 | |
| Localização | Edifício dos Paços do Concelho | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 1967 | |



| | | |
|---------------------------|---|---------|
| N.º de Inventário | MTP.002170021.Tx | |
| Título | Sem Título | |
| Autor | João Tavares | |
| Descrição | Tapeçaria vertical de fundo negro, com duas figuras seminuas sustentando as armas da cidade de Portalegre sob um círculo azul ladeado de ramos de folhas, com a inscrição: "A alma do homem é que dá corpo à cidade." | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 264cm | 229cm |
| Data do cartão | | |
| Tecelagem | 1971 | |
| N.º de registo | 1334 | |
| Localização | Edifício dos Paços do Concelho | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 1971 | |



| | | |
|---------------------------|--|---------|
| N.º de Inventário | | |
| Título | Estudo para uma tapeçaria – Régio 61 | |
| Autor | José Régio | |
| Descrição | Tapeçaria representando um Cristo em chamas ao centro, os braços pregados na cruz e duas figuras femininas, dos lados. | |
| Dimensões | Altura | Largura |
| | 136cm | 192,5cm |
| Data do cartão | 1961 | |
| Tecelagem | 1976 | |
| Número de registo/série | 1930 - 2 | |
| Localização | Casa Museu José Régio | |
| Data e forma de aquisição | Adquirida pelo Município em 1976 | |

APÊNDICE II – Catálogo de autores de cartões e outros suportes para tapeçaria

- 1 - A. Dacosta (1914 – 1990)
- 2 - A. Cristina Dryselius
- 3 - Abílio de Sousa
- 4 – Adicks (1927)
- 5 – Alice Jorge (1924 – 2008)
- 6 - Almada Negreiros (1893 – 1970)
- 7 - Amadeo de Souza- Cardoso (1887 – 1918)
- 8 - Amândio Silva
- 9 - Amélia Curvelo
- 10 - Ana Teresa Dagnino
- 11 – Anjos
- 12 - António Lino
- 13 - António Lopes
- 14 - António Quadros (1923 – 1993)
- 15 - António Sena (1941)
- 16 - Armando Alves (1935)
- 17 - Arpad Szenes (1897 – 1985)
- 18 - Arthur Boyd
- 19 - Artur Bual (1926)
- 20 - Arturo Ermini
- 21- Augusto Gomes
- 22 - Avelino Rocha
- 23 - Bruno Pedrosa
- 24 – Belmiro
- 25 - Bessiéres d'Istrie
- 26 - C.d'Estienne
- 27 - C. Shones
- 28 – Camarinha (1913 – 1994)
- 29 - Cândido Costa Pinto (1911 – 1977)
- 30 - Carla Lavatelli
- 31 – Cargaleiro (1931)
- 32 - Carlos Botelho (1899 – 1982)
- 33 - Carlos Calvet (1928)

- 34 - Carlos Matos
- 35 – Charrua (1925)
- 36 - Charles Madden (1928)
- 37 - Charles Schorre
- 38 - Colette Sliegler
- 39 - Correia Rebocho
- 40 - Costa Pinheiro (1932)
- 41 - Cruzeiro Seixas (1920)
- 42 – CoutoTavares
- 43 - Danielle Moser
- 44 - Domingos Rebelo (1891 – 1975)
- 45 - Donald Louthian
- 46 - Dórdio Gomes (1890 – 1976)
- 47 - E. Nery (1938)
- 48 - Edouard Eymard
- 49 - Eduardo Batarda (1943)
- 50 - Ellen Calleya
- 51 - Ernest Graf
- 52 - Esmond White
- 53 - Espiga Pinto (1940)
- 54 - Eugénio Granell (1911 - 2001)
- 55 - Fátima Ramalho
- 56 - Fernando Lanhas (1923)
- 57 - Fernando Lemos (1926)
- 58 - Fred Kradolfer
- 59 - Figueiredo Sobral (1926)
- 60 - Flávia Monsaraz
- 61 - Francis Michelet
- 62 - Francis Lauvin
- 63 - Frederico Ayres (1887- 1963)
- 64 - Genaro de Carvalho (1926 – 1981)
- 65 - Giberto Pereira
- 66 - Graça Moraes (1948)

- 67 - Gracinda Candeias (1947)
- 68 - H.James Sanchez
- 69 - Hannes Harns
- 70 - Hans Erni (1909)
- 71 - Hans Affeltranger
- 72 - Hans Gadbois
- 73 - Herculano Curvelo
- 74 - Herman Nazareth
- 75 - Hugo Duchateau
- 76 - J. de Moura
- 77 - James Fuller
- 78 - Jean Jacques Gut
- 79 - Jean Lurcat (1892 – 1966)
- 80 - Jennifer Tarrant
- 81 - João Chicorro (1947)
- 82 - João Tavares (1908 – 1984)
- 83 - João Valdez
- 84 - João Vieira (1934 – 2009)
- 85 - Joaquim Correia (1920)
- 86 - John Olsen (1928)
- 87 - Jorge Barradas (1894 1971)
- 88 – Jorge Martins (1940)
- 89 - José Brito (1855 – 1946)
- 90 - José de Castro
- 91 - José Escada (1934 – 1980)
- 92 - José de Guimarães (1939)
- 93 - José Paulo Ferro
- 94 - José Régio (1901 – 1969)
- 95 - José Nuno
- 96 - José Sousa Lara
- 97 - Júlia Rodrigues
- 98 - Júlio Reis Pereira (1902 – 1983)
- 99 - Júlio Santos
- 100 - Justino Alves (1940)

- 101 - Kaff
- 102 - Kanna Balraj
- 103 - Lammar Briggs (1935)
- 104 - Lars Gynning
- 105 - Lauthe
- 106 - Le Corbusier (1887 – 1965)
- 107 - Lennart Grlow
- 108 - Leonard French (1928)
- 109 - Leopoldo Dintel
- 110 - Lina Martins
- 111 - Lima de Freitas (1927 – 1998)
- 112 - Lino António
- 113 - Lourdes Castro (1930)
- 114 - Louis le Brocquy
- 115 - Lourdes de Freitas
- 116 - Ludwig Traugott
- 117 - Luís Dourdil (1914 – 1989)
- 118 - Luís Filipe D'Abreu (1935)
- 119 - Luís Pinto Coelho (1942 – 2001)
- 120 - Luísa Bastos
- 121 - Lynden K. Johnson
- 122 - Maria Ofélia Moita
- 123 - Malangatana (1936)
- 124 - Manuel Casimiro (1941)
- 125 - Manuel Filipe
- 126 - Manuel Lapa (1914 – 1939)
- 127 - Manuel Lima
- 128 - Manuela Jorge
- 129 – Manuela Sousa
- 130 – Manuel Amado (1938)
- 131 - Marcelo Morais
- 132 - Maria Georgina S.
- 133 - Maria João Franco
- 134 - Maria Keil (1914)

- 135 - Maria Manuela Madureira
- 136 - Maria Velez (1935)
- 137 - Mário Costa
- 138 - Marjorie Wifatt Stayl
- 139 - Mark Adams (1925)
- 140 - Martha Mood
- 141 - Martins Barata (1899 – 1970)
- 142 - Mary Ann
- 143 - Metégot (1910)
- 144 - Maurice André
- 145 - Max Ammam
- 146 - Mears
- 147 - Menez (1926 – 1995)
- 148 - Mily Possoz
- 149 - Mimi Fogt
- 150 - Mina Toivola
- 151 - Munari (1907 – 1998)
- 152 - Nadir Afonso (1920)
- 153 - Nelson Junglbuth (1921)
- 154 - Nuno de Siqueira (1929 – 2007)
- 155 - Oswaldo Vagas (1926)
- 156 - Otto Nielsen
- 157 - Paul Mathieu (1953)
- 158 - Paula Bouhon
- 159 - Paulo Ferreira
- 160 - Paulo Guilherme
- 161 - Pedro Leitão
- 162 - Philippe Disse
- 163 - Pillement (1728 – 1808)
- 164 - Pomar (1926)
- 165 - Querubian Lapa
- 166 - Renato Torres (1913 – 1974)
- 167 - René Myrha
- 168 - René Gagnon

- 169 - Richterich
- 170 - Rina Lefcourt
- 171 - Robert Goodnough
- 172 - Roberto Araújo (1911 – 1979)
- 173 - Roberto Burle Marx (1909 – 1994)
- 174 - Rocha de Sousa
- 175 - Resende (1917)
- 176 - Roger Kathy
- 177 - Rogério Ribeiro (1930)
- 178 - Rudnas
- 179 - Rudolfo Fisenmemger
- 180 - Rui Moreira
- 181 - Sá Nogueira (1921)
- 182 - Sabina Terheun
- 183 - Salette Tavares
- 184 - Samora Barros (1887 – 1972)
- 185 - Sara Afonso (1899 – 1987)
- 186 - Sara St. John (1941)
- 187 - Sérgio Telles (1936)
- 188 - Severo Portela (1936)
- 189 - Sidney Nolan
- 190 - Sílvia Magnin
- 191 - Simone Brachet
- 192 - Sónia Delaunay (1885)
- 193 - Sousa Felgueiras
- 194 - Stanley Lea
- 195 - Stella de Brito
- 196 - Sture Nilson
- 197 - Sugarman
- 198 - Susane Dollech
- 199 - Sylvio (1918 – 1997)
- 200 - Teixeira Ribeiro
- 201 - Teresa de Sousa
- 202 - Thomaz de Mello

- 203 - Tom Phillips (1937)
- 204 - Tor Arne
- 205 - Tuna
- 206 - Tossan
- 207 - Varvara
- 208 - Ventura Porfírio
- 209 - Vieira da Silva (1908 – 1992)
- 210 - Vitor Pomar (1949)
- 211 - Rigo 23
- 212 - Waldemar da Costa (1904 – 1982)
- 213 - Wilham Hoey
- 214 - William Parker
- 215 - Youngerman
- 216 - Yves Millecamps

**Artistas de Portalegre que fizeram cartões para tapeçaria
(ainda não executados)**

- 1 - Antonio Caldeira
- 2 - Claudio Felix Trindade
- 3 - Guerra Conde
- 4 - João José Bica
- 5 - Lena Almeida
- 6 - Barbara Walraven
- 7 – Luís Leite Rio
- 8 - Raul Ladeira

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

| | |
|---|------------|
| ANEXO I – Parecer técnico do INALENTEJO sobre o Projecto “Rede de Património de Portalegre – Edificado, Móvel e Imaterial” ----- | 222 |
| ANEXO II – Estatística de visitantes dos museus do IMC----- | 224 |
| ANEXO III – Correspondência com os museus do IMC sobre serviços educativos----- | 232 |
| ANEXO IV – Cronologia da Manufatura----- | 277 |

ANEXO I – Parecer técnico do INALENTEJO sobre o Projecto “Rede de Património de Portalegre – Edificado, Móvel e Imaterial”

Ítem Prioritário: 3 - Conectividade e Articulação Territorial

Regulamento: Património Cultural

Beneficiário: Município de Portalegre

Operação: Rede de Património de Portalegre - Edificado, Móvel e Imaterial

Código da Operação Provisório: 242

Aviso n.º **1/PC**
Data: **21-12-2007**

Código da Operação Definitivo: ALENT-03-0341-FEDER-000061

Enquadramento e Objectivos

O Município de Portalegre, em parceria com a Fundação Robinson apresentou ao regulamento específico "Património Cultural" a presente operação em análise intitulada "Rede de Património de Portalegre - Edificado, Móvel e Imaterial", que consiste em desenvolver um projecto integrado para a criação de uma rede estrutural que visa potenciar a área da cultura enquanto factor de desenvolvimento do concelho de Portalegre, que dispõe de património edificado e património móvel de especial valia histórica e artística.

A Operação apresenta assim como grande meta a potenciação da área cultural como factor de desenvolvimento do concelho, para o que será necessário o envolvimento de esforços de instrumentalização, dinamização, gestão e programação que assim permitirão alcançar os seguintes objectivos:

- requalificação, conservação e restauro do pré-existente imóvel;
- valorização, investigação, inventariação e divulgação do património móvel, imaterial e oral, de relevante interesse histórico, arqueológico, artístico, etnográfico e antropológico.

Atendo ao exposto, a presente operação tem enquadramento nos objectivos do INAlentejo e no art.º 2.º - Objectivos das intervenções do regulamento específico ; Património Cultural.

Plano Financeiro

| Fontes de Financiamento | 2008 (€) | 2009 (€) | 2010 (€) | TOTAL (€) |
|---------------------------------|------------|--------------|------------|--------------|
| Componente FEDER | 267.572,64 | 658.557,70 | 79.658,79 | 1.005.789,21 |
| Contrapartida Nacional: | 218.923,06 | 538.820,00 | 65.175,38 | 822.918,44 |
| OE | | | | 0,00 |
| AL | 176.808,82 | 461.036,69 | 65.175,38 | 703.020,89 |
| EP | | | | 0,00 |
| Outros | 42.114,24 | 77.783,31 | 0,00 | 119.897,55 |
| Participação Privada | | | | 0,00 |
| Investimento Elegível Total | 486.495,70 | 1.197.377,78 | 144.834,17 | 1.828.707,65 |
| Investimento Não Elegível Total | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Investimento Total | 486.495,70 | 1.197.377,78 | 144.834,17 | 1.828.707,65 |

Taxa de Comparticipação: 55 %

Data: 25-09-2008

A Técnica

Lucina Carrasqueira
Lucina Carrasqueira

Parecer do Secretário Técnico

Considerando a Apreciação Técnica realizada proponho Parecer Favorável à operação. No caso da decisão da Comissão Directiva ser de Aprovação, o beneficiário deverá enviar a documentação referida no ponto 8. Outras informações da Apreciação Técnica da operação.

Data: 30-09-2008

O(A) Secretário(a) Técnico(a)

Maria Teresa Costa
Maria Teresa Costa

Decisão (alínea c) do ponto 7.º do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 312/2007 de 17 de Setembro)

Aprovado

Data: 13/10/08

A Presidente da Comissão Directiva

Maria Leal Monteiro
Maria Leal Monteiro
Presidente da Comissão Directiva
PO Alentejo 2007/2013

ANEXO II – Estatística de visitantes dos museus do IMC

Museu Nacional de Arte Antiga

| 2008 | Normal | | Jovem < 14 | | Jovem 15-25 | | Cart. Jovem | | > de 65 anos | | Bilhete Família | | Bilhete conjunto | | Port. deficiência | | Passes 2 dias | | Passes 5 dias | | Passes 7 dias | | Dom./Fér. | | MUSEUMPASS | | Amigos Museu | | Mecenias | | IMC | | Escolas | | Livre (outras) | | LxCard Adulto | | LxCard Criança | | Millenium BCP | | TOTALS | | | | |
|---------------|--------------|---------------|------------|------------|-------------|------------|-------------|-----------|--------------|--------------|-----------------|--------------|------------------|--------------|-------------------|------------|---------------|----------|---------------|-----------|---------------|-----------|-----------|-----------|------------|----------|--------------|--------------|-----------|------------|------------|----------|------------|------------|----------------|----------|---------------|------------|----------------|--------------|---------------|--------------|----------|-----------|--------------|-----------|---------------|
| | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | | | | | | | |
| Janeiro | 367 | 981 | 47 | 43 | 22 | 41 | 9 | 1 | 115 | 224 | 227 | 140 | 0 | 0 | 4 | 9 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 494 | 295 | 8 | 8 | 11 | 0 | 132 | 2 | 1 | 0 | 1488 | 0 | 1352 | 105 | 5 | 235 | 0 | 0 | 14 | 0 | 6.382 | | |
| Fevereiro | 331 | 1005 | 65 | 47 | 38 | 72 | 20 | 1 | 152 | 279 | 219 | 190 | 0 | 0 | 4 | 14 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 691 | 488 | 3 | 18 | 10 | 0 | 162 | 8 | 1 | 0 | 1304 | 138 | 1349 | 122 | 0 | 289 | 0 | 1 | 0 | 7.014 | | | |
| Março | 447 | 1389 | 118 | 82 | 37 | 53 | 9 | 6 | 210 | 443 | 383 | 259 | 0 | 0 | 14 | 22 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 9 | 1 | 7 | 0 | 946 | 645 | 14 | 15 | 41 | 0 | 251 | 4 | 4 | 0 | 889 | 146 | 1444 | 131 | 9 | 423 | 0 | 2 | 0 | 8.436 | | |
| Abril | 342 | 1588 | 38 | 73 | 31 | 77 | 4 | 3 | 192 | 736 | 82 | 77 | 319 | 261 | 4 | 15 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | 8 | 0 | 2 | 0 | 885 | 787 | 15 | 17 | 43 | 0 | 5 | 28 | 15 | 0 | 1171 | 52 | 348 | 67 | 2 | 461 | 0 | 8 | 196 | 2 | 7.959 | |
| Maio | 371 | 1639 | 57 | 30 | 22 | 40 | 5 | 1 | 235 | 766 | 75 | 33 | 193 | 112 | 2 | 10 | 0 | 0 | 1 | 5 | 0 | 9 | 0 | 0 | 0 | 569 | 545 | 10 | 14 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1453 | 22 | 3937 | 427 | 27 | 454 | 0 | 0 | 132 | 4 | 11.210 | | |
| Junho | 235 | 1074 | 26 | 5 | 48 | 49 | 4 | 3 | 117 | 457 | 37 | 46 | 149 | 170 | 1 | 2 | 0 | 0 | 1 | 3 | 0 | 3 | 2 | 1 | 0 | 648 | 580 | 3 | 7 | 5 | 0 | 0 | 37 | 1 | 1 | 418 | 0 | 1228 | 270 | 2 | 281 | 0 | 0 | 90 | 1 | 5.983 | |
| Julho | 302 | 1451 | 83 | 127 | 36 | 123 | 9 | 6 | 90 | 193 | 75 | 151 | 120 | 345 | 5 | 28 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 438 | 671 | 7 | 15 | 11 | 0 | 9 | 125 | 1 | 0 | 167 | 18 | 1819 | 230 | 21 | 409 | 0 | 10 | 115 | 4 | 7.223 | |
| Agosto | 858 | 2105 | 167 | 198 | 62 | 169 | 12 | 6 | 166 | 163 | 165 | 147 | 213 | 394 | 19 | 66 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 9 | 0 | 5 | 0 | 754 | 1104 | 13 | 13 | 11 | 1 | 5 | 130 | 20 | 0 | 106 | 0 | 1857 | 204 | 16 | 560 | 2 | 6 | 198 | 5 | 9.936 | |
| Setembro | 404 | 1553 | 47 | 25 | 37 | 57 | 8 | 0 | 160 | 518 | 43 | 31 | 148 | 227 | 7 | 7 | 0 | 0 | 0 | 8 | 4 | 5 | 0 | 0 | 0 | 608 | 666 | 4 | 20 | 13 | 0 | 12 | 114 | 9 | 2 | 267 | 102 | 1641 | 221 | 13 | 394 | 0 | 8 | 130 | 2 | 7.515 | |
| Outubro | 199 | 1731 | 48 | 56 | 14 | 37 | 2 | 1 | 67 | 558 | 26 | 61 | 182 | 207 | 11 | 18 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 9 | 1 | 5 | 0 | 417 | 561 | 3 | 24 | 8 | 0 | 6 | 133 | 0 | 0 | 623 | 139 | 1550 | 229 | 4 | 518 | 0 | 3 | 112 | 2 | 7.530 | |
| Novembro | 201 | 848 | 20 | 26 | 9 | 21 | 4 | 0 | 70 | 229 | 50 | 37 | 125 | 114 | 1 | 5 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 12 | 0 | 2 | 56 | 0 | 690 | 569 | 7 | 9 | 6 | 0 | 3 | 84 | 0 | 0 | 1718 | 42 | 1545 | 129 | 4 | 205 | 0 | 0 | 89 | 2 | 6.934 |
| Dezembro | 310 | 1136 | 71 | 60 | 22 | 53 | 7 | 2 | 72 | 198 | 90 | 72 | 180 | 182 | 1 | 18 | 0 | 0 | 0 | 2 | 3 | 4 | 0 | 3 | 2 | 0 | 857 | 352 | 8 | 15 | 17 | 0 | 6 | 76 | 2 | 0 | 817 | 0 | 1418 | 84 | 3 | 206 | 0 | 0 | 182 | 2 | 6.513 |
| TOTALS | 4.327 | 16.500 | 787 | 772 | 376 | 792 | 93 | 30 | 1.646 | 4.764 | 1.452 | 1.244 | 1.609 | 2.012 | 73 | 214 | 0 | 0 | 4 | 34 | 14 | 83 | 4 | 25 | 58 | 6 | 7.997 | 7.263 | 95 | 175 | 186 | 1 | 591 | 741 | 54 | 3 | 10.421 | 659 | 19.488 | 2.219 | 106 | 4.395 | 2 | 38 | 1.258 | 24 | 92.635 |

* A Categoria Livre (outras) abrange todas as situações específicas contabilizadas separadamente, como são as situações excepcionais de acesso gratuito, previamente aprovadas pela direcção do IMC, os casos dos visitantes a exposições temporárias, de actividades culturais (concertos e espectáculos), didácticas (ateliés dos Serviços Educativos, etc.), comemorações especiais (aniversário dos museus, dias festivos, etc.) e casos particulares que não se enquadrem em nenhuma das categorias definidas (protocolos de carácter local, entradas apenas para determinado espaço do museu).

Museu Nacional do Azulejo

| 2008 | Normal | | Jovem < 14 | | Jovem 15-25 | | Cart. Jovem | | > de 65 anos | | Bilhete Família | | Bilhete conjunto | | Port. deficiência | | Passes 2 dias | | Passes 5 dias | | Passes 7 dias | | Dom./Fér. | | MUSEUMPASS | | Amigos Museu | | Mecenias | | IMC | | Escolas | | Livre (outras) | | LxCard Adulto | | LxCard Criança | | Millenium BCP | | TOTALS | | | | |
|---------------|--------------|---------------|------------|--------------|-------------|------------|-------------|-----------|--------------|--------------|-----------------|------------|------------------|--------------|-------------------|-----------|---------------|----------|---------------|-----------|---------------|-----------|-----------|-----------|------------|-----------|--------------|--------------|-----------|------------|------------|----------|----------|----------|----------------|----------|---------------|--------------|----------------|--------------|---------------|--------------|----------|-----------|-----------|----------|---------------|
| | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | | | | | | | |
| Janeiro | 156 | 1336 | 31 | 61 | 7 | 66 | 2 | 2 | 86 | 172 | 11 | 20 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 214 | 308 | 3 | 4 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 147 | 24 | 101 | 152 | 0 | 278 | 0 | 0 | 1 | 0 | 3.194 | | | |
| Fevereiro | 124 | 1475 | 10 | 77 | 5 | 61 | 3 | 0 | 56 | 356 | 21 | 72 | 52 | 29 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 133 | 469 | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 0 | 386 | 232 | 122 | 220 | 0 | 428 | 0 | 0 | 0 | 4.351 | | |
| Março | 269 | 2568 | 15 | 102 | 54 | 108 | 0 | 4 | 42 | 689 | 9 | 56 | 64 | 218 | 0 | 5 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 2 | 0 | 7 | 0 | 173 | 618 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 305 | 645 | 114 | 121 | 3 | 607 | 1 | 2 | 1 | 0 | 6.810 | | |
| Abril | 194 | 3326 | 47 | 118 | 5 | 84 | 4 | 6 | 27 | 1484 | 47 | 105 | 18 | 302 | 1 | 2 | 0 | 0 | 0 | 8 | 0 | 4 | 0 | 4 | 0 | 84 | 915 | 1 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 874 | 303 | 113 | 71 | 0 | 1038 | 0 | 0 | 20 | 0 | 9.218 | | |
| Maio | 238 | 3496 | 9 | 52 | 3 | 66 | 5 | 4 | 58 | 1537 | 57 | 33 | 83 | 107 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 62 | 785 | 1 | 10 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 518 | 65 | 1518 | 597 | 0 | 845 | 0 | 0 | 1 | 0 | 9.958 | | |
| Junho | 194 | 2395 | 20 | 52 | 6 | 42 | 0 | 1 | 104 | 967 | 35 | 28 | 37 | 173 | 2 | 8 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 135 | 1251 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 229 | 18 | 31 | 46 | 5 | 472 | 0 | 12 | 0 | 6.274 | | | |
| Julho | 255 | 2369 | 82 | 269 | 4 | 157 | 2 | 2 | 38 | 284 | 44 | 164 | 92 | 454 | 1 | 10 | 0 | 0 | 0 | 6 | 0 | 2 | 0 | 0 | 1 | 105 | 926 | 2 | 13 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 70 | 8 | 105 | 8 | 11 | 672 | 0 | 42 | 3 | 1 | 6.206 | | |
| Agosto | 450 | 3472 | 65 | 329 | 27 | 205 | 1 | 27 | 69 | 300 | 43 | 173 | 48 | 542 | 1 | 19 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 1 | 0 | 3 | 0 | 251 | 1173 | 1 | 15 | 0 | 1 | 0 | 0 | 15 | 0 | 28 | 39 | 9 | 832 | 0 | 3 | 6 | 0 | 8.156 | | | |
| Setembro | 183 | 3149 | 42 | 29 | 6 | 77 | 4 | 8 | 98 | 1353 | 30 | 40 | 73 | 274 | 0 | 1 | 0 | 0 | 2 | 8 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 188 | 918 | 8 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9 | 0 | 211 | 35 | 3 | 661 | 0 | 1 | 4 | 0 | 7.431 | | | |
| Outubro | 277 | 3028 | 11 | 84 | 4 | 45 | 9 | 3 | 99 | 910 | 24 | 45 | 39 | 159 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 8 | 0 | 8 | 0 | 2 | 0 | 190 | 913 | 3 | 10 | 132 | 0 | 0 | 0 | 198 | 69 | 182 | 70 | 3 | 1063 | 0 | 15 | 1 | 0 | 7.514 | | | |
| Novembro | 117 | 1317 | 13 | 17 | 6 | 23 | 1 | 1 | 69 | 263 | 116 | 26 | 38 | 103 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 7 | 0 | 12 | 0 | 2 | 0 | 207 | 753 | 0 | 3 | 5 | 0 | 0 | 0 | 594 | 10 | 67 | 22 | 2 | 252 | 0 | 4 | 0 | 4.052 | | | | |
| Dezembro | 152 | 1659 | 89 | 92 | 5 | 57 | 2 | 3 | 23 | 264 | 56 | 74 | 113 | 180 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 7 | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 | 218 | 443 | 2 | 10 | 3 | 0 | 0 | 0 | 225 | 0 | 269 | 43 | 4 | 313 | 0 | 0 | 1 | 0 | 4.316 | | | |
| TOTALS | 2.609 | 29.590 | 434 | 1.282 | 132 | 991 | 33 | 61 | 769 | 8.579 | 493 | 836 | 657 | 2.541 | 7 | 58 | 0 | 0 | 4 | 55 | 0 | 41 | 2 | 18 | 0 | 12 | 1.960 | 9.472 | 21 | 106 | 146 | 3 | 0 | 0 | 17 | 0 | 3.570 | 1.374 | 2.861 | 1.424 | 40 | 7.261 | 1 | 81 | 38 | 1 | 77.580 |

* A Categoria Livre (outras) abrange todas as situações específicas contabilizadas separadamente, como são as situações excepcionais de acesso gratuito, previamente aprovadas pela direcção do IMC, os casos dos visitantes a exposições temporárias, de actividades culturais (concertos e espectáculos), didácticas (ateliés dos Serviços Educativos, etc.), comemorações especiais (aniversário dos museus, dias festivos, etc.) e casos particulares que não se enquadrem em nenhuma das categorias definidas (protocolos de carácter local, entradas apenas para determinado espaço do museu).

Museu Nacional de Arqueologia

| 2008 | Normal | | Jovem < 14 | | Jovem 15-25 | | Cart. Jovem | | > de 65 anos | | Bilhete Família | | Bilhete conjunto | | Port. deficiência | | Passes 2 dias | | Passes 5 dias | | Passes 7 dias | | Dom./Fér. | | MUSEUMPASS | | Amigos Museu | | Mecenias | | IMC | | Escolas | | Livre (outras) | | LxCard Adulto | | LxCard Criança | | Millenium BCP | | TOTALS | | |
|-----------|--------|------|------------|------|-------------|------|-------------|------|--------------|------|-----------------|------|------------------|------|-------------------|------|---------------|------|---------------|------|---------------|------|-----------|------|------------|------|--------------|------|----------|------|------|------|---------|------|----------------|------|---------------|------|----------------|------|---------------|---|--------|-------|-------|
| | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | Nac. | Est. | | | | | |
| Janeiro | 405 | 574 | 40 | 18 | 81 | 80 | 6 | 4 | 355 | 138 | 2 | 2 | 0 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1208 | 1404 | 4 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1452 | 226 | 588 | 48 | 46 | 477 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7.168 | |
| Fevereiro | 489 | 659 | 76 | 27 | 69 | 98 | 25 | 1 | 302 | 122 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | 0 | 0 | 0 | 1311 | 2430 | 17 | 9 | 0 | 0 | 15 | 0 | 0 | 1921 | 213 | 516 | 85 | 35 | 698 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9.130 |
| Março | 504 | 897 | 468 | 43 | 51 | 104 | 9 | 12 | 228 | 162 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 8 | 0 | 0 | 3 | 0 | 2 | 5 | 0 | 0 | 2 | 1292 | 2247 | 8 | 8 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1099 | 483 | 656 | 90 | 34 | 1023 | 0 | 1 | 0 | 0 | 9.449 | |
| Abril | 348 | 720 | 44 | 20 | 43 | 101 | 9 | 5 | 226 | 221 | 203 | 0 | 0 | 0 | 6 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 2 | 4 | 0 | 2 | 0 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

ANEXO III – Correspondência com os museus do IMC sobre serviços educativos

[mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt]

Enviada: domingo, 7 de Junho de 2009 2:19

Para: meajm@ipmuseus.pt

Assunto: Fwd: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Exm^os Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e encontro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa sobre os serviços educativos em museus portugueses.

Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos vossos serviços. Será que me podem facultar:

- Dados estatísticos sobre a entrada de visitantes no Museu relativos ao ano de 2008.

Dados estatísticos sobre os participantes nas actividades de serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008.

Relembro que estas informações são muito importantes para o trabalho que estou a desenvolver pelo que conto com a vosso apoio e colaboração.

Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

emilia.silva@cm-portalegre.pt

Tel. 245/307 447

--- the forwarded message follows ---

Emília Silva

De: "geral" <mdjm@imc-ip.pt>
Para: <emilia.silva@cm-portalegre.pt>
Enviado: terça-feira, 23 de Junho de 2009 18:15
Assunto: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

-----Mensagem original-----

De: geral [mailto:mdjm@imc-ip.pt]
Enviada: segunda-feira, 8 de Junho de 2009 17:58
Para: 'Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva'
Assunto: RE: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Exma. Senhora

Em resposta ao solicitado, informo que o Museu Dr. Joaquim Manso teve um total de 10887 visitantes, em 2008. Quanto às actividades do Serviço Educativo, entre visitas guiadas e oficinas pedagógicas, participaram 1630 pessoas.

Para elementos mais pormenorizados, poderá consultar o levantamento estatístico mensal no portal do Instituto dos Museus e da Conservação www.imc-ip.pt

Fazendo votos de boa continuidade no desenvolvimento do estudo que se encontra a realizar, apresento os meus melhores cumprimentos.

Dóris Santos

Directora

Museu Dr. Joaquim Manso
Rua D. Fuas Roupinho - Sítio
2450-065 Nazaré
telef. 262562801
fax. 262561246
e-mail: mdjm.directora@imc-ip.pt

-----Mensagem original-----

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

-Mensagem original-----

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva [mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt]

Enviada: domingo, 7 de Junho de 2009 2:09

Para: cmag@ipmuseus.pt

Assunto: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Exmos Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e

contro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa

sobre os serviços educativos em museus portugueses.

Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos

seus serviços. Será que me podem facultar:

1. Dados estatísticos sobre a entrada de visitantes no

seu museu relativos ao ano de 2008.

2. Dados estatísticos sobre os participantes nas actividades

do serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008.

Relembro que estas informações são muito importantes para

o trabalho que estou a desenvolver pelo que conto com a

vossa ajuda e colaboração.

Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

De: CMAG - Serviço Educativo <cmag.se@ipmuseus.pt>

Assunto: Re: Pedido de Informações

Date: Tue, 23 Jun 2009 15:03:08 +0100

Para: <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Exma Senhora Emília Mourato Silva

No seguimento do seu e-mail, vimos por este meio responder-lhe às questões solicitadas relativamente aos dados estatísticos sobre o Serviço Educativo da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves:

Dados estatísticos sobre a entrada de visitantes no museu relativos ao ano de 2008: total de visitantes - 13101, total de bilhetes emitidos - 3630.

Dados estatísticos sobre os participantes nas actividades do Serviço Educativo durante 2008: público escolar - 1199; público indiferenciado - 1620; total - 2819.

Segue em anexo um quadro especificando o tipo de visitantes e respectivos totais do referido ano.

Esperamos que as informações enviadas sejam úteis para o seu trabalho.

Cumprimentos

Joana Varge
(Serviço Educativo)

Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves
Serviço Educativo
Av. 5 de Outubro, 6-8 * 1050-055 Lisboa
Tel.: 213 540 823 / 213 540 923
Fax.: 213 548 754
WebSite: <http://blogdacmag.blogspot.com>
<<http://blogdacmag.blogspot.com>>

Ficheiro: Novo Documento do Microsoft Word.doc (40Kbytes)

TOTAIS

| Perfil de Visitante | Nº de Grupos | Nº de Visitantes |
|------------------------------------|--------------|------------------|
| Pré-Escolar | 30 | 427 |
| 1º Ciclo | 17 | 326 |
| 2º Ciclo | 5 | 75 |
| 3º Ciclo | 8 | 145 |
| Ensino Secundário | 2 | 26 |
| Técnico Profissional | --- | --- |
| Ensino Profissional | --- | --- |
| Ensino Universitário / Licenciados | 1 | 13 |
| ATL / Associações / Clubes | 35 | 522 |
| Seniores | 33 | 651 |
| Necessidades Especiais | 4 | 42 |
| Públicos Locais | --- | --- |
| Público Indiferenciado | 38 | 556 |
| Total | 173 | 2783 |

| Actividades | | | | | |
|---------------|---------------|---------------|-----------------|---------------------|-----------|
| Visitas Expo. | Visitas Expo. | Visitas Geral | Visita+Ateliers | 20 Minutos com Arte | Projectos |
| 427 | 335 | 417 | 1435 | 4 | 195 |

De: Patricia Sampaio <sampaio.patricia@gmail.com>

Assunto: Re: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Date: Mon, 8 Jun 2009 16:10:14 +0100

Para: emilia.silva@cm-portalegre.pt

Boa tarde.

Tal como solicitado, em anexo, envio-lhe as informações relativas às entradas no Museu no ano de 2008 e os dados sobre o Serviço Educativo.

Disponibilizamo-nos para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir.

Com os melhores cumprimentos,

Patrícia Sampaio

Serviço Educativo do Museu de Alberto Sampaio

2009/6/8 M Alberto Sampaio <masampaio@ipmuseus.pt>

Minhas senhoras:

Por favor respondam.

Obrigado,

Isabel

-----Mensagem original-----

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva
[mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt]

Enviada: domingo, 7 de Junho de 2009 2:11

Para: masampaio@ipmuseus.pt

Assunto: Fwd: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

--- the forwarded message follows ---


Ficheiro: Total de visitantes por mês.doc (266Kbytes)

Total de visitantes por mês

| | Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maio | Junho | Julho | Agosto | Setembro | Outubro | Novembro | Dezembro | Total |
|------|---------|-----------|-------|-------|------|-------|-------|--------|----------|---------|----------|----------|-------|
| 2008 | 2391 | 2952 | 2701 | 5008 | 6680 | 5411 | 7585 | 3677 | 5212 | 2574 | 2765 | 2100 | 49056 |

Entradas por tipo de visitas/actividades

| Tipo de Visita/ Actividade | Categoria | Subcategorias | | Total de Pessoas | Total de Visitas |
|---|--|---------------------|---------------------|------------------------|------------------------|
| | | Nº de Pessoas | Nº de Visitas | | |
| Visita Guiada: MAS (Específicas) | 5 peças, 5 histórias | 1890 | 29 | 11979 | 383 |
| | A Cultura Vimaranesa nas Coleções do MAS | 0 | 0 | | |
| | A Descoberta da Virgem Maria | 0 | 0 | | |
| | A Descoberta do Menino Jesus | 115 | 1 | | |
| | A História do Azulejo | 14 | 1 | | |
| | A Minha Escola Adopta um Museu | 297 | 13 | | |
| | A Pintura no Museu | 0 | 0 | | |
| | A Talha Dourada nas Coleções do MAS | 0 | 0 | | |
| | Caça aos Anjinhos | 322 | 8 | | |
| | Comer e Beber na Época de Gil Vicente | 18 | 1 | | |
| | D. João I e Guimarães | 0 | 0 | | |
| | D. João I e Guimarães+Pintura de azulejo | 52 | 2 | | |
| | Guimarães Medieval | 0 | 0 | | |
| | Há Bichos no Museu | 0 | 0 | | |
| | Histórias do Antigo Testamento | 0 | 0 | | |
| | Mãos que falam | 0 | 0 | | |
| | O Barroco na Sala de Santa Clara | 27 | 1 | | |
| | O Românico e o Gótico no MAS | 0 | 0 | | |
| | O Traje nas Coleções do MAS | 17 | 1 | | |
| | Os Nossos Vizinhos Vimaraneses | 563 | 11 | | |
| | Pé ante Pé no MAS | 210 | 6 | | |
| | PPS Afonso Henriques | 0 | 0 | | |
| | Quem quer ser historiador | 434 | 6 | | |
| | Religião e Estética | 128 | 5 | | |
| | Roteirinho da Virgem Maria | 0 | 0 | | |
| | Roteirinho das Advinhas | 0 | 0 | | |
| | Roteirinho do Menino Jesus | 0 | 0 | | |
| | Roteirinho dos Animais | 0 | 0 | | |
| | Roteirinho dos Anjinhos | 0 | 0 | | |
| | Roteirinho da Música | 0 | 0 | | |
| | Sala de Aljubarrota | 1912 | 46 | | |
| | Sala dos Frescos: restauro | 184 | 8 | | |
| | Sala de Santa Clara | 24 | 1 | | |
| Visita Geral ao MAS | 3206 | 107 | | | |
| Visita Rimada | 25 | 1 | | | |
| A Lenda da Oliveira em Fotografia | 9 | 1 | | | |
| Os Anjos do Museu em Feltro | 38 | 1 | | | |
| Os Animais do Museu em Barro | 38 | 2 | | | |
| Brincar com as Sombras | 414 | 17 | | | |
| Retratar as lendas em azulejo | 168 | 7 | | | |
| O meu Relicário | 35 | 2 | | | |
| Ver o que ninguém vê no Museu | 20 | 1 | | | |

| | | | | | | |
|-------------------------------------|--|---|------|-----|--------------|-------------|
| | O Berto e a Roberta em Livro | | 57 | 3 | | |
| | Teatro de Marionetas | Como D. João I tomou a Vila de Guimarães | 5010 | 104 | | |
| | | Os Sonhos da Roberta | 1476 | 40 | | |
| | Teatro de Sombras | Lenda da Oliveira | 1767 | 45 | | |
| | | Lenda do Cutileiro | 306 | 13 | | |
| | | Lenda de Santa Catarina | 392 | 11 | | |
| | | Lenda do Espirito de D. João I | 174 | 6 | | |
| Visita Guiada: CH (Específicas) | À Descoberta da Praça da Oliveira | | 1737 | 27 | 1029 | 34 |
| | À Descoberta da Praça da Oliveira e Santiago | | 180 | 4 | | |
| | À Descoberta da Praça de Santiago | | 0 | 0 | | |
| | À Descoberta do Centro Histórico | | 863 | 21 | | |
| | Descoberta do Centro Histórico com áudio-guias | | 0 | 0 | | |
| | Visita Guiada ao Centro Histórico | | 182 | 4 | | |
| Visita Guiada: MAS+CH (Específicas) | Visita Guiada ao MAS + Centro Histórico | | | | 1933 | 26 |
| Total de Visitas | | | | | 14941 | 2213 |
| Actividades | | | | | 17916 | 396 |
| | Academia de Xadrez | Aulas/Treinios | 777 | 79 | | |
| | | Reunião | 28 | 3 | | |
| | | Reunião com a Academia de Xadrez de Braga | 2 | 1 | | |
| | | Torneio | 2111 | 50 | | |
| | | Torneio Internacional | 946 | 7 | | |
| | Bordado de Guimarães | Reunião da Comissão de Acompanhamento | 93 | 22 | | |
| | Ação de Formação | Encadernação de Livros | 33 | 2 | | |
| | Conferência | Apresentação do Projecto de Inventariação da Arquidiocese de Braga | 48 | 1 | | |
| | Cursinhos do Museu | Oficina do Livro | 135 | 10 | | |
| | | Oficina do Livro II | 139 | 10 | | |
| | | Fotógrafo..eu? | 271 | 7 | | |
| | | Conta-me uma História... | 229 | 6 | | |
| | | Oficina de Bijuteria | 3 | 1 | | |
| | | A Magia do Natal | 143 | 7 | | |
| | Filmagem | Filmagem para a RTP | 8 | 1 | | |
| | Exposição Temporária: Palco de Marionetas | Visita à Exposição | 942 | 27 | | |
| | | Ateliê de Sombras | 539 | 18 | | |
| | Exposição Temporária: Projecto Informal | Montagem da Exposição | 10 | 2 | | |
| | | Inauguração da Exposição | 52 | 1 | | |
| | | Filmagem | 4 | 1 | | |
| | Feira Joanina | Feira Joanina | 2261 | 1 | | |
| | Museu à Noite | Inauguração da Exposição de Fotografia | 299 | 1 | | |
| | Música | Ciclo de Guitarra de Guimarães 2008: Guitarra.com Música Portuguesa | 20 | 1 | | |
| | | Ciclo de Guitarra de Guimarães 2008: Guitarra.com Canto | 35 | 1 | | |
| | | Concerto de Música Tradicional: Mosca Tosca | 478 | 1 | | |
| | | Centenário da Associação Familiar Vimaranesense | 1358 | 1 | | |
| | | Encontros Internacionais de Música | 74 | 2 | | |
| | | Curso de Aperfeiçoamento de Guitarra | 30 | 2 | | |
| | | | | | | |
| | Cinema | Cinema no Museu | 392 | 13 | | |
| | Teatro | "Sermão de Quarta-feira de Cinzas": Montagem | 9 | 1 | | |
| | | "Sermão de Quarta-feira de Cinzas": Declamação | 110 | 1 | | |
| | Moda | Passagem de Modelos: estudo do espaço | 4 | 1 | | |
| | Comemorações do Centenário de | Sessão de Fotografia | 12 | 1 | | |
| | | Alberto Sampaio: Exposição | 855 | 24 | | |

| | | | | |
|---|--|---|------|-----|
| | Alberto Sampaio | Bibliográfica | | |
| | | Ateliê do Livro | 885 | 24 |
| | | Alberto Sampaio: a brincar é que a gente se entende | 80 | 1 |
| | | Teatro de Marionetas: Histórias do Tio Alberto | 2222 | 58 |
| | | Filmagem para a RTPN | 2 | 1 |
| | Homenagem | Homenagem a Alfredo Guimarães | 45 | 1 |
| | Dia Mundial da Música | Vilancico - Música Medieval: Ensalo | 12 | 1 |
| | | Vilancico - Música Medieval: Concerto | 68 | 1 |
| | Dia Internacional dos Museus | Visita Geral ao MAS Visita Guiada ao CH Teatro de Marionetas Ateliê de Sombras "O Jardim" | 1432 | 1 |
| | Noite dos Museus | Preparação do Museu Rock Festival | 17 | 2 |
| | | Montagem do Equipamento para o Museu Rock Festival | 8 | 1 |
| | | Museu Rock Festival: Espectáculo | 974 | 1 |
| | | Noite dos Museus | 535 | 1 |
| | Dia Mundial da Criança | Montagem da Exposição: "Projectos Educativos" | 92 | 1 |
| | | Inauguração da Exposição: "Projectos Educativos" | 359 | 1 |
| | | Teatro de Sombras: Lenda da Oliveira | 61 | 3 |
| | | Teatro de Sombras: Lenda do Cutileiro | 117 | 7 |
| | | Teatro de Sombras: Lenda de Santa Catarina | 156 | 6 |
| | Dia do Livro | Animação de Leitura: "História de Alberto" | 19 | 1 |
| | Dia da Mãe | Roteirinho dos Animais | 4 | 1 |
| | | Roteirinho da Música | 6 | 1 |
| | | Roteirinho das Adivinhas | 4 | 1 |
| | Dia dos Namorados | A Cantarinha dos Namorados | 340 | 12 |
| Dia Internacional das Pessoas com Deficiência | Peddypaper no Centro Histórico | 27 | 3 | |
| Lançamento de livro | Inventariação de Património da Arquidiocese de Braga | 106 | 1 | |
| | "7 Maravilhas de Portugal" | 31 | 1 | |
| | "D. João I e Guimarães" | 107 | 1 | |
| Jogos na Cerca | Jogos Tradicionais | 14 | 1 | |
| Desenhar no Claustro | Desenhar no Claustro | 147 | 7 | |
| Outras Actividades | Reunião "A Muralha" | 8 | 1 | |
| | Capital Europeia da Cultura | 15 | 1 | |
| | Reunião: 3º Aniversário do CCVF | 8 | 1 | |
| | Reunião com a Directora | 16 | 3 | |
| XVI Encontro de História Local | XVI Encontro de História Local | 172 | 3 | |
| Total de Actividades | | | 1791 | 396 |
| Total de Visitas a Actividades | | | 2117 | 899 |

Os dados apresentados referem-se ao ano de 2008 e apresentam as entradas de visitantes segundo as várias modalidades de visitas e actividades que o Museu oferece. Registe-se que existe uma discrepância entre os totais apresentados e o total efectivo de entradas no Museu. Isto explica-se pelo facto de um mesmo grupo de visitantes poder participar numa única visita em actividades diferentes: por exemplo, um mesmo grupo pode efectuar uma visita geral ao museu, assistir a um teatro de marionetas e fazer uma descoberta da Praça da Oliveira numa única vinda ao Museu, o mesmo acontecendo com as várias modalidades de actividades, em que um grupo pode, por exemplo assistir ao Teatro de Marionetas "Histórias do Tio Alberto", que se insere nas Comemorações do Centenário de Alberto Sampaio, e visitar a Exposição Temporária "Palco de Marionetas", numa mesma deslocação ao Museu.

De: "Emilia Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>
Assunto: Re: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES
Date: Fri, 12 Jun 2009 18:45:25 +0100
Para: "Patricia Sampaio" <sampaio.patricia@gmail.com>

Cara Patrícia,
Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta e os dados enviados.
Com os melhores cumprimentos
Emília Mourato Silva

----- Original Message -----

From: Patricia Sampaio
To: emilia.silva@cm-portalegre.pt
Sent: Monday, June 08, 2009 4:10 PM
Subject: Re: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Boa tarde.

Tal como solicitado, em anexo, envio-lhe as informações relativas às entradas no Museu no ano de 2008 e os dados sobre o Serviço Educativo. Disponibilizamo-nos para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir.
Com os melhores cumprimentos,

Patrícia Sampaio
Serviço Educativo do Museu de Alberto Sampaio

2009/6/8 M Alberto Sampaio <masampaio@ipmuseus.pt>

Minhas senhoras:
Por favor respondam.
Obrigado,
Isabel

-----Mensagem original-----

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva
[<mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt>]
Enviada: domingo, 7 de Junho de 2009 2:11
Para: masampaio@ipmuseus.pt
Assunto: Fwd: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

De: "Rui Pedro Nunes" <mmusica.rnunes@ipmuseus.pt>

Assunto: RE: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Date: Mon, 8 Jun 2009 10:51:46 +0100

Para: 'Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva' <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Cara Emília Mourato Silva,

Conforme solicitado, faço-lhe chegar os elementos estatísticos de 2008 relativos ao Museu da Música.

Faço-lhe notar que 2008 foi para nós um ano atípico relativamente à percentagem de visitantes do serviço educativo que, por norma, se situa perto dos 60%. Essa redução foi aliás a responsável pela diminuição do n.º de visitantes relativamente a 2007 (total 11452), dado que o público em geral foi praticamente o mesmo (4697).

| | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez | TOTAL | % |
|--|-----|-----|------|-----|------|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|------|
| Participantes nas actividades do serviço educativo | 448 | 637 | 595 | 500 | 741 | 131 | 390 | 95 | 44 | 319 | 275 | 139 | 4314 | 48% |
| Público (Geral) | 126 | 250 | 496 | 393 | 755 | 957 | 256 | 244 | 200 | 278 | 429 | 359 | 4743 | 52% |
| Totais | 574 | 887 | 1091 | 893 | 1496 | 1088 | 646 | 339 | 244 | 597 | 704 | 498 | 9057 | 100% |

Com os melhores cumprimentos,

244

Rui Pedro Nunes

Emilia Silva

De: "MFTPJ - Directora" <mftpj.directora@ipmuseus.pt>
Para: <emilia.silva@cm-portalegre.pt>
Enviado: sexta-feira, 12 de Junho de 2009 12:07
Assunto: Museu Tavares Proença Júnior

Exma Sra Emília Mourato Silva

Na sequência da sua solicitação de informação sobre a estatística de visitantes dos MFTPJ relativo ao ano 2008 venho informar que os dados estatísticos estão disponíveis no site do Instituto dos Museus e da Conservação.

Relativamente aos participantes nas actividades do serviço educativo relativo a esse mesmo ano, informo que 7545 crianças, jovens e adultos participaram nas nossas actividades.

Com os melhores cumprimentos

A Directora

Aida Rechená

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
Largo José Lopes Dias
6000-462 Castelo Branco
PORTUGAL

Tel: +351 272 344 277

Fax: +351 272 347 880

e-mail: mftpj.directora@ipmuseus.pt <<mailto:mftpj.directora@ipmuseus.pt>>

De: "Emilia Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Assunto: Re: Museu Tavares Proença Júnior

Date: Fri, 12 Jun 2009 18:41:39 +0100

Para: "MFTPJ - Directora" <mftpj.directora@ipmuseus.pt>

Caro Aida,

Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

----- Original Message ----- From: "MFTPJ - Directora"

<mftpj.directora@ipmuseus.pt>

To: <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Sent: Friday, June 12, 2009 12:07 PM

Subject: Museu Tavares Proença Júnior

Exma Sra Emília Mourato Silva

Na sequência da sua solicitação de informação sobre a estatística de visitantes dos MFTPJ relativo ao ano 2008 venho informar que os dados estatísticos estão disponíveis no site do Instituto dos Museus e da Conservação.

Relativamente aos participantes nas actividades do serviço educativo relativo a esse mesmo ano, informo que 7545 crianças, jovens e adultos participaram nas nossas actividades.

Com os melhores cumprimentos

A Directora

Aida Rechená

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Largo José Lopes Dias

6000-462 Castelo Branco

PORTUGAL

Tel: +351 272 344 277

Fax: +351 272 347 880

e-mail: mftpj.directora@ipmuseus.pt

<<mailto:mftpj.directora@ipmuseus.pt>>

De: "Emilia Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Assunto: Re: Serviços educativos

Date: Fri, 12 Jun 2009 18:37:49 +0100

Para: "Luis MM. Menezes" <Luis.MM.Menezes@azores.gov.pt>

--

Caro Luís,

Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

--- Original Message -----

From: Luis MM. Menezes

To: emilia.silva@cm-portalegre.pt

Sent: Monday, June 08, 2009 11:01 AM

Subject: Serviços educativos

Exm^a Senhora

Emília Mourato Silva

Acusando a recepção do seu mail, informo que este museu não possui serviços educativos, preparando neste momento um projecto para a sua implementação no próximo ano.

Com os melhores cumprimentos

O Director

Luís Menezes

De: MGuarda - Fátima Barbosa <mguarda.fbarbosa@ipmuseus.pt>

Assunto: Informação sobre SE do Museu da Guarda

Date: Mon, 8 Jun 2009 15:56:19 +0100

Para: MGuarda - Fátima Barbosa <mguarda.fbarbosa@ipmuseus.pt>

Dr^a. Emília Mourato Silva

Em resposta ao seu mail sobre o assunto em epigrafe, junto em anexo um documento que espero contribua para o trabalho que pretende realizar.

A partir de Março de 2008 ficamos sem técnica de serviço educativo; reformou-se.

No entanto o Museu da Guarda possui um sitio onde existe uma secção com a programação dos Serviços educativos, junto um link que poderá consultar.

<http://museudaguarda.imc-ip.pt/pt-PT/servicoeducativo/ContentDetail.aspx?id=401>

Com os melhores cumprimentos

Fátima Barbosa

Museu da Guarda

Rua General Alves Roçadas, 30

6300-663 Guarda, Portugal

<http://museudaguarda.imc-ip.pt>

T:(351) 271 213 460

Fax:(351) 271 223 221

Esta mensagem está de acordo com a legislação Europeia sobre o envio de mensagens: qualquer mensagem deverá estar claramente identificada com os dados do emissor e deverá proporcionar ao receptor a hipótese de ser removido da nossa lista. Para ser removido da nossa lista, basta que nos responda a esta mensagem colocando a palavra "remover" no assunto.

Actividades do Museu da Guarda

Janeiro

| Actividades Programadas SE Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| <p>"A descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" Em 2008, O Museu da Guarda vai continuar a colaborar, com a equipa de Educadores de Infância do concelho da Guarda, no projecto curricular "Educação alimentar/Educação para a saúde". O projecto engloba várias actividades e o serviço educativo irá desenvolver, no espaço expositivo, a acção "A descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos", dirigida às crianças integradas nos Jardins. Para além do objectivo geral, esta acção visa, ainda, divulgar o Museu e as suas colecções.</p> | 4 | 65 |
| <p>"As terças no Museu da Guarda" Com este projecto, encetado no ano lectivo 2003/2004, pretende-se dar continuidade à política educativa assumida pelo Museu, nomeadamente: facultar o contacto com a realidade museológica e com as peças de arte em exposição; fomentar hábitos culturais, sensibilizar os mais novos para a importância e salvaguarda do património cultural, contribuir para o conhecimento da história regional e educar para a cidadania. Para esta actividade prevê-se a colaboração das respectivas Câmaras do Distrito da Guarda. No âmbito deste projecto, o serviço educativo do Museu da Guarda irá orientar visitas de exploração e descoberta das pinturas "Adoração dos Magos" e "Anunciação do Anjo a Nossa Senhora" e da escultura "Anunciação", obras emblemáticas da colecção do Museu e do património regional, dos séculos XVI e XVII. Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus" e de um jogo, distribuídos gratuitamente.</p> | | |
| <p>"A descoberta da pintura" Acção lúdica destinada a estimular a observação e criatividade das crianças. As crianças são convidadas a descobrir duas obras de pintura da colecção do Museu, a partir de imagens semelhantes e às quais foram retirados fragmentos (objectos, figuras, etc.). No final, os participantes completam as imagens colando os fragmentos nos respectivos espaços ou criam as suas pinturas com base na observação das obras.</p> | | |
| <p>"A descoberta do poeta para conhecer a cidade" Acção lúdica destinada a estimular a observação e criatividade das crianças. As crianças são convidadas a descobrir retratos de Augusto Gil e alguns dos objectos pessoais do poeta, que integram o acervo do Museu. Esta actividade pretende articular-se com os conteúdos lectivos, na vertente do conhecimento da cidade da Guarda.</p> | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 2 | 33 |
| <p>"Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada).</p> | | |



Fevereiro

| Actividades Programadas SE Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | 5 | 63 |
| A animação teatral volta ao Museu da Guarda Uma história aos bocadinhos – apresentação do livro | 2 | 36 |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 3 | 52 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|--|---|---------------|
| Histórias de Música no Museu (Veneza e a musica no séc. XVII) | | 21 |

172

Março

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | 2 | 15 |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos. | | |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 2 | 39 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|---|---|---------------|
| Histórias de Música no Museu (A Ópera do Rei Sol) | | 33 |
| Visita guiada ao Museu (Movimento Cristão de reformados – Vida Ascendente) | | 18 |

105

Abril

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às coleções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visita guiada às coleções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 1 | 4 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | Instituição | Participantes |
|---|-------------|---------------|
| Histórias de Música no Museu (O estilo galante) | | 58 |
| Visita guiada ao espólio do poeta Augusto Gil no Museu (Movimento Cristão de reformados – Vida Ascendente) | | 22 |

84

Maio

| Actividades Programadas Ateliers | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | 4 | 50 |
| "As terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 1 | 7 |
| Animação Infanto-juvenil pela Associação Cultural Marionetas em Algazarra que apresenta um espectáculo de Teatro de Marionetas: A Polegarzinha e A Princesa e a Ervilha. No final atelier de construção de marionetas sombras. | 6 | 106 |
| Visitas comentadas à exposição "Olhar Táctil", fotografias de Paulo Abrantes, destinadas às escolas, At's e Jardins-de-infância com workshops. | 1 | 18 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|---|---|------------------------------|
| Exposição Temporária: Olhar Táctil – Fotografia de Paulo Abrantes | | 166 (só p/ exp. Temp.) |
| Histórias de Música no Museu (A ópera Alemã no séc. XIX) | | 28 |
| Visita guiada ao Museu (Movimento Cristão de reformados – Vida Ascendente) | | 18 |
| Noite dos Museus Momento musical com a banda "Nem Fá nem Fu" | | 590 |

928

Junho

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | 3 | 20 |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "As terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | 1 | 20 |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Olhar Táctil", fotografias de Paulo Abrantes, destinadas a invisuais e amblíopes. | | |
| Visitas comentadas à exposição "Olhar Táctil", fotografias de Paulo Abrantes, destinadas às escolas, At'l's e Jardins-de-infância com workshops. | 6 | 101 |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | | 21 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|---|---|---------------|
| Exposição Temporária: Olhar Táctil – Fotografia de Paulo Abrantes | | 127 |
| Histórias de Música no Museu (Revoluções Musicais no início do séc. XIX) | | 25 |

314



Julho

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às coleções de arqueologia no tempo dos romanos.) | 4 | 56 |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | 2 | 22 |
| "À descoberta da pintura" | 1 | 17 |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Olhar Táctil", fotografias de Paulo Abrantes, destinadas a invisuais e ambliopes. | | |
| Visitas comentadas à exposição "Olhar Táctil", fotografias de Paulo Abrantes, destinadas às escolas, Ati's e Jardins-de-infância com workshops. | 5 | 88 |
| Visita guiada às coleções do Museu da Guarda, em exposição permanente | | |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|--|---|---------------|
| Exposição Temporária: Olhar Táctil – Fotografia de Paulo Abrantes | | 109 |
| | | |

292

Agosto

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | 3 | 27 |
| "As terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "A descoberta da pintura" | 2 | 24 |
| "A descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Património Imaterial – O espírito dos lugares | | |
| Visitas comentadas à exposição "Património Imaterial – o espírito dos lugares, destinadas às escolas, Ati's e Jardins-de-infância com workshops, ateliers. Património Imaterial – O ciclo do Linho | 2 | 20 |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 1 | 9 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | | Participantes |
|--|--|---------------|
| Exposição Temporária: Património Imaterial – O espírito dos Lugares | | 57 |
| | | |

137

Setembro

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças a jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | 1 | 23 |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Património Imaterial – O espírito dos lugares | | |
| Visitas comentadas à exposição "Património Imaterial – o espírito dos lugares, destinadas às escolas, Al's e Jardins-de-infância com workshops, ateliers. Património Imaterial – O ciclo do Linho | | |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | | |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|--|---|---------------|
| Exposição Temporária: Património Imaterial – O espírito dos lugares | | 13 |
| | | |

36

Outubro

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "Às terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Património Imaterial – O espírito dos lugares | | |
| Visitas comentadas à exposição "Património Imaterial – o espírito dos lugares, destinadas às escolas, Ati's e Jardins-de-infância com workshops, ateliers. Património Imaterial – O ciclo do Linho | | |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 7 | 98 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|--|---|---------------|
| Exposição Temporária: Património Imaterial – O espírito dos Lugares | | 49 |
| | | |

147



Novembro

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "À descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "As terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "À descoberta da pintura" | | |
| "À descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Património Imaterial – O espírito dos lugares" | | |
| Visitas comentadas à exposição "Património Imaterial – o espírito dos lugares, destinadas às escolas, Ati's e Jardins-de-infância com workshops, ateliers. Património Imaterial – O ciclo do Linho | | 21 |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente | 3 | 87 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |

| Outras Actividades do Museu | - | Participantes |
|--|---|---------------|
| Exposição Temporária: Património Imaterial – O espírito dos Lugares | | 41 |
| | | |

149

Dezembro

| Actividades Programadas Ateliers: | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|--|---------------------------|---------------|
| "A descoberta da cerâmica – história dos meninos gordos" | | |
| "Uma História aos Bocadinhos" (Atelier para crianças e jovens sobre uma visita às colecções de arqueologia no tempo dos romanos.) | | |
| "As terças no Museu da Guarda" (Estas actividades são acompanhadas do material lúdico-didáctico "um menino chamado Jesus") | | |
| "A descoberta da pintura" | | |
| "A descoberta do poeta para conhecer a cidade" | | |

| Outras Actividades programadas de SE | Nº Escolas / Instituições | Participantes |
|---|---------------------------|---------------|
| Visitas de exploração à exposição "Património Imaterial – O espírito dos lugares | 2 | 38 |
| Visitas comentadas à exposição "Património Imaterial – o espírito dos lugares, destinadas às escolas, At's e Jardins-de-infância com workshops, ateliers. Património Imaterial – O ciclo do Linho Acção lúdica destinada a estimular a observação e o interesse das crianças pela cultura do linho, uma vez que, em tempos, esta era uma das actividades mais importantes da nossa região. O atelier "O Ciclo do Linho" a partir da exposição "Património Imaterial – O Espírito dos Lugares" permite explorar as diferentes fases inerentes ao linho, assim como os instrumentos mais utilizados. Inclui a visualização de slides com todo o ciclo do linho, bem como a realização de pulseiras, para que as crianças se sintam mais próximas da arte da tecelagem. | | 32 |
| Visita guiada às colecções do Museu da Guarda, em exposição permanente As visitas guiadas irão incidir sobre aspectos mais relevantes da história do edifício do Museu e das suas colecções, em exposição permanente. Na sequência daquelas acções e de forma a contextualizar algumas das peças, as visitas poderão prolongar-se para o exterior, nomeadamente, ao centro histórico. | 3 | 64 |
| " Uma visita só para mim" (O lema desta acção é: para um visitante uma visita guiada). | | |
| "Conta-me lá como foi" Acção destinada a estimular a imaginação, a capacidade de improvisação e a capacidade de comunicação das crianças do 1º ciclo do ensino básico. Perante duas pinturas a óleo do séc. XVI alusivas ao Natal (a <i>Anunciação</i> e a <i>Adoração dos Reis Magos</i>), pretende-se que as crianças assumam e interpretem os papéis das figuras natalícias nelas representadas, interagindo com elas e construindo os seus próprios diálogos. | 1 | 35 |



| Outras Actividades do Museu | | Participantes |
|--|--|---------------|
| Exposição Temporária: Património Imaterial – O espírito dos Lugares | | 31 |

200

2.672

De: "Emilia Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Assunto: Re: Informação sobre SE do Museu da Guarda

Date: Fri, 12 Jun 2009 18:42:36 +0100

Para: MGuarda - Fátima Barbosa <mguarda.fbarbosa@ipmuseus.pt>

Cara Fátima,

Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta e os dados enviados.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

----- Original Message -----

From: MGuarda - Fátima Barbosa

To: MGuarda - Fátima Barbosa

Sent: Monday, June 08, 2009 3:56 PM

Subject: Informação sobre SE do Museu da Guarda

Dr^a. Emília Mourato Silva

Em resposta ao seu mail sobre o assunto em epigrafe, junto em anexo um documento que espero contribua para o trabalho que pretende realizar.

A partir de Março de 2008 ficamos sem técnica de serviço educativo, reformou-se.

No entanto o Museu da Guarda possui um sitio onde existe uma secção com a programação dos Serviços educativos, junto um link que poderá consultar.

<http://museudaguarda.imc-ip.pt/pt-PT/servicoeducativo/ContentDetail.aspx?id=401>

Com os melhores cumprimentos

Fátima Barbosa

Museu da Guarda

Rua General Alves Roçadas, 30

6300-663 Guarda, Portugal

<http://museudaguarda.imc-ip.pt>

T:(351) 271 213 460

Fax:(351) 271 223 221

Esta mensagem está de acordo com a legislação Europeia sobre o envio de mensagens: qualquer mensagem deverá estar claramente identificada com os dados do emissor e deverá proporcionar ao receptor a hipótese de ser removido da nossa lista. Para ser removido da nossa lista, basta que nos responda a esta mensagem colocando a palavra "remover" no assunto.

Emilia Silva

De: "MCERAMICA - Guilhermina Costa" <mceramica.gcosta@ipmuseus.pt>
Para: <emilia.silva@cm-portalegre.pt>
Enviado: segunda-feira, 15 de Junho de 2009 15:44
Assunto: Confirmação de dados estatísticos.

Exma Senhora
Dra Emília Mourato Silva

Conforme solicitado no seu e-mail de 7 de Junho de 2009, informamos o seguinte:
Entrada de visitantes em 2008 - 15.227
Participantes em actividades do serviço educativo - 3.020

Qualquer outra informação importante para o trabalho que está a desenvolver, queira sempre a nossa colaboração.

Com os melhores cumprimentos

Guilhermina Costa

De: "Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Assunto: Re: Confirmação de dados estatísticos.

Date: Mon, 15 Jun 2009 16:20:54 +0100

Para: "MCERAMICA - Guilhermina Costa" <mceramica.gcosta@ipmuseus.pt>

Cara Guilhermina,

Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta bem como os dados estatísticos enviados.

Com os melhores cumprimentos.

Emília Mourato Silva

Em Mon, 15 Jun 2009 15:44:34 +0100

"MCERAMICA - Guilhermina Costa" <mceramica.gcosta@ipmuseus.pt> escreveu:

Exma Senhora

Dra Emília Mourato Silva

Conforme solicitado no seu e-mail de 7 de Junho de 2009, informamos o seguinte:

Entrada de visitantes em 2008 - 15.227

Participantes em actividades do serviço educativo - 3.020

Qualquer outra informação importante para o trabalho que está a desenvolver, queira sempre a nossa colaboração.

Com os melhores cumprimentos

Guilhermina Costa

De: "Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Assunto: pedido de informações

Date: Mon, 15 Jun 2009 13:16:12 +0100

Para: mmusica.rnunes@ipmuseus.pt

Caro Rui Pedro,

Agradeço imenso a amabilidade da sua resposta bem como os dados enviados.

Com os melhores cumprimentos.

Emília Mourato Silva

FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

M Nac Azulejo - Constança Lima [mnazulejo.clima@ipmuseus.pt]

Enviado: sexta-feira, 3 de Julho de 2009 12:56

Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

Anexos: PEDIDO DE INFORMAÇÕES (2 KB)

Exma. Senhora
Dra. Emília Silva

Em resposta ao seu email junto enviamos os dados estatísticos relativos ao Museu Nacional do Azulejo em 2008.

Ficamos ao dispor para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos,

Constança Azevedo Lima
Resp. Serviço Educativo MNAz

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO

ESTATÍSTICA MENSAL DE VISITANTES

ANO: 2.008

| MESES | NACIONAIS | ESTRANGEIROS | ENTRADAS PAGAS | ENTRADAS GRATUITAS | TOTAL |
|---------------|------------------|---------------------|---------------------------|-------------------------------|---------------|
| IN | 763 | 2.431 | 1.852 | 1.342 | 3.194 |
| <i>FEV</i> | 924 | 3.427 | 2.082 | 2.269 | 4.351 |
| <i>MAR</i> | 1.051 | 5.759 | 3.741 | 3.069 | 6.810 |
| <i>ABR</i> | 1.435 | 7.783 | 5.306 | 3.912 | 9.218 |
| <i>MAI</i> | 2.555 | 7.403 | 5.412 | 4.546 | 9.958 |
| <i>JUN</i> | 802 | 5.472 | 3.721 | 2.553 | 6.274 |
| <i>JUL</i> | 816 | 5.390 | 3.128 | 3.078 | 6.206 |
| <i>AGO</i> | 1.015 | 7.141 | 4.576 | 3.580 | 8.156 |
| <i>SET</i> | 861 | 6.570 | 4.889 | 2.542 | 7.431 |
| <i>OUT</i> | 1.174 | 6.440 | 4.387 | 3.227 | 7.614 |
| <i>NOV</i> | 1.236 | 2.816 | 1.805 | 2.247 | 4.052 |
| <i>DEZ</i> | 1.162 | 3.154 | 2.174 | 2.142 | 4.316 |
| TOTAIS | 13.794 | 63.786 | 43.073 | 34.507 | 77.580 |

Em 2008, o Serviço Educativo do Museu Nacional do Azulejo, recebeu 6925 pessoas distribuídas por 389 grupos, dos quais 243 grupos realizaram visitas comentadas, totalizando 4450 pessoas, 139 grupos efectuaram oficinas de cerâmica, totalizando 2475 pessoas e 3 grupos assistiram a concertos de piano, pela pianista Margarida Prates, num total de 91 pessoas.

Do número total de pessoas recebidas pelo Serviço Educativo 2816 foram atendidas pela colaboradora Carla Melo

Número de pessoas atendidas por mês e tipo de grupo:

| Total de pessoas recebidas | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------------------|----------|------------|------------|------------|-------------|------------|------------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|-------------|
| Meses / Grupo / Actividade | | Jan | Fev | Mar | Abr | Maio | Jun. | Jul. | Agos. | Set. | Out. | Nov. | Dez. | Total |
| Pré-escolar | Visitas | - | - | 58 | 54 | 28 | | | | | | 20 | | 160 |
| | Oficinas | 66 | - | 58 | 54 | 28 | | | | | | | | 206 |
| 1º Ciclo | Visitas | - | 74 | 40 | 154 | 168 | 139 | 108 | | | | 122 | 103 | 908 |
| | Oficinas | - | 47 | 44 | 154 | 96 | 123 | 49 | - | - | - | 194 | 40 | 747 |
| 2º Ciclo | Visitas | 21 | 309 | 178 | 136 | 211 | 38 | | | 15 | | 190 | | 1098 |
| | Oficinas | - | 203 | 57 | 136 | 181 | 38 | - | - | 15 | - | 44 | - | 674 |
| 3º Ciclo | Visitas | 54 | - | 72 | 368 | 29 | 30 | | - | | 92 | 89 | 140 | 874 |
| | Oficinas | 54 | - | 60 | 174 | | | - | - | - | - | - | | 288 |
| Ens. Sec. | Visitas | 4 | 31 | - | 44 | | 37 | 21 | - | 50 | 67 | 21 | | 275 |
| | Oficinas | 4 | - | - | 33 | | | | - | | 15 | | | 52 |
| Ens. Univ. | Visitas | 8 | - | 23 | 5 | | 11 | 8 | - | | 53 | 20 | 34 | 162 |
| | Oficinas | - | - | - | | | | | - | | | | | - |
| Seniores | Visitas | 15 | 31 | 25 | 28 | | 16 | 70 | - | 104 | 27 | | 42 | 358 |
| | Oficinas | - | | - | | | | | - | 20 | - | - | | 20 |
| NE | Visitas | - | 12 | 15 | | | | | | | | | 18 | 45 |
| | Oficinas | - | - | 8 | | | | | | | | | | 8 |
| Adultos | Visitas | 33 | 44 | 10 | 16 | 16 | 21 | 163 | 66 | 50 | 34 | 66 | 6 | 525 |
| | Oficinas | - | - | - | 16 | 15 | 116 | 39 | - | 169 | 122 | - | - | 477 |
| Jornalistas | Visitas | 7 | - | - | - | - | - | 1 | - | 3 | 20 | - | - | 31 |
| | Oficinas | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Professores | Visitas | 10 | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 | 3 | | 14 |
| | Oficinas | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 3 | | 3 |
| Total de Pessoas Recebidas | | 276 | 751 | 648 | 1372 | 772 | 569 | 459 | 66 | 426 | 431 | 772 | 383 | 6925 |

-----Mensagem original-----

De: M Nac do Azulejo - Directora [mailto:mnazulejo.directora@ipmuseus.pt]
 Enviada: segunda-feira, 15 de Junho de 2009 15:21
 Para: 'M Nac Azulejo - Constança Lima'
 Assunto: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

Podemos enviar estatística do nº de visitantes

Página Web 3 de 3

Maria Antónia Pinto de Matos
Directora
Museu Nacional do Azulejo
Rua da Madre de Deus, 4
1900-312 Lisboa
Tel.: 00351.218100340
Fax.:00351.218100369

mnazulejo.directora@ipmuseus.pt

-----Mensagem original-----

De: M Nacional do Azulejo [mailto:mnazulejo@imc-ip.pt]
Enviada: segunda-feira, 8 de Junho de 2009 13:18
Para: mnazulejo.se@ipmuseus.pt
Cc: mnazulejo.directora@ipmuseus.pt
Assunto: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

-----Mensagem original-----

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva
[mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt]
Enviada: domingo, 7 de Junho de 2009 02:24
Para: mnazulejo@ipmuseus.pt
Assunto: Fwd: PEDIDO DE INFORMAÇÕES

--- the forwarded message follows ---

Re: Pedido de informações - urgente

palacio.vilavicosa@clix.pt [palacio.vilavicosa@clix.pt]

Enviado: quinta-feira, 30 de Julho de 2009 10:44

Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

Exma Senhora

D Emília Mourato Silva

O museu não tem um área de Serviços Educativos autónoma.

Todas as visitas são guiadas, pelo que os grupos escolares (de todos os níveis académicos e etários)[14116 visitantes gratuitos] , de instituições de solidariedade social ou outras têm acompanhamento personalizado [2859 visitantes com redução de 50%], para além destas visitas existe uma actividade denominada Sábados no Paço - visitas temáticas guiadas por especialistas - que durante o ano de 2008 realizou 5 visitas com um total de c 180 participantes.

Fico à disposição para quaisquer questões e subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Maria de Jesus Monge

Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

www.fcbraganca.pt

On Wed Jul 29 17:20 , Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva sent:

Exm^{os} Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e encontro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa sobre os serviços educativos em museus portugueses. Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos vossos serviços. Será que me podem facultar por favor:

- Número total de participantes nas actividades de serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008

Relembro que estas informações são muito importantes para o trabalho que estou a desenvolver pelo que venho novamente solicitar o vosso apoio e colaboração.

Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

RE: PEDIDO DE INFORMAÇÕES - URGENTE

MBISCAINHOS - Geral [mbiscainhos@ipmuseus.pt]

Enviado: quinta-feira, 30 de Julho de 2009 14:59
Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva
Importância: Alta
Anexos: Cópia de estatística.xls (34 KB)

Of. 248 Proc.M.02

Ex^a Senhora
Dr^a Emília Mourato Silva

Encarrega-me o Senhor Director do Museu dos Biscainhos de enviar a V^a Ex^a as informações solicitadas.

O número total de participantes nas actividades do Serviço Educativo do Museu dos Biscainhos em 2008 foi de 11.775, como poderá analisar nos dados estatísticos que enviamos em anexo.

Com os melhores cumprimentos.

A Secretaria

Exm^{os} Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e encontro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa sobre os serviços educativos em museus portugueses. Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos vossos serviços. Será que me podem facultar por favor:

- Número total de participantes nas actividades de serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008

Relembro que estas informações são muito importantes para o trabalho que estou a desenvolver pelo que venho novamente solicitar o vosso apoio e colaboração.

Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

emilia.silva@cm-portalegre.pt <<mailto:emilia.silva@cm-portalegre.pt>>

tel. 245/307 447

Re: PEDIDO DE INFORMAÇÕES - URGENTE

M D. Diogo Sousa - Geral [mdds@imc-ip.pt]

Enviado: quinta-feira, 30 de Julho de 2009 16:12

Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

Cara Dra. Emília

O n.º de participantes nos serviços educativos deste Museu, em 2008, foi de 12.165.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Silva

----- Mensagem original -----

De: "Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva" <emilia.silva@cm-portalegre.pt>

Para: mdds@ipmuseus.pt

Enviadas: Quarta-feira, 29 de Julho de 2009 17:24:24 GMT +00:00 Hora de Greenwich, Irlanda, Portugal

Assunto: PEDIDO DE INFORMAÇÕES - URGENTE

Exm^{os} Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e encontro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa sobre os serviços educativos em museus portugueses. Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos vossos serviços. Será que me podem facultar por favor:

· Número total de participantes nas actividades de serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008

Lembro que estas informações são muito importantes para o trabalho que estou a desenvolver pelo que venho novamente solicitar o vosso apoio e colaboração.

Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

emilia.silva@cm-portalegre.pt

tel. 245/307 447

informação nº de visitantes

Elisa Sampaio [mgv.esampaio@imc-ip.pt].

Enviado: sexta-feira, 31 de Julho de 2009 11:54

Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

Ex.ª Senhora,
Conforme pedido, mais informo que o n.º de participantes nas actividades do serviço educativo durante o ano 2008 foram no total de 9085.
Com os meus melhores cumprimentos
Serviço Educativo
Elisa Sampaio

De: useu Grao Vasco [mailto:mgv@imc-ip.pt]
Enviada: quinta-feira, 30 de Julho de 2009 17:04
Para: mgv.esampaio@imc-ip.pt
Assunto: FW: PEDIDO DE INFORMAÇÕES - URGENTE

De: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva [mailto:emillia.silva@cm-portalegre.pt]
Enviada: quarta-feira, 29 de Julho de 2009 17:14
Para: mgv@ipmuseus.pt
Assunto: PEDIDO DE INFORMAÇÕES - URGENTE

Exm^{os} Senhores,

Sou Técnica Superior no Município de Portalegre e encontro-me a realizar um trabalho académico de pesquisa sobre os serviços educativos em museus portugueses. Para consolidar a pesquisa, necessito de alguns dados dos vossos serviços. Será que me podem facultar por favor:

- Número total de participantes nas actividades de serviço educativo do vosso museu durante o ano de 2008

Relembro que estas informações são muito importantes para o trabalho que estou a desenvolver pelo que venho novamente solicitar o vosso apoio e colaboração.
Muito obrigada.

Com os melhores cumprimentos

Emília Mourato Silva

emillia.silva@cm-portalegre.pt

tel. 245/307 447

Exma. Senhora
Dra. Emília Silva

De acordo com o pedido de informação dirigido a este Museu, cumpre-me informar, o seguinte, relativamente a 2008:
N.º de entradas no Museu – 22. 223
N.º de participantes nas actividades de S.E. – 6.356

Com os meus melhores cumprimentos,
Alexandra Braga

Museu de Lamego
Largo de Camões
5100-147 LAMEGO
T. 254 600 230
F. 254 655 264
Email: mlamego.abraga@ipmuseus.pt

participantes nas actividades do Serviço de Educação do mnaa

MNAA - Ana Rita Gonçalves [mnaa.ritagoncalves@imc-ip.pt]

Enviado: quarta-feira, 5 de Agosto de 2009 11:45

Para: Emília Araújo Andrade Lima Mourato Silva

Bom dia,

Conforme o pedido segue a informação sobre o nº total de participantes, em 2008, nas actividades do Serviço de Educação do Museu Nacional de Arte Antiga:

Público Escolar: Pré-Escolar - 537

1º Ciclo - 211

2º Ciclo - 402

3º Ciclo - 3435

Secundário - 3746

Universitário - 1370

Universitário (3ª idade) - 242

Professores - Atendimento/preparação de visitas - 174
Acções de formação - 330

3ª Idade - 161

Público portador de deficiência - 116

Público estrangeiro - 903

Associações/Instituições - 619

Público adulto - 871

Público geral (visitas de 4ª feira) - 243

Público geral (visitas do 1º Domingo do mês) - 342

Oficinas para crianças dos 6 aos 12 anos - 115

Com os melhores cumprimentos,
Rita Gonçalves do Serviço de Educação

ANEXO IV – Cronologia da Manufactura

Cronologia da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre¹¹⁹

Década de quarenta

1946 - Manuel Celestino Peixeiro propõe a Guy a associação de um projecto industrial comum. Abandonada a primeira ideia sobre uma serração de madeira, pensam em fazer nascer a indústria de tapete de Ponto de Nó em Portalegre. A 26 de Setembro de 1946 nasce a Firma Tapetes de Portalegre Lda. A empresa produz tapetes de grande qualidade mas enfrenta problemas de mercado com a concorrência de firmas mais pequenas e menos qualificadas que produzem tapetes a preço muito mais baixos.

Manuel do Carmo Peixeiro (pai de Manuel Celestino) mostra a Guy amostras experimentais de tapeçaria, num ponto muito diferente do ponto tradicional francês. Esta técnica entusiasma Guy que imediatamente inicia contactos com pintores, arquitectos e decoradores para as primeiras experiências com vista à execução de tapeçarias. Começava a acreditar nas possibilidades de afirmação de uma tapeçaria portuguesa.

1946/7 - Guilherme Camarinha, João Tavares, Renato Torres são artistas que inicialmente colaboraram no projecto das tapeçarias. João Tavares será o autor do primeiro cartão para a tecelagem de uma tapeçaria de Portalegre, já com o apoio de Guy Fino.

1949 - A primeira divulgação da tapeçaria em Lisboa durante a IV exposição geral de artes plásticas que então se realizava na Sociedade Nacional de Belas Artes. Aqui estiveram presentes três tapeçarias: Pescador, Bela Aurora e Alentejo.

Outras Cinco Tapeçarias (Bailarina de Almada, última Ceia de Manuel Lapa, Caçador de João Tavares, Primavera de Jorge Barradas e São Francisco de Assis de Ventura Porfirio Estiveram patentes, nesse mesmo ano, na 1ª sala de arte decorativa, organizado pelo S.N.I. Daqui resultou a primeira encomenda oficial - da junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal. Seriam duas obras de autoria de Guilherme Camarinha destinada à ilha da madeira.

¹¹⁹ Museu de Tapeçaria de Portalegre Guy Fino (Documento policopiado)

Década de 50

1951 - Manuel Celestino Peixeiro afasta-se da gestão da manufactura por razões profissionais, só em 1954 venderá a sua cota.

Guy-Fino fica então como sócio maioritário e Director da firma que mantém o nome Tapetes de Portalegre, Lda.

1952 - São apresentadas as duas obras de Guilherme Camarinha para a Madeira e os respectivos cartões. Consagração nacional e internacional das tapeçarias de Portalegre a partir do momento em que os maiores especialistas franceses ficam rendidos à sua qualidade técnica e possibilidades plásticas.

O ano da viragem. A visita de Salazar e outros membros do Governo à exposição do Palácio Foz e o seu entendimento da mais valia estética da linguagem leva ao seguimento das encomendas institucionais.

1953 - Inauguração do tribunal de Portalegre com uma grande tapeçaria na sala de audiências.

1955 - Guy visita Lurçat em Saint-Céré mas ainda não o consegue convencer a fazer cartões para a M.T.P Lurçat oferece a Mercedes Fino uma tapeçaria sob o título "Le Coq Guerrier" que Guy pede para tecer no ponto de Portalegre, convidando o mestre a uma visita à manufactura, por ocasião da próxima visita a Portalegre.

1956? - O Presidente da República Craveira Lopes oferece ao seu homónimo brasileiro a tapeçaria "Primeira Missa do Brasil" de Guilherme Camarinha.

Visita de Salazar à Exposição das Tapeçarias destinadas à Câmara Municipal do Porto, expostas no Palácio Foz. Ainda nesse ano manda tecer a obra Saint Clair.

A tapeçaria "Energia" de Marcelo Moraes, obtém o prémio da Exposição Universal de Bruxelas.

1958 - urçat visita Portalegre e Guy tem oportunidade de o confrontar com a sua Tapeçaria ao lado da outra executada nos teares locais.

Lurçat vacila e elege a peça de Portalegre como sendo a original... o grande mestre rende-se à técnica de Portalegre e foi, a partir daqui o grande impulsionador da internacionalização da Tapeçaria de Portalegre.

1959 - A Manufactura recebe em Munique, a medalha de Ouro do Estado da Baviera.

José Régio faz o balanço emocionado dos 10 anos de actividade da M.T.P.

Década de sessenta

1960 - Exposição de Tapeçarias de Jean Lurçat na Fundação Ricardo Espírito Santo.

1961 - Lurçat faz tecer em Portalegre uma peça de grandes dimensões destinada à Union des Banques Suisses, em Zurique.

1962 - A firma de tapetes de Portalegre Lda. Passa por escritura pública, a designar-se M.T.P. Sucedem-se exposições internacionais. Copenhague, Zurique, Stuttgart e a bienal internacional de tapeçaria de Lusane, onde as tapeçarias de Portalegre manterão uma presença regular até 1971.

1963/4 - Visita do presidente Américo Tomás à Manufactura de tapeçarias de Portalegre.

Contactos com Le Corbusier para execução de tapeçarias em Portalegre. O pintor envia um desenho que resultou a obra " Les musiciens" e face aos resultados iniciaram-se estudos para cerca de uma centena de tapeçarias. Infelizmente a morte do pintor impede o desenvolvimento deste projecto.

A inauguração da galeria interior, projecto do arquitecto Conceição Silva em

1964 marca a maioria das tapeçarias de Portalegre. Aqui tiveram lugar diversas exposições de tapeçarias, sendo, ao longo de vários anos, o espaço privilegiado de representação da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre em Lisboa.

Década de setenta

1970 - Exposição de Tomás de Mello na Artécnica.

*1971 - Tapeçarias de Portalegre no Liceu Charles Lepierre. Lisboa
5.ª bienal de Tapeçarias de Lausanne.*

*1972 - Ralph Landau, industrial americano grande admirador de Tapeçaria
inicia o que virá a ser a maior colecção mundial de Tapeçarias de Portalegre.*

*1974 - A revolução de Abril de 1974 trouxe uma profunda crise a Manufacura.
Não só desapareceram as encomendas oficiais que constituíam uma base
segura de trabalho, como face à desconfiança dos mercados internacionais
habitualmente compradores de Tapeçarias Portuguesas, foram canceladas
todas as encomendas então em carteira.*

*A M.T.P foi obrigada a redimensionar-se reduzindo o número de trabalhadores
e procurando sobreviver. Houve necessidade de diversificar trabalhos, dai que
para além de obras unicas se realizassem séries limitadas e numeradas
capazes de diversas franjas do mercado.*

*Teresa Amado passou a colaborar com a Manufatura vindo posteriormente a
dirigir a Galeria "Tapeçarias de Portalegre".*

*Werner Bradlardt " marchand " Suiço foi igualmente preponderante nesta fase,
tendo proporcionado numerosas encomendas e trazendo novos pintores à
manufatura entre os anos de 1976 e 1982.*

1978 - Visita do Primeiro-ministro Mário Soares à Manufatura.

*Exposição das nossas Tapeçarias em São Paulo (Brasil). Tratou-se de uma
importante mostra integrada no âmbito do acordo cultural Luso – Brasileiro,
organizado pela fundação Calouste Gulbenkian com a colaboração do Ministro
dos Negócios Estrangeiros, da Secretaria de Estado da Cultura, do fundo de
Fomento de exportação e da Manufatura de Portalegre.*

Exposição Modern Portuguese Tapestries no Kensington Palace em Londres.

Década de oitenta

1981 - A Manufactura de Tapeçarias é o convidado do ano do Musée d'Art Moderne de la ville de Paris e apresentada aí uma exposição entre Maio e Setembro.

1982 - Exposição tramatela Galery New York.

1985 - Exposição Il Portugallo a Milano no Palazzo Reale em Milão.

Exposição "Tapestry in Portugal" no Country Museum Warwick, Inglaterra.

1986 - Exposição "Le Xxme en Portugal", no Centro Albut Borschette, Bruxelas.

1987 - Abertura ao público da Galeria "Tapeçarias de Portalegre" na Rua Academia das Ciências em Lisboa.

1988 - Representação da Manufactura na 1ª bienal Nacional de Tapeçaria em Matosinhos.

1989 - Visita do Primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva à M.T.P

Década de noventa

1991 - Paralelamente à Europália foi apresentada na Bélgica uma exposição de tapeçaria de Portalegre, numa altura em que a direcção da M.T.P era já assegurada por Elsa Fino.

1994/5 - Exposição de Tapeçarias na Árvore - Cooperativa de actividades artísticas, CRL, no Porto (Junho/Julho).

Exposição de Tapeçarias no Musée Jean Lurçat et de Tapisserie Contemporaine d'Angers (França) (Novembro 1994/Janeiro 1995).

Exposição de Tapeçarias de Júlio Pomar na Galeria de Exposições de Vila Franca de Xira (Abril/Maio).

1996 - Exposição "50 anos de Tapeçaria em Portugal" organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, em colaboração com a M.T.P. (Setembro/Dezembro).

Exposição de Tapeçarias na Câmara Municipal de Bruxelas (Bélgica) (Dezembro/Janeiro).

1997 - (Abril/Junho) Exposição de Tapeçarias em Coimbra, Casa Municipal da Cultura, que será mais tarde apresentada em Portalegre.

2000-2001

2000 - Exposição de Tapeçarias de Graça Morais - Coimbra – Sala da Cidade (Março/Abril) com itinerância para Portalegre – Galeria da Praça da República (Maio/Junho).

2001 - Abre ao público o museu MTP - Guy Fino, homenageando simultaneamente o seu fundador, a Manufatura de Tapeçarias, a arte das suas tecedeiras e reconhecendo o alto valor das tapeçarias de Portalegre, no contexto do Património Nacional. A direcção da M.T.P passa para a responsabilidade de Vera Sá da Costa, filha de Guy Fino.